



Como se livrar de um

# Vampiro apaixonado

BETH FANTASKEY



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Como se livrar de um

# vampiro apaixonado



## O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Como se livrar de um  
**vampiro  
apaixonado**

BETH FANTASKEY



ARQUEIRO

Título original: *Jessica's Guide to Dating on the Dark Side*  
Copyright © 2009 por Beth Fantaskey  
Copyright da tradução © 2010 por Editora Arqueiro Ltda.  
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada  
ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.  
Publicado mediante acordo com Harcourt Children's Books, um selo da  
Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company

*tradução:* Alves Calado  
*preparo de originais:* Melissa Lopes Leite  
*revisão:* Natália Klussmann e Sheila Til  
*projeto gráfico e diagramação:* Valéria Teixeira  
*arte de capa:* Cliff Nielsen  
*adaptação de capa:* Silvana Mattievich  
*geração de Epub:* SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F216c

Fantaskey, Beth  
Como se livrar de um vampiro apaixonado [recurso eletrônico] /  
Beth Fantaskey; [tradução de Alves Calado]; São Paulo: Arqueiro, 2012.  
recurso digital

Tradução de: Jessica's guide to dating on the dark side  
Formato: ePub  
Requisitos do sistema: Multiplataforma  
Modo de acesso: World Wide Web  
ISBN 978-85-7542-119-5 (recurso eletrônico)

1. Vampiros - Ficção. 2. Ficção americana 3. Livros eletrônicos. I.  
Alves-Calado, Ivanir, 1953-. II. Título.

12-8632

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br  
www.editoraarqueiro.com.br

*Para meus pais –  
Donald e Marjorie Fantaskey*

*"Lembrem-se, garotas: o vampiro jovem é um predador por natureza. Alguns podem vê-las não apenas como parceiras, mas como presas..."*

*Crescendo como morto-vivo – Um guia para o vampiro adolescente sobre namoro, saúde e emoções, Capítulo 1: "Prestes a se tornar um vampiro adulto".*

# CAPÍTULO 1

Na primeira vez que o vi, uma névoa pesada e cinzenta parecia se agarrar ao milharal, com faixas de neblina deslizando entre as plantas quase mortas. Era um início de manhã sombrio e eu estava esperando o ônibus escolar para o primeiro dia de aula, cuidando da minha vida, parada no fim da estradinha de terra que liga a casa de fazenda onde moro à estrada principal que leva à cidade.

Eu pensava em quantas vezes, nos últimos 12 anos, tinha esperado aquele ônibus. Estava fazendo cálculos de cabeça quando notei a presença dele.

Então, de repente, aquele trecho familiar de asfalto pareceu terrivelmente desolado.

Ele estava parado sob uma enorme faia que ficava do outro lado da estrada, os braços cruzados na frente do peito. Os galhos baixos e retorcidos da árvore se enroscavam em volta dele, camuflando-o sob ramos, folhas e sombras. Mesmo assim dava para ver que ele era alto e usava botas e um sobretudo escuro que parecia uma capa.

Senti um aperto no peito e engoli em seco. *Que tipo de pessoa fica parada debaixo de uma árvore, ao amanhecer, no meio do nada, usando uma capa preta?*

Ele deve ter percebido que eu o notei, porque se mexeu um pouco, como se decidisse se deveria ficar ou ir embora. Ou atravessar a estrada.

Eu nunca havia me tocado de como ficara vulnerável todas aquelas manhãs, esperando sozinha ali fora, mas, naquele

momento, essa constatação me atingiu como um soco no estômago.

Percorri com os olhos toda a extensão da estrada, o coração martelando. *Cadê aquele ônibus idiota? E por que, afinal, meu pai precisa ser tão a favor do transporte coletivo? Por que não posso ter um carro, como quase todo colega do último ano do ensino médio? Mas, não, eu tinha que "compartilhar a viagem" para salvar o meio ambiente. Quando eu for sequestrada pelo cara ameaçador que está debaixo da árvore, é capaz de papai insistir para que minha foto de desaparecida seja impressa apenas em papel reciclado.*

Na preciosa fração de segundo que perdi sentindo raiva do meu pai, o estranho saiu de onde estava, debaixo da árvore, e se moveu na minha direção. E no momento exato em que o ônibus, graças a Deus, surgiu no topo do morro uns 50 metros adiante, eu poderia jurar que o ouvi dizer "Antanasia".

*Meu antigo nome... O nome que recebi ao nascer, na Europa oriental, antes de ser adotada e trazida para os Estados Unidos, onde fui rebatizada como Jessica Packwood...*

Ou talvez eu estivesse ouvindo coisas, porque a palavra foi abafada pelo som de pneus sibilando no asfalto molhado, por engrenagens rangendo e pelo chiado da porta que o motorista, o velho Sr. Dilly, abria para mim. *Eu te amo, ônibus número 23.* Nunca me senti tão feliz por entrar nele.

Com seu grunhido usual, "Dia, Jess", o Sr. Dilly engrenou o ônibus e eu fui cambaleando pelo corredor, enquanto procurava um lugar vazio ou um rosto amigo em meio aos passageiros sonolentos. Às vezes era um saco morar na zona rural da Pensilvânia. Os adolescentes da cidade ainda deviam estar dormindo àquela hora, na segurança de suas camas.

Encontrei um assento bem no fundo e me deixei cair, com um suspiro de alívio. Será que estava exagerando? Talvez eu estivesse

imaginando coisas ou minha cabeça estivesse confusa de tanto assistir àquele programa sobre os bandidos mais procurados do país. Ou, talvez, o estranho quisesse mesmo me fazer mal. Girando o pescoço, dei uma espiada pela janela de trás e... meu coração se apertou.

Ele continuava lá, mas agora estava na estrada, cada uma de suas botas plantadas de um lado da faixa amarela, os braços ainda cruzados, observando o ônibus se afastar. Olhando para mim.

*"Antanasia..."*

Será que eu tinha mesmo escutado o cara me chamar usando aquele nome esquecido havia tanto tempo?

E se ele conhecesse esse fato obscuro, o que mais aquele estranho de cabelos escuros escondido em meio à névoa saberia sobre meu passado?

Mais do que isso: o que ele estava querendo comigo *no presente?*

## CAPÍTULO 2

— Quer ouvir um resumo do verão que passei na colônia de férias? — perguntou minha melhor amiga, Melinda Sue Stankovicz. Ela deu um suspiro, abriu a pesada porta de vidro da Escola Woodrow Wilson e disse: — Crianças com saudade de casa, queimaduras de sol, urticária e aranhas enormes nos chuveiros.

— Parece que foi horrível trabalhar de monitora — comentei, solidária, ao entrarmos no corredor familiar, que cheirava a desinfetante e cera recém-aplicada. — Se serve de consolo, eu ganhei pelo menos dois quilos trabalhando de garçone. Comia um pedaço de torta sempre que tinha uma folga.

— Você está com um corpão. — Mindy não deu bola para minha reclamação. — Já seu cabelo...

— Ei! — protestei, alisando meus cachos desobedientes, que pareciam mesmo estar se rebelando na umidade do fim de verão. — Fique sabendo que passei uma hora com o secador e usei um “bálsamo de alisamento” que me custou uma semana de gorjetas... — Parei de falar ao perceber que Mindy estava distraída, sem me escutar. Acompanhei seu olhar pelo corredor, na direção dos armários.

— E por falar em corpão... — disse ela.

Jake Zinn, que morava numa fazenda perto da minha, lutava com o novo segredo do seu armário. Franzindo os olhos para um pedaço de papel na mão, girou o disco e chacoalhou a maçaneta. Uma camiseta branca nova em folha fazia seu bronzado de verão parecer especialmente intenso. As mangas se apertavam ao redor dos bíceps volumosos.

– Jake está *incrível* – sussurrou Mindy enquanto nos aproximávamos do meu vizinho. – Deve ter entrado para uma academia ou sei lá o quê. E não é que ele fez luzes?

– Ele juntou fardos de feno o verão inteiro sob o sol, Min – sussurrei de volta. – Ele não precisa de academia. Nem de água oxigenada no cabelo.

Jake levantou os olhos enquanto passávamos e sorriu ao me ver.

– Oi, Jess.

– Oi – respondi. Depois me deu um branco.

Mindy se intrometeu e evitou um silêncio constrangedor.

– Parece que deram o segredo errado a você – disse ela, apontando com a cabeça na direção do armário de Jake, ainda fechado. – Já tentou dar um chute nele?

Jake ignorou a sugestão.

– Você não trabalhou ontem à noite, Jess?

– Não, saí da lanchonete. Era só um emprego de verão.

Ele pareceu meio desapontado.

– Ah. Bem, então acho que vou ver você só na escola.

– É. Com certeza vamos fazer algumas matérias juntos – completei, sentindo minhas bochechas esquentarem. – A gente se vê.

Praticamente arrastei Mindy pelo corredor.

– Que papo foi aquele? – perguntou ela quando nos afastamos. Ela olhou para Jake por cima do ombro.

Meu rosto ficou ainda mais quente.

– Como assim?

– Jake todo triste porque você saiu da lanchonete. Você ficando vermelha...

– Ih, nada a ver. Ele apareceu umas vezes perto do fim do meu turno e me deu carona para casa. A gente conversou um pouco... E eu *não* estou vermelha.

– Verdade? – O sorriso de Mindy era presunçoso. – Você e Jake, hein?

– Não foi nada de mais – insisti.

Os olhos de Mindy brilhavam. Ela sabia que eu não estava sendo completamente sincera.

– Esse ano vai ser bem interessante – previu ela.

– E por falar em interessante...

Ia começar a contar à minha melhor amiga sobre o estranho amedrontador no ponto de ônibus, mas, no momento que pensei nele, os pelos da minha nuca se eriçaram, quase como se eu estivesse sendo vigiada.

*"Antanasia..."*

A voz grave e profunda ecoou no meu cérebro, como se fosse um daqueles pesadelos de que não nos lembramos muito bem ao acordar.

Cocei a nuca. Talvez eu contasse a história a Mindy mais tarde. Ou talvez a coisa toda simplesmente sumisse da minha memória e eu nunca mais voltasse a pensar no cara.

Era provavelmente o que iria acontecer.

Mas a sensação esquisita não passou.

## CAPÍTULO 3

— Esta matéria será muito estimulante – prometeu a Sra. Wilhelm, borbulhando de entusiasmo enquanto entregava a lista de leitura de literatura inglesa do terceiro ano, que ia de Shakespeare a Bram Stoker. – Vocês vão simplesmente adorar os clássicos que escolhi. Preparem-se para um ano de sagas épicas, romances de acelerar o coração e confrontos de grandes exércitos. Tudo isso sem precisar pôr os pés para fora da Escola Woodrow Wilson.

Pelo jeito nem todo mundo ficou tão extasiado com confrontos de exércitos e corações acelerados quanto a Sra. Wilhelm, porque ouvi um monte de gemidos enquanto a lista circulava pela turma. Minha cópia chegou pelas mãos de meu eterno tormento, Frank Dormand, que havia se sentado na carteira à minha frente como uma enorme bola de gosma. Fiz uma avaliação rápida da lista. *Ah, não. Ivanhoé, não. E Moby Dick... quem tinha tempo para Moby Dick? Este deveria ser o ano em que eu teria uma vida social. Para não mencionar Drácula... dá um tempo.* Se havia uma coisa que eu odiava eram historinhas macabras sem qualquer embasamento na realidade ou na lógica. Esse era o território dos meus pais e eu não tinha interesse em entrar nele.

Lancei um olhar rápido para Mindy, sentada do outro lado do corredor, e vi pânico e sofrimento nos olhos dela também.

– “Uivantes”? Essa palavra existe? – sussurrou ela.

– Não faço ideia – respondi. – A gente procura depois.

– Também quero que vocês preencham esse mapa das carteiras – continuou a Sra. Wilhelm, suas sapatilhas chiando no chão da sala. – O lugar que escolheram para se sentar vai ser o mesmo o

ano todo. Estou vendo alguns rostos novos e quero que vocês conheçam uns aos outros o mais depressa possível, portanto *não troquem de lugar*.

Afundi na cadeira. *Maravilha*. Eu estava destinada a passar um ano inteiro aturando os comentários imbecis e maldosos que Frank Dormand certamente faria sempre que se virasse para entregar alguma coisa. E Faith Crosse, a líder de torcida nojenta, havia ficado com a carteira logo atrás de mim. Eu estava encurralada entre duas das pessoas mais perversas da escola. Pelo menos Mindy estava ao lado. E, olhando para a esquerda, vi que Jake tinha encontrado uma carteira perto da minha. Ele sorriu para mim. Acho que poderia ter sido pior. Mas não muito.

Frank se virou para trás e jogou o mapa dos lugares para mim.

– Pega aí, Pacotão – zombou ele, usando o apelido que me dera no jardim de infância. – Ponha *isso* no mapa.

É. Imbecil e maldoso, exatamente como eu havia previsto. E só faltam 180 dias de aula.

– Pelo menos *eu* sei escrever o meu nome – alfinetei. *Babaca*.

Dormand girou para a frente com uma careta de desprezo e eu enfiei a mão na mochila para pegar uma caneta. Quando fui escrever o nome, vi que a caneta estava seca, provavelmente porque tinha ficado sem tampa o verão inteiro. Dei uma sacudida nela e tentei de novo. Nada.

Comecei a me virar para a esquerda, achando que talvez Jake pudesse me emprestar uma caneta. Mas, antes mesmo de pedir, senti um tapinha no ombro direito. *Agora não... Agora não...* Pensei em ignorar, mas a pessoa insistiu.

– Com licença, você precisa de um instrumento de escrita?

A voz profunda, com sotaque europeu, vinha de trás. Não tive escolha a não ser me virar.

*Não!*

Era ele. O cara do ponto de ônibus. Eu teria reconhecido em qualquer lugar a roupa estranha – o sobretudo, as botas –, para não falar de sua *altura* imponente. Só que dessa vez ele estava bem perto. O bastante para eu ver seus olhos. Eles eram tão escuros que pareciam negros e se cravavam em mim com um jeito tranquilo e um tanto irritante. Engoli em seco, congelada na cadeira.

Será que ele tinha estado na sala o tempo todo? Nesse caso, por que não o notei antes?

Talvez porque ele estivesse um pouco afastado do resto de nós. Ou porque o canto que ele ocupava parecesse mais escuro, já que a luz fluorescente sobre a carteira dele estava apagada. Mas era mais do que isso. Era quase como se ele *criasse* a escuridão. *Isso é ridículo, Jess... Ele é uma pessoa, não um buraco negro...*

– Você precisa de um instrumento de escrita, não é? – repetiu ele, estendendo o braço, um braço comprido e musculoso, para me oferecer uma brilhante caneta dourada. Nada a ver com as Bics de plástico que todo mundo usava. Só pelo modo como reluzia dava para ver que era cara. Quando hesitei, uma expressão de irritação atravessou seu rosto aristocrático e ele balançou a caneta para mim. – Você reconhece uma caneta, não é? Não se trata de um objeto familiar?

Não gostei do sarcasmo nem de como ele havia surgido perto de mim duas vezes num mesmo dia, vindo do nada, e fiquei olhando, estupidamente, até que Faith Crosse se inclinou para a frente e beliscou meu braço. Com força.

– Só assina o mapa, *Jenn*, beleza?

– Aiê!

Esfreguei o que iria virar um hematoma, desejando ter coragem de dar um fora em Faith, tanto por me beliscar quanto por trocar meu nome. Mas a última pessoa a se meter com Faith Crosse acabou se transferindo para a Santa Mônica, a escola católica da

região, para se ter ideia de como Faith havia infernizado a vida dela na Woodrow Wilson.

– Anda logo, *Jenn* – repetiu Faith, ríspida.

– Tá, tá.

Com relutância, estendi a mão para o estranho e aceitei a caneta pesada. Quando nossos dedos se tocaram, tive a sensação mais bizarra de todas. Tipo um *déjà vu* trombando com uma premonição. O passado colidindo com o futuro.

Então ele sorriu, revelando os dentes mais perfeitos, alinhados e brancos que eu já tinha visto. Eles brilhavam. Acima dele a luz fluorescente se acendeu por um instante, piscando como um relâmpago.

*Isso foi esquisito.*

Minha mão tremeu um pouco enquanto eu escrevia o nome no mapa de lugares. Era idiotice pirar daquele jeito. Ele era só outro aluno. Obviamente recém-chegado. Talvez morasse perto da nossa fazenda. Devia estar esperando o ônibus, como eu, e de algum modo não conseguiu embarcar. Seu surgimento meio misterioso na sala de aula – pertinho de mim – provavelmente também não era motivo para alarme.

Olhei para Mindy procurando a opinião dela. Estava na cara que estivera esperando que eu fizesse contato. Com os olhos arregalados, balançou o polegar na direção do cara, falando sem som: “Ele é muito gato!”

*Gato?*

– Tá maluca? – sussurrei. É, o cara era tecnicamente bonito. Mas também era aterrorizante com o sobretudo, as botas e a capacidade de se materializar perto de mim parecendo vir de lugar nenhum.

– O mapa, anda! – resmungou Faith atrás de mim.

– Toma. – Passei o mapa por cima do ombro e, quando Faith puxou o papel da minha mão, ganhei um corte fino, porém

profundo. – Ai!

Sacudi o dedo que ardia e sangrava, depois o enfiei na boca, sentindo o gosto salgado na língua, antes de me virar para o lado e devolver a caneta. *Quanto mais depressa, melhor...*

– Aqui, obrigada.

O cara que gerava sua própria escuridão olhou para os meus dedos e percebi que meu sangue tinha sujado sua caneta cara.

– Ah, desculpa – falei, enxugando a caneta na minha perna, por falta de lenço de papel. *Eca. Será que essa mancha vai sair da minha calça jeans?*

Seu olhar acompanhou meus dedos e achei que ele estivesse sentindo repulsa por eu estar sangrando. Mas vi algo bem diferente de nojo naqueles olhos pretos. E então ele passou a língua devagar sobre o lábio inferior.

*O que é que foi aquilo?*

Joguei a caneta para ele e me ajeitei na cadeira. *Eu devia trocar de escola, como a garota que se meteu com Faith. Vou para a Santa Mônica. É o jeito. Não é tarde demais...*

O mapa dos lugares voltou à Sra. Wilhelm e ela leu os nomes, depois levantou a cabeça com um sorriso que se dirigia para além da minha carteira.

– Vamos dar as boas-vindas ao nosso novo aluno de intercâmbio, Lucius... – Franzindo a testa, ela olhou de novo para o gráfico. – Vla-des-cu. Falei certo?

A maioria dos alunos teria apenas murmurado “É, tudo bem”. Quem se importaria tanto com um sobrenome?

O meu perseguidor, é claro.

– Não – retrucou ele. – Não está certo.

Atrás de mim ouvi uma cadeira raspando no linóleo e então uma sombra se ergueu acima do meu ombro. Os pelos da minha nuca se eriçaram de novo.

– Ah – gemeu a Sra. Wilhelm, parecendo um tanto intimidada enquanto um adolescente alto usando um sobretudo preto de veludo avançava pelo corredor. Ela ergueu um dedo cauteloso, como se fosse mandar que se sentasse, mas ele passou direto.

Ele pegou um marcador no suporte ao lado do quadro branco, tirou a tampa com autoridade e escreveu a palavra *Vladescu* numa letra floreada.

– Meu nome é Lucius Vladescu – anunciou, apontando a palavra.

– Vla-DES-cu. Ênfase na sílaba do meio, por favor.

Cruzando as mãos às costas, ele começou a andar de um lado para o outro, como se fosse o professor. Fez contato visual com cada aluno da sala, obviamente nos avaliando. Pela expressão dele, senti que fomos considerados um tanto medíocres.

– O sobrenome Vladescu é bastante reverenciado na Europa oriental – disse, em tom de sermão. – É nobre. – Ele parou de andar e cravou seus olhos nos *meus*. – Um nome *da realeza*.

Eu não fazia ideia do que ele estava falando.

– Isso não faz “cair a ficha”, como vocês costumam dizer? – A pergunta era para a turma em geral, mas ele continuava me olhando.

*Meu Deus, seus olhos são negros mesmo.*

Encolhi-me, olhando para Mindy, que estava se abanando e me ignorando. Era como se estivesse enfeitiçada. Todo mundo estava. Ninguém se mexia nem abria a boca.

Contra a vontade, voltei a atenção para o adolescente que havia se apoderado da aula de literatura inglesa. E era quase impossível não olhá-lo. O cabelo brilhoso e ligeiramente comprido de Lucius Vladescu parecia deslocado no condado de Lebanon, na Pensilvânia, mas combinaria muito bem com os modelos europeus das revistas *Cosmopolitan* de Mindy. Ele era musculoso e magro como um modelo, também, com maçãs do rosto definidas, nariz reto e queixo forte. E aqueles olhos...

Por que ele não parava de me olhar?

– Gostaria de nos contar mais alguma coisa a seu respeito? – sugeriu finalmente a Sra. Wilhelm.

Lucius Vladescu se virou para encará-la e tampou o marcador com um estalo firme.

– Na verdade, não.

A resposta não foi grosseira, mas ele também não se dirigiu à Sra. Wilhelm como um aluno. Foi mais como alguém do mesmo nível.

– Tenho certeza de que adoraríamos saber mais sobre suas origens – insistiu a Sra. Wilhelm. – Parece *mesmo* interessante.

Mas Lucius Vladescu tinha voltado sua atenção para mim.

Afundi na minha cadeira. *Será que todo mundo está vendo isso?*

– Vocês saberão mais sobre mim no momento oportuno – disse Lucius. Havia uma leve frustração em sua voz e eu não entendi por quê. Mas isso me assustou. – É uma promessa – acrescentou ele, me encarando.

Pareceu mais uma ameaça.

## CAPÍTULO 4

— Viu como o cara estrangeiro estava secando você na aula de literatura inglesa? — berrou Mindy quando nos encontramos depois das aulas. — Ele é muito lindo e está a fim de você! E é *da realeza*.

Apertei o pulso dela, tentando acalmá-la.

— Min, antes de você comprar um presente para o nosso casamento “real”, tenho que dizer uma coisa apavorante sobre esse cara supostamente muito lindo.

Minha amiga cruzou os braços, incrédula. Dava para ver que Mindy já tinha uma opinião formada sobre Lucius Vladescu, baseada totalmente em ombros largos e queixo forte.

— O que você poderia saber sobre ele que fosse apavorante? Nós acabamos de conhecer o garoto.

— Na verdade eu o vi hoje cedo. Aquele cara, o Lucius, estava no ponto de ônibus. Me encarando.

— Só isso? — Mindy revirou os olhos. — Talvez ele venha para a escola de ônibus.

— Não veio.

— Então ele perdeu o ônibus. — Ela deu de ombros. — Isso é idiota, mas não é apavorante.

— É mais esquisito do que isso — insisti. — Eu... eu acho que ele disse o meu nome. No momento em que o ônibus apareceu.

Mindy pareceu confusa.

— Meu nome *antigo* — esclareci.

Minha melhor amiga inspirou fundo.

— Certo. Isso pode ser meio esquisito.

— Ninguém sabe aquele nome. Ninguém.

Na verdade nem Mindy sabia muito sobre o meu passado. A história da minha adoção era um segredo bem guardado. Se fosse revelado, as pessoas iam me achar uma aberração. Sem dúvida eu me sentia uma aberração toda vez que pensava na história. Minha mãe adotiva, que era antropóloga, tinha ido estudar uma seita clandestina e exótica na região central da Romênia. Estava lá com meu pai para observar os rituais da seita, esperando escrever um de seus artigos reveladores sobre subgrupos culturais. Mas as coisas se complicaram lá na Europa oriental. A seita era um pouco esquisita *demais*, um pouco fora do comum *demais*, e alguns aldeões romenos formaram uma conspiração, decididos a dar um fim àquele grupo. À força.

Pouco antes do ataque, meus pais biológicos me entregaram, ainda bebê, aos pesquisadores americanos que estavam de visita, implorando que me levassem aos Estados Unidos, onde eu ficaria em segurança.

Eu odiava essa história. Odiava o fato de que meus pais biológicos eram pessoas ignorantes, supersticiosas, que foram iludidas a ponto de entrarem para uma seita. Eu nem queria saber como eram os rituais. Sabia que tipo de coisas minha mãe estudava. Sacrifícios de animais, culto às árvores, virgens jogadas em vulcões... Talvez meus pais biológicos estivessem envolvidos em algum tipo de bizarrice sexual. Talvez por isso tivessem sido assassinados.

Quem sabia? Quem *queria* saber?

Nunca pedi detalhes e meus pais adotivos não me forçaram a saber mais do que já sabia. Eu me sentia feliz em ser Jessica Packwood, americana. Para mim, Antanasia Dragomir não existia.

– Tem *certeza* de que ele sabia o seu nome? – perguntou Mindy.

– Não – admiti. – Mas achei ter ouvido.

– Ah, Jess. – Mindy suspirou. – Ninguém conhece esse nome. Você provavelmente imaginou a coisa toda. Ou então ele disse

uma palavra que se parece com Antanasia.

Olhei atravessado para Mindy.

– Que palavra se parece com Antanasia?

– Sei lá. Que tal “atrasada”?

– Fala sério.

Mas até que isso me fez rir. Fomos andando até a rua para esperar que minha mãe viesse me pegar. Eu tinha telefonado na hora do almoço dizendo que *não* ia pegar o ônibus para casa.

Mindy fez sua última tentativa.

– Só estou dizendo que talvez você devesse dar uma chance ao Lucius.

– Por quê?

– Porque... porque ele é tão alto... – explicou Mindy, como se altura fosse prova de bom caráter. – E já mencionei que é europeu?

A velha Kombi enferrujada da minha mãe chegou chacoalhando junto ao meio-fio e acenei para ela.

– É. É muito melhor ser perseguida por um europeu alto do que por um americano de estatura mediana.

– Bom, pelo menos Lucius está prestando atenção em você – fungou Mindy. – Ninguém nunca presta atenção em mim.

Chegamos até a Kombi e abri a porta. Antes que eu pudesse dizer “oi”, Mindy me empurrou de lado, se inclinou para dentro e declarou:

– Jess está namorando, Dra. Packwood!

– Verdade, Jessica? – perguntou mamãe, demonstrando surpresa.

Foi minha vez de empurrar Mindy para fora do caminho. Entrei e bati a porta, deixando minha amiga do lado de fora. Mindy acenou, gargalhando, enquanto mamãe e eu nos afastávamos da calçada.

– Um namorado, Jessica? No primeiro dia de aula?

– Ele *não* é meu namorado – resmunguei, prendendo o cinto de segurança. – É um aluno esquisito de intercâmbio que andou me seguindo.

– Jessica, tenho certeza de que você está exagerando. Os adolescentes costumam ser socialmente desajeitados. Na certa você está interpretando mal um comportamento inocente.

Como todos os antropólogos, mamãe acreditava que sabia tudo sobre as interações sociais humanas.

– Você diz isso porque não viu o cara hoje cedo no ponto de ônibus – argumentei. – Ele estava parado com um sobretudo preto enorme... E aí meu dedo sangrou e ele lambeu a boca...

Quando falei isso mamãe pisou no freio com tanta força que minha cabeça quase bateu no painel. Um carro atrás de nós buzinou furioso.

– Mãe! Qual é o problema?

– Desculpe, Jessica – disse ela, parecendo meio pálida. E acelerou de novo. – Foi só uma coisa que você disse sobre ter se cortado.

– Eu cortei o dedo e ele praticamente ficou babando, como se fosse uma batata frita coberta de ketchup. – Estremeci. – Foi asqueroso.

Mamãe ficou mais pálida ainda e eu senti que lá vinha bomba.

– Quem... quem é esse garoto? – perguntou ela quando paramos num sinal de trânsito perto da Faculdade Grantley, onde minha mãe dava aula. – Qual é o nome dele?

Percebi que ela estava se esforçando muito para parecer despreocupada e isso me deixou mais nervosa ainda.

– O nome dele é... – Mas antes que eu pudesse dizer “Lucius”, eu o vi. Estava sentado no muro baixo que rodeava o campus. E estava me olhando. De novo. Minha testa começou a suar. Mas dessa vez fiquei injuriada. *Agora já chega.* – Olha ele ali! – gritei, apontando com o dedo. – Está me encarando de novo! – Não era

um comportamento “socialmente desajeitado”. Era *perseguição*. – Quero que ele me deixe em paz!

Então minha mãe fez algo inesperado. Parou o carro junto ao meio-fio, bem onde Lucius estava.

– Qual é o nome dele, Jess? – perguntou ela de novo enquanto soltava o cinto de segurança.

Achei que mamãe iria confrontá-lo, por isso segurei seu braço.

– Não, mamãe. Ele é... tipo... desequilibrado, sei lá.

Mas minha mãe soltou meus dedos com delicadeza.

– O nome dele, Jess.

– Lucius. Lucius Vladescu.

– Ah, minha nossa! – murmurou mamãe, olhando para meu perseguidor. – Acho que isso era mesmo inevitável. – Ela estava com um olhar esquisito, distante.

– Mamãe? *O que era inevitável?*

– Espere aqui – disse ela, ainda sem me olhar. – Não se mexa. – Minha mãe parecia tão séria que nem protestei. Sem dizer mais nada, ela saiu da Kombi e foi em direção ao cara ameaçador que havia me seguido o dia todo. Será que mamãe tinha enlouquecido? Será que ele tentaria fugir? Será que iria surtar de vez e machucá-la? Mas não. Ele escorregou graciosamente do muro e fez uma reverência para minha mãe, uma reverência de verdade, dobrando a cintura. *Que negócio é esse?*

Baixei o vidro, mas eles falavam tão baixo que não consegui escutar nada. A conversa pareceu durar séculos. E então minha mãe apertou a mão dele.

Lucius Vladescu se virou para ir embora, mamãe voltou à Kombi e deu a partida.

– O que foi aquilo? – perguntei, chocada.

Minha mãe me olhou bem nos olhos e disse:

– Você, seu pai e eu precisamos conversar. Hoje à noite.

– Sobre o quê? – exigi saber, com um frio na barriga. Uma sensação ruim. – Você *conhece* aquele cara?

– Vamos explicar mais tarde. Temos muita coisa para lhe contar. E precisamos fazer isso antes que Lucius chegue para o jantar.

Meu queixo ainda estava no chão quando mamãe deu um tapinha na minha mão e voltou a dirigir.

# CAPÍTULO 5

**A**cabou que meus pais nem tiveram chance de me explicar qualquer coisa. Quando chegamos em casa, meu pai estava no meio de sua aula de ioga tântrica para hippies exageradamente sexuais e exageradamente ultrapassados no salão que ficava atrás da casa. Por isso mamãe mandou que eu fizesse minhas tarefas.

E aí Lucius chegou cedo para o jantar.

Eu estava no estábulo limpando as baias quando vi de relance uma sombra entrar pela porta.

– Quem está aí? – gritei assustada, ainda com os nervos à flor da pele por conta dos acontecimentos do dia.

Quando não houve resposta, tive a sensação ruim de que devia ser o nosso convidado para o jantar. Lembrei que mamãe convidara o aluno de intercâmbio quando ele atravessou a empoeirada arena de equitação. *Ele não pode ser tão perigoso.*

Ignorando o aval de mamãe, continuei segurando o forçado com firmeza.

– O que você está fazendo aqui? – indaguei enquanto ele se aproximava.

– Olhe os bons modos – reclamou Lucius com seu sotaque metido a besta, levantando pequenos tufo de poeira a cada passada longa. Chegou perto de mim e outra vez fiquei espantada com sua altura. – Uma dama não se exalta no meio de um estábulo – continuou ele. – E que espécie de saudação foi essa?

*O cara que me perseguiu o dia todo está dando aula de etiqueta para mim?*

– Perguntei por que você está aqui – repeti, apertando o forçado com um pouco mais de força.

– Para conhecer você, é óbvio – respondeu ele, enquanto parecia me avaliar, andando em volta de mim, olhando minhas roupas. Girei, tentando mantê-lo em meu campo de visão, e o peguei franzindo o nariz. – Sem dúvida você também está ansiosa para me conhecer.

*Não mesmo...* Eu não fazia ideia do que ele falava, mas me medir da cabeça aos pés não era nada legal.

– Por que está me olhando desse jeito?

Ele parou de me rondar.

– Você está limpando as baias? Isso aí nos seus sapatos são *fezes*?

– São – respondi, confusa com seu tom de voz. *Por que ele se importa com o que tem nos meus sapatos?* – Eu limpo as baias todas as noites.

– *Você?* – perguntou ele, parecendo perplexo e horrorizado.

– Alguém tem que fazer o serviço.

*Por que esse cara acha que isso é da conta dele?*

– No lugar de onde venho temos pessoas para fazer isso. Criados. – Ele fungou. – Uma dama da sua magnitude nunca deveria fazer uma tarefa inferior. É ofensivo.

Quando ele disse isso, meus dedos apertaram o forçado outra vez e não foi por medo. Lucius Vladescu não estava só me apavorando – estava me deixando possessa.

– Olha, já estou de saco cheio de você ficar atrás de mim e dessa sua pose – esbravejei. – Quem você pensa que é? E por que está me perseguindo?

A raiva e a incredulidade brilharam nos olhos pretos de Lucius.

– Sua mãe ainda não contou, não é? – Ele balançou a cabeça. – A Dra. Packwood prometeu que lhe explicaria tudo. Seus pais não são muito bons em cumprir promessas.

– A gente... A gente ia conversar mais tarde – gaguejei, com o ultraje enfraquecendo um pouco diante de sua raiva óbvia. – Papai está dando aula de ioga...

– Ioga? – Lucius deu uma risadinha desagradável. – Contorcer o corpo numa série de configurações ridículas é mais importante do que informar à filha sobre o pacto? E que tipo de homem pratica um passatempo tão pacifista? Os homens deveriam treinar para a guerra, não perder tempo entoando “om” e pregando a paz interior.

*Hein?*

– Pacto? Que pacto?

Lucius observava as traves do teto do estábulo, andando de um lado para o outro, as mãos cruzadas às costas, e murmurava:

– Isso não está certo. Não está nem um pouco certo. Eu disse aos Anciões que você deveria ter sido convocada de volta à Romênia há anos, que nunca seria uma noiva adequada...

*Epa, espera aí.*

– Noiva?

Lucius fez uma pausa e girou nos calcanhares para me encarar.

– Estou cansado da sua ignorância. – Ele chegou mais perto de mim, inclinando-se. – Como seus pais se recusam a informá-la, eu mesmo darei a notícia. E vou fazer isso do modo mais simples. – Ele apontou para o próprio peito e anunciou, como se falasse com uma criança: – Eu sou um vampiro. – E apontou para o meu peito. – Você é uma vampira. E vamos nos casar assim que você alcançar a maioria. Isso foi decretado desde o nosso nascimento.

Não cheguei a processar a parte do “vamos nos casar”, muito menos o lance sobre “decretado”. Eu já tinha me perdido na parte do “vampiro”.

*Pirado. Lucius Vladescu é completamente pirado. E estou sozinha com ele num estábulo.*

Por isso fiz o que qualquer pessoa sensata faria. Cravei o forçado no pé dele e corri feito louca para casa, ignorando seu grito de dor.

## CAPÍTULO 6

– Sem chance de eu ser uma morta-viva – gemi.

Mas ninguém prestou atenção. Meus pais estavam concentrados demais no pé machucado de Lucius Vladescu.

– Sente-se, Lucius – ordenou minha mãe, parecendo contrariada com nós dois.

– Prefiro ficar de pé – respondeu Lucius.

Mamãe apontou com firmeza para o círculo de cadeiras em volta da mesa da cozinha.

– Sente-se. *Agora*.

Nosso visitante ferido hesitou, mas, depois, murmurando baixinho, ocupou uma cadeira. Mamãe arrancou a bota dele, que tinha a marca visível de um dente de forcado, enquanto meu pai estava na cozinha, procurando o kit de primeiros socorros embaixo da pia e fazendo um chá de ervas.

– Só está roxo – afirmou mamãe.

– Ah, que bom – disse papai. – Não estou mesmo encontrando os curativos. Mas ainda podemos tomar o chá.

O sujeito esguio que se declarava sugador de sangue e tinha ocupado o *meu* lugar à mesa da cozinha me olhou com irritação.

– A sua sorte é que meu sapateiro só usa couro da melhor qualidade. Você poderia ter me espetado. E não vai querer espetar um vampiro. Além do mais, isso é jeito de receber seu futuro esposo ou qualquer visitante, por sinal? Usando um forcado?

– Lucius – interrompeu minha mãe. – Você pegou Jessica desprevenida. Como expliquei antes, o pai dela e eu queríamos conversar com a menina antes.

– É, certamente vocês demoraram para cumprir a tarefa. Dezessete anos. Alguém precisava intervir. – Lucius soltou o pé que minha mãe segurava e se levantou, mancando pela cozinha calçando uma bota só, como um rei inquieto em seu castelo. Pegou a lata de camomila, cheirou o conteúdo e franziu a testa. – Vocês bebem *isso*?

– Você vai gostar – prometeu papai. E serviu quatro canecas. – É muito calmante num momento de estresse como este.

– Nada de chá. Só me digam o que está acontecendo – implorei, sentando-me para recuperar minha cadeira. Ela não estava nem um pouco quente. Nem parecia que alguém tivesse sentado ali um pouquinho antes. – Alguém. Por favor. Desembucha.

– Respeitando o desejo de seus pais, repassarei essa tarefa a eles – declarou Lucius. Em seguida levou a caneca fumegante aos lábios, bebericou e estremeceu. – Santo Deus, isso é medonho.

Ignorando Lucius, mamãe trocou um olhar cheio de significado com meu pai, como se os dois tivessem um segredo.

– Ned, o que você acha?

Aparentemente papai entendeu o que ela estava sugerindo, porque confirmou com a cabeça e disse:

– Vou pegar o pergaminho.

E saiu da cozinha.

– Pergaminho? – *Pergaminhos. Pactos. Noivas. Por que todo mundo está falando em código?* – Como assim?

– Ah, querida. – Mamãe se sentou na cadeira junto à minha e segurou minhas mãos com carinho. – Isso é bem complicado de explicar.

– Tente – resmunguei.

– Você sempre soube que foi adotada na Romênia – começou mamãe. – E que seus pais biológicos foram mortos num conflito...

– Assassinados por camponeses – completou Lucius, com uma careta. – Pessoas supersticiosas, inclinadas a formar hordas

malignas. – Ele levantou a tampa da pasta de amendoim orgânico de papai, provou um bocado e limpou os dedos nas calças, que eram pretas e justas nas pernas compridas, quase como calças de montaria. – Por favor, digam que há *alguma coisa* palatável nesta casa.

Mamãe se virou para Lucius.

– Será que poderia ficar quieto por alguns minutos enquanto conto a história?

Lucius fez uma ligeira reverência, com o cabelo preto-azulado reluzindo sob a lâmpada da cozinha.

– Claro. Continue.

Mamãe voltou a atenção para mim.

– Mas não lhe contamos a história toda porque o assunto parecia transtorná-la demais.

– Agora poderia ser uma boa hora para isso – sugeri. – Não tem como eu ficar mais transtornada do que já estou.

Mamãe tomou um gole do chá.

– É, bem... a verdade é que seus pais biológicos foram mortos por uma turba furiosa que tentava livrar sua aldeia dos vampiros.

– Vampiros? – *Ela só podia estar brincando.*

– É – confirmou mamãe. – Vampiros. Seus pais estavam entre os vampiros que eu estudava na época.

Certo, eu costumava ouvir palavras como *fadas*, *espíritos da terra* ou *trolls* em casa. Cultura e lendas folclóricas eram o foco das pesquisas de mamãe. Papai fazia seminários de “comunicação com anjos” no salão de ioga. Mas, com certeza, nem meus excêntricos pais levariam *monstros de Hollywood* a sério. Não era possível que eles acreditassem que meus pais biológicos viravam morcegos, se dissolviam à luz do sol ou tinham caninos enormes.

*Ou era?*

– Você mencionou que estava estudando algum tipo de seita – retomei a conversa. – Um subgrupo cultural com rituais estranhos.

Mas nunca falou sobre *vampiros*.

– Você sempre foi muito lógica, Jessica – disse mamãe. – Não gosta de coisas que não possam ser explicadas pela matemática ou pela ciência. Seu pai e eu tínhamos medo de que a verdade sobre seus pais biológicos pudesse perturbá-la demais. Por isso mantivemos as coisas um tanto vagas.

– Está dizendo que meus pais biológicos acreditavam mesmo que eram vampiros?

Mamãe confirmou com a cabeça.

– Bom... é.

– Eles não achavam que eram vampiros – resmungou Lucius. Ele havia apanhado a bota e estava pulando num pé só, tentando calçá-la. – Eles *eram* vampiros.

Enquanto eu olhava nosso visitante boquiaberta e incrédula, o pensamento mais repugnante do mundo me passou pela cabeça. Aqueles rituais aos quais minha mãe havia se referido, relacionados aos meus pais biológicos...

– Eles... Eles não bebiam sangue de verdade...

A expressão da minha mãe disse tudo e eu achei que fosse desmaiar. Meus pais biológicos: esquisitões bebedores de sangue.

– É uma coisa muito, muito saborosa – comentou Lucius. – Por acaso vocês não teriam aqui, no lugar desse chá...

Mamãe lhe lançou um olhar enfurecido.

Lucius franziu a testa.

– Não. Acho que não.

– As pessoas não bebem sangue – insisti, a voz ficando meio aguda. – E vampiros não existem!

Lucius cruzou os braços, carrancudo.

– Com licença? Eu estou bem aqui.

– Lucius, por favor – disse mamãe, no tom calmo porém sério que reservava para alunos difíceis. – Dê um tempo à Jess para ela

processar as coisas. Sua tendência analítica a torna hostil ao mundo paranormal.

– Sou hostil a tudo o que é *impossível* – gritei. – Ao que é *irreal*.

Naquele momento, papai voltou segurando com cuidado um rolo de pergaminho mofado.

– Historicamente, muitos povos não simpatizam com a ideia de mortos-vivos – observou papai, colocando o documento sobre a mesa. – E o final da década de 1980 foi um período ruim para os vampiros na Romênia. Havia grandes expurgos de meses em meses. Muitos vampiros gente boa foram eliminados.

– Seus pais, que eram bastante poderosos dentro do grupo, perceberam que estavam marcados para morrer e entregaram você a nós, antes de serem mortos, esperando que pudéssemos mantê-la em segurança nos Estados Unidos – acrescentou mamãe.

– As pessoas não bebem sangue – repeti. – Não bebem. Vocês não *viram* meus pais agindo como vampiros, viram? – desafiei. – Nunca os viram com dentes compridos e mordendo pescoços, não é? Sei que não. Porque isso não aconteceu.

– Não – admitiu mamãe, segurando minhas mãos de novo. – Não tivemos permissão para isso.

– Porque não aconteceu – repeti.

– Porque morder é uma coisa muito particular, muito íntima – se intrometeu Lucius. – Não convidamos pessoas para olhar. Os vampiros são sensuais, mas não são dados ao exibicionismo. Somos discretos.

– Mas não temos motivo para acreditar que tenham mentido para nós com relação a beber sangue – completou mamãe. – E não há nada de desconcertante nisso, Jess. Para eles, era bastante normal. Se você tivesse crescido na Romênia, dentro daquele grupo cultural, iria parecer normal para você também.

Soltei as mãos com força.

– Não mesmo.

Com um suspiro fundo, Lucius voltou a andar para lá e para cá.

– Sinceramente, não suporto mais isso. A história é bem simples. Você, Antanasia, é a última de uma longa linhagem de vampiros poderosos. Os Dragomir. Realeza vampírica.

Isso me fez gargalhar. Um riso esganiçado, histérico.

– Realeza vampírica? Tá legal.

– Sim. Realeza. E esta é a última parte da história, que seus pais ainda parecem relutantes em contar. – Lucius se inclinou por cima da mesa, de frente para mim, firmando os braços e me olhando. – Você é uma princesa vampira, herdeira da liderança dos Dragomir. Eu sou um príncipe vampiro, herdeiro de um clã igualmente poderoso, o Vladescu. Mais poderoso, na verdade, mas esse não é o ponto. Nós fomos prometidos um ao outro numa cerimônia de noivado pouco depois de nascermos.

Com o olhar, pedi ajuda à minha mãe, mas tudo o que ela disse foi:

– A cerimônia foi muito bonita, muito elaborada.

– Numa caverna enorme nos Cárpatos – acrescentou papai. – Com velas por toda parte. – Ele olhou para mamãe com admiração carinhosa. – Nenhuma pessoa de fora havia conseguido esse tipo de acesso antes.

Olhei-os furiosa.

– Vocês estavam *lá*? Nessa tal cerimônia?

– Ah, conhecemos um monte de vampiros naquela viagem e testemunhamos muitos acontecimentos culturais interessantes. – Mamãe sorriu um pouquinho, recordando. – Você deveria ler meu resumo da pesquisa no *Boletim de Cultura Popular do Leste Europeu*. Foi um trabalho bastante notável, se me permitem dizer.

– Deixem-me terminar, por favor – resmungou Lucius.

– Alto lá – censurou papai com gentileza. – Nessa pequena democracia todo mundo tem a chance de falar.

Pelo olhar desdenhoso que Lucius dirigiu ao meu pai, pude ver que ele não ligava muito para democracia. O delirante projeto de Drácula voltou a andar de um lado para o outro.

– A cerimônia de noivado selou nosso destino, Antanasia. Devemos nos casar logo depois de você alcançar a maioridade. Nossas linhagens sanguíneas serão unidas, consolidando a força dos nossos clãs e encerrando anos de rivalidade e guerra. – Os olhos pretos reluziram e se desviaram para longe. – Nossa ascensão ao poder será um momento glorioso. Cinco milhões de vampiros, a sua família e a minha juntas, todos sob o nosso comando. – Meu suposto noivo retornou bruscamente à realidade e me olhou, fungando. – Eu farei todo o “trabalho pesado”, é óbvio, no que diz respeito à liderança.

– Vocês todos perderam a noção – declarei, olhando o rosto de cada um. – Isso é maluquice.

Então, Lucius chegou mais perto de mim e se abaixou até ficarmos cara a cara. Pela primeira vez vi curiosidade e não desdém, zombaria ou prepotência em seus olhos escuros.

– Seria mesmo tão repugnante, Antanasia, ficar comigo?

Não tive certeza do que ele quis dizer, mas achei que era sobre nós dois juntos, não numa jogada de poder político, mas de modo romântico.

Não falei nada. Será que Lucius Vladescu realmente achava que eu iria me apaixonar por ele, só por causa de seu rostinho bonito e seu corpo de arrasar? Acreditava que eu dava a mínima para o fato de ele ter o perfume mais sensual que já senti...?

– Vamos mostrar o pergaminho a ela – interrompeu papai, quebrando o clima.

– É, está na hora – concordou mamãe.

Eu quase havia esquecido aquele papel mofado, mas então papai se sentou e desenrolou cuidadosamente o pergaminho sobre a mesa da cozinha. O frágil material estalou enquanto ele o

alisava com dedos gentis. As palavras – em romeno, pelo jeito – eram indecifráveis para mim, mas aquilo parecia algum tipo de documento legal, com uma porção de assinaturas na parte de baixo. Desviei o olhar, me recusando a prestar atenção àquele absurdo.

– Vou traduzir – ofereceu Lucius, levantando-se. – A não ser, é claro, que Antanasia tenha estudado romeno.

– É a próxima prioridade da minha lista – falei com os dentes trincados. *Poliglota nojentinho.*

– Seria bom você começar a aprender, minha futura esposa – rebateu Lucius, chegando ainda mais perto e se inclinando por cima do meu ombro para ler. Pude sentir sua respiração na minha bochecha. Era fria e doce. Mesmo contra o bom senso, continuei inalando aquele perfume incomum, levando-o para o fundo dos meus pulmões. Lucius estava tão perto que meu cabelo escuro e encaracolado roçou seu queixo e ele, distraidamente, afastou as mechas, o que fez com que seus dedos tocassem meu rosto. Estremeci com o toque.

Se Lucius sentiu o mesmo choque que eu, não demonstrou, permanecendo concentrado no documento. *Será que estou ficando lesada de tanto sentir esse perfume? Estou imaginando coisas?*

Ajeitei ligeiramente o corpo na cadeira, tentando não encostar de novo em nosso convidado arrogante enquanto ele passava o dedo sob a primeira linha do pergaminho.

– Isto declara que você, Antanasia Dragomir, é prometida em casamento a mim, Lucius Vladescu, logo depois de chegar à maturidade, aos 18 anos, e que todas as testemunhas concordam com esse acordo. E depois do casamento nossos clãs estarão unidos e em paz. – Ele se inclinou para trás. – Como eu disse, é bastante simples. E veja só: a assinatura do seu pai adotivo. E da sua mãe.

Não pude resistir a espiar quando ele disse isso. E, de fato, as assinaturas de mamãe e de papai estavam no documento, entre dezenas de nomes romenos estranhos.

*Traidores.*

Empurrando o pergaminho, cruzei os braços e fuzilei meus pais com o olhar.

– Como vocês puderam me prometer feito... feito uma vaca premiada?

– Não “prometemos você”, Jessica – disse mamãe. – Na época, você não era nossa filha. Só estávamos lá para testemunhar um ritual único, no interesse da minha pesquisa. Isso aconteceu semanas antes do expurgo, semanas antes de adotarmos você. Não sabíamos o que o futuro nos reservava.

– Além disso, ninguém promete vacas – zombou Lucius. – Quem prometeria isso? Você é uma princesa vampira. Seu destino não lhe pertence totalmente.

*Princesa... Ele está crente mesmo que sou uma princesa vampira...* A sensação estranha, quase prazerosa, do momento em que ele roçou meu rosto foi esquecida quando a realidade me acertou de novo. Lucius Vladescu era um lunático.

– Se eu fosse vampira, teria vontade de morder alguém. Sentiria sede de sangue – argumentei, numa última tentativa de enfiar um pouco de razão numa conversa que tinha evoluído para o absurdo.

– Você assumirá sua verdadeira natureza – prometeu Lucius. – Está chegando à idade. E quando eu mordê-la pela primeira vez, você *será* uma vampira. Eu lhe trouxe um livro, um guia, por assim dizer, que vai explicar tudo...

Levantei-me tão depressa que minha cadeira caiu no chão com estrondo.

– Ele não vai me morder – interrompi, apontando um dedo trêmulo para Lucius. – E não vou para a Romênia me casar com

ele! Não dou a mínima para essa “cerimônia de noivado” que fizeram!

– Todos vocês vão honrar o pacto – rosnou Lucius. Não era uma sugestão.

– Não banque o ditador conosco, Lucius – interveio papai, empurrando a cadeira para trás e coçando a barba. – Eu lhe disse: isso aqui é uma democracia. Vamos todos respirar fundo. Como disse Ghandi: “Devemos nos tornar a mudança que queremos ver.”

Estava claro que Lucius nunca havia enfrentado um mestre da resistência pacífica, porque pareceu surpreso pelo modo como papai avaliava a situação: firme porém afável, e totalmente anticonvencional.

– Que raios significa isso? – perguntou ele.

– Ninguém vai tomar nenhuma decisão hoje – traduziu mamãe. – É tarde, estamos todos cansados e um tanto abalados. Além disso, Lucius, Jessica não está pronta para pensar em casamento. Ela ainda nem beijou um rapaz, pelo amor de Deus.

Lucius deu um sorrisinho, levantando uma sobrancelha.

– Verdade? Nenhum pretendente? Que inesperado. Imaginei que sua habilidade com o forçado seria atraente para alguns solteiros aqui no interior.

Senti vontade de morrer. Ali mesmo. Queria correr para a gaveta das facas, pegar a maior que encontrasse e cravá-la no meu coração. Contar que nunca fui beijada era quase pior do que ser uma princesa vampira. O lance dos sanguessugas era uma fantasia ridícula, mas minha total falta de experiência... era real.

– Mamãe! Isso é constrangedor demais! Precisava contar?

– Bom, Jessica, é verdade. Não quero que o Lucius pense que você é uma garota experiente, pronta para o casamento.

– Não vou me aproveitar disso – prometeu Lucius, sério. – E ela não pode ser forçada a se casar, é claro. Esta é uma nova era. Infelizmente. Mas devo dizer que sou obrigado a prosseguir com a

corde até que Antanasia perceba que seu lugar é ao meu lado. E ela perceberá.

– Não perceberei, não.

Lucius nem deu bola.

– A ligação entre nossos clãs foi decretada pelos membros mais antigos e mais poderosos: os Anciões das famílias Vladescu e Dragomir. E os Anciões sempre conseguem o que querem.

Mamãe se levantou.

– A decisão será de Jessica, Lucius.

– Certamente. – Mas o meio sorriso condescendente no rosto de Lucius dizia o contrário. – E onde vou ficar?

– Ficar? – indagou papai, confuso.

– É. Dormir – esclareceu Lucius. – Fiz uma longa jornada, suportei meu primeiro dia no que chamam de escola pública e estou exausto.

– Você não vai voltar para a escola – protestei em pânico. Eu havia me esquecido da escola. – Não pode!

– É claro que vou frequentar a escola.

– Como conseguiu se matricular? – perguntou mamãe.

– Estou com o que chamam de “visto de estudante” – explicou Lucius. – Os Anciões acharam que seria difícil explicar minha presença prolongada de outro modo. Os vampiros não gostam de levantar suspeitas, como devem imaginar. Gostamos de nos misturar.

*Gostam de se misturar? Usando um sobretudo de veludo em pleno verão? No condado de Lebanon, na Pensilvânia? No coração conservador da região rural do estado, onde pessoas duronas, de ascendência alemã, ainda acham que orelha furada é radical e, possivelmente, um passaporte para o inferno?*

– Você é mesmo aluno de intercâmbio? – perguntou papai, franzindo a testa.

– Sou. O aluno de intercâmbio que está morando *com vocês*, para ser exato – esclareceu Lucius.

Mamãe levantou a mão com cautela.

– Nós nunca concordamos com isso.

– É – acrescentou papai. – Não teríamos que assinar alguma coisa? E a burocracia?

Lucius gargalhou.

– Ah, burocracia. Um pequeno detalhe que foi resolvido na Romênia. Ninguém com bom senso recusa um pedido do clã Vladescu. É falta de educação. E as consequências de nos recusar um favor... bom, digamos apenas que as pessoas em toda parte tendem a *arriscar o pescoço* quando fazem isso.

– Lucius, você deveria ter nos consultado antes – protestou mamãe.

Os ombros de Lucius baixaram, mas só um pouquinho.

– É. Talvez nós tenhamos passado dos limites nesse aspecto. Mas vocês devem admitir que é uma honra me receberem aqui. Sabiam que este dia e eu chegaríamos.

Papai pigarreou e olhou para mamãe.

– De fato prometemos aos Dragomir, há anos, que quando chegasse a hora...

– Ah, Ned, não sei. Temos que pensar nos sentimentos de Jessica.

– Vocês prestaram um juramento à minha família – lembrou Lucius de novo. – Além disso, não tenho outro lugar para ir. Não vou retornar à pseudopousada na cidade, onde dormi ontem à noite. A decoração do quarto tinha temática suína, pelo amor de Deus. Papel de parede com porcos, badulaques em forma de porcos por toda parte. E um Vladescu *não* dorme com suínos.

Mamãe suspirou, me tranquilizando com as mãos nos meus ombros.

– Acho que Lucius pode ficar no apartamento de hóspedes em cima da garagem enquanto pensamos na situação. Certo, Jessie? É só por um tempo, tenho certeza.

– A fazenda é de vocês mesmo – murmurei, sabendo que estava derrotada. Meus pais sempre recebiam os desgarrados. Gatos arredios, cachorros agressivos... Qualquer coisa sem-teto poderia morar na nossa fazenda, mesmo que ameaçasse morder.

\* \* \*

E foi assim que um adolescente que se dizia vampiro passou a morar na nossa garagem no início do meu último ano de colégio. E não era um vampiro qualquer. Era o meu arrogante e intrometido *noivo* vampiro. A última pessoa com quem eu ia querer ir para a escola, quanto mais me unir por toda a eternidade.

Passei metade da noite em claro, pensando na minha vida arruinada. Meus pais biológicos eram membros de uma seita que jurava que bebia sangue. Não havia nada que eu pudesse fazer com relação a eles, a não ser tirá-los da cabeça. Essa história poderia continuar escondida no passado. E ficaria lá.

Mas o futuro... Tudo o que eu queria era uma chance de namorar Jake Zinn, um cara normal, e, em vez disso, ganhei um noivo-aberração, bem na minha garagem. Como se todo mundo na escola já não achasse que minha família era suficientemente bizarra, com a ioga do meu pai e sua improdutiva fazenda orgânica anticarne, e minha mãe, a provedora da família e especialista em superstições idiotas. Agora, sim, eu seria mesmo uma excluída. A garota do ensino médio noiva do monstro.

E *que* monstro.

Deitada na cama, eu não conseguia parar de pensar no perfume de Lucius, que senti quando ele se inclinou perto de mim. O poder que manifestou andando no meio da sala de aula. O toque dos

seus dedos no meu rosto. A afirmação de que um dia *cravaria os dentes* em mim.

*Meu Deus, que psicopata!*

Jogando as cobertas para o lado, me sentei na cama e abri a cortina, olhando pela janela na direção da garagem. Ainda havia uma luz acesa no apartamento que ficava em cima. Lucius estava acordado. Fazendo o quê?

Voltei a me deitar e puxei as cobertas, apertando-as em volta do pescoço – meu pescoço macio, vulnerável, ainda não beijado –, com parte de mim desejando a manhã que viria e a outra parte morrendo de medo.

# CAPÍTULO 7

CARO TIO VASILE,

*Escrevo do meu "apartamento" sobre a garagem precária dos Packwood, onde estou hospedado, respirando escapamento de veículos dia e noite.*

*Ainda que esteja aqui há apenas algumas semanas, como sinto falta do esplendor rochoso dos Cárpatos e do modo arrepiante e lindo como os lobos uivam à noite. Só quando estamos num lugar que carece completamente de perigo ou mistério entendemos como podemos sentir saudade dos locais sombrios do mundo.*

*Aqui, a única preocupação é colidir, nas estradas estreitas, com uma carroça sobrecarregada de feno (e as pessoas dizem que a Romênia é atrasada!) ou saber se vai passar um bom programa na televisão à noite. (Os Packwood tiveram a gentileza de me oferecer uma TV em meu exílio e só posso responder com o americanismo "iupiii!".)*

*Mas é claro que sei que não estou aqui pela diversão, pelas artes ou pela arquitetura. (Será que algum dia poderei ser feliz de novo em nosso altivo castelo gótico depois de caminhar pelos corredores da Escola Woodrow Wilson, uma ode ao linóleo?) Tampouco devo me concentrar na culinária. (Francamente, Vasile: veganos?) Ou na conversa perspicaz de meus colegas estudantes. (A palavra "tipo" se tornou algo completamente desagradável.)*

*Mas eu divago.*

*A garota, Vasile. A garota. Imagine meu choque ao encontrar minha futura esposa, minha "princesa", afundada até os joelhos em dejetos de animais, gritando comigo do outro lado de um estábulo e depois tentando me cravar uma ferramenta agrícola no*

*pé, como um cavaliço demente. Não abordarei o fato de que o excremento de cavalo parecia se grudar numa crosta permanente em suas botas masculinas; deve ser falta de bons modos até mesmo citar isso.*

*Isso não importa. Ela é grosseira. Não coopera. Carece de qualquer apreciação por sua cultura – e certamente por seu dever, seu destino e pela rara oportunidade que lhe é dada pela mera circunstância de seu nascimento.*

*Resumindo: Jessica Packwood não é uma vampira. O fato de morar nos Estados Unidos parece ter retirado de nossa futura princesa todos os traços do sangue real que, como sabemos, deve ter corrido em suas veias ao nascer. Ela passou por uma terrível diálise cultural, por assim dizer.*

*Abençoada com o cabelo preto e encaracolado que torna as mulheres romenas tão características, ela o subjuga, esticando-o e besuntando-o numa tentativa inútil de se parecer com qualquer outra adolescente americana. Mas por que querer ser outra pessoa?*

*E sua noção de moda... Quantas manifestações do tecido de brim podem existir? E as camisetas com cavalos e "trocadilhos" relacionados à aritmética? Qual é a graça de "Matemática é D+"? E que mal faria usar um vestido de vez em quando?*

*Sorrir?*

*Vasile, sei que tenho o dever de estabelecer um relacionamento com essa jovem, mas, honestamente, será que ela é capaz de liderar nossas legiões? E quanto a compartilharmos algum tipo de intimidade física... Bom, se o senhor puder fornecer qualquer detalhe com relação a esse objetivo, eu ficaria bastante grato.*

*O senhor sabe que estou sempre disposto a "me sacrificar pelo time" – uma nova expressão que aprendi aqui e de que gosto muito –, mas tudo isso parece um tanto improvável. Talvez fosse mais inteligente cancelar tudo e apenas esperar pelo melhor.*

*Temos mesmo certeza de que haverá uma guerra geral entre os clãs caso o contrato não seja cumprido? Se estivermos falando de apenas alguns confrontos em pequena escala, com perdas mínimas, creio que devemos reconsiderar o pacto de casamento. Porém, é a sua opinião que deve prevalecer, é claro.*

*Enquanto isso, continuarei com meus esforços, até agora infrutíferos, de educar e atrair essa americana impossível. Mas, por favor, Vasile, contemple minhas preocupações.*

*Seu sobrinho, devotado ao dever,*

*Lucius Vladescu*

*P.S.: Fui recrutado para o time de basquete. O técnico acha que eu já posso estrear!*

## CAPÍTULO 8

— Não consigo fazer isso – reclamou Mindy, riscando outra resposta errada.

– Esses problemas não são tão difíceis – retruquei, feliz por ser o último ano em que precisaria ensinar matemática a Mindy. A matéria de cálculo acabava com ela e nós estávamos dando nos nervos uma da outra. O fato de fazer um calor insuportável no meu quarto também não ajudava em nada. Por mais que eu implorasse, papai se recusava a instalar um ar-condicionado, alegando ser desperdício de energia. Peguei o livro e comecei a ler: – Dois homens estão viajando em dois trens, que saem da estação...

– Ninguém anda mais de trem – interrompeu Mindy, de birra. – Por que a gente precisa sempre falar de trens? Por que não aviões?

Levantei os olhos do livro.

– É impossível ensinar a você.

Mindy fechou seu caderno com força.

– Falando nisso, e o Lucius na aula, hoje, hein? A Sra. Wilhelm quase teve um orgasmo quando ele se levantou e fez aquela palestra enorme sobre *Hamlet*. – Mindy fez uma pausa. – Ele chegou bem perto de fazer uma peça sobre a Dinamarca parecer interessante.

– Voltando ao problema...

– Aliás, cadê o Lukey? – Mindy abandonou totalmente o cálculo, pulando na minha cama para olhar pela janela. E abriu a cortina. – Luuu-cius – cantarolou. – Venha brincar... Mindy quer ver você...

– Por favor, não chame o cara – pedi, séria.

– Só uma espiadinha naqueles olhos negros e sensuais. – Mindy se inclinou para fora da janela. – Ei, tem alguém vindo. Uma picape parou na sua rua.

– Quem é? – perguntei, sem me importar. Devia ser um dos alunos de ioga de papai, chegando cedo. Ouvi o som de pneus no cascalho, depois um motor sendo desligado.

Minha melhor amiga se virou para mim, largando a cortina.

– Jake. É a picape azul do Jake. Parou perto do estábulo.

*Jake?*

Tentei parecer indiferente.

– Ah, é só nossa entrega de feno. A gente compra da fazenda do Jake. Ele descarrega e vai embora.

– Ah. – Mindy processou isso, depois enfiou a cabeça pela janela e berrou: – Ei, Jake! A gente vai descer!

*Não, ela não fez isso.*

– Mindy! Minha camiseta está furada! E estou de cara lavada!

– Você está linda. – Ela ignorou meus protestos e me puxou pelo braço. – Além disso, eu disse que a gente ia descer.

Relutante, deixei que ela me arrastasse para fora.

– Eu vou te matar.

Mindy nem me ouviu.

– Ele está sem camisa – sussurrou, me puxando pelo quintal na direção da picape do Jake.

Ele estava de pé na carroceria, jogando fardos no chão.

– Olha aqueles músculos!

– Mindy, cala a boca! – pedi, apertando o braço dela.

– Ai!

Ela se soltou e franziu a testa para mim.

– O que vocês estão fazendo? – perguntou Jake, sorrindo e fazendo uma pausa no trabalho. Ele então tirou um lenço vermelho do bolso da calça jeans surrada e enxugou o suor da

testa. Os bíceps inchados e a barriga tanquinho brilhavam ao sol poente.

– Só estamos estudando matemática – respondi, mudando a posição do braço para esconder o furo da camiseta. Ele ficava bem em cima da barriga, aumentada depois de um verão inteiro jantando torta.

– Quer beber alguma coisa quando acabar aí? – ofereceu Mindy, como se a casa fosse dela.

– Beleza – concordou Jake, sorrindo. – Só me deixem terminar de descarregar, antes que o sol se ponha totalmente.

Mindy agarrou meu pulso, sinalizando que deveríamos esperar lá dentro.

– Vamos trocar sua camiseta – cochichou no meu ouvido.

– A gente se vê daqui a pouco – falei para Jake, dando uma olhadinha final em seus peitorais. *Nada mau.*

Mas enquanto eu me virava na direção da casa, vislumbrei um estudante romeno de intercâmbio encostado na lateral da garagem, braços cruzados sobre o peito.

Talvez fosse um truque da luz que ia se esvaindo, lançando sombras duras no seu rosto anguloso, mas ele não parecia feliz.

## CAPÍTULO 9

— Amanhã você vai se virar sozinho, não importa o que mamãe diga sobre ajudá-lo a se adaptar – alertei Lucius, que estava me seguindo na fila do almoço, recusando tudo o que lhe era oferecido. – Já sabe como as coisas funcionam.

– Ah, sim – disse ele, empurrando a bandeja com um dos dedos, como se fosse um objeto tóxico. – Enfileire as pessoas como gado num curral, apresente comida feita para gado e obrigue-as a consumi-la encurvadas, ombro a ombro, em mesas que parecem comedouros para gado.

– Pega logo alguma coisa – gemi, escolhendo um sanduíche. – Esse de carne moída não é ruim.

Lucius segurou minha mão e seus dedos no meu pulso eram fortes. E frios!

– Jessica, isso é *carne*? Mas seus pais proíbem...

– O que mamãe e papai não sabem sobre a escola não vai fazer mal a eles – expliquei, me desvencilhando de sua mão e empurrando a bandeja. Esfreguei o pulso, esquentando-o. – Portanto não conte nada.

– Que ato insubordinado e rebelde de sua parte! – Lucius sorriu, com apreciação na voz. – Aprovo totalmente.

– Numa boa, não estou nem aí para a sua aprovação.

– Claro que não. – Lucius deixou passar o sanduíche de carne moída mas pegou algumas batatas fritas. – *Cartofi pai*. Pelo menos isso nós temos na Romênia.

– Aliás, onde você arrumou essa bebida? – perguntei, apontando para a sua bandeja, onde havia um enorme copo de plástico com

a logomarca MORANGO JULIUS. – A gente não tem permissão para sair da escola, sabia?

– Ah, os terrores da detenção. – Lucius suspirou, levantando o copo para beber pelo canudinho grosso. Um líquido vermelho, espesso, foi sugado. Ele engoliu com satisfação. – Não o bastante para me afastar dos prazeres de um “Morango Julius”. Acho que estou viciado.

– Você deveria jogar isso fora – falei, estendendo a mão para o copo. – Sério, se for pego...

Lucius puxou a bebida antes que eu pudesse tocar nela.

– Acho melhor não. E aconselho você a não derramar isso.

Olhei para o seu rosto, sem saber o que ele queria dizer. Os olhos negros eram maliciosos.

– Anda – ordenei, pegando um pouco de gelatina de limão. – Estamos segurando a fila. Vamos pagar, se não quiser mais nada.

Levamos as bandejas para a caixa e, enquanto eu enfiava a mão nos bolsos, Lucius pegou sua carteira e a abriu.

– Por minha conta.

– De jeito nenhum. – Encontrei alguns dólares embolados no bolso, mas Lucius foi mais rápido. Entregou uma nota de 20 à mulher do bandejão.

– Fique com o troco. – Ele sorriu para ela, dobrando a carteira e pegando as duas bandejas.

– Mas... – Ela começou a protestar.

– Ele ainda não está acostumado com nosso dinheiro – expliquei, me virando para Lucius. – Nosso almoço só custou, tipo, 6 dólares.

Lucius franziu a testa.

– Jessica, você acha que não estou familiarizado com o valor de várias moedas do mundo, em especial o dólar americano, que é o padrão universal? Eu moro na Romênia, não numa bolha.

A mulher do bandejão ainda estava segurando o troco, insegura.

– Eu dou a ele mais tarde – falei, aceitando o dinheiro.

– Olhe, ali está Melinda, acenando um tanto histericamente para nós – observou Lucius, carregando nossas bandejas. – Ela é bem efusiva, não é?

– Pelo jeito você vai comer com a gente.

Bufei, seguindo-o enquanto ele deslizava pelo labirinto de mesas em direção a Mindy. Alguns alunos levantaram os olhos ou até mesmo se desviaram do caminho enquanto o adolescente alto que vestia camisa branca muito engomada, calça preta e botas engraxadas ia passando. Lucius não parecia nem um pouco incomodado com a atenção. Pelo contrário: tive a sensação de que se achava merecedor de nada menos do que isso.

– Ei, Jess. – Mindy sorriu quando chegamos. Ficou vermelha. – Oi, Lucius.

– Melinda, que bom ver você – disse Lucius, pondo nossas bandejas sobre a mesa. – Você está estonteante hoje.

Minha melhor amiga ficou ruborizada de prazer.

– Bom, obrigada. Deve ser a blusa nova. É Abercrombie, do outlet. – Ela apontou para a calça preta e justa de Lucius. – E, por falar em roupa, essa calça é show. Todo mundo em Roma se veste como você? Ou só os caras da família real?

– Romênia – corrigi. – Não é Roma.

– Ah, é tudo na Europa. – Mindy fez pouco caso do que falei, ainda olhando para Lucius com uma expressão que só poderia ser descrita como embasbacada. – De qualquer jeito, essa calça é maneiríssima.

Lucius sorriu.

– Vou dizer ao meu alfaiate que a obra dele é “show” e “maneiríssima”. Tenho certeza de que ele ficará agradecido em saber que pode competir com a Gap.

Ele fez menção de puxar uma cadeira para mim, mas foi minha vez de segurar sua mão.

– Eu puxo.

– Como quiser – respondeu ele, recuando.

– Ah, eu gostaria de morar na Romênia – suspirou Mindy, apoiando o queixo nas mãos gorduchas. – Seus modos são tão...

– Impecáveis. – Lucius forneceu a palavra a ela.

– Ah, que ótimo – murmurei, examinando minha bandeja. – Esqueci de pegar uma colher.

– Já volto – ofereceu Lucius, levantando-se.

– Não, eu pego – insisti, levantando-me também.

Lucius passou por trás de mim, apertou meus ombros com aquelas mãos poderosas e me guiou de modo delicado porém firme de volta para a cadeira. Ele se inclinou por cima de mim, falando baixinho, ainda me segurando. Seu hálito frio roçou minha orelha e mais uma vez tive aquela sensação traidora, de frio na barriga.

– Jessica, pelo amor de Deus – disse ele. – Permita que eu faça ao menos uma gentileza comum por você. Apesar do que prega o feminismo, o cavalheirismo não sugere que as mulheres sejam impotentes. Ao contrário: ele é uma admissão da superioridade das mulheres. Um reconhecimento do poder que *vocês* têm sobre *nós*. Essa é a única forma de servidão que um Vladescu se permite e eu faço isso com prazer por você. Sua obrigação é aceitar com graciosidade.

Lucius soltou meus ombros e saiu andando antes que eu pudesse responder.

– Não faço ideia do que ele quis dizer, mas foi, tipo, a coisa mais excitante que alguém já falou. – Mindy seguiu Lucius com o olhar.

– Como você é sortuda! Por que meus pais não recebem estudantes de intercâmbio?

– Eu gostaria que ele fosse problema *seu* – respondi. *Ah, como gostaria!* Se ao menos Mindy soubesse como Lucius Vladescu era maluco! Se soubesse o que ele dizia ser... – Por que ele precisa agir assim? Só quero que me deixe em paz.

Mindy enfiou um canudinho em sua caixinha de achocolatado.

– Não entendo você, Jess. Quando a gente tinha 5 anos, você só queria se vestir de princesa. Agora um príncipe encantado de verdade fica de quatro por sua causa e você reclama!

– Ah, Min, só não fique encorajando o cara, beleza?

– Está vidrada demais no Jake Zinn para ver que a realeza europeia está dando em cima de você, Jess. Vai perder seu tempo com um cara que se diverte tirando leite de vaca?

– A família do Jake nem tem vacas – protestei. – Eles mexem com agricultura. Ei, achei que você gostasse do Jake. Ficou babando pelos músculos dele outro dia!

– Ah, ei, Lucius – disfarçou Mindy, me chutando por baixo da mesa. – Você voltou depressa.

– Não queria que a gelatina ficasse ainda menos palatável de tanto esperar – disse Lucius atrás de mim, inclinando-se de novo por cima do meu ombro, arrumando meus talheres na bandeja. Garfo à esquerda do sanduíche de carne moída. Faca e colher à direita. – Esse é o modo americano também, não é?

– E o que você faz na Romênia além de frequentar, tipo, a melhor escola de etiqueta do mundo? – perguntou Mindy enquanto Lucius se sentava.

Ele se recostou na cadeira dobrável de metal e esticou as pernas compridas pelo corredor, empurrando para o lado as batatas fritas intocadas.

– Bom, minha formação é bastante rigorosa, embora eu tenha tutores particulares. Quando sinto vontade, desfruto de viagens a Bucareste e Viena. A caça é popular nos Cárpatos. E também a equitação.

– Olha, você e Jess têm algo em comum! – exclamou Mindy. Lancei-lhe um olhar de reprovação.

– Têm, sim!

Lucius arqueou as sobrancelhas, intrigado.

– Verdade, Jessica? Achei que toda a sua atividade equestre se resumisse a limpar os estábulos – provocou ele. – Não fazia ideia de que era familiarizada com a visão que se tem de cima de um cavalo. Por que guardou segredo?

– Eu não queria você espreitando no estábulo, assustando minha égua – respondi antes de dar uma mordida no sanduíche de carne moída proibido.

– Jess vai saltar no concurso do Clube da Juventude no outono – acrescentou Mindy.

Lucius sorriu em sinal de aprovação.

– Sabe, sou conhecido como o melhor cavaleiro de minha cidade natal, Sighișoara. Talvez possa ajudá-la a mon...

– Não! – exclamei, mais alto do que pretendia. Baixei a voz. – Não preciso de ajuda, tá?

– Tem certeza? Fui capitão da seleção amadora de polo da Romênia.

– Ah, qual é – gemi, enfiando uma colherada de gelatina na boca.

– Melhor pegar leve com a sobremesa, Pacotão – gritou alguém. – Você já balança feito uma tigela cheia de gelatina.

*Ah, não...* Era o gorducho do Frank Dormand que, acompanhado por Faith Crosse e Ethan Strausser, seu namorado atleta, passava gargalhando perto da nossa mesa.

– Olha quem fala, Dormand – alertei. – Pelo menos a minha gordura não está toda dentro da cabeça.

Mas eles já estavam se afastando, rindo juntos.

– Inaceitável. – Lucius se endireitou na cadeira, com incredulidade na voz. – Ele acabou de *zombar* de você, Jessica? – perguntou, começando a se levantar.

– Lucius, deixa pra lá – falei, apertando seu braço. – Já cuidei disso. Como sempre faço.

Lucius me olhou com desconfiança.

– Devo permitir que aquele... aquele... quadrúpede zombe de você?

Segurei com força a manga de sua camisa, sentindo os músculos retesados, mesmo através do tecido.

– É só Frank Dormand bancando o panaca, como de costume – respondi. – Não comece uma briga por causa disso.

Por um momento Lucius pareceu esquecer Frank enquanto voltava a se sentar, claramente perplexo, examinando meu rosto.

– Jessica, eu não entendo. Logo você, suportar zombarias...

– Chega, Lucius – alertei, implorando em silêncio, encarando seus olhos escuros. *Por favor, não mencione vampiros, noivados nem nada sobre eu ser uma princesa. Não com a Mindy aqui. Nem agora nem nunca.* – Sei como cuidar disso.

Lucius desistiu, embora com óbvia relutância.

– Como quiser. Mas só vou ceder uma vez. A atitude desses imbecis com relação a  *você*, Jessica, não ficará sem resposta de novo.

Ele se recostou na cadeira, cruzando os braços, olhando a porta pela qual Frank, Faith e Ethan haviam partido. Ele observava atentamente, como se desejasse que os três voltassem para testá-lo. Parecia estar tramando, criando estratégias, imaginando a briga. Seu olhar era tão frio e amedrontador que até Mindy ficou quieta, pela primeira vez na vida.

Terminamos o almoço em silêncio. Lucius não comeu nada, só tinha dado alguns goles no Morango Julius de vez em quando, distraído, enquanto olhava para a porta. Quando saímos do refeitório, ele jogou o copo vazio na lata de lixo.

– Espero que ele arrebente a cara do Frank um dia desses – sussurrou Mindy, esvaziando sua bandeja. – Seria moleza. Lucius parecia pronto para  *matar* por você.

Do jeito que Mindy falou, aquilo pareceu quase romântico. Mas eu também tinha visto a expressão de Lucius e sentido sua raiva

mal contida nos músculos tensos sob minha mão.

Não, a perspectiva de Lucius Vladescu me vingar por qualquer coisa não era nem um pouco romântica. Pelo contrário, havia acabado de me encher de uma apreensão que beirava o pavor. Quanto mais eu pensava na combinação Ethan, Frank, Faith, Lucius e eu, mais eu tinha certeza de que era algo que só poderia terminar em desastre.

# CAPÍTULO 10

CARO TIO VASILE,

*Talvez a lentilha seja o alimento mais versátil e indestrutível do mundo.*

*É possível comer lentilha sem adornos, casá-la com seu primo em primeiro grau, o rude "bulgur", ou tentar afogá-la em vinagre para uma "salada vegana". Mas, infelizmente, a lentilha sempre sobreviverá. De fato, no lar dos Packwood, a pequena e tenaz leguminosa ressuscitará à força, sempre livre de qualquer coisa que se assemelhe a sabor, e insinuará seu eu indomável, lenticular, em mais um prato da refeição, esperando ser consumida. De novo e de novo e de novo.*

*E nem me fale de gelatina e de sanduíche de carne moída.*

*PELO AMOR DE DEUS, VASILE.*

*Por quanto tempo mais devo suportar tudo isso no interesse da paz entre os clãs? Devo me sacrificar como o primeiro prisioneiro em uma guerra que ainda nem começou?*

*Honestamente, Vasile, não se trata apenas da comida (ou do que os Packwood e o Departamento de Educação da Pensilvânia insistem em chamar de comida).*

*As escolas de ensino médio dos Estados Unidos deveriam ser consideradas ilegais segundo as regras da Convenção de Genebra. As crueldades indescritíveis que suporto deixariam perplexo até o senhor, um especialista no assunto!*

*Como sabe, sempre fui curioso a respeito de nossa imortalidade, sobre como será continuar a viver através dos anos (presumindo que evitemos a estaca, como pretendo fazer). Não preciso especular mais. Senti uma amostra da eternidade na aula de*

*"estudos sociais" da Srta. Campbell, no quinto tempo de aula. Três dias sobre o conceito de "Destino Manifesto", Vasile. TRÊS DIAS. Minha vontade era me levantar, arrancar as anotações de suas mãos pálidas e gritar: "Sim, os Estados Unidos se expandiram para o oeste! Isso não é lógico, dado que os europeus se estabeleceram na margem leste? O que mais eles poderiam fazer? Avançar inutilmente mar adentro?"*

*Mas não devo reclamar. Não seria de bom-tom perder a compostura. Devo perseverar, lutando contra a tentação de apenas ficar com cara de bobo, como faz a maioria dos meus "pares" (em seus sonhos!), que mergulham em um estado de torpor coletivo, de vazio, parecido com um transe, e que dura o tempo de cada aula. (Se bem que às vezes invejo secretamente sua capacidade de esvaziar a mente por completo durante 50 minutos, reanimando-se apenas ao som de uma campainha, como os cães de Pavlov. E então, saem latindo e ganindo pelos corredores até que as aulas recomecem...)*

*No entanto, sem dúvida, o senhor está mais intrigado com as notícias da corte do que com as de minha "educação". Assim sendo, passarei a falar de meu progresso com Antanasia.*

*Fico contente em informar que, às vezes, minha futura princesa demonstra sinais de possuir grande presença de espírito. Infelizmente, toda a considerável força de vontade de Antanasia, seu "pique" (para usar uma palavra daqui), se concentra em rejeitar a minha pessoa.*

*Verdade seja dita: ela demonstra uma dedicação implacável a essa missão.*

*Enquanto isso, tenho a sensação de que Antanasia sente uma atração indevida por um carregador de feno (um camponês! E baixinho, ainda por cima!) que tem aparência e postura tão pouco notáveis a ponto de, mesmo ocupando uma carteira perto da minha na aula de literatura inglesa (em grande medida assumi o*

*papel de orientador nessa matéria – talvez eu ganhe uma "monitoria"!), eu nunca conseguir me lembrar de seu nome. Justin? Jason? (Infelizmente esses dois palpites são bons. Parece que temos um punhado de cada um deles aqui, na Woodrow Wilson.)*

*O fato é que pareço ter "concorrência", Vasile. Concorrência por parte de um camponês, cujas grosseiras estratégias para cortejá-la incluem aparecer na fazenda dos Packwood, desnecessariamente sem camisa, para contrair os músculos na frente dela! Exibindo-se como um faisão estufado! E se o senhor pudesse vê-la flertando com o palerma...*

*Será que isso pesa contra Antanasia – ou contra mim, a quem ela despreza?*

*E se os Dragomir desenvolveram uma queda por camponeses, não deveríamos deixar que sua linhagem se rebaixe naturalmente, em vez de nos unirmos a eles?*

*Estou de pilhéria.*

*Claro que vencerei. (Um Vladescu contra um trabalhador braçal... eu poderia ganhar Antanasia com uma das mãos amarrada às costas e talvez usando uma venda.) Mas toda a situação é desanimadora, para dizer o mínimo. Pensar que Antanasia considera flertar com um caipira quando um príncipe demonstra interesse... Quando um Vladescu demonstra interesse! Culpo as lentilhas. Pode-se esperar que um nobre acostumado com carne alcance o máximo de rendimento à base de grãos empapados?*

*Recentemente me senti ainda mais desanimado ao testemunhar Antanasia sendo maltratada por um dos personagens mais tediosos da Escola Woodrow Wilson, um garoto com o nome infeliz de Frank Dormand. (Não é de espantar que ele seja a própria dormência!) Imagine só: um simplório insultando uma princesa vampira. Fiquei ali sentado, perplexo, incapaz de acreditar no que via e ouvia. Isso não acontecerá de novo. Estou ciente de que*

*devo seguir as regras de conduta locais (infelizmente há sanções rígidas contra cabeças rolarem nas ruas por aqui), mas outro insulto vindo de um "Dormente" não será suportado. Minha futura esposa – ainda que com uma inclinação camponesa temporária – não precisará aceitar mais insubordinação.*

*Não é apenas o insulto que me perturba, Vasile. Eu lhe pergunto: como Antanasia pode entender seu real valor sendo criada nessas circunstâncias? É surpreendente que pense em ser consorte de um roceiro? Se houvesse sido criada na Romênia, educada como uma governante, Antanasia jamais aceitaria um insulto vindo de um plebeu. Teria ordenado que o ofensor fosse executado como o vira-lata imundo que ele é. Aqui, tudo o que ela pôde fazer foi contra-atacar com sua sagacidade (grosseira, mas encorajadoramente cortante) – uma arma, sim, mas uma princesa deveria ter poder verdadeiro em suas mãos.*

*Estou preocupado com isso, Vasile. Os governantes não nascem prontos, como sabe. São forjados. Antanasia não sabe nada sobre exercer o poder. O que isso significará para ela e para os clãs que comandará quando assumir o trono?*

*Mas eis o ponto principal de minha missiva. O senhor poderia liberar, digamos, mais 23 mil lei – o equivalente a cerca de 10 mil dólares americanos – do meu dinheiro sob sua custódia? Estou interessado em uma pequena compra, relacionada, obviamente, à corte que faço a Antanasia. E pode ser que eu precise usar uma pequena parte para adquirir um módico estoque de carne vermelha.*

*Desde já agradeço pela generosidade.*

*Seu sobrinho,*

*Lucius*

*P.S.: O treino de basquete começará logo. Talvez o senhor queira pegar um avião e assistir a um jogo.*

*Acho que não.*



# CAPÍTULO 11

– Por que Lucius não ajuda com os pratos? – reclamei, entregando a mamãe um prato que pingava. – Ele come com a gente. Poderia ajudar na limpeza. E, além disso, estou cansada de cuidar da roupa suja desse cara. Ele sempre reclama e pede goma. Quem usa goma, afinal?

– Entendo sua frustração, Jessica. – Mamãe enxugou o prato com um pano. – Mas seu pai e eu discutimos isso e ambos achamos que Lucius já tem dificuldades suficientes em se adaptar à vida nos Estados Unidos.

– Ele se adaptou muito bem. Bem demais, se você quer saber.

– Não confunda a presunção de Lucius com felicidade. A vida dele sofreu mudanças bastante drásticas, isso sem termos que forçá-lo a um trabalho extra que, na casa dele, seria feito pelos serviçais.

– Pelo menos é o que ele diz.

Mamãe riu.

– Independentemente do que esteja pensando sobre a... é... a vampirice de Lucius...

– Acho que isso não passa de um monte de mer... Quero dizer, de papo- -furado.

– A verdade é que Lucius vem de uma família muito rica, privilegiada.

Mergulhei as mãos na água com detergente, procurando talheres submersos.

– Privilegiada até que ponto? Às vezes fico em dúvida sobre os cavalos de polo e as viagens a Viena.

– Ah, eu não ficaria surpresa, Jessica. A família Vladescu mora numa propriedade bem impressionante. É um castelo, na verdade. No alto dos montes Cárpatos.

– Um castelo? – Ninguém mora em castelos, a não ser nos filmes da Disney. – E você viu esse “castelo”?

– Só pelo lado de fora e era bem imponente. Não tivemos permissão para entrar. Os Vladescu não eram os vampiros mais acessíveis... – Pareceu que ela iria se aprofundar nisso, mas mudou de ideia. – Os Dragomir foram mais receptivos.

Estávamos chegando muito perto de uma discussão sobre meus pais biológicos.

– Como era? O castelo?

Mamãe sorriu.

– Essa é a primeira vez que vejo você intrigada com alguma coisa relativa a Lucius.

Lavei algumas facas.

– Só com a casa dele.

Mamãe jogou o pano de prato no ombro e se encostou na bancada.

– Não com Lucius? Nem um pouquinho?

Percebi a sugestão sutil em sua voz.

– Mãe! Não!

– Jessica, admita: Lucius é um rapaz atraente e sem dúvida está interessado em você. Seria natural se você demonstrasse algum interesse também. Não seria algo do que se envergonhar.

Enfiei um pirex embaixo d’água e o esfreguei um pouco para soltar a lentilha grudada nas laterais.

– Ele acha que é um vampiro, mamãe.

– Isso não muda o fato de que Lucius Vladescu é um rapaz charmoso, poderoso, rico e bonito.

Lembrei-me da sensação da mão forte de Lucius roçando meu rosto na noite em que nos conhecemos. Daquela sensação de frio

na barriga. E do fato de ele ter verbalizado a intenção de morder meu pescoço.

– Alguma vez você me viu olhar para Lucius com algo que não fosse aversão? Fala sério!

Mamãe sorriu.

– Você ficaria surpresa com a frequência com que a aversão vira desejo.

Havia uma expressão sabichona em seus olhos, como se ela tivesse acabado de ler minha mente enquanto eu me lembrava de Lucius tocando meu rosto.

Fiquei vermelha.

– Isso parece alquimia, que é tão real quanto os vampiros.

– Ah, Jessica. – Mamãe suspirou. – O que é o amor, senão uma forma de alquimia? Existem forças no Universo que simplesmente não somos capazes de explicar.

É. Forças como a gravidade de um buraco negro distorcendo o tempo. E a infinitude de pi vagando pelo Universo. Essas eram forças e realidades *verdadeiras*. Misteriosas, é claro. Mas também mensuráveis e talvez compreensíveis se aplicássemos matemática e física. Por que meus pais não conseguiam entender isso? Por que precisavam olhar o mundo e enxergar magia e sobrenatural onde eu via números e elementos?

– Eu não gosto do Lucius, mamãe, então pode esquecer a alquimia, a aversão e principalmente o desejo – anunciei, enxaguando o pirex.

Mamãe não pareceu convencida enquanto enxugava mais pratos.

– Bom, se os seus sentimentos mudarem, pode conversar comigo. Tenho a sensação de que Lucius é um rapaz muito experiente. Eu não gostaria que você se sentisse perdida...

– Jessica está perdida em alguma coisa? Posso ajudar?

Mamãe e eu nos viramos e vimos Lucius parado junto à porta da cozinha. *Há quanto tempo estava ali? O que será que ouviu?*

"*Aversão vira desejo*"?

Se mamãe ficou sem graça por ser apanhada falando de Lucius pelas costas, isso não se revelou no seu rosto.

– Jess vai ficar bem, Lucius. Mas obrigada por perguntar. O que o traz lá da garagem?

– Desejo por aquele delicioso sorvete de tofu e alfarroba que a senhora guarda no freezer. – Lucius foi até a geladeira e abriu a porta de cima. – Estão servidas?

– Eu vou ao estábulo ver uns gatinhos que seu pai achou – respondeu mamãe, falando comigo. – Acho que podemos abrigar mais uma ninhada, mas gosto de fingir resistência. Se encorajá-lo demais, ele vai extrapolar. – Ela deu um tapinha no ombro de nosso estudante de intercâmbio enquanto saía da cozinha. – Boa noite, Lucius.

– Tenha uma noite agradável, Dra. Packwood. – Lucius pôs a imitação de sorvete na bancada e pegou duas tigelas no armário, estendendo-as em minha direção. – Jessica, posso tentá-la?

– Obrigada, mas estou evitando sobremesa.

– Por quê? – Lucius pareceu curioso. – Sei que alfarroba não é o sabor mais atraente do mundo, mas as sobremesas são um dos maiores prazeres da vida, não acha? Raramente deixei de comer, a não ser quando seu pai tentou fazer aquela torta de abóbora sem ovos ou leite. Nem valia o esforço de levar o garfo à boca.

Tirei o protetor do ralo da pia, deixando a água escoar.

– Você não é gordo. Pode comer sobremesa.

Quando levantei o olhar do redemoinho de água, Lucius franzia a testa e me olhava de cima a baixo.

– O que é? – Olhei para minha camiseta regata e meu short. – Tem alguma coisa em mim?

– Certamente você não acha que está *acima do peso*, Jessica – disse ele, com incredulidade nos olhos. – Você acreditou naquele

*imbecil* que a provocou no refeitório? Eu sabia que deveria tê-lo silenciado.

– Isso não tem nada a ver com Dormand, que é problema meu, não seu. Só preciso perder um quilo, só isso. Fica tranquilo.

Lucius abriu o pote, balançando a cabeça.

– Mulheres americanas. Por que todas vocês querem ficar quase invisíveis? Por que abrir mão de ter uma *presença física* no mundo? As mulheres deveriam ter *curvas* e não ângulos. – Com um tremor debochado que ele geralmente reservava para a culinária de papai, acrescentou: – As mulheres americanas são *pontudas* demais, todas projetando omoplatas e ossos do quadril.

– Está na moda ser magra – argumentei. – É bonito.

– Nunca se deve confundir moda com beleza – corrigiu Lucius. – Confie em mim: os homens não gostam do que dizem as revistas de moda. Eles não acham que as mulheres esqueléticas são bonitas. A maioria prefere curvas. – Ele enfiou uma colher no tofu congelado e avançou em minha direção, estendendo-a para o meu rosto. – Coma. Fique feliz por ter curvas. Por ter uma *presença*.

Dei um sorrisinho sem graça, mas mesmo assim empurrei sua mão. Pretendia perder uns dois quilos.

– Não, obrigada.

Lucius suspirou irritado e enfiou a colher de volta no pote.

– Antanasiá, aceite quem você é. Uma mulher com o poder que você desfrutará não precisa seguir a moda nem se abalar com a zombaria maliciosa dos inferiores.

– Pode parar com esse papinho de realeza – avisei, batendo com o pano de limpar a pia. Qualquer pequeno sentimento caloroso que eu pudesse ter tido pelo Lucius desapareceu. De repente senti raiva. – E não me chame por esse nome.

– Ah, Jessica. Eu não quis chateá-la – disse ele, pousando o pote na bancada. Sua voz se suavizou. – Eu só tentei...

– Sei o que você tentou. Você tenta todo dia.

Nós estávamos parados, olhando um para o outro. Lucius começou a estender a mão para mim e de repente mudou de ideia.

– Olha, precisamos ter uma conversa séria – anunciei. – Sobre todo esse negócio de “pacto”. Esse lance de “fazer a corte”.

Lucius fez uma pausa, pensativo. E então, para minha surpresa, concordou.

– É. Acho que deveríamos.

– Agora.

– Não – respondeu ele, pegando a imitação de sorvete de novo. – Amanhã à noite. Nos meus aposentos. Tenho algo para lhe mostrar.

– O quê?

– Prefiro que seja surpresa. É outro dos grandes prazeres da vida. Na maior parte das vezes. Bom, algumas vezes.

Não gostei da ideia. Tinha encarado surpresas o bastante nos últimos tempos. Mas mesmo assim concordei. Não me importava se Lucius me daria de presente a escritura do seu castelo, um rebanho de ovelhas – ou o que quer que usassem como dote na Romênia. Iria convencê-lo de uma vez por todas de que nosso “noivado” estava rompido.

– Então, até amanhã à noite – falei, enxugando a bancada. – E lave a tigela quando terminar.

– Boa noite, Jessica.

Eu sabia que encontraria aquela tigela na pia no dia seguinte.

\* \* \*

Mais tarde, naquela noite, caí no sono pensando na afirmação de mamãe, de que a aversão podia se transformar em desejo. Com certeza isso não era verdade. Ou era? Ninguém mais acreditava em alquimia. Não era possível criar ouro a partir de pedras ou de chumbo.

Mas, quando dormi, sonhei com Lucius. Estávamos de pé na cozinha e ele segurava aquela colher perto do meu rosto. Só que não estava mais cheia de tofu congelado. Estava cheia da calda de chocolate mais deliciosa e luxuriante que se poderia imaginar.

– Experimente – instigou Lucius, apertando a colher de leve contra meus lábios. – O chocolate é um dos maiores prazeres da vida. – Seus olhos negros reluziam. – *Um deles, pelo menos.*

Senti vontade de protestar. *Estou gorda... muito gorda...* Mas ele ficava segurando aquela colher e o chocolate, começando a pingar, era tentador demais para que qualquer mortal resistisse. Acabei abocanhando tudo. Era suave como seda na minha língua. Juro que senti o gosto. Apertei a mão de Lucius com força, firmando-a e fechando os olhos enquanto engolia o resto do doce elixir imaginário. Quando terminei e abri os olhos, a colher havia desaparecido, como acontece com as coisas nos sonhos, e éramos só Lucius e eu, meus dedos entrelaçados nos dele, meu peito e minhas curvas pressionadas contra seu corpo firme.

Ele sorriu para mim, revelando aqueles dentes incríveis de um branco surreal.

– Você não se arrependeu disso, certo? – perguntou ele, e começou a cheirar meu pescoço. – Foi perfeito, não foi? – sussurrou no meu ouvido. Então Lucius me envolveu completamente com seus braços fortes, me abraçou, me apertou...

E aí acordei, estatelada na cama.

Estava amanhecendo e a luz do sol entrava pela minha janela. Eu estava ofegante. *Uau.*

Fiquei de lado, encolhida. Estava voltando à realidade quando a luz do sol se refletiu em alguma coisa brilhante no piso ao lado da porta fechada. Um marcador de prata se projetando de um livro. Um volume fino.

Aquilo não estava ali quando me deitei. Devem ter passado por baixo da porta.

Afastei as cobertas, peguei o livro e virei-o para ler o título: *Crescendo como morto-vivo – Um guia para o vampiro adolescente sobre namoro, saúde e emoções*. A parte de cima do marcador estava gravada com um LV, em letras grossas.

*Ah, meu Deus, não.* O guia de que Lucius falou no dia em que nos conhecemos. Tive uma vaga lembrança de ele ter mencionado aquilo – logo depois de anunciar seus planos de me morder.

Desabei no chão, olhando o presente não desejado.

Então, mesmo contra o bom senso, abri nas páginas marcadas, lendo o capítulo intitulado "Mudanças no seu corpo". *Ah, fala sério!* Havia um trecho sublinhado em tinta vermelha. "As jovens damas tendem a se sentir confusas com as mudanças no corpo. Mas não fiquem com vergonha! Desenvolver curvas é parte natural de se tornar uma vampira adulta."

Contive a vontade de gritar. *Não preciso dos conselhos de Lucius Vladescu sobre me tornar "adulta", especialmente uma "vampira adulta". E quem escreveu essa porcaria, afinal? Quem publicaria um livro de educação sexual para seres míticos? Isso só serviria para alimentar a loucura de gente iludida...*

Antes que eu jogasse aquela coisa no cesto de lixo, que era o lugar adequado, dei uma olhadinha rápida nas páginas iniciais, procurando o nome da editora. Mas um bilhete escrito à mão atraiu meu olhar.

*Querida Jessica,*

*Claro que nunca precisei de conselhos em nenhum desses tópicos – por favor, "emoções"? –, mas achei que você, como "recém-chegada", por assim dizer, pudesse encontrar alguma*

*utilidade neste guia. Apesar do tom irritante e superficial, ele é bastante respeitado por nossa raça.*

*Aproveite – e me consulte se tiver dúvidas. Eu me considero um especialista. A não ser no quesito “emoções”.*

*Seu,*

*L.*

*P.S.: Sabia que você ronca? Acho que tem sonhos agradáveis!*

Ele simplesmente não desistia.

Quando fechei o livro, notei que havia algo enfiado perto das páginas finais. Um envelope. Era macio e quase transparente. Respirei fundo ao perceber que continha uma foto. Mesmo através do papel pude distinguir a imagem de uma mulher.

*Não.*

Eu sabia, mesmo sem olhar, quem estava na foto. *Minha mãe biológica...*

Enfiei o envelope de volta no livro. Lucius não iria me manipular, não me forçaria a encarar o passado. Não podia me obrigar a olhar para a mulher perturbada que tinha me entregado a estranhos.

Lutando contra a raiva – raiva de Lucius, dos segredos tristes e embaraçosos do meu passado –, joguei o livro embaixo da cama. Não queria que mamãe o encontrasse ao esvaziar meu cesto de lixo. Eu poderia rasgá-lo e enterrá-lo na pilha de adubo mais tarde.

Enquanto o volume fino deslizava pelo piso de madeira até parar em meio aos cotões de poeira, fiquei pasma com uma constatação: será que Lucius estava parado do outro lado da porta enquanto eu sonhava com ele? *Ai, que vergonha.* Por que fui ter aquela fantasia noturna? E o que Lucius quis dizer com “sonhos agradáveis”? Por que escreveu aquilo?

Só esperava que, além de roncar – coisa que eu *não* fazia –, eu não falasse durante o sono. Então me lembrei, com algo mais do que apenas receio, de que havia concordado em encontrar Lucius sozinho em seu apartamento, naquela noite.

## CAPÍTULO 12

— Bem-vinda – disse Lucius, abrindo a porta do seu quarto e recuando para que eu entrasse. – Você é minha primeira visita.

– Grande coisa.

Lucius fechou a porta atrás de nós.

– Ora, essa é uma reação muito agradável. Digna de uma dama. Fiquei boquiaberta.

– O que você fez com esse lugar? – Enquanto meus olhos se acostumavam à luz fraca, fui notando mais e mais detalhes no cômodo. – Uau! – O quarto, que já fora decorado com lixo de brechó, tinha sido reformado ao estilo do que presumi ser um castelo romeno. Uma colcha de veludo vermelho-sangue decorava a cama, um tapete persa elegantemente desgastado cobria parte do carpete bege remanescente e as paredes tinham sido pintadas de um cinza-azulado fechado. Cor de pedra. Meu olhar parou de repente num suporte na parede com o que pareciam ser armas antigas. Coisas afiadas. Coisas pontudas. – O que aconteceu com a coleção internacional de bonecos indígenas da mamãe?

– Eles foram repatriados.

Pela expressão irônica e satisfeita no rosto de Lucius, tive a sensação de que o exílio dos bonecos era permanente.

– Mamãe e papai vão matar você quando virem isso.

– Impossível. – Ele riu. – Além do mais, é tudo superficial. Pode ser revertido. Mas por que alguém preferiria badulaques vagabundos a isso... – Ele fez um gesto indicando o quarto ao redor. – E você, Jessica? Gosta do que fiz?

– É... interessante – respondi, evasiva. – Quando você arrumou tempo para fazer isso e sem que ninguém percebesse?

– Pode-se dizer que sou uma pessoa de hábitos noturnos.

À medida que minha perplexidade foi se esvaindo, a raiva contra Lucius voltou à superfície.

– Por falar em suas atividades noturnas, não gostei do livro – avisei. – Nem de como você o entregou.

Lucius deu de ombros.

– Talvez, com o tempo, você o considere útil.

– Claro. Vou deixá-lo na minha estante, bem ao lado do *Guia para o idiota sobre como se tornar uma criatura que não existe*.

Lucius gargalhou.

– Muito engraçado. Eu não sabia que você fazia piadas.

– Sou uma pessoa engraçada – me defendi. – E, a propósito, eu não ronco.

– Ronca, *sim*. E murmura também.

Meu sangue congelou. *O sonho...*

– O quê? O que você ouviu?

– Nada muito inteligível. Mas devia ser um sonho bem agradável. Você parecia em êxtase.

– Não fique espreitando perto do meu quarto – ordenei. – Estou falando sério.

– Como quiser. – Lucius baixou o volume de uma vitrola antiga, em que um disco de vinil empenado girava e gemia uma música estranha, cheia de arranhados e guinchos, como gatos brigando. Ou como um caixão com dobradiças enferrujadas se abrindo e se fechando repetidamente num mausoléu deserto. – Gosta de música folclórica croata? – perguntou ele, vendo o meu interesse. – Faz com que eu me lembre de casa.

– Prefiro música *normal*.

– Ah, sim, a sua MTV com todos os bate-estacas e rebolados. Como uma dose de hormônios adolescentes descontrolados

administrada pela televisão. Não me oponho. – Ele indicou uma poltrona que com certeza não pertencia aos meus pais. *Eles* não compravam nada de couro. – Sente-se, por favor. Diga por que reivindicou esse encontro.

Sentei-me e a poltrona quase me engoliu. Era supermacia.

– Lucius, você precisa parar de me seguir. E precisa ir para casa.

– Você é direta. Gosto disso, Antan... Jessica.

– Eu já me decidi – continuei. – O “casamento” está oficialmente cancelado. Não me importa o que diz o pergaminho. Não me importa o que os velhos do Velho País...

– Os Anciões.

– ...o que os Anciões esperam. Isso não vai acontecer. Estou dizendo agora para você não perder mais tempo. Tenho certeza de que quer voltar para seu castelo.

Lucius balançou a cabeça.

– Não. Precisamos aprender a conviver, Jessica. Não tenho opção quanto a isso, nem você. Assim, sugiro que pelo menos tente cooperar comigo nessa questão.

– Não.

Lucius abriu um pequeno sorriso.

– Você tem mesmo vontade própria. – O sorriso sumiu. – Este não é o momento para usá-la. – Ele começou a andar de um lado para o outro, como tinha feito na aula da Sra. Wilhelm. – Não cumprir o pacto, além de resultar numa crise política, desonraria a memória de nossos pais. Eles queriam isso, em nome da paz.

Olhei para Lucius um pouco surpresa.

– O que aconteceu com seus pais?

– Foram destruídos no expurgo, como os seus. O que você achava?

– Foi mal. Eu... eu não sabia.

Lucius se sentou na cama, inclinando-se para a frente, entrelaçando os dedos.

– Mas, diferente, de você, Jessica, fui criado dentro da nossa raça, com modelos de comportamento adequados.

– Os tais Anciões?

– É. Eles me entregaram aos meus tios. E, se você os conhecesse, como deveria, não teria esse tom de escárnio na voz.

– Ele uniu as palmas das mãos, claramente mascarando alguma frustração súbita. – Eles são terríveis.

Franzi a testa.

– E morar com Anciões terríveis foi uma coisa boa?

– Foi uma coisa adequada. Aprendi disciplina. Honra. – Ele coçou o queixo. – Por meio da força, quando eles achavam necessário.

Minha raiva contra ele foi esquecida.

– Quer dizer que seus tios *batiam* em você?

– Claro que batiam – respondeu Lucius em tom casual. – Repetidamente. Eles estavam criando um guerreiro. Formando um governante. Os reis não são criados com doces, abraços e beijos no colo da mamãe. Os reis têm cicatrizes. Ninguém enxuga suas lágrimas quando você está sentado num trono. É melhor não ser criado para esperar esse tipo de coisa.

– Isso... isso é errado – protestei, pensando nos meus pais, que não suportavam exterminar os cupins que estavam comendo o estábulo, quanto mais bater numa criança. – Como eles puderam machucar você?

Lucius fez pouco da minha compaixão.

– Não falei da disciplina rígida dos Anciões para ganhar sua piedade. Eu era uma criança desobediente. Voluntariosa. Difícil de controlar. Meus tios precisavam me preparar para a liderança. E foi o que fizeram. – Ele olhou bem nos meus olhos. – Aprendi a aceitar meu destino.

Bufei. Estávamos de volta à estaca zero.

– Lucius, isso não vai acontecer. A seita, ou seja lá o que for, não tem nada a ver comigo. Não vou entrar nessa.

Ele se levantou e começou a andar de novo, passando seus dedos compridos pelos cabelos pretos.

– Você não está escutando.

– *Você é que não está escutando – contra-ataquei.*

Lucius esfregou os olhos.

– Desgraça! Você é de enfurecer. Eu disse aos Anciões, há muito tempo, que era insanidade criá-la fora da nossa cultura. Que você nunca seria uma noiva adequada. Uma princesa adequada. Mas todo mundo, dos dois clãs, insistiu na ideia de que você era valiosa demais para correr risco de vida dentro da Romênia...

– Eu não sou uma princesa!

– É, sim – insistiu Lucius. – Você é uma mulher inestimável. Da realeza. Se tivesse sido criada do modo certo, já teria total consciência disso. Estaria pronta para governar. – Ele bateu com um dedo no peito. – Governar ao meu lado. Mas, como está, você continua sendo uma *garota*. – Ele quase cuspiu a palavra. – Eu fui unido, por toda a eternidade, a uma criança!

Um pequeno tremor percorreu minha coluna.

– Você é pirado mesmo.

Ele foi até a estante e estendeu a mão para a parte mais alta.

– E você é impossível.

Pulei da poltrona.

– O que você está fazendo? O que vai pegar?

– Um livro. O item que eu queria mostrar a você. – Lucius pegou na prateleira de cima um volume enorme, lustroso, encadernado em couro, e jogou-o no colchão, onde afundou na manta fofa. Apontou para a cama. – Sente-se aqui. Por favor.

– Vou ficar de pé, obrigada.

Lucius arqueou as sobrancelhas, zombando, sentou-se e deu um tapinha no lugar ao seu lado.

– Está com medo de mim? Com medo de *vampiros*?

– Não. – Juntei-me a ele. Ele se esgueirou mais para perto ainda, até que nossas pernas estivessem quase se tocando, e abriu o livro sobre nosso colo. Dessa vez reconheci as letras romenas nas páginas e os galhos de uma árvore genealógica. – É a sua família?

– Todas as famílias vampiras. Pelo menos as nobres.

O papel estalava enquanto ele procurava o que queria, alisando duas páginas abertas.

– Aqui estamos nós. É onde nós nos conectamos. – Ele bateu com o dedo na junção de duas linhas. – Lucius Vladescu e Antanasia Dragomir.

*De novo, não.*

– Já vi tudo isso antes, lembra? Eu li o pergaminho velho e fedorento.

Ele se virou ligeiramente para me encarar.

– E vai ver de novo. E de novo. Até parar de falar coisas desrespeitosas como “pergaminho velho e fedorento” e entender *quem você é*.

Pela primeira vez não contra-ataquei com uma resposta rápida. Algo em sua expressão me impediu.

Depois de um longo silêncio, Lucius voltou a atenção ao livro. Percebi que precisava respirar, depois de prender o fôlego por alguns segundos. *Droga*. E minha barriga parecia cheia de gatinhos se revirando. Ignorei por um momento a árvore genealógica e olhei o perfil de Lucius. Uma mecha dos cabelos cor de ébano estava caída sobre a testa e um músculo estremecia no maxilar. Uma pequena cicatriz acompanhava a linha do queixo, onde ele havia coçado.

*Honra. Disciplina. Força. O que aqueles Anciões fizeram com ele?*

Eu estava acostumada a homens como meu pai e os outros pais que conhecia. Caras legais. Caras que usavam mocassins, jogavam bola com os filhos e colocavam gravatas divertidas no

Natal. Lucius era tão diferente deles quanto sua coleção de armas era diferente dos bonecos de mamãe. Ele era inegavelmente charmoso quando queria, seus modos eram educados, mas havia uma aspereza logo abaixo da superfície.

– Estes são seus pais – continuou Lucius, a voz muito baixa. Olhei para a árvore genealógica enquanto ele passava os dedos sobre os nomes Mihaela e Ladislau, logo acima do meu.

Minha mãe verdadeira. E meu pai. A data da morte dos dois também estava escrita ali.

Contive um gemido de frustração e raiva. *Por que precisamos falar dos meus pais biológicos?* Este deveria ser um ano feliz para mim. Um período despreocupado. Mas Lucius havia chegado e, com ele, o meu passado. Ele não só jogou em cima de mim essa história absurda sobre vampiros e casamentos, como também cismava em tentar me prender ao meu passado *verdadeiro*. Enrolava uma corda no meu pescoço e me arrastava por um cemitério. A presença de Lucius era uma lembrança constante de quem eu poderia ter sido na Romênia. Uma lembrança não somente de vampiros, mas também de fantasmas. Os fantasmas de Mihaela e Ladislau Dragomir.

A tristeza de Lucius fez sua voz ficar mais suave ainda. Ele seguiu as palavras desconhecidas *Valeriu e Reveka*.

– E estes eram os meus pais.

Senti vontade de dizer alguma coisa. A coisa certa. Mas não sabia o que poderia ser, para qualquer um de nós.

– Lucius...

– Está vendo essa data? – continuou ele, sem me olhar. – Embaixo dos nossos nomes? Isso marca nossa cerimônia de noivado. Nossos pais escreveram essa data. Pelo menos um deles escreveu. – Um lampejo de sorriso melancólico brincou em seus lábios. – Foi um grande dia para os Vladescu e os Dragomir.

Nossos dois clãs guerreiros em paz. Preparados para se unirem. Quanto poder num só lugar! Quantas vezes ouvi essa história!

– Mas é só isso... uma história.

– É um édito. – Lucius fechou o livro com um baque surdo. – Nosso destino é ficarmos juntos. Independentemente do que sentimos um pelo outro. De quanto você me despreze.

– Não desprezo você...

– Não? – Suas sobrelhas se arquearam e sua boca se retorceu num sorriso malicioso. – Você quase me enganou.

Decidi virar a mesa.

– Você fala um bocado sobre obrigação, dever e cavalheirismo, mas também não tenho a impressão de que gosta tanto assim de mim. Nunca disse que quer se casar comigo. Acabou de me chamar de criança!

Lucius demorou um tempo enorme escolhendo as palavras.

– Você é um enigma para mim, Jessica – disse por fim. – Um mistério. Mas pelo menos estou aberto à possibilidade de explorar as coisas que não entendo.

A luz fraca brilhou em seus olhos negros. Estávamos tão perto que pude ver a leve sombra de barba que havia em seu rosto. A maioria dos caras que eu conhecia estava mais para garoto do que para homem. Será que Jake fazia a barba? Mas Lucius havia ultrapassado esse limite. E eu estava sentada numa cama com ele. Sozinha. Num quarto escuro. Falando de “explorar” meus supostos “mistérios”. Eu me afastei um pouquinho.

– O que aconteceria se a gente não se casasse? – perguntei, tentando mudar de assunto. Distanciando-nos de novo. – Seria muito ruim?

Lucius se afastou também, reclinando-se na cama, apoiado nos cotovelos.

– Provavelmente haveria uma guerra geral, sua família contra a minha, cerca de 5 milhões de vampiros lutando para ocupar o

vácuo de poder, montando coalizões, líderes surgindo e caindo, destruição e derramamento de sangue em larga escala. E quando os vampiros entram em guerra... bem, os exércitos precisam se alimentar.

– E isso significa...

– Que as ruas vão ser lavadas com sangue humano também. Será o caos. Perdas incontáveis de vidas. – Lucius parou, dando de ombros. – Ou talvez nada aconteça. Os vampiros são seres muito caprichosos. Essa é uma das nossas melhores e piores características. Mas, de fato, é bom não arriscar.

– Por que os Vladescu e os Dragomir se odeiam tanto?

– Por que todas as nações, culturas e religiões poderosas entram em conflito? Pelo controle de território. Pelo simples desejo de dominação. Sempre foi assim entre nossos dois clãs, até que o pacto garantiu uma promessa de paz por meio da unificação, como iguais. Se você e eu não pudermos cumprir o acordo, sujaremos nossas mãos de sangue.

Imagens de ruas encharcadas de sangue – por minha culpa – surgiram em flashes na minha mente, como uma cena de filme sendo repassada mil vezes, por isso me levantei, balançando a cabeça.

– É a história mais idiota que já ouvi.

– Verdade? – Agora os olhos de Lucius eram insondáveis, algo mais amedrontador do que sua raiva. Ele se levantou também. – Como posso fazer com que acredite nessa “história”?

– Não tem como. – Recuei um pouquinho. – Porque os vampiros não existem.

– Eu existo. Você existe.

– Eu não sou uma vampira – insisti. – Essa genealogia não significa nada.

A raiva relampejou nos olhos de Lucius.

– A genealogia significa *tudo*. É a única posse que valorizo.

Recuei mais alguns passos. Ele pareceu ficar mais alto do que nunca.

– Preciso ir agora – falei.

Mas a cada passo Lucius avançava em minha direção, lentamente, e eu me vi hesitando, enfeitiçada por aqueles olhos negros, hipnotizada. Senti um arrepio me prendendo ao chão como um choque elétrico.

– Não acredito em vampiros – sussurrei, mas com menos convicção.

– Vai acreditar.

– Não. Não é racional.

Agora Lucius estava a centímetros de mim e inclinou a cabeça para baixo, para nos vermos melhor, olhos nos olhos. E então mostrou os dentes. Só que não eram mais apenas dentes. Eram presas. Duas presas, para ser exata. Duas presas afiadas, sedutoras, brilhantes. Eram as coisas mais medonhas, perfeitas e inacreditáveis que eu tinha visto na vida.

Quis gritar. Gritar o mais alto que fosse humanamente possível. Ou talvez ter Lucius apertando meus ombros, me puxando para perto, sentir a autoridade de suas mãos, o toque de seus lábios, aqueles dentes na minha garganta... *Ah, meu Deus.* Qual era o problema comigo? Qual era o problema com *ele*? Ele era um vampiro, caramba! De verdade. *Não.* Devia ser um truque. Uma ilusão.

Fechei os olhos, esfregando-os, xingando-me por ter caído naquela fraude e, ao mesmo tempo, desejando sentir aqueles dentes incisivos que pareciam navalhas cortarem minha jugular.

– Por favor... não!

Houve um momento de silêncio que se estendeu para sempre, em que acreditei que ele poderia mesmo me machucar. E então, de repente, Lucius realmente segurou meus braços e me puxou,

apertando-me contra o peito, como havia feito no sonho. Com firmeza, embora de maneira delicada.

– Antanasia – murmurou, e sua voz estava suave de novo. Ele alisou meus cachos e permiti que ele me tranquilizasse, aliviada demais para protestar. – Desculpe-me. Foi cruel amedrontar você. Eu não deveria ter feito isso desse jeito. Por favor, perdoe-me.

Hesitante, envolvi o tronco de Lucius com os braços, sem nem saber por que fazia isso, e ele me apertou ainda mais, pousando o queixo na minha cabeça. Sua mão cobria toda a parte inferior das minhas costas, que ele acariciou com suavidade. Ficamos assim durante cerca de um minuto. Eu podia sentir seu coração batendo contra o meu rosto. Muito baixinho. Muito devagar. Quase imperceptivelmente. O meu estava martelando e eu sabia que ele podia sentir isso.

Por fim, recuei e ele me soltou.

– Nunca mais faça esse truque idiota – reagi, surpresa em descobrir que minha voz estava trêmula. – Nunca. Não é engraçado.

Aquela música louca da Croácia ainda tocava, fantasmagórica e penetrante. Lucius segurou meu braço e odiei sentir que uma parte de mim gostou do seu toque outra vez. Odiei a dificuldade que tive para me afastar. *Ele é um lunático, Jess.*

– Por favor, Jessica. Sente-se. – Lucius indicou a cama. – Você está meio pálida.

*Sentar... e depois o que aconteceria?*

– Eu... eu preciso ir.

Lucius não tentou me impedir e eu o deixei ali parado, no meio do quarto escuro. Tropecei ao descer a escada e, quando cheguei ao quintal, corri e só parei só depois de trancar a porta do meu quarto, ofegante, vermelha e incrivelmente confusa. O que senti não foi só medo. Foi algo parecido com o que tinha experimentado no sonho com Lucius. *Aversão transformada em medo e depois em*

*desejo...* alquimia. Insanidade. De repente tudo se misturava no meu cérebro. E aquilo estava muito, muito errado.

## CAPÍTULO 13

— Hoje vamos discutir o conceito dos números transcendentais – anunciou o técnico da nossa equipe de matemática, o Sr. Jaegerman, esfregando as mãos com júbilo aritmético.

Nós, os cinco matematas, nos inclinamos sobre os cadernos, com canetas a postos.

– Um número transcendental é qualquer número não algébrico e que não é raiz de nenhum polinômio inteiro – começou o Sr. Jaegerman.

A mão de Mike Danneker se levantou.

– Como pi.

– Isso – concordou o técnico, batendo com o giz no quadro para escrever o símbolo de pi. – Exato. – Ele já estava suando um pouco. O Sr. Jaegerman era careca, estava um pouco acima do peso e usava roupa de poliéster, mas tinha um entusiasmo admirável pelos números.

Escrevi o símbolo  $\pi$  no caderno, desejando que não estivéssemos perdendo tempo com conceitos teóricos. Eu preferia enfrentar problemas práticos a ficar abordando ideias abstratas.

– Pi é um exemplo excelente de número transcendental – continuou o professor. – A razão entre a circunferência de um círculo e seu diâmetro. Todos estamos familiarizados com pi. Mas em geral paramos no 3,14 quando o usamos. No entanto, como todos sabemos, pi é muito mais longo. E ainda que tenhamos calculado pi até mais ou menos o trilionésimo dígito, não há final em vista. Ele é infinito, “insolucionável”. E esta é a parte espantosa: os números não formam nenhum padrão.

Ele escreveu no quadro:  $3,1415926535897932\dots$

– Ele continua e continua, aleatoriamente. Para sempre.

Todos paramos, absorvendo isso. É claro que, como estudantes interessados em matemática, todos havíamos pensado em pi antes. Porém, a ideia daqueles números se estendendo através de galáxias, do tempo, era muito perturbadora. Quase irritante. Impossível de compreender.

– E, obviamente – o Sr. Jaegerman interrompeu nossa viagem –, um número transcendental como pi é, por definição, *irracional*.

Ele fez uma pausa para que o acompanhássemos e eu escrevi *irracional* no meu caderno.

A palavra parecia me encarar da página. Nos recessos de minha mente, ouvi minha mãe dizer: "*Jessica, existem forças no Universo que não somos capazes de explicar...*"

*Almas unidas por toda a eternidade.* Lucius dissera isso naquela vez em que falou da cerimônia de noivado. Lucius, a pessoa menos racional que já conheci. *Vampiros e pactos são irracionais. Como pi?*

– Srta. Packwood?

Meu nome me puxou de volta com força para a realidade. Ou o que eu pensava que era a realidade. Por que de repente tudo parecia tão incerto?

– Sim, Sr. Jaegerman.

– Tive a impressão de que estava sonhando acordada. – Ele sorriu. – Achei que deveria trazê-la de volta à realidade.

– Desculpa – respondi. *Realidade.* O Sr. Jaegerman obviamente acreditava nela. Com certeza não acreditaria em coisas irreais. Como vampiros. Ou destinos eternos. Ou aversão transformada em desejo.

A realidade era o gosto da caneta de plástico na minha boca. A visão da gravata horrenda do professor. A sensação da mesa lisa sob as pontas dos meus dedos.

*É. Realidade.* Era bom estar de volta. E era ali que eu precisava ficar.

Mas quando me concentrei de novo nas anotações, percebi que havia rabiscado um esboço grosseiro de um par de presas bem afiadas na margem do caderno. Nem tinha notado isso.

Apertando a caneta com força, risquei o desenho até cobrir cada traço.

# CAPÍTULO 14

CARO TIO VASILE,

*Escrevo para agradecer por ter liberado o dinheiro, como pedi, e por ter mandado tão rapidamente minha coleção de armas e móveis variados, tapetes, etc. Não poderia suportar mais um dia com aqueles bonecos de olhos arregalados me espiando de cada canto feliz deste quarto forrado de xadrez. Era como estar cercado por um exército multicultural de anões, todos esperando para me atacar à noite, enquanto eu dormia.*

*Fiz aos Packwood o favor de me livrar de toda a coleção, com a ajuda da marreta medieval que o senhor teve a gentileza de incluir na remesa. Um par de saleiro e pimenteiro em formato de cães com chapéus de chef de cozinha também encontrou seu destino. Um dia, sem dúvida, os Packwood vão recuperar o bom senso e me agradecer.*

*Vamos às más notícias. Acho que dei um pequeno passo em falso, tendo apresentado Antanasia ao conceito da transformação vampírica um tanto abruptamente ontem à noite. A reação dela foi de puro medo, seguido de negação. Imagine, Vasile, que ela descartou minhas presas como sendo algum tipo de truque barato. Acredita nisso? Uma das metamorfoses mais impressionantes da natureza sendo descartada como um ato de magia? Meu Deus, essa garota me cansa. Tão resistente. Tão racional.*

*Resumindo: nenhum passo adiante e dois passos para trás.*

*Aceito de bom grado a culpa pelo erro (deveria ter previsto a reação de Antanasia – minha psicologia não foi nada sutil), mas eu não antecipara toda essa dificuldade anos atrás?*

*Acordado neste quarto sobre a garagem, pondero frequentemente sobre como as coisas poderiam ter sido diferentes se Antanasia houvesse sido criada como uma verdadeira vampira. Não quero parecer arrogante, Vasile, mas sei, por experiências passadas, que não sou repugnante às mulheres. (A temporada de debutantes em Bucareste está acontecendo? Ai, ai... boas lembranças...) E Antanasia, apesar de todos os defeitos (as camisetas estão no topo da lista)... bom, às vezes consigo ter vislumbres de quem ela poderia ter sido. Do que nós poderíamos ter sido.*

*De fato, a qualidade mais incômoda de Antanasia – sua força de vontade, já mencionada – é a mesma que lhe serviria tão bem como governante. Ela me enfrenta, Vasile. Quantas estariam dispostas a isso? Há grande inteligência em seus olhos também. E certo riso zombeteiro – marca registrada de nossa espécie. Além disso, é linda, Vasile. Ou seria, se não tentasse com tanto empenho esconder isso. Se ao menos acreditasse que é linda.*

*Às vezes não é difícil imaginar Antanasia no nosso castelo, ao meu lado – desde que cultivasse modos melhores, aceitasse o conceito de roupas femininas e endireitasse as costas. (Ninguém nos Estados Unidos demonstra o menor interesse pela postura. Ficar ereto parece uma espécie de arte perdida, como a esgrima.)*

*Na realidade desejada que às vezes visualizo, nosso namoro consiste em excursões à ópera em Viena, cavalgadas nos Cárpatos (ela sabe cavalgar!) e conversas enquanto nos demoramos em refeições que de fato consistam de comida. É como sempre abordei – e com sucesso – o belo sexo na Romênia.*

*Mas, claro, meus devaneios e desejos são desperdiçados, exercícios fúteis que podem divertir com mais eficácia do que os programas de televisão disponíveis (um canal todo dedicado ao jogo de “pôquer” – preciso dizer mais?), embora nada possam fazer para alterar a realidade. Nenhuma reação horrorizada de*

*minha parte mudará o fato de que Antanasia é uma garota americana que aparentemente exige uma abordagem americana. Agora, devo determinar o que isso significa. Alguma atividade envolvendo "hambúrguer e fritas", sem dúvida.*

*Para concluir, esta é a situação aqui em "nossa pequena democracia", como minha falsa figura paterna, Ned, gosta tanto de chamar esta fazenda ridícula onde nenhum tipo de agricultura é praticado. Francamente, se algum lugar já precisou da mão firme de um tirano... Menos animais no pátio, mais no forno: esse seria o meu primeiro decreto. Mas, de novo, desejos não mudam nada.*

*Seu sobrinho,*

*Lucius*

*P.S.: Correndo o risco de testar sua paciência, tenho mais um pedido. Quase esgotei meu suprimento de tipo A. (O treino de basquete me deixa com sede. Vamos nessa, time!) O senhor conhece alguma boa fonte doméstica que eu possa usar?*

## CAPÍTULO 15

– Seu horóscopo diz que “hoje é um bom dia para correr riscos” – leu Mindy, encostada nos armários, com o nariz enfiado no novo exemplar da *Cosmopolitan*.

– Não acredito que você lê isso – gargalhei, procurando os livros que eu precisava levar para casa. – Tipo, você precisa mesmo conhecer “75 truques sexuais para enlouquecer seu homem”? Uns 20 não bastariam para qualquer pessoa?

Mindy voltou à superfície com uma careta.

– Algum dia todos eles podem ser úteis. Não quer estar preparada para o caso de você querer “enlouquecer seu homem”?

Fiquei vermelha, lembrando-me da conversa com mamãe, do sonho que tinha tido com Lucius, dos sentimentos que vieram à tona naquela noite no quarto dele, quando fez o truque idiota com os dentes. E de Jake, sem camisa, parado na carroceria da picape...

– É. Acho que sim. Mas nada indica que eu vá usar qualquer “truque” tão cedo.

– Ei, nunca se sabe. – Mindy apontou para trás de mim. – Olha quem está ali.

Eu me virei, meio que esperando ver Lucius no meio da turma de alunos prontos para irem para casa. A paixonite de Mindy estava fugindo ao controle e, se o assunto era sexo, uma menção a Lucius não podia estar muito longe. Mas não. Era o Jake, tirando do armário a jaqueta esportiva, com mangas de couro. Desviei o olhar, sentindo um interesse ainda maior pelo conteúdo do meu armário.

– Você devia ir falar com ele – aconselhou Mindy, um pouco alto demais. – A não ser que finalmente tenha percebido que Lucius é a melhor opção.

– Lucius não é melhor e não é “opção”.

– Bom, então essa é a sua chance de convidar Jake para a festa do outono – disse Mindy. Em seguida, levantou a revista. – Ouça seu horóscopo. Corra um risco.

– Eu sei que você *lê* isso, mas não *acredita* mesmo nesse negócio de “escrito nas estrelas”, não é? – Fui me afastando do armário, com uma pilha de livros nos braços.

– É claro que sim – respondeu Mindy.

*Você também, não, Mindy... Será que resta alguma pessoa racional nesse mundo?*

– Jake estava obviamente a fim de você naquela noite na sua casa – acrescentou ela. – Tipo, ele mal falou comigo.

– É mesmo?

– Jess, eu fiquei invisível. Anda. Convida ele para a festa. A não ser que você esteja em dúvida com relação ao Lucius.

– Não estou, não – garanti.

– Então convida o Jake.

Olhei para minha roupa. Por que tinha calçado meu All Star velho e sujo? E ainda não tinha perdido aqueles dois quilos, para completar.

– Ah, acho que não. Estou horrível e, bem, não era o Jake que deveria *me* convidar?

– Não estamos na Idade Média – observou Mindy. – As garotas convidam os garotos. Isso acontece o tempo todo. Algo que você saberia se lesse a *Cosmopolitan*.

Mindy não estava totalmente errada. Se havia uma coisa que me aborrecia, era estar com um pé preso na Idade Média. Imaginei o que ela iria achar caso soubesse que, se eu provavelmente não tinha escolha no que dizia respeito a um marido, de que adiantaria

pensar em um acompanhante para a festa de outono da escola? Eu não estava convencida de que era uma boa ideia convidar o Jake.

– Eu posso ir sem acompanhante.

– Mas é mais legal ter um. E é melhor correr, porque ele está indo embora.

Virei-me de novo e vi Jake trancando a porta do armário. Mindy me deu um empurrãozinho.

– Vai!

Seu segundo empurrão me deixou sem saída, principalmente porque Jake vinha na nossa direção.

– Oi – disse ele, sorrindo enquanto eu quase lhe dava uma trombada. – Obrigado pela bebida na outra noite.

– De nada. – *Brilhante, Jess*. Olhei em volta procurando Mindy, para receber apoio moral, mas ela, sua revista e seus 75 truques haviam desaparecido.

– Eu estava falando sobre você agora mesmo – afirmou Jake. – Ouvi dizer que tem chances de ganhar um prêmio no Clube da Juventude este ano.

– Verdade?

– É. Faith disse que sua *appaloosa* salta muito bem.

– Faith Crosse disse isso? Tem certeza?

Ainda que abrigasse seu puro-sangue na fazenda dos meus pais, Faith agia como se eu não existisse. Da mesma forma que Lucius, parecia me confundir com uma espécie de cavaliço. Ela jamais se daria ao trabalho de me ver montar.

– É. Faith acha que você é a melhor concorrente dela.

– Nunca vou vencer o puro-sangue de Faith – respondi. – Não numa *appaloosa*. Nem sendo uma égua tão boa quanto Bela.

– Tenho certeza de que vai se dar muito bem. – Jake hesitou. – Talvez um dia eu possa ver você montar.

– Sério? Quer dizer, seria ótimo.

Sorri, encontrando o olhar simpático de Jake.

Os olhos azuis dele eram tão... comuns! Nada de escuros, aterrorizantes nem mutáveis. E seus dentes eram tão... normais! Houve um silêncio breve e desconfortável. Era agora ou nunca. Respirei fundo.

– Jake?

– Diga.

– Você vai à festa do outono? – Meu coração batia tão alto que senti medo de não ouvir a resposta dele. – Porque eu estava pensando que talvez a gente pudesse, você sabe, ir juntos.

Ele fez uma pausa.

– Bom, eu não tinha certeza...

*Ah, não.* Mesmo meio surda, ouvi a hesitação na voz dele. Ele estava me dando o fora. Eu sabia. *Era meu tênis. Tinha que ser o tênis. Ou os dois quilos...*

– Ah, saquei – interrompi, com as bochechas pegando fogo. – Tudo bem.

– Não, espera...

– Ei, Pacotão!

Um braço pesado bateu nos meus ombros e de repente eu estava cara a cara com Frank Dormand, que me segurava, exibindo um sorriso gosmento no rosto gordo. Revoltada, tentei me soltar, mas Frank me agarrou com força, me sacudindo um pouco.

– Será que escutei você convidar o Jake para a festa? Que negócio é esse?

– Cai fora, Frank – implorei, apertando os livros contra o peito. – Não é da sua conta.

– É, Frank – disse Jake. – Não enche.

– Ah, suas crianças malucas – disse Frank, despenteando meu cabelo.

Tentei afastar a mão dele e ajeitar o cabelo, mas estava tão nervosa que deixei os livros caírem das mãos quentes e úmidas. Meu dever de casa despencou no chão, com os papéis se espalhando por toda parte.

– Vai se catar, Frank – esbravejei, furiosa. *Uma coisa era gritar uma provocação rápida no refeitório, mas dessa vez ele tinha ido longe demais...*

Frank olhou para Jake.

– E aí? O que vai ser, Jake? Vai levar o Pacotão? Porque o papo que corre é que ela está namorando aquele coveiro estrangeiro que mora na garagem dela. Você está dando para ele, não é, Jess?

Girei sob o braço de Dormand, tentando de novo me afastar, quando, de repente, fui libertada. Frank estava grudado num armário, a garganta pressionada pela mão de um estudante romeno de intercâmbio muito calmo porém muito determinado.

Os calcanhares de Frank bateram no metal.

– Ei!

Mas Lucius apenas levantou Frank um pouco mais.

– Cavalheiros não fazem perguntas impertinentes sobre assuntos delicados às mulheres. – Sua voz estava tranquila, quase entediada. – E nunca, jamais, usam expressões grosseiras diante do sexo oposto. A não ser que estejam prontos para enfrentar as consequências.

– Lucius, não! – gritei.

– Me so-solta – gaguejou Frank, o rosto ficando tão vermelho quanto o meu. Ele tentava inutilmente segurar o braço de Lucius enquanto uma multidão se reunia no corredor. – Está me sufocando, cara.

– Solta, Lucius – implorei, olhando Frank passar de vermelho para azul. – Ele está sufocando!

Lucius afrouxou o aperto, permitindo que Frank tocasse o chão com as pontas dos dedos, embora ainda o segurasse com firmeza.

– Diga o que quer que eu faça com ele, Jessica – insistiu Lucius, por sobre o ombro. – Determine o castigo e eu farei cumprir.

– Nada, Lucius! – respondi, meu rosto em chamas. *Ele não é meu guarda-costas.* – Essa briga não é sua!

– Não – concordou Lucius. – O *prazer* é meu. – Em seguida voltou a atenção para Frank, que havia parado de lutar e permanecia imóvel contra o armário, os olhos arregalados. – Você vai apanhar os livros da moça, entregá-los a ela gentilmente e lhe pedir desculpas – ordenou Lucius. – Depois, nós vamos lá fora concluir nossos negócios.

Ele largou Frank, que tombou para a frente, lutando para respirar.

– Não vou brigar com você – chiou Frank, esfregando o pescoço.

– Vai ser uma lição, não uma briga – prometeu Lucius. – E, quando eu terminar, você *não vai* incomodar Jessica de novo.

Compartilhei um olhar preocupado com Jake, que estava parado, em silêncio, cauteloso.

– A gente só estava de brincadeira – reclamou Frank.

Lucius lhe lançou um olhar furioso, empertigado com toda a sua altura. Ele parecia fechar o corredor.

– No lugar de onde venho, perturbar uma mulher não é divertido. Eu deveria ter deixado isso claro no outro dia. Não deixarei outra oportunidade passar.

– De onde você vem? – desafiou Frank, estufando o peito, um pouco mais ousado agora que podia respirar. – A gente está começando a desconfiar.

– Venho da civilização – retrucou Lucius. – Você não deve estar familiarizado com o território. Agora pegue os livros.

Frank deve ter ouvido o alerta final no rosnado baixo de Lucius, porque se abaixou e obedeceu, resmungando o tempo todo. Jogou

os livros nas minhas mãos e começou a se esgueirar para longe. Lucius o agarrou de novo.

– Você se esqueceu de pedir desculpas.

– Desculpa – disse Frank, com os dentes trincados.

Lucius deu um leve empurrão em Dormand.

– Agora, vamos lá fora.

– Lucius – falei, segurando seu braço. Os músculos estavam rígidos embaixo dos meus dedos. Ele iria *destruir* o gorducho do Dormand, que não era capaz de fazer 10 flexões nem que sua vida dependesse disso. – Para. Agora.

Lucius me olhou.

– Você merece isso, Jessica. Ele não vai desrespeitá-la. Não na minha presença.

– Não pode fazer isso aqui. Não desse jeito – alertei. – Aqui não é a Romênia. – *Não pode agir como a sua família, que sai impondo suas regras brutais.* – Você já foi longe demais.

Ficamos nos encarando por um longo momento. Então Lucius olhou para Frank.

– Saia daqui. Fique grato por ter obtido uma anistia. Mas não haverá outra, mesmo que Jessica me peça.

– Sua aberração – murmurou Frank. Depois saiu correndo pelo meio da multidão, que se dissolveu atrás dele, restando apenas Lucius, Jake e eu. Jake começou a recuar também, mas Lucius não havia terminado.

– Acho que vocês dois estavam conversando. Por favor, continuem.

– Já terminamos – garanti, empurrando Lucius para longe. Ele ficou no lugar, sem afastar os olhos de Jake.

– É verdade? – perguntou Lucius a Jake. – Vocês terminaram?

– Eu... nós estávamos falando sobre... – Jake arrastou os pés, olhando para baixo. – Olha, Jess, falo com você mais tarde.

– Tudo bem, Jake, já entendi. Por favor, não precisa dizer mais nada.

As lágrimas que tinham se formado nos meus olhos havia uns cinco minutos começaram a se derramar.

– Por que ela está chorando? – perguntou Lucius. – Você disse alguma coisa a ela?

Jake levantou as mãos.

– Não. Juro.

– Só vai embora, Lucius – insisti.

Lucius hesitou.

– Por favor.

Ele me encarou. Vi piedade em seu olhar e essa foi provavelmente a pior parte de todo o dia. Um ser bizarro sentindo pena de mim.

– Como quiser – disse ele e recuou. Mas não antes de acrescentar: – Estou de olho em você também, Zinn.

Quando Lucius já estava longe, Jake falou, em tom de consolo:

– Poxa, o lance foi intenso, hein?

Funguei, enxugando os olhos.

– Que parte? Quando Lucius quase matou o Frank ou quando ameaçou você?

– A coisa toda.

– Foi mal, Jake.

– Não, tudo bem. Frank é um otário. Ele mereceu.

– Que vergonha... Olha, não se preocupa com a festa. Foi idiotice minha convidar você.

– Não foi. Eu ia dizer sim. – Jake olhou pelo corredor, na direção por onde Lucius havia partido. – A não ser que vocês dois estejam juntos ou sei lá o quê. É o que estão dizendo por aí. E Lucius pareceu meio possessivo.

– Não! – quase gritei. – Lucius *não* é meu namorado. É só, tipo, um irmão mais velho superprotetor.

– Bom, ele não tentaria me colar num armário se a gente fosse à festa, não é? Porque eu dou conta dele, mas, depois de ver o cara em ação, acho que seria uma briga sinistra – disse Jake, apenas parcialmente brincando.

– Não, Lucius é inofensivo – menti. *Se não contarmos o fato de que ele acha que é um príncipe guerreiro representante de uma raça semicanibal de mortos-vivos que viram morcegos.*

– Então eu te ligo, beleza? – prometeu Jake.

– Legal – sorri, quase esquecendo que tinha acabado de chorar. Jake começou a se afastar, depois hesitou.

– Jess?

– O quê?

– Fiquei feliz por ter me convidado.

– Eu também – completei, agradecendo em silêncio a Mindy e sua fé na *Cosmopolitan* e nos horóscopos, enquanto me virava, toda boba.

\* \* \*

Lucius estava me esperando lá fora, sentado num muro baixo de tijolos perto da entrada. Quando me viu, pulou e estendeu a mão para os meus livros, como sempre fazia quando conseguia me acompanhar depois da escola.

– Perdemos o ônibus – observou ele. Não parecia desapontado.

– Podemos andar até o trabalho da mamãe. Ela leva a gente.

A Faculdade Grantley ficava apenas a alguns minutos da escola.

– Excelente ideia.

Caminhamos em direção ao campus no ar fresco da tarde de fim de outono. Depois de alguns instantes de silêncio, Lucius tirou do bolso do sobretudo um lenço engomado de linho com monograma e me entregou. – Seu rosto está manchado de lágrimas.

– Obrigada. – Enxuguei as bochechas e assoei o nariz. – Aqui – falei, devolvendo o lenço.

Lucius levantou a mão, encolhendo-se.

– Fique com ele. Eu imploro. Tenho outros.

– Valeu.

– O prazer é meu, Jessica.

O olhar de Lucius estava distante, o tom de voz, distraído. Cerca de um quarteirão depois ele avançou um pouco à minha frente, voltou e abaixou a cabeça, examinando meu rosto.

– Aquele garoto... aquele Zinn atarracado...

– O que é que tem o Jake?

Foi a minha vez de desviar os olhos, focalizando a rua ladeada de carvalhos.

– Ele... é... Você se sente *realmente* atraída por ele?

Cruzei os braços sobre o peito, dando de ombros.

– Ah, não sei. Tipo...

– Bom, você vai acompanhá-lo ao tal baile de gala do qual todo mundo anda falando.

– É uma festinha no ginásio. Não é um “baile de gala”. Ninguém diz “gala”. Pelo menos ninguém na Woodrow Wilson.

Lucius franziu a testa.

– Gala, festa, tanto faz. Você o está cortejando?

*Isso nos olhos de Lucius é sofrimento? Ou é só a escuridão de sempre?*

– É só um encontro, mas... É, acho que sim – admiti, sem saber por que me sentia subitamente culpada. Não tinha motivo para isso. O fato de Lucius acreditar que estávamos noivos não me tornava uma adúltera. Fala sério. Mas ele continuou a me encarar, por isso acrescentei, sem jeito: – Espero que não haja problema. Com o lance do *pacto* e coisa e tal.

– Só acho difícil entender.

– O quê? – Isso eu precisava ouvir. – Achei que você sempre soubesse de tudo.

– Ele nem defendeu você – disse Lucius, coçando o queixo, realmente confuso.

Fiquei um pouco na defensiva.

– Aqui as mulheres se defendem. Os homens não precisam lutar por nós. Já falei que posso cuidar do Dormand.

– Não como *eu* posso fazer por você. Não como Zinn *deveria ter feito*. Gostando ou não, você é limitada por ser mulher. Pode bater numa mosca, mas eu posso esmagá-la. Qualquer homem *digno* teria interferido.

– Ei – protestei. – Jake tem dignidade.

– Não o bastante para proteger você.

– Ah, Lucius – gemi. – Jake acha que você passou totalmente dos limites e ele está certo.

Lucius balançou a cabeça.

– Então ele não viu o seu rosto.

Fiquei sem saber o que responder.

Voltamos a andar em silêncio. Lucius continha o passo comprido para me acompanhar. Parecia mais distraído ainda do que antes, com a testa franzida.

Passamos pelo portão do campus da Grantley, indo na direção do prédio onde ficava a sala da mamãe. De repente Lucius se animou.

– Você sabe dirigir, não sabe? Tem carteira?

– Bom, claro. Por quê? Aonde você quer ir?

*Ao banco de sangue?*

– Acho que eu gostaria de comprar uma calça jeans – anunciou Lucius. – Talvez uma camiseta. E eles são muito rígidos quanto a usar certos tipos de calçado na quadra. Minhas solas romenas violam algum tipo de regra. Parece que preciso de calçados que tenham uma asa desenhada na lateral se quiser jogar basquete.

Parei de andar.

– Você quer comprar roupas *comuns*?

– Não, quero atualizar meu guarda-roupa de acordo com as normas culturais – corrigiu ele. – Você sabe como chegar aos tais outlets dos quais ouço tanto falar, não sabe?

Quase engasguei.

– Espere bem aqui – falei, cutucando o peito de Lucius com um dedo. – Não se mexa. Vou perguntar se mamãe me empresta a Kombi.

*Eu precisava ver isso.*

O que será que Lucius Vladescu considerava normal? E, mais importante, como um romeno alto e imperioso, acostumado a andar com calças pretas de alfaiataria, ficaria usando jeans?

## CAPÍTULO 16

— Para ser sincero, não sei como algumas dessas histórias começaram – reclamou Lucius, mexendo no rádio da Kombi, provavelmente procurando canções folclóricas da Croácia mas acabando por aceitar a música clássica da estação pública. – Culpa de Hollywood, eu acho.

Mudei para uma estação de música pop, só para irritá-lo.

– Então, você não acha que é capaz de virar morcego?

Lucius baixou a música e me lançou um olhar insultado.

– Morcego? Por favor! Que vampiro de respeito iria se transfigurar num roedor alado? Você viraria um gambá se tivesse habilidade para isso?

– Acho que não. – Parei num sinal de trânsito. – De repente só uma vez, para ver como seria.

– Bom, os vampiros não podem se transformar em nada.

– E o alho? Repele vocês?

– Só no hálito de alguém.

– E as estacas? Vocês podem ser mortos com uma estaca?

– Qualquer um pode ser morto com uma estaca. Mas, sim, isso é verdade. Aliás, uma estaca no coração é o único modo eficaz de destruir um vampiro.

– Ah, é. Claro.

– Para poupar seu tempo, vou acrescentar que não dormimos em caixões. Nem de cabeça para baixo. Obviamente, não nos desintegramos ao sol. Como seria possível levar uma vida prática e útil desse modo?

– Até agora, estou achando que ser vampiro é algo bem sem graça.

– Correndo o risco de puxar um assunto inconveniente e, de novo, pedindo desculpas, você não pareceu achar que meus caninos eram sem graça naquela noite. Na verdade, reagi com bastante intensidade à aparência *afiada* deles.

*E à sensação de suas mãos, de seu corpo... Não entra nessa, Jess.*

– Como fez aquilo? Você estava com, tipo, uma prótese de dentes de plástico na boca?

Lucius me lançou um olhar incrédulo.

– Dentes de plástico? Eles pareciam de plástico?

– Não – admiti. – Mas as dentaduras parecem de verdade hoje em dia.

– Dentaduras. – Ele fungou. – Não seja ridícula. Aqueles eram... são meus dentes. É isso que os vampiros fazem. Nossos dentes crescem.

– Então faz agora – pedi, pegando a autoestrada e enfrentando o trânsito.

– Ah, Jessica. Não acho sensato enquanto você está dirigindo numa via movimentada. Você entrou em pânico naquela noite.

– Não consegue, não é? – desafiei. – Porque foi um truque idiota e você está sem o brinquedinho agora.

– Não me provoque, Jessica. A não ser que queira que eu faça o que está me pedindo. Porque eu posso e o farei.

– Anda!

– Como quiser.

Lucius se virou para mim, mostrou os dentes e eu quase saí da pista. Ele agarrou o volante e puxou o carro de volta.

– Cacete.

Ele tinha feito de novo. Tinha mesmo. Olhei na direção dele, com cautela. Os dentes pontudos haviam sumido. *É um truque. Um truque.* Eu não cairia nessa. Os dentes são cobertos de esmalte,

uma das substâncias mais duras do corpo. O esmalte não pode mudar de forma. É impossível, ao nível molecular.

– Precisa se acostumar a isso – repreendeu-me Lucius.

– Você comprou esse truque, tipo, numa loja de mágica?

– Não é um *truque*. Pare de usar essa palavra. – Lucius tamborilava no banco de vinil da Kombi. Dava para ver que estava ficando frustrado de novo. – A transformação vampírica é um *fenômeno*. Se você lesse o livro que eu lhe dei...

– Ah, meu Deus, aquela coisa. – Meu exemplar não desejado de *Crescendo como morto-vivo* ainda estava debaixo da cama. Eu queria jogá-lo fora, mas ficava adiando. Não estava a fim de pensar no motivo disso.

– É, “aquela coisa”. Se você lesse o guia, como deve, saberia que, na puberdade, os vampiros do sexo masculino adquirem a capacidade de fazer as presas crescerem. Isso acontece quando estamos extremamente furiosos. Ou... excitados.

– Então você está dizendo que as “presas” são como uma... – Ia dizer “ereção”, como se falasse isso todo dia. Mas a verdade é que nunca tinha dito essa palavra em voz alta e descobri que, naquela hora, não ia conseguir. Mas Lucius entendeu.

– É. Exatamente. Com frequência acontece uma espécie de reação em cadeia, se é que você me entende. Mas fica mais fácil de controlar, com a prática. E as mulheres também podem fazer os dentes crescerem, é claro.

– Então por que eu não consigo, já que sou uma megavampira?

Cedo ou tarde eu iria confundi-lo com a lógica. Mas Lucius contra-atacou:

– As mulheres precisam ser mordidas primeiro. *Eu* preciso morder você. É um grande privilégio um homem dar a primeira mordida em sua noiva.

– Não comece com esse papo de noivado outra vez – respondi, séria. Ao ver a primeira entrada do outlet, fiz uma curva rápida. –

Nem de brincadeira. Isso já era.

Lucius inclinou a cabeça.

– Já era?

– Isso aí.

Estacionei numa vaga.

– E os espelhos? Quando você experimentar as roupas, vai poder se enxergar num espelho?

Lucius esfregou as têmporas.

– Você estudou física básica na escola? Conhece os princípios da reflexão?

– Claro que conheço. Sou eu quem acredita em ciência, lembra? Eu só estava brincando. – Tirei a chave da ignição. – Então, vamos recapitular. Você não pode virar morcego, não se dissolve ao sol e é visível em espelhos. O que os vampiros *podem* fazer? Por que é tão irado ser um deles, afinal?

– O que haveria de tão maravilhoso em se dissolver ao sol? Ou em não poder se olhar num espelho para ver se você se vestiu direito?

– Você sabe o que quero dizer. Fica aí dizendo que os vampiros são tudo de bom e eu só quero saber por quê.

A cabeça de Lucius tombou de volta no banco. Ele olhou para o teto da Kombi como se implorasse por paciência ou orientação.

– Somos apenas a raça mais poderosa de super-humanos. Temos o dom físico da graça e da força. Somos um povo de rituais e tradições. Possuímos poderes mentais ampliados: capacidade de nos comunicarmos pelo pensamento quando necessário. Governamos o lado obscuro da natureza. Isso é suficientemente “irado” para você?

Segurei a maçaneta.

– Por que beber sangue?

Lucius deu um suspiro fundo, abrindo sua porta.

– Por que todo mundo é obcecado pelo sangue? Há tanta coisa além disso.

Deixei para lá. Tinha ficado meio distraída agora que íamos fazer compras.

– Onde quer ir primeiro? – perguntei.

Lucius deu a volta pela frente da Kombi e pôs as mãos nos meus ombros, me virando para a loja da Levi's.

– Ali.

Cinco lojas e uns 500 dólares depois, Lucius Vladescu quase parecia um adolescente americano. E, eu precisava admitir: um adolescente americano muito gato. Ficava ainda melhor numa calça jeans Levi's 501 do que em suas calças pretas. E quando vestiu uma camisa social branca por fora da calça – tendo decidido que uma camiseta seria um pouco exagerado para alguém da realeza romena –, bom, o efeito foi bem interessante. Eu não teria mais vergonha de ficar perto dele. Nem um pouco. Mindy provavelmente desmaiaria ao ver o cara.

– E que tal se livrar do sobretudo de veludo? – perguntei.

– Nunca.

Retiro o que eu disse sobre a vergonha.

Estávamos indo para o carro, fazendo malabarismos com todas aquelas sacolas de compras, quando Lucius parou e segurou meu braço, largando uma sacola.

Eu me virei.

– O que foi?

Ele estava olhando a vitrine de uma loja chamada Boulevard St. Michel, uma boutique de alto nível com roupas muito, muito caras. O tipo de roupa que as mulheres ricas usam em festas chiques. Eu nunca tinha nem pisado lá. Para começar, meu pai não acreditava em lavagem a seco, por causa das emissões de gases que faziam mal ao meio ambiente. E, por outro lado, eu não poderia comprar

sequer um pé de sapato da Boulevard St. Michel. Nem mesmo depois de um verão inteiro servindo hambúrgueres na lanchonete.

– O que você está fazendo?

Acompanhei o olhar de Lucius. Ele continuou a olhar a vitrine.

– Aquele vestido... o com flores espalhadas no corpete.

– Você falou "corpete"?

– É, e a saia...

– O vestido com decote em V?

– É. Aquele mesmo. Você ficaria deslumbrante usando algo assim.

Lucius realmente era um sem-noção. Não só achava que era um vampiro, como agora acreditava que eu deveria me vestir como uma mulher de 30 anos que frequentava coquetéis. Dei uma gargalhada.

– Você é pirado mesmo. Aquilo é para mulheres que fazem coisas, tipo, ir a recitais ou sei lá o quê.

Ele me lançou um olhar.

– O que há de errado com um recital?

– Nada. Só que eu não frequento essas coisas. Você consegue me ver usando aquilo na competição de hipismo, por acaso? E aposto que custa uma grana preta.

– Experimente o vestido.

Recuei.

– Nem pensar. Tenho certeza de que eles não gostam de adolescentes entrando ali.

– Eles gostam de qualquer um que tenha dinheiro suficiente – zombou Lucius.

– Não vão gostar de mim, então. Não tenho dinheiro suficiente nem para olhar.

– Eu tenho.

– Lucius...

Vou admitir que fiquei meio intrigada. Era mesmo um vestido lindo. Eu nunca havia experimentado nada parecido. Era tão sofisticado! Cor de creme fresco, com minúsculas flores pretas bordadas, espalhadas por todo canto, sem formar nenhum padrão, o que só o tornava mais bonito. Fez com que eu me lembrasse da teoria do caos: aleatório porém belo em sua simplicidade. O decote era mais ousado do que qualquer coisa que eu já vestira. Dava para ver o volume dos seios de plástico do manequim espiando acima do tecido. Do tecido *caro*.

Puxei o braço de Lucius.

– Anda. Vamos embora.

Lucius me puxou de volta e claro que ele era mais forte que eu.

– Dê só uma olhada. Toda mulher precisa de coisas bonitas.

– Eu não preciso daquilo.

– Claro que precisa. Você poderia usá-lo, digamos, na tal festa a que vai com o Atarracado. Seria perfeitamente adequado para eventos desse tipo.

– Ele não é atarracado.

– Experimente o vestido.

– Eu tenho muitas roupas – insisti.

– É. E deveria jogar todas fora. Especialmente a camiseta com o cavalo branco e o coração. Qual é o propósito daquilo?

– Mostrar que eu amo cavalos árabes.

– Eu amo carne malpassada, mas não ando com a imagem de um bife sangrento no peito.

– Já escolhi uma roupa.

Lucius fez uma cara de desprezo.

– Algo brilhante do shopping, imagino.

Fiquei vermelha. Odiava quando Lucius estava certo.

– acredite em mim – disse ele. – Se usar aquele vestido, não vai se arrepender. Ele foi feito para você.

Estreitei os olhos.

– O que você sabe sobre vestir garotas?

– Não sei nada sobre vestir garotas. Sei sobre vestir mulheres. – Lucius deu um sorrisinho superior. – Agora venha. Realize meu desejo.

Ele foi entrando na loja e eu tive que ir atrás. Como eu havia previsto, a vendedora não pareceu nada empolgada ao ver dois estudantes do ensino médio em sua loja. Mas Lucius nem pareceu notar.

– Aquele vestido da vitrine, com o bordado. – E apontou para mim. – Ela gostaria de experimentar. – Cruzando os braços e se inclinando um pouco para trás, ele mediu meu corpo com os olhos, da cabeça aos pés. – Tamanho 38?

– Quarenta – murmurei.

– O 40 está na vitrine, naquele manequim – disse a vendedora. E pôs as mãos magricelas com unhas vermelhas nos quadris. – É muito complicado tirar. Se você não está falando sério sobre isso...

*Epa.* Eu não entendia muita coisa sobre Lucius Vladescu, mas sabia com certeza que o tom da vendedora não o agradaria.

Lucius arqueou uma sobrancelha.

– Eu não pareci sério? – Ele se inclinou para a frente e leu o nome no crachá da mulher. – Leigh Ann?

– Anda, Lucius... – chamei e fui andando para a porta.

– Estamos com um pouco de pressa, portanto você poderia pegá-lo agora, por favor? – pediu Lucius, sem sair do lugar. De repente ficou muito fácil vê-lo dando ordens aos serviços num castelo.

A vendedora estreitou os olhos, avaliando Lucius. Aparentemente sentiu o cheiro de dinheiro no perfume dele, ouviu-o em seu sotaque ou viu-o em sua pose.

– Tudo bem – bufou ela. – Já que você insiste. – Em seguida se arrastou para a vitrine e voltou alguns minutos depois com o

vestido. – Aqui – disse, despejando-o nos meus braços. – Os provadores ficam no fundo.

– Obrigado – disse Lucius.

– Disponha.

Leigh Ann foi para trás do balcão e passou a nos ignorar. Lucius me acompanhou em direção aos provadores. Fiz com que ele parasse na entrada, pondo uma das mãos firme sobre o peito dele.

– Espera aqui.

– Mas deixe-me ver como fica.

Na privacidade do provador, chutei meu tênis, tirei a calça jeans e a camiseta e pus o vestido, desejando estar com um sutiã mais bonito. Um sutiã que fizesse jus ao vestido.

Mesmo parecendo delicado, o tecido era mais pesado e macio do que qualquer coisa que eu já houvesse provado. Fechei o zíper nas costas até onde pude. O vestido se ajustou em volta de mim e de repente todas as partes que eu mais odiava no meu corpo se transformaram nas melhores. Meus seios preencheram o corpete de um jeito ainda melhor do que os volumes angulosos e pequenos do manequim. Ao me olhar no espelho, lembrei o que Lucius falara sobre garotas “pontudas” e a vantagem de ter curvas. Naquele vestido, entendi o que ele queria dizer. A bainha fazia redemoinhos em volta dos meus joelhos e dei uma rodadinha, olhando a parte da frente. As costas. O tecido descia justo pelos meus quadris largos e folgava perfeitamente sobre a bunda. Lucius estava certo. Eu fiquei *deslumbrante*. Era como um vestido mágico.

– E então? – gritou Lucius do outro lado do provador. – Como ficou?

– É bonito – admiti, entendendo como me sentia de verdade.

*Linda.*

– Então saia.

– Ah, não sei...

Eu estava meio sem graça de mostrar a ele. Olhei para o meu peito. A pele que geralmente era coberta por blusas estava exposta. O volume dos seios, que eu sempre tentava esconder, estava visível para o mundo inteiro ver. Para Lucius ver. Não era obsceno, de jeito nenhum. Mas, para mim, era revelador.

– Jessica, você prometeu.

– Ah, tá bom. – Tentei puxar o corpete um pouco para cima, mas não adiantava. Minhas curvas se recusavam a se esconder. – Tente não rir. Nem ficar olhando demais.

– Não vou rir – prometeu Lucius. – Não haverá *motivo* para rir. Mas talvez eu fique olhando.

Respirando fundo, empurrei a cortina de lado.

Lucius estava sentado na cadeira posta ali para os maridos entediados, as pernas compridas esticadas à frente do corpo. Mas, quando me viu, ficou de pé em um salto, como se eu tivesse lhe dado um choque. E juro que vi admiração em seus olhos negros.

– E aí? – Resisti à ânsia de cruzar os braços sobre o peito quando girei para me olhar no espelho. – O que acha?

– Você... você está incrível.

Lucius ficou de pé, atrás de mim, jamais afastando o olhar.

– Sério?

– Linda, Antanasia – murmurou ele. – Linda.

Antes que eu pudesse lembrá-lo de não me chamar por aquele nome, Lucius chegou mais perto ainda, passou a mão por baixo do meu cabelo comprido e revoltado e puxou o zíper até em cima.

– As mulheres sempre precisam de ajuda nos últimos centímetros.

Engoli em seco. *Até que ponto ele era experiente?*

– Ah, obrigada.

– O prazer foi meu. – Depois, para minha surpresa total, Lucius passou os dedos pelos meus cachos e puxou-os num coque

torcido, grande e frouxo, no topo da minha cabeça. De repente meu pescoço pareceu muito comprido. – É essa a aparência que uma princesa romena deve ter – disse, aproximando-se para sussurrar no meu ouvido. – Nunca mais diga que você não é inestimável, Antanasia. Ou que não é linda. Ou, pelo amor de Deus, que é “gorda”. Quando sentir vontade de cair nessa autocrítica ridícula e sem sentido, lembre-se de si mesma neste momento.

Ninguém nunca tinha me elogiado dessa maneira.

Por um minuto ficamos ali, me admirando. Encontrei o olhar de Lucius no espelho. Naquela fração de segundo quase pude nos visualizar... juntos.

Então ele soltou meu cabelo, que caiu pelas costas. E o feitiço se quebrou quando olhei a etiqueta de preço.

– Minha nossa! Preciso tirar isso. Agora mesmo. Antes que eu sue nele ou sei lá o quê.

Lucius revirou os olhos.

– Se você precisa falar em “suar” em referência a si mesma, algo que desencorajo enfaticamente, use a palavra *perspirar*.

– É sério, Lucius. Vou começar a *perspirar* só por causa do preço.

Lucius se curvou para olhar os números na etiqueta e deu de ombros.

Entrei correndo de volta no provador, colocando minha calça jeans e amarrando o tênis velho. O efeito princesa desaparecera. Com relutância, entreguei o vestido à vendedora, que aguardava, segurando uma linda echarpe de caxemira.

– Vou colocar na caixa para vocês.

Olhei em volta procurando Lucius e o encontrei parado no balcão, batendo um cartão de crédito no tampo de vidro.

– É caro demais – sussurrei, indo depressa até ele.

– Considere um agradecimento pelas orientações nas compras de hoje. Meu presente para sua noite de gala.

Procurei ironia ou sarcasmo nos olhos dele e não vi nada. *O que isso significava?* Que Lucius Vladescu estava desistindo de me cortejar? Duvido. *Será?*

– Obrigada – falei em dúvida.

Leigh Ann colocou cuidadosamente o vestido e a echarpe em duas caixas e as entregou a mim.

– Sucesso com o vestido.

Ela ficou bem mais calorosa depois que o cartão de crédito foi aprovado.

– Tenha um bom dia, Leigh Ann – disse Lucius, enlaçando minha cintura e me guiando para fora da loja.

– Realmente não sei o que dizer – gaguejei quando estávamos do lado de fora. – É um presente absurdo. Só o vestido custa uma fortuna e a echarpe é de caxemira.

– Sem dúvida vai fazer frio à noite e você não pode usar uma jaqueta jeans com aquele vestido.

– Bem, obrigada.

– Eu lhe disse que toda mulher merece coisas bonitas. Só espero que o Atarracado aprecie você nessa roupa. – Ele parou do lado de fora, examinando as lojas ao redor. – Não gostaria de um Morango Julius agora?

# CAPÍTULO 17

— Então, Jake, como foi a produção de feno este ano? — perguntou papai, tentando puxar conversa.

— Boa, eu acho.

Jake parecia inseguro até mesmo para dar essa resposta simples, provavelmente por estar na berlinda, sob a inspeção dos meus pais.

— Eu ficaria feliz em mostrar alguns dos controles de pragas sem química que nós usamos, se você estiver interessado...

— Pai — interrompi. — Você prometeu. Nada de sermões ambientais.

Por que meus pais tinham feito tanta questão de jantar com Jake, afinal? Eles viviam falando em espaço pessoal e autonomia de aprendizado — até que chegou a hora de eu sair com um cara. De repente viraram a própria família americana tradicional, insistindo para que Jake jantasse com a gente, apesar de ele ter crescido ali do lado e entregar feno na nossa casa quase toda semana. Era uma pagação de mico. E o fato de Lucius estar de péssimo humor não ajudava em nada.

— Mais leite de soja? — ofereceu mamãe.

Jake levantou a mão, um pouco depressa demais.

— Não, obrigado.

— A gente acaba se acostumando com o gosto — falei, dando força.

— Ah, é. Acho que sou mais fã de leite comum.

— Que explora as vacas — acrescentou papai, apontando um garfo na direção de Jake. — Pobres animais, postos em fila, com as tetas presas no metal frio...

### *Tetas?*

– Papai, por favor. Não fale essa palavra...

– O que é que tem? – Papai levantou as mãos, cheio de inocência. – Jake mora numa fazenda. Tenho certeza de que ele está familiarizado com as tetas das vacas.

Cada gota de sangue no meu corpo correu para o rosto. Era bem típico do meu pai falar da anatomia das vacas durante meu primeiro jantar com Jake e depois acusá-lo de estar “familiarizado” com o equivalente bovino dos seios. Como se Jake gostasse de dar uns pegas nos animais de criação ou algo parecido. Olhei para Lucius, esperando que ele desse um sorrisinho afetado, mas ele apenas remexia a salada, examinando um dos premiados tomates- -cereja de papai como se fosse uma forma de vida alienígena melequenta que inexplicavelmente tivesse ido parar na ponta de seu garfo.

– Ned – interveio mamãe. – Talvez a gente pudesse mudar de assunto.

Experimentei um breve instante de alívio, até que mamãe se virou para Jake e comentou:

– Soube que vocês estão lendo *Moby Dick* na aula de literatura.

– Ah, é.

– Adorei esse livro quando tinha a idade de vocês – disse mamãe. – A ideia da aventura no mar... E como provoca reflexões! O que pensar da baleia branca? O que ela simboliza? – perguntou ela, ainda falando com Jake. – Deus, a natureza, o mal ou simplesmente o orgulho de Ahab?

Houve um momento de silêncio enquanto o pobre Jake tentava pensar numa resposta àquela pergunta, o que, pela expressão dele, era quase tão palatável quanto o leite de soja.

– É... Todas essas coisas? – propôs ele finalmente.

– Estamos lendo a versão resumida – observei, feito idiota. Eu estava acostumada a morar com uma professora: sempre havia

algum tipo de questionário durante o jantar. Mas será que mamãe precisava atormentar o coitado do Jake? – Talvez tenham cortado algumas metáforas...

– A baleia representa as forças ocultas da destruição que anseiam romper a superfície de um mundo complacente – intrometeu-se Lucius, falando pela primeira vez e fazendo com que todas as cabeças se virassem na sua direção.

– Hein? – reagiu Jake, claramente desconcertado. Depois se controlou e me lançou um olhar sem graça.

– Eu gosto da baleia – acrescentou Lucius mal-humorado, ainda encarando seu prato. – E de Ahab. Eles sabiam o que era persistência. Sabiam esperar o momento adequado. – Ele ergueu os olhos negros e me lançou um olhar tão afiado quanto suas presas. – E aceitavam seu *destino mútuo*, por mais desagradável que fosse.

*Não. Meu estômago ficou embrulhado. Se Lucius começar a falar do noivado, Jake vai fugir para as montanhas. E por que Lucius está se referindo ao destino comigo como "desagradável", afinal? Está sugerindo que se casar comigo seria tão ruim quanto ficar amarrado a uma baleia agonizante?*

– Ô, Lucius, como foi o treino de basquete? – perguntei, tentando desesperadamente mudar de assunto e deixar a conversa sob controle.

– Vi você na quadra, cara – observou Jake. – Você está, tipo, no nível da NBA. Poderia levar o time para o campeonato estadual com aquele arremesso de três pontos. Acertou todos nos treinos.

– Ah, é, os treinos – disse Lucius, entediado.

– “Treinar é aprimorar” – sugeriu Jake.

– Treinar é se entediar – contrapôs Lucius, sem olhar para Jake.  
– Prefiro a competição.

– Você pratica luta, não é, Jake? – perguntou papai, passando mais *saag* para nosso convidado. Meus pais estavam na fase da

comida indiana. A entrada da noite consistia em espinafre murcho. Só nos meus sonhos a gente receberia as visitas com um churrasco.

Jake observou cauteloso o conteúdo verde e mole mas aceitou a tigela.

– É. Sou o capitão do time este ano.

– Que coisa mais greco-romana... – comentou Lucius secamente, levantando um bocado de espinafre e deixando-o pingar do garfo – ficar se embolando num tatame.

Jake me lançou um olhar confuso. Respondi com um dar de ombros que queria dizer “ignore o aluno de intercâmbio ranzinza”.

Mamãe jogou o guardanapo na mesa.

– Lucius, será que posso falar com você na cozinha?

*Ah, graças a Deus.* Eu limparia meu quarto ou lavaria uma trouxa extra de roupas para compensar. Lavaria até as cuecas de Lucius. Fiquei devendo uma a ela.

Lucius foi atrás da mamãe se arrastando. Houve uma pausa desconfortável na conversa à mesa, durante a qual todos fingimos não escutar as expressões “participar de uma conversa educada”, “paspalhão débil mental” e “retire-se” vindas da cozinha em sussurros altos demais.

Alguns minutos depois a porta da cozinha foi batida. Mamãe voltou sozinha.

– Quem quer mais pão sírio? – perguntou ela com um sorriso de carranca, sem oferecer explicação para o sumiço de um adolescente romeno muito irritadiço.

Do outro lado da mesa, o *saag* de Lucius ficou coagulando em seu prato abandonado.

\* \* \*

Depois que Jake saiu, fui até a garagem. Lucius estava treinando arremessos, usando um aro velho e enferrujado. Quicar, mirar,

arremessar. Olhei-o fazer umas 10 cestas seguidas antes de interrompê-lo.

– Oi.

Ele se virou, enfiando a bola embaixo do braço, parecendo um estudante americano comum com o moletom da Faculdade Grantley que mamãe havia comprado para ele. Até que abriu a boca:

– Boa noite, Jessica. A que devo a visita? Não está entretendo convidados esta noite?

– Jake precisou ir embora.

– Que pena!

Lucius jogou a bola por cima do ombro. Ela caiu através do aro.

– O que foi que deu em você? Sabia muito bem que dava para ouvir quando insultou Jake na cozinha.

– Verdade? – Lucius pareceu meio desconcertado. – Não foi minha intenção. Que grosseria.

Cruzei os braços.

– Tem alguma coisa a dizer sobre mim e o Jake? Porque, se tiver, diz na minha cara. Não fica fazendo um sermão cifrado durante o jantar sobre baleias e destino.

– O que eu poderia dizer? Você deixou sua opinião bem clara.

– Não sei aonde você quer chegar – respondi, honestamente. – Quando comprou o vestido, achei que era seu modo de dizer que não se importava se eu saísse com Jake.

A bola rolou perto dos pés de Lucius e ele se abaixou para pegá-la, depois acompanhou com o polegar as costuras gastas, evitando meus olhos.

– É. Foi o que pensei. Mas hoje, quando o vi *olhando* para você...

– O que é que tem?

Lucius estava mesmo com *ciúme*?

– Apenas não gosto dele, Jessica – disse Lucius por fim. – Ele não é bom o bastante para você. Independentemente do que

pense sobre nosso t nue relacionamento neste instante, não se venda barato a homem nenhum. A *garoto* nenhum.

– Voc e não conhece o Jake – resmunguei com raiva. – Nem tentou conhecê-lo. Ele se esforçou para ser legal com voc e durante o jantar.

Lucius deu de ombros.

– Eu o vejo na escola. Ele luta até para entender os conceitos básicos da literatura inglesa. Isso é muito revelador, não acha?

– Então Jake não gosta de *Moby Dick*. Quem se importa? Eu também não gosto.

Lucius pareceu desapontado comigo. Ou triste por algum motivo. Ou as duas coisas.

– Acho que meu humor está muito at pico esta noite, Jessica – disse ele, evitando meu olhar de novo. – Não sou uma companhia muito boa agora. Poderia me dar licença e me deixar com minhas atividades solitárias?

– Lucius...

– Por favor, Jessica.

Ele me deu as costas e arremessou a bola com um movimento rápido do pulso. Ela passou pelo aro sem tocar na borda.

–  timo. Fui.

Lucius ainda fazia arremessos quando fui lá verificar uma hora depois. Estava escuro e ele jogava no pequeno círculo de luz de um holofote na garagem. Tinha passado a fazer bandejas. Ia gritar um cumprimento, mas mudei de ideia. Algo no modo obstinado com que ele convertia uma cesta após a outra, sem errar, saltando acima do aro com facilidade para enterrar a bola, como se estivesse castigando a coitada, me assustou.

# CAPÍTULO 18

CARO TIO VASILE,

*Desejo-lhe tudo de bom, enquanto nos aproximamos do Dia das Bruxas. O senhor gostaria muito das representações dos vampiros que os americanos fazem de modo um tanto compulsivo nesta época do ano. Seria de pensar que toda a nossa raça consistisse em homens pálidos, de meia-idade, com tendência genética a ter o couro cabeludo formando um V na testa e uma queda por gel em excesso.*

*Mas vamos logo ao ponto. Odeio admitir que vejo a situação aqui fugir cada vez mais ao meu controle.*

*Como anunciei em minha última correspondência, de fato tentei numerosas estratégias "americanas" para ao menos criar algum tipo de relacionamento com Antanasia – inclusive usar calças "jeans" (que, aliás, são bastante confortáveis) e, como mencionei, jogar basquete, um esporte para "garotos populares". (Pode me chamar de Magic Lucius.)*

*Porém, até agora, Antanasia parece muito pouco impressionada com meus melhores esforços. Na verdade está "se envolvendo" com o camponês. (Vasile, se o senhor o ouvisse tentando participar de uma conversa... É insuportável. Eu preferiria ter nossas onipresentes lentilhas enfiadas nos ouvidos do que escutá-lo por mais de dois minutos.)*

*Para ser sincero, Antanasia me deixa perplexo. Outro dia pensei que havíamos experimentado um avanço significativo. Comprei um vestido magnífico para ela – se o senhor a visse nele, teria achado que estava quase pronta para assumir o trono. Por um momento brevíssimo achei que fizéramos progresso. A expressão em seus*

*olhos, observando-se ao espelho... Algo ficou diferente nela, Vasile. Diferente em relação a mim, eu poderia jurar!*

*No entanto, o camponês gruda feito um parasita. Um sanguessuga ou um carrapato que não pode ser arrancado. O que Antanasia vê nele? E por que insiste em continuar a ver? Eu poderia lhe oferecer muito mais. Em particular, conversa. Réplicas. Para não mencionar a liderança de dois clãs poderosos. Um castelo. Serviços. Qualquer coisa que desejasse. Coisas que ela merece, Vasile.*

*Maldição. Estou falando bobagens.*

*O cerne da questão é que temo que o senhor fique desapontado comigo se eu não conseguir convencer Antanasia a honrar o pacto e me aceitar como marido. E, com toda a honestidade, seu desapontamento é uma perspectiva bastante temível. Com isso, sinto-me compelido a mantê-lo a par da situação à medida que esta se desdobra. Certamente não quero lhe apresentar um fracasso antecipado. Prefiro apenas prepará-lo para a pior eventualidade – ao mesmo tempo que pretendo continuar a me empenhar.*

*Seu sobrinho, humildemente,*

*Lucius*

*P.S.: Se alguém lhe oferecer "saag", recuse, se for possível fazê-lo sem violar as regras da boa educação. Há alguma chance de o cozinheiro enviar para cá uma ou duas lebres congeladas?*

*P.P.S.: O investimento que fiz com seu depósito chegará logo. Estou ansioso.*

*P.P.P.S.: O camponês não entende o simbolismo da baleia em Moby Dick, Vasile. Juro. Conceitos que foram literalmente golpeados no meu cérebro (lembra-se de minha tutora meio cigana, Bogdana, cujo entendimento de estratégias literárias só era suplantado pela capacidade de usar a chibata?) durante a pré-*

*adolescência permanecem fora do alcance dele. Será que tem alguma deficiência mental? Ou será simplesmente tapado?*

*Parasita.*

## CAPÍTULO 19

— Oi, Bela. — Eu sorri, dando um tapinha firme no pescoço musculoso da minha égua *appaloosa*. — Pronta para se exercitar? Faltam poucas sessões de treino antes da apresentação. — Meu sorriso sumiu de repente. O concurso do Clube da Juventude seria dali a apenas algumas semanas e tinha parecido uma boa ideia quando me inscrevi, mas agora eu estava sofrendo sérios ataques de nervosismo.

Bom, era tarde demais para desistir. Não era?

Quando estendi a mão para pegar as rédeas, tirando-as de um prego da parede, ouvi uma picape parar do lado de fora do estábulo. Olhei para a porta e vi um estranho caminhar em minha direção. Um homem baixo, de macacão sujo, segurando uma prancheta.

— Pois, não? — perguntei.

— Você conhece um tal de... — Ele olhou a prancheta. — Um tal de Lou Vlad... aqui. — Ele estendeu a lista de nomes em minha direção. — Não consigo entender esse nome.

— Ah, não. — Meu coração afundou. Eu nem precisava olhar. — Vladescu. O que ele fez agora? Encomendou alguma coisa?

— É. E precisa receber esse monstro que está arrebatando meu trailer de tanto chutar. Quero essa coisa fora de lá agora mesmo.

— Monstro?

— Estão me procurando?

Como se captasse a deixa da palavra *monstro*, Lucius apareceu das sombras, pegou a prancheta e uma caneta e assinou o papel.

— Espero que saiba o que está fazendo — disse o entregador, balançando a cabeça.

– Ah, mas é claro que sei.

Fui atrás enquanto Lucius e o homem passavam pela arena interna de montaria, indo na direção da porta.

– Lucius, o que você comprou?

O homem de macacão gritou por cima do ombro, respondendo por ele:

– Seu amigo comprou uma égua assassina. Esse bicho devia ser sacrificado.

– Lucius?!

Todos passamos pela porta do estábulo e chegamos ao caminho de terra, onde vi um trailer usado para transportar cavalos. Sacudindo-se. Sons de pancadas fortes vinham lá de dentro.

– Você tira esse bicho de lá, garoto – insistiu o sujeito. – Não vou tocar nele de novo.

Sem hesitar, Lucius se aproximou da traseira do trailer, destrancou sua porta e a abriu.

– Ah... Lucius? Será que você deveria mesmo entrar aí?

– O garoto está morto – observou o baixinho.

Houve um som de luta, depois escutei a voz de Lucius acalmando o animal e cascos batendo em metal. Em seguida, silêncio. Um longo silêncio. Finalmente, Lucius voltou, puxando um animal muito arisco e muito forte. A égua mais negra que eu tinha visto na vida. Devia medir uns dois metros de altura. Seus olhos se reviravam enlouquecidos, mostrando a parte branca em contraste com o focinho de ébano. Recuei quando passaram, mas ela se assustou e tentou me morder.

– Fique calma – tranquilizou-a Lucius. E gritou para mim: – Desculpe-me, ela está um tanto agitada.

O entregador partiu, murmurando algo sobre crânios partidos, e eu acompanhei Lucius, que estava convencendo sua nova montaria a entrar numa baia. Ao lado da de Bela.

– Quero que elas sejam vizinhas – sorriu Lucius.

Foi minha vez de revirar os olhos.

– Maravilha.

– Calma – disse Lucius à égua de novo, enquanto ela tentava morder seus dedos. Ele apertou o focinho do animal, lutando com ela enquanto prendia seu cabresto nos dois lados da baia. Quando estava amarrada, ele a soltou e ela deu um grande salto sobre Lucius, mordendo seu antebraço. – Droga!

Firmei os pés no chão e cruzei os braços.

– Você comprou uma égua? *Essa égua?*

– Sim – respondeu Lucius, esfregando a mordida. – Lembrei que você tinha dito que nós não tínhamos nada em comum. – Ele virou o polegar na direção de sua égua demoníaca. – Isso é algo que podemos compartilhar. Uma atividade. Um modo de passarmos mais tempo juntos.

– Você não vai participar do concurso do Clube da Juventude – avisei.

– Meu blazer comemorativo do clube está sendo bordado neste momento. – Ele sorriu. – Estou ansioso para usar aquele veludo cotelê azul. Em sua língua, veludo cotelê é “corduroy” e você sabe que “corduroy” significa “tecido de reis”, não é? Considero bem adequado.

– Mas eu achei que você tivesse desistido...

Lucius franziu a testa, acariciando o focinho de sua égua. Dessa vez ela se encolheu mas não mordeu.

– Você achou que eu havia me esquecido de um pacto que fui preparado para cumprir desde a infância porque suporto os avanços grosseiros do Atarracado para cima de você? Não mesmo.

– Pare de chamá-lo de atarracado e de insinuar que ele é idiota. Jake é um cara muito legal.

– Legal... Bem, essa é uma qualidade superestimada. – Lucius soltou um dos lados das cordas que continham sua égua e ela empinou. Ele deu um tapinha no pescoço do animal. – “Legal” não

é superestimado? – Ele fez uma pausa, virando-se para mim. – Que nome devo dar a ela? Ela precisa de um nome, já que vou inscrevê-la na prova de salto.

– Você não pode fazer isso! – exclamei. – Eu vou competir nessa categoria.

– Eu sei. Achei que poderíamos treinar juntos.

– Eu já disse que não quero sua ajuda.

– Não está com medo de uma competição amigável, está?

Bati o pé. Em parte porque não, não queria competir com ele. Ele era um atleta nato. Um astro do polo na Romênia. Também não queria que ele começasse a passar seu tempo no estábulo.

– Eu disse que não quero montar com você.

– Você está reagindo de forma exagerada.

– E você é um... é um... vampiro idiota! Nunca me escuta. Eu disse especificamente para não interferir nessa parte da minha vida. Nós moramos juntos e frequentamos a mesma escola. Esse é o único lugar onde não tenho você pegando no meu pé o tempo todo.

– Um vampiro?

A voz veio de alguém atrás de nós dois.

*Epa.*

Lucius e eu nos viramos e vimos Faith Crosse, curiosa e meio confusa, observando nossa discussão. Seus braços levemente bronzeados estavam cruzados sobre a camiseta justa de líder de torcida e o rabo de cavalo louro balançava, brilhando à luz fraca, enquanto ela inclinava a cabeça.

– Você chamou Lucius de *vampiro*?

Gaguejei, procurando uma explicação.

– Ele... ele está sugando toda a minha energia vital – respondi finalmente.

– Jessica vive me dando apelidos. – Lucius sorriu, sem graça. E estendeu a mão. – É um prazer vê-la fora da sala de aula, Faith.

*Ah, meu pai.*

Faith pareceu um tanto surpresa, mas estendeu a mão também.

– Ah... Você também, Lucius.

Lucius não apertou a mão dela. Beijou-a de leve.

– Encantado, como sempre.

– Uau. Isso foi diferente. – Faith puxou a mão de volta, dirigindo-se a mim, a cavaliça, como se só agora me notasse. – Oi, Jenn.

– É Jess.

– Certo. – Mas a atenção de Faith havia se desviado de novo, para o animal sem nome. – Que égua linda. Vi quando você a trouxe para dentro. Mas parece perigosa.

Lucius soltou a outra corda, libertando seu novo bicho de estimação.

– Acredito que os cavalos, como as pessoas, são maçantes quando totalmente domados. Prefiro um pouco de determinação.

O animal sacudiu a cabeça, mas Lucius o tranquilizou:

– Calma, calma. – Então se dirigiu a Faith e a mim: – Ela foi maltratada, coitadinha. Teve uma infância desagradável.

– Desagradável? – perguntou Faith, inclinando a cabeça.

– Nunca chegue perto dela com um chicote – alertou Lucius. – Foi o que o antigo dono recomendou com muita ênfase. Parece que o primeiro proprietário tinha a mão muito pesada.

*Criada no chicote.* Pensei na confissão de Lucius sobre levar surras dos tios. Repetidamente. Imaginei se teria escolhido aquela égua de propósito, por causa da conexão cruel que compartilhavam. Parecia típico dele.

Faith e eu recuamos, abrindo caminho enquanto Lucius guiava a égua para fora da baia.

– Você vai montar nela? – indaguei, incrédula.

Lucius franziu a testa.

– É o que nós fazemos com os cavalos, certo?

– Eu tenho uma sela extra – ofereceu Faith.

Olhei-a furiosa.

– Não! – gritei. – Está falando sério? – Faith não era o tipo de pessoa que a gente podia questionar, mas não pude acreditar que ela achava que Lucius deveria tentar montar naquela égua que tinha uma expressão diabólica nos olhos e a mania de morder. – Lucius, nem pense nisso.

– Ah, não creio que ela vá gostar de uma sela – disse ele. – Pelo menos não por enquanto. Primeiro vou acostumá-la a carregar só o meu peso.

Balancei a cabeça.

– Ela vai matar você.

Lucius me lançou um olhar conspirador.

– Você, mais do que ninguém, deveria saber que isso é improvável. Os animais não são capazes de usar ferramentas.

Sem hesitação, ele ficou ao lado da égua e saltou em seu lombo com a mesma facilidade demonstrada ao fazer arremessos na quadra de basquete. A égua relinchou e girou imediatamente, mas Lucius provou que não era só garganta. Em segundos ela estava dominada e os dois – homem louco e animal louco – foram para o centro da arena num passo rápido porém controlado, Lucius guiando com os joelhos e o cabresto. A intervalos de alguns passos a égua refugava ou virava para morder as pernas dele. Mas os dois mantinham uma parceria firme, ainda que tensa.

– Em pouco tempo estaremos saltando – gritou Lucius, sorrindo.

Ele estava conseguindo. Montava a égua de aparência mais maligna que eu já tinha visto. Meu alívio durou pouco. Percebi exatamente o que sua sobrevivência significava para mim. Quando chegasse a hora do concurso, eu competiria com Faith Crosse e um astro romeno que montava uma égua demoníaca.

Lucius instigou a montaria a trotar. Depois, a andar a meio galope. Era uma mistura de dança com briga de bar.

– Impressionante. – Faith olhava os dois, admirada. – Lucius deve ter, tipo, uma espécie de magia. Achei mesmo que ela fosse matá-lo.

– É só uma questão de tempo – respondi, baixinho.

## CAPÍTULO 20

— Obrigada pelo cachorro-quente de pelúcia – agradei, apertando a grande salsicha estufada que Jake ganhara ao acertar duas bolas na boca de um palhaço. – Eu me diverti pra caramba na festa.

– Foi mal não ter conseguido o urso.

– Ah, um cachorro quente é legal. É diferente.

Estávamos sentados na grande picape 4x4 de Jake, estacionada diante da fazenda, tentando descobrir como nos despedirmos. Eu deveria simplesmente saltar do carro? Será que ele sairia também?

– Eu já disse que você ficou muito linda nesse vestido? – perguntou Jake.

Ainda não dissera, mas eu tinha visto a expressão no rosto dele quando foi me buscar. A mesma admiração demonstrada por Lucius na boutique. Durante toda a noite vários caras me olharam. A princípio me senti meio sem jeito. Mas foi fácil me acostumar com esse tipo de atenção.

– Gostei do seu cabelo assim também – acrescentou Jake.

Enrolei um cacho que pendia do coque. Tinha feito o máximo para imitar o efeito que Lucius havia conseguido torcendo meu cabelo com os dedos.

– Obrigada.

– Estou feliz por ter me convidado. Curti muito.

Houve uma pausa longa.

– Acho que vou nessa – declarei finalmente, pondo a mão na maçaneta.

– Ah... hum... é... Eu abro a porta.

Jake desligou o motor e desceu, vindo para o meu lado. Abriu minha porta e eu tentei descer, quase caindo com os saltos altos.

– Merda!

*Muito classuda, Jess.*

Mas Jake me impediu de cair e de repente estávamos muito perto um do outro. Cara a cara.

Foi aí que ele me beijou. Beijou de verdade. Seus lábios eram mais macios do que eu esperava e um pouco úmidos. Meus lábios se abriram um pouco, como eu tinha visto na TV e nos filmes durante anos e anos. Pareceu muito natural enquanto acontecia – e então nossas línguas se encontraram. Jake empurrou ligeiramente a língua contra a minha. *Então é assim...* A sensação não foi elétrica, mas senti um arrepio de felicidade. Jake me envolveu com os braços, um abraço de urso. Um abraço de lutador. Nossas línguas roçaram e roçaram e Jake acariciou minha cintura. *Legal.* E sem dúvida ficaria melhor com a prática. Talvez eu pegasse emprestado o artigo de Mindy sobre “75 truques sexuais para enlouquecer seu homem”.

Foi ele quem se afastou primeiro.

– Preciso ir ou vou acabar passando da hora. Eu te ligo, beleza?

Percebi que ainda estava apertando o brinquedo de pelúcia.

– Beleza.

Ele se inclinou para me beijar de novo. Um toque leve, doce, nos lábios.

– Até mais – despediu-se Jake.

– Tchau.

Fiquei parada olhando a picape se afastar.

Quando as luzes traseiras haviam quase desaparecido na escuridão, caminhei para a entrada de casa, ouvindo o farfalhar da bainha do vestido contra os joelhos. *Meu primeiro beijo de verdade.*

– E então, como foi?

A voz profunda que vinha da escuridão me assustou, fazendo com que eu parasse na mesma hora. Olhei para as sombras.

– Lucius?

– Estou bem aqui.

Acompanhei sua voz até os degraus do terraço, onde ele estava sentado em meio às sombras, perto de uma abóbora de Halloween que tremeluzia. Cheguei mais perto.

– Você estava me espionando.

Lucius estendeu uma tigela.

– Estou de serviço na distribuição de doces. Quer? As crianças não ficaram felizes com a oferenda, mas acho que só restam saquinhos de soja caramelada.

Aceitei um saquinho e me sentei perto dele, num degrau.

– Não costumam aparecer muitas crianças pedindo doces. Ninguém mora a menos de um quilômetro daqui.

– Ah. – Lucius deu de ombros. – Então fui eu que odiei o doce. – Ele tomou o cachorro-quente de pelúcia dos meus braços. – Seus pais não vão gostar disso em casa. Brinquedo imitando carne. O Atarracado ganhou isso com algum feito de proeza física? – Em seguida jogou o brinquedo por cima do ombro, numa cadeira do terraço.

Ignorei a provocação.

– Você estava me esperando?

Lucius olhou para a escuridão distante.

– Como foi?

– Como foi o quê?

– Ele a beijou. Como foi?

Sorri, lembrando.

– Legal.

– Legal? – Lucius deu uma fungadela curta, de desprezo. – Digo e repito: o “legal” é superestimado.

– Por favor, não comece – pedi. *Não estrague isso.*

– Quando você beijar a pessoa certa, vai ser muitíssimo melhor do que legal – resmungou Lucius.

– Você não tem o direito de dizer isso.

Eu me levantei para entrar, alisando o vestido. Ele *não* estragaria esse momento. Isso não iria acontecer.

Para minha surpresa, Lucius cedeu.

– Você tem razão. Fui grosseiro. Eu não tinha o direito. – Ele deu um tapinha no degrau. – Por favor, faça-me companhia. Acho que estou melancólico esta noite.

– Você devia ter ido à festa – falei, sentando-me de novo.

Lucius inspirou fundo e soltou o ar.

– Não havia nada lá para mim.

– Até que foi divertido. Havia jogos e a gente...

– Alguma vez, ao menos por um minuto, você analisou minha vida pela minha perspectiva? – interrompeu Lucius, um tanto ríspido. – Já pensou em como eu me sinto? – Ele se virou para me encarar, os olhos reluzindo fracamente, como os da abóbora. – Alguma vez você olha para além de si mesma?

– Qual é o problema? Você está com saudade de casa ou algo assim?

– Algo assim. É. – O brilho ficou mais forte. – Por Deus. Eu moro numa garagem, longe de tudo o que conhecia. Fui mandado aqui para cortejar uma mulher que me despreza em favor de um camponês...

– Jake é um cara perfeitamente legal, Lucius.

Lucius bufou.

– É isso o que você quer da vida? Algo legal? Tudo precisa ser *legal*?

– Legal é... legal – protestei.

Lucius balançou a cabeça.

– Ah, Antanasia. Eu poderia lhe mostrar coisas tão além do legal que fariam sua linda cabecinha girar.

Sua voz tinha mudado subitamente, ficando mais baixa ainda e mais gutural. Havia nela uma qualidade que eu nunca escutara mas que reconheci por instinto. *Ímpeto sexual. Luxúria. Desejo.* Um desejo tenso, exasperado, frustrado.

– Lucius, acho que seria bom a gente entrar.

Mas ele apenas chegou mais perto e falou com mais suavidade, porém ainda com a sugestão de uma frustração mal contida.

– Eu poderia lhe mostrar coisas que fariam você se esquecer de tudo o que conhece aqui, em sua vidinha segura...

Engoli em seco. *O que ele pode me mostrar? Que tipo de coisas? Estou interessada?*

*Sim. Não. Talvez.*

– Lucius...

– Antanasia...

Ele se aproximou ainda mais e notei que ele ofegava. Eu também. Inalando a força que ele sempre exalava, eu compartilhava seu ar rarefeito.

– Você *nunca* pensa nessa sua parte? Na parte que é Antanasia?

– Antanasia é só um nome.

– Não. Antanasia é uma pessoa. Uma parte de você.

Então Lucius acariciou meu rosto, tocando-o com o polegar, e eu me peguei fechando os olhos, oscilando de leve, como se fosse uma serpente sob o feitiço de um encantador. Sabia que deveria parar o que quer que estivesse acontecendo, mas não fiz nada.

– A outra metade de você não se contentaria com o “legal” – disse Lucius, baixinho. Ele envolveu meu queixo com uma das mãos e pude sentir sua respiração na minha boca. Fria e próxima.

– Eu finalmente vi essa parte do seu ser, do seu espírito, quando experimentou essa roupa. Você fica tão linda nesse vestido! Ele a transforma...

Meu vestido. Tive uma sensação de poder enquanto os caras me olhavam durante a festa e gostei disso. Mas, ao lado de Lucius, sentia esse poder fugir ao meu controle e passar para suas mãos. Ele segurava as rédeas com tanta segurança quanto fizera com sua égua selvagem. E isso era aterrorizante. Lambi os lábios. Minha barriga estava retesada com aquela mistura de fome, ódio e medo que senti na primeira vez em que ele me mostrou aqueles dentes.

*Será que vai fazer isso de novo? Será? Será que deveria?*

– Antanasia.

Seus lábios mal tocaram os meus e uma ânsia me rasgou ao meio, como o desejo por aquele chocolate luxuriante, irresistível, proibido no sonho. *Não... eu acabei de beijar o Jake... Não quero desejar o Lucius...* Ele era tudo o que eu *não* queria. O cara achava que era um vampiro. Mesmo assim, eu pressionava meu corpo contra o dele, sentia minha mão subindo por vontade própria para acariciar seu queixo, onde estava a cicatriz, um caminho serrilhado de pele lisa que cortava os tocos de barba áspera. A violência em sua infância... isso o endureceu. *Teria se tornado perigoso?*

O braço de Lucius deslizou pelas minhas costas e ele roçou meus lábios de novo, dessa vez com mais força. Até sua boca era dura. E eu queria provar mais.

– Assim, Antanasia – murmurou ele. – É assim que deve ser... e não *legal...*

Ele estava me *tentando* a querer mais. A imagem dele fechando o zíper do meu vestido, seguro, entendido das coisas, atravessou meu cérebro num relâmpago. *Experiente...* Mamãe havia me alertado. *Não deixe isso lhe subir à cabeça, Jess...*

Lucius levou a mão até o meu pescoço, envolvendo minha nuca com os dedos, o polegar acariciando minha pele.

– Deixe-me beijá-la, Antanasia... beijar de *verdade*... como você deve ser beijada.

– Por favor, Lucius...

Eu estava implorando ou protestando?

– Seu lugar é ao meu lado – disse ele, baixinho. – Com a *nossa* espécie. Você sabe... Pare de lutar contra isso. Pare de lutar *contra mim*...

*Não!*

Devo ter gritado, porque Lucius recuou abruptamente.

– Não? – perguntou incrédulo, os olhos cheios de choque e incerteza.

Minha boca estava se mexendo, mas nenhum som saía. *Sim?*  
*Não?*

– Eu... eu acabei de beijar o Jake – gaguejei. – Há alguns minutos. – Não era errado ficar com dois caras numa noite só? Não era coisa de... vagabunda? O que aquele vestido estava fazendo comigo? E o lance que ele tinha dito sobre “*nossa* espécie”...

*Não.*

Lucius tirou a mão do meu pescoço e se inclinou para a frente, quase abraçando os joelhos, enfiando as mãos nos cabelos compridos e pretos com um som que era parte gemido e parte rosnado.

– Lucius, desculpe...

– Não diga isso.

– Mas eu quero me desculpar...

Só que eu não sabia por quê. Por ter beijado Jake? Por ter quase beijado Lucius? Por ter feito com que parássemos?

– Entre, Jessica. – Lucius ainda estava curvado sobre os joelhos, os dedos cruzados no cabelo. – Agora, por favor.

E então a porta da frente se abriu.

– Achei ter escutado vozes aqui fora – disse papai, fingindo não perceber a tensão óbvia.

– Papai – falei esganiçada, ficando de pé. – Acabei de chegar em casa. Lucius e eu estávamos conversando.

– Está ficando tarde – avisou papai, puxando-me para o seu lado. – E, Lucius, acho que podemos dizer que a distribuição de doces acabou. Você deveria ir para a cama.

– Claro, senhor – respondeu Lucius, educado. Ele se aprumou lentamente e ficou de pé também. Parecia cansado enquanto entregava a tigela ao meu pai. – Feliz Dia das Bruxas.

Então, entrei correndo, subi para o quarto e arranquei o vestido, jogando-o no fundo do armário. Puxei o cabelo, que caiu sobre os ombros. Tudo de volta ao normal. Após vestir uma camiseta e uma calça de moletom para dormir, fui de mansinho até a janela e olhei para a garagem. Mas a luz do quarto de Lucius estava apagada. Ele tinha ido dormir. Ou talvez tivesse saído.

Mamãe bateu à minha porta.

– Jessica? Você está bem?

– Estou ótima, mamãe – menti.

– Quer conversar?

– Não. – Fiquei observando a janela de Lucius, sem saber o que estava procurando. – Só quero dormir.

– Bem, então, boa noite, querida.

Os passos de mamãe recuaram pelo corredor e me deitei na cama, fechando os olhos com força. Não queria – não iria – pensar no que atrairia Lucius para a escuridão. A julgar pelo humor em que eu o havia deixado, temia que não fosse algo “legal”.

# CAPÍTULO 21

CARO TIO VASILE,

*Que confusão por aqui. Que confusão! Seria bem mais fácil de explicar se o senhor experimentasse usar um e-mail. Está disponível em toda parte hoje em dia. Pense nisso, por favor, pelo menos enquanto eu estiver aqui.*

*Até lá tenho a difícil tarefa de lhe informar via correio que todo o pacto parece cambalear, interminável e irrevogavelmente, na direção do esquecimento.*

*Esta noite... Por onde começar? O que dizer?*

*Se aquele não era o momento, não sei o que mais posso fazer. Se Antanasia não sentiu o que eu senti naquele instante, se ela teve a presença de espírito de recuar, na verdade de gritar "Não!" para mim quando eu iria admitir que já estava totalmente perdido por ela, não sei mais o que fazer.*

*Tenho certeza de que o senhor pode deduzir, pelas linhas acima, o que se passou entre nós, num sentido geral. Não vou me rebaixar – nem desonrar Antanasia – entrando em detalhes. Fazer isso seria não só humilhante, mas também pouco cavalheiresco. E certamente o senhor me entende.*

*Será que fui mesmo superado por um camponês? Um camponês atarracado, tapado, parasita?*

*Talvez de manhã a situação pareça menos desagradável. Só podemos esperar.*

*Enquanto isso, será que o senhor poderia me oferecer alguma informação sobre o castigo que enfrentarei caso venha a*

*fracassar? Gostaria de começar a me preparar mentalmente, sobretudo se for enfrentar o pior. Sempre preferi encarar o destino de cabeça erguida, como me ensinou. E poderei fazer isso melhor se tiver oportunidade de me preparar.*

*Seu sobrinho, com dúvidas, incertezas e preocupações que não são de pouca monta,*

*Lucius*

## CAPÍTULO 22

— Você vai fazer uma ótima exibição, querida – prometeu mamãe, usando um alfinete para prender meu número nas costas do blazer de montaria.

– Vou vomitar – gemi. – Por que me inscrevi nisso?

– Porque os desafios nos fazem crescer – respondeu mamãe.

– Se você diz...

Dentro de alguns minutos seria a minha vez. Eu montaria Bela na arena do Clube da Juventude e nós saltaríamos uma série de obstáculos.

A coisa toda duraria uns três minutos, no máximo.

Então por que eu estava tão nervosa?

*Porque você pode cair. Bela pode refugar. Você não é uma atleta, é só uma matemateleta.*

– Eu deveria ter trazido um bezerro, como no verão passado – resmunguei. – Tudo o que a gente precisa fazer é entrar na arena e esperar para ver se ganha um prêmio.

– Jessica, você é uma ótima amazona – insistiu mamãe, me girando pelos ombros para olhar nos meus olhos. – E até parece que nunca competiu.

– Mas aquilo era matemática – protestei. – E eu sou boa em matemática.

– Você é boa saltadora também.

Pensei em Faith e Lucius.

– Mas não sou a melhor.

– Então hoje é uma excelente oportunidade para testar seus limites. Arriscar-se a um segundo ou até mesmo a um terceiro lugar.

Olhei para o outro lado do campo, onde Lucius estava a meio galope com sua égua, que ele havia batizado de Fera. *Rá-rá-rá.*

– Correr riscos nem sempre é uma coisa boa – retruquei, olhando Lucius lutar para controlar o animal ainda meio selvagem. Lucius era o único que conseguia encostar em Fera. Ele insistia em dizer que ela era incompreendida, mas eu achava a égua simplesmente maligna.

– Aquilo é um pouco arriscado *demais* – admitiu mamãe, acompanhando meu olhar. Em seguida suspirou. – Espero que ele fique bem.

Pelo modo como ela disse, tive a estranha sensação de que mamãe não falava somente da competição de saltos.

– Ele também precisa colocar o número – acrescentou mamãe. E acenou para Lucius.

Ele ergueu a mão, cumprimentando-a, e veio trotando, saltando da sela e enrolando as rédeas numa estaca da cerca. Fera jamais seria o tipo de animal capaz de esperar sem estar amarrada.

Lucius fez uma pequena reverência.

– Dra. Packwood. Jessica.

– Oi, Lucius – respondi, pouco à vontade.

Ele se virou e minha mãe prendeu o número. Para minha surpresa, em seguida mamãe girou Lucius, como tinha feito comigo, e o abraçou. A surpresa se transformou em choque quando Lucius a abraçou de volta. *Quando foi que esses dois se aproximaram?* Em algum momento depois do Halloween, talvez. Lucius e eu estávamos nos evitando desde aquele encontro estranho no terraço.

– Boa sorte – disse mamãe, espanando uma sujeira imaginária no blazer impecável dele, de caimento perfeito. – E use o capacete – acrescentou. – É obrigatório.

– É, é, a segurança em primeiro lugar – disse Lucius, sarcástico. – Vou procurá-lo. – Ele virou para mim com o olhar neutro. – Boa

sorte.

– Pra você também.

Lucius desamarrou a égua e a conduziu para longe. Mamãe o observou com o rosto tenso.

– Ele vai ficar bem – garanti.

– Assim espero.

– Eu sou a segunda, certo? – perguntei.

– É. Depois da Faith.

*Maravilha.* A pior apresentação que poderia vir antes de mim. Faith não competia apenas na exposição anual do Clube da Juventude. Montava nas exposições mais importantes em seu capão caríssimo. Meu estômago ficou embrulhado de novo.

– Você vai se sair muito bem – afirmou mamãe. E me abraçou.

O alto-falante começou a berrar. Estava na hora.

– Vamos lá.

Obviamente Faith completou o circuito sem falhas com seu puro-sangue Dança Lunar. Dominou o percurso com as pernas ágeis, de ossos finos, do animal, superando cada obstáculo, até mesmo o quinto, uma torre que, de onde eu esperava, na lateral, parecia ter uma altura intransponível.

Eu precisava fazer xixi, um xixi de nervosismo, mas não havia tempo. Montei enquanto os cascos de Dança Lunar passavam na parte final do circuito.

– A seguir, Jessica Packwood, da Escola Woodrow Wilson, montando Bela, uma *appaloosa* de 5 anos.

Eles anunciaram meu nome.

Respirei fundo e localizei Jake, que assistia da arquibancada. Ele sorriu, me encorajando com os polegares para cima. Sorri de volta, quase por obrigação.

Lucius também estava lá, observando, encostado na cerca. *Droga.* Como se eu precisasse de seus olhos hiper-críticos para me julgar.

Olhei por cima do ombro, imaginando o que aconteceria se minha égua e eu simplesmente desistíssemos. Mas era tarde. Não havia como dar para trás.

Respirando fundo outra vez, fui em frente. Os cascos de Bela faziam pouco barulho na terra densa da arena quase silenciosa. Sentindo a força do animal, seus passos familiares sob meu corpo, comecei a me concentrar. O primeiro obstáculo se aproximava. Uma cerca. Entramos em meio galope, saltamos e ultrapassamos sem erro. *Você está só saltando com Bela. Exatamente como faz em casa.* Passamos então com facilidade pelas traves baixas e o nervosismo foi sumindo, sendo substituído pela empolgação. Todas aquelas pessoas nos observavam e estávamos conseguindo.

Bela passou pelas duas cercas seguintes, e seus cascos sequer roçaram as traves.

A quinta cerca, a mais alta, se aproximou e meu coração quase pulou pela boca. Mas Bela se ergueu, voou e nós passamos.

Um circuito perfeito. Sem faltas. No final das contas havíamos feito uma passagem impecável. Um sorriso enorme, vitorioso, rasgou meu rosto. *Engole isso, astrozinho romeno.*

Enquanto ia a meio galope para a saída, acenei para meus pais, que aplaudiam, e para Jake, que estava com os dois dedos na boca, assobiando. Procurei Lucius e vi que ele batia palmas com energia, as mãos levantadas. Ele moveu os lábios sem emitir som: "Boa apresentação." O que quer que tivesse se partido entre nós havia acabado de ser um pouco consertado.

Voltei, depois de levar Bela, bem a tempo de ver a exibição de Lucius.

Ele montava com facilidade, majestoso, como se tivesse nascido sobre o lombo de Fera. A égua negra como a noite também parecia estranhamente calma. Cutucando os flancos, Lucius a instigou num meio galope, chegando quase ao galope total. A velocidade era insana para o percurso pequeno, mas Lucius não

parecia notar. Havia um pequeno sorriso em seus lábios enquanto se aproximava da primeira cerca. Fera voou, pousando com suavidade, e percebi que aquele era um animal nascido para saltar. Os dois pareciam fundidos um ao outro, égua e cavaleiro, tomando conta do circuito. Fera chegava ao dobro da altura necessária e de repente os espectadores estavam gritando e aplaudindo.

Era uma coisa imprudente. Imprudente demais. Olhei para meus pais na arquibancada. Pareciam aterrorizados e logo fiquei também.

Enquanto Lucius voava por cima do quinto obstáculo, alguém apertou meu pulso, fazendo-me pular de susto.

– Olha só para ele – sussurrou Faith Crosse para ninguém em particular. Tive quase certeza de que ela nem notara quem estava segurando, tamanha a intensidade com que olhava Lucius. Faith bateu com o chicote de montaria no tornozelo, distraidamente, no mesmo ritmo dos cascos. Puxei o braço para longe.

– Desculpa – murmurou ela, sem desviar o olhar de Lucius.

Fera ultrapassou o último obstáculo e o locutor anunciou um novo recorde de tempo na competição.

Lucius e a égua pararam diante do portão e ele apeou, tirando as luvas de montaria com ar tranquilo, como se tivesse acabado de dar um passeio no parque, alheio aos aplausos.

*Sempre metido a besta.*

– Vou dar os parabéns a ele – disse Faith.

Captei uma expressão peculiar nos olhos da futura rainha do baile de formatura.

Faith desapareceu na multidão, em direção à saída, seguindo Lucius atrás da arena. Foi então que pensei no chicote de montaria. Fera não gostaria de ver o chicote. Lucius chegara até a pôr um cartaz de aviso no estábulo – um cartaz que eu via quase todo dia.

– Faith, espera – gritei, indo atrás dela.

Mas não fui rápida o bastante. Quando a alcancei atrás da estrebaria, Faith se aproximara da égua e do cavaleiro e estava balançando o chicote, chamando a atenção de Lucius. O chicote roçou o flanco do animal e Fera girou furiosa, recuando, quase arrancando as rédeas das mãos de Lucius antes que ele percebesse o que estava acontecendo.

Ouvi Lucius ordenar que Faith largasse o chicote, mas era tarde demais.

A égua empinou, dando com as patas no ar, perto demais de Faith. Gritei, vendo o que iria acontecer, e então Lucius empurrou a garota, colocando-se na frente dos cascos e depois caindo debaixo deles.

Houve um estalo horrível quando a força dos cascos de Fera, impelidos por uma tonelada de cartilagens e músculos, colidiu com as pernas e as costelas de Lucius. Tudo acabou em segundos, antes que eu pudesse sequer gritar de novo, e de repente Lucius estava caído, o corpo comprido dobrado, quebrado, sobre a grama. Havia sangue na camisa branca dele, sangue escorrendo da bota de cano alto e manchando a calça cáqui.

– Lucius!

Finalmente encontrei minha voz e gritei, correndo, abaixando-me ao lado dele. Estava tão apavorada que me esqueci do monstro perigoso que se erguia ainda solto perto do meu ombro.

– Pegue-a – pediu Lucius, com os dentes trincados enquanto tentava rolar de lado, indicando a égua que estava parada, arfando, com medo e ainda cautelosa. – Você consegue. Antes que ela...

Faith começou a chorar aos berros, mas ninguém nos ouvia atrás da estrebaria. Todos estavam lá dentro, assistindo à competição. Fera tinha parado, com a cabeça baixa, fungando como uma sentinela furiosa acima de Lucius. Eu podia sentir seu hálito

quente no meu pescoço e então fiquei apavorada por mim também. *Nada de movimentos bruscos...*

– Ela precisa ser amarrada, Jess – implorou Lucius, contraindo-se com o esforço das palavras.

Assenti em silêncio, pois sabia que ele estava certo. Levantando-me bem devagar, o mais lentamente possível, me virei.

– Calma, garota – sussurrei, estendendo as mãos com as palmas para cima.

A égua se encolheu e eu também. *Mantenha a calma, Jess...*

Cheguei mais perto. Os olhos de Fera giraram loucamente, mas ela não fugiu. Não deu coices. Parecia entender que alguma coisa tinha dado errado. Estendi as mãos trêmulas para as rédeas soltas que pendiam do freio.

– Calma, garota.

Mantive os olhos fixos nos dela e localizei as rédeas com as pontas dos dedos. A respiração da égua continuava pesada e rápida, mas ela ainda estava parada. Lucius gemeu. Eu precisava agir depressa. Movendo-me com mais segurança, porém com os dedos trêmulos, enrolei as rédeas numa estaca presa ao chão.

Graças a Deus. Ela estava sob controle.

Corri de volta para Lucius, que apertava as costelas por cima da camisa ensanguentada. Fiquei de joelhos e segurei sua mão livre.

– Está tudo bem – prometi. Mas não conseguia desviar os olhos de sua perna. Havia uma fratura na metade da canela e a bota de couro estava dobrada. – Chama alguém para ajudar – gritei para Faith, que parecia paralisada.

– Foi um acidente – ela choramingava sem parar.

– Vai chamar alguém! – gritei com ela de novo. – Agora!

– Não! – rosnou Lucius, mais alto do que eu imaginaria ser possível, dada a posição retorcida de seu corpo. Mas algo em seu tom interrompeu Faith e ela se virou. – Chame os pais de Jessica. Mais ninguém.

Faith hesitou, em pânico, perplexa, incerta. Olhou para mim.

– Chama os médicos de plantão – implorei a Faith. O que Lucius estava fazendo? Ele precisava de uma ambulância.

– Só os pais de Jessica – disse Lucius, cuja voz se sobrepôs à minha em seu tom mais autoritário. E me segurou pela mão para que eu não pudesse ir.

– Eu... eu... – Faith começou a dizer alguma coisa.

– Vá! – ordenou Lucius.

Faith saiu correndo. Rezei para que ela trouxesse os médicos.

– Droga, isso dói – gemeu Lucius, o rosto se retorcendo enquanto uma onda de dor o atravessava. Ele apertou minha mão.

– Fique aqui, está bem?

– Não vou a lugar algum – respondi, num esforço para que a voz não falhasse. Estava aterrorizada e lutava para não deixar que Lucius visse meu medo. Um fio de sangue escorria de sua boca e eu contive a ânsia de gritar. Isso devia ser mau sinal. Poderia indicar uma hemorragia interna. Limpei o líquido vermelho com os dedos trêmulos e uma lágrima caiu no rosto dele. Eu nem tinha percebido que estava chorando.

– Por favor, não faça isso – ofegou Lucius, me encarando. – Não desmorone por minha causa. Lembre-se: você é da realeza.

Apertei sua mão com mais força.

– Não estou chorando. Aguenta firme aí.

Ele se remexeu um pouco, encolhendo-se.

– Sabe... isso não pode matar um...

Meu Deus, ele ainda ia falar naquela palhaçada de vampiro? Nunca acreditei nem por um segundo que ele não poderia morrer.

– Fica parado.

– Essa perna... Porcaria.

Seu peito arfava e ele tossiu. Mais sangue. Um monte de sangue. Sangue de mais. Saía de seus pulmões. Provavelmente haviam sido perfurados. As aulas de primeiros socorros na escola

tinham sido em número suficiente para que eu soubesse um pouco sobre acidentes. Limpei seus lábios com a manga da minha blusa, mas isso só espalhou mais sangue em nós.

– Os médicos já estão vindo – prometi. *Mas será que chegarão tarde demais?*

Por instinto, alisei o cabelo de Lucius com minha mão livre. Seu rosto relaxou só um pouquinho e a respiração se acalmou de leve. Mantive a mão ali, pousada em sua testa.

– Jess?

Ele procurou meu rosto com os olhos.

– Não fale.

– Eu... eu acho que você merece... um prêmio.

Mesmo contra a vontade eu ri, um riso áspero, tenso, e me abaixei para beijar sua testa. Aquilo simplesmente aconteceu. Pareceu a coisa certa a fazer.

– Você também.

Seus olhos se fecharam. Senti que sua consciência estava se esvaindo.

– E... Jess?

– Fica quieto.

– Não deixe que façam nada... com minha égua – conseguiu dizer com a respiração difícil. – Ela não quis fazer mal. Foi só o chicote, você sabe...

– Vou tentar, Lucius – prometi. Mas sabia que não adiantaria. Os dias de Fera estavam contados.

– Obrigado, Antanasia... – Sua voz era quase inaudível.

Vindo da lateral da estrebaria, ouvi o som de pneus de carro na grama. Soltei o ar com alívio. Faith havia chamado a ambulância.

Mas me enganei. Quando o veículo virou a esquina, identifiquei a velha Kombi com Ned Packwood ao volante. Meus pais saltaram, o medo estampado no rosto, e me tiraram do caminho.

– Levem-me para sua casa – implorou Lucius, voltando um pouco a si. – Vocês sabem...

Mamãe girou para me encarar.

– Abra a traseira da Kombi – ordenou.

– Mamãe, ele precisa de uma ambulância.

– Faça o que eu digo, Jessica.

Comecei a chorar de novo porque não entendia o que estava acontecendo e não queria contribuir para a morte de Lucius. Mas obedeci.

Meus pais colocaram Lucius na Kombi com o máximo de delicadeza possível, mas ele continuou a gemer, mesmo inconsciente. A dor era tão grande que devia ter passado pelo seu cérebro entorpecido. Comecei a ir atrás dele, mas papai me impediu com a mão firme no ombro. Em vez disso mamãe entrou, agachando-se ao lado de Lucius.

– Fique aqui e explique o que aconteceu – disse papai. – Diga a eles que levamos Lucius para o hospital.

Vi a mentira no rosto de papai e meus olhos se arregalaram.

– Vocês *vão* levá-lo para lá?

– Só diga a todo mundo que ele está bem – retrucou papai, sem responder à minha pergunta. – Depois, cuide da água.

O que eles me pediam era de mais para mim. E se não levassem Lucius para o hospital e ele morresse? Seriam responsáveis! Talvez acusados de negligência ou alguma modalidade de homicídio. Faith tinha visto que Lucius não estava bem. Sabia que ele precisava de cuidados médicos. E o Clube da Juventude verificaria se ele fora hospitalizado. Afinal de contas, o haras poderia ser processado. Que diabo meus pais estavam fazendo? Eles podiam ir para a *cadeia*. E por quê? Não fazia sentido manter Lucius fora de um hospital.

Mas não havia tempo para protestar nem para pedir orientação. Lucius precisava ir para algum lugar quente, pelo menos. Algum

lugar onde as pessoas soubessem cuidar de ossos quebrados e pulmões sangrando. Desde que não fosse a nossa cozinha, onde papai poderia tentar alguma cura com ervas...

Meu peito arfou de novo. Eu estava apavorada. Se meus pais fossem tentar algum tipo de "cura natural" em Lucius seriam mais sem-noção do que eu pensava. Tudo isso passou pela minha cabeça enquanto eu seguia a pé atrás da velha Kombi, olhando desamparada o veículo sacolejar pela área gramada e pelo estacionamento de cascalho, o mais rápido que papai conseguia dirigir sem, aparentemente, levantar suspeitas ou sacudir muito Lucius.

Eu ainda estava ali, parada, olhando uma nuvem de poeira que se afastava, quando Faith reapareceu ao meu lado, mais recomposta. Seus olhos estavam vermelhos, mas os ombros haviam voltado a ficar alinhados. Mesmo assim sua voz ficou um pouquinho embargada quando perguntou:

– Você acha que ele... vai ficar...?

– Ele vai ficar bem – prometi, mentindo com mais facilidade do que achava possível. Precisava soar convincente. A sobrevivência da minha família, não somente a de Lucius, estava em jogo. – Acho que os ferimentos não foram tão ruins como pareceram de início.

– Não?

Faith me lançou um olhar cético. Mas também era um olhar de esperança. Percebi que ela preferia acreditar na mentira. Afinal, não queria ser responsável pelos ferimentos de Lucius, muito menos por sua morte.

– Ele se sentou um pouco – contei, obrigando-me a encarar os olhos azuis de Faith. – E fez uma piada.

A tensão no rosto de Faith se aliviou e eu soube que ela havia se obrigado a acreditar no que eu disse. Estava desesperada demais por ser absolvida.

- Deve ter parecido tão ruim porque aconteceu rápido demais.
- É, provavelmente – concordei. – Foi apavorante mesmo.

O olhar de Faith se desviou na direção do estacionamento, como se ainda esperasse ver a Kombi se afastar. Então notei que ela continuava com o chicote nas mãos, batendo-o distraída na bota. Eu teria jogado aquela coisa no lixo. *Como é que ela não havia enxergado a placa no estábulo?*

A resposta era tão óbvia que chegava a ser ridícula. Faith Crosse não via nada além de sua pequena esfera de interesse. Simples assim.

– Mesmo não estando tão ruim quanto a gente pensava, por que ele não quis que eu chamasse os médicos? – perguntou ela, pensativa.

Eu também não tinha certeza, mas fiquei com a sensação de que teria a ver com as ilusões de Lucius sobre ser um vampiro. Mas essa definitivamente não era uma resposta adequada para Faith, por isso sugeri:

– Acho que ele é orgulhoso demais. Corajoso demais para ser carregado ao som de sirenes e com pessoas olhando.

Na verdade, conhecendo Lucius, isso também poderia ser verdade.

Faith sorriu um pouco, ainda olhando a distância. O chicote batia a um ritmo constante em sua bota. Estava calma agora, quase relaxada.

– É – disse ela, mais para si mesma do que para mim. – Lucius Vladescu parece não ter medo de nada. E ele sabe mesmo o que quer, não é?

*Você não faz ideia,* senti vontade de dizer. Nesse instante, porém, um bando de juízes da competição marchava em direção a nós duas. Eu me virei para encará-los, pronta para contar mais mentiras.

## CAPÍTULO 23

Estava escuro quando cheguei em casa, montando Bela. Havíamos seguido um caminho alternativo, atravessando milharais vazios e evitando as estradas ao máximo, quase como se eu estivesse com medo de ser seguida. Não quis pegar carona para casa com nenhuma das pessoas que tinham oferecido, como Faith ou os líderes do Clube da Juventude. Principalmente eles, cujas perguntas eu já havia respondido pelo menos 50 vezes. Eles pegariam no meu pé e perguntariam por que nenhum dos hospitais da região parecia saber nada sobre um garoto ferido por um cavalo. E depois iam querer falar com meus pais e então entrariam na nossa casa e descobririam Lucius Vladescu quase morto – ou morto de fato – no nosso sofá, com meu pai tentando ressuscitá-lo usando ervas medicinais e chás.

Esporeei Bela um pouco mais ao pensar nisso.

*Será que Lucius podia mesmo estar morto? Como eu me sentiria nesse caso? Será que lamentaria? Sofreria? A culpa me mordia. Será que eu me sentiria aliviada de algum modo?*

*E eu estava mais preocupada com Lucius ou com o papel dos meus pais nesse desastre?*

Todas essas perguntas se reviravam na minha mente enquanto eu ia para casa, presa num passo de égua quando precisava de um jato. Nossa cavalgada parecia ridiculamente vagarosa. *Einstein havia explicado essa sensação, não é? Relatividade. Nossa percepção do tempo depende da velocidade com que queremos que ele passe.*

Tempo. Relatividade. Ciência.

Tentei me concentrar nesses conceitos em vez de me voltar para preocupações inúteis, mas a imagem do sangue na camisa de Lucius teimava em reaparecer. O sangue que jorrava de sua boca. O sangue vermelho, vermelho.

Quando cheguei ao final de nossa estradinha, Bela estava num galope imprudente e larguei as rédeas, deslizando da sela ao ver a Kombi dos meus pais parada na frente da casa. Havia outro carro, um sedã desconhecido mas igualmente decrépito. A casa estava toda às escuras, com exceção de algumas luzes fracas lá dentro.

Abandonei a pobre Bela, apesar de saber que deveria colocá-la em sua baia, subi correndo os degraus e entrei.

– Mamãe! – berrei a plenos pulmões, batendo a porta atrás de mim.

Minha mãe surgiu vindo da sala de jantar, pedindo silêncio com um dedo nos lábios.

– Jessica, por favor. Fale baixo.

– O que aconteceu? Como ele está?

Fui em direção à sala de jantar, mas mamãe segurou meu braço.

– Não, Jessica. Agora, não.

Examinei o rosto dela.

– Mamãe?

– É grave, mas temos motivo para acreditar que ele vai se recuperar. Está recebendo bons cuidados. Os melhores que podemos dar, com segurança – acrescentou, enigmática.

– Como assim, “com segurança”? – indaguei. Cuidados com segurança eram dados nos *hospitais*. – E de quem é aquele carro lá fora?

– Nós chamamos o Dr. Zsoldos...

– Não, mamãe!

Não o Dr. Zsoldos. O charlatão húngaro maluco que havia perdido a licença médica por usar controversos “remédios”

tradicionais de seu país, nos Estados Unidos, onde as pessoas tinham o bom senso de acreditar na medicina de verdade. Eu deveria ter reconhecido o carro. Muito depois de o restante do condado ter boicotado o velho Zsoldos, ele e meus pais continuaram amigos, juntando-se ao redor da mesa da cozinha e conversando até altas horas da noite sobre os idiotas que não confiavam em "terapias alternativas".

– Ele vai matar o Lucius!

– O Dr. Zsoldos entende Lucius e o povo dele – disse mamãe, segurando-me pelos ombros. – Ele é de confiança.

– De confiança em relação a quê?

– À discrição.

– Por quê? Por que temos que ser discretos? Você viu o sangue saindo da boca do Lucius? A perna esmagada?

– Lucius é especial – afirmou mamãe, sacudindo meus ombros um pouco, como se eu devesse ter percebido esse fato um milhão de anos antes. – Aceite isso, Jessica. Ele não estaria seguro num hospital.

– E está seguro aqui? Na nossa sala de jantar?

Mamãe soltou meus ombros e esfregou os olhos. Percebi que ela devia estar cansada.

– É, Jessica. Mais seguro.

– Mas ele está com hemorragia. Até eu sei disso. Provavelmente precisa de sangue.

Mamãe me olhou de um jeito estranho, como se eu tivesse compreendido uma verdade importante.

– É, Jess. Ele precisa de sangue.

– Então leva Lucius para o hospital, por favor.

Mamãe me encarou por um longo momento.

– Jessica, há coisas sobre Lucius que a maioria dos médicos não entenderia. Podemos conversar sobre isso mais tarde, mas agora preciso voltar para cuidar dele. Por favor, suba e tente ser

paciente. Falarei com você assim que tiver novidades sobre o estado dele.

Dando as costas para mim, mamãe abriu a porta da sala de jantar e escutei vozes fracas vindas de dentro do cômodo escuro. A voz do meu pai. Do Dr. Zsoldos. Mamãe entrou para se juntar à conspiração secreta e fechou a porta.

Furiosa, apavorada e frustrada, subi correndo e esqueci a pobre Bela. Sinto vergonha de admitir que ela passou a noite toda no frio de novembro, andando em volta do estábulo, com a sela ainda no lombo. Eu estava atordoada demais para pensar no animal que havia me ajudado a conquistar um pouco de glória havia apenas algumas horas. Em vez disso, subi na cama e olhei pela janela, tentando descobrir o que fazer.

Enquanto pensava se deveria chamar um médico, vi meu pai sair de casa e atravessar o quintal rapidamente em direção à garagem. A luz se acendeu no quarto de Lucius, mas só por alguns instantes. Ela se apagou de novo e, segundos mais tarde, papai voltou, caminhando depressa pelo gramado. Pude ver, à luz do luar, que ele carregava alguma coisa. Algo mais ou menos do tamanho de uma caixa de sapatos mas com cantos arredondados. Um embrulho.

Esperei até que os passos de papai atravessassem a casa e que a porta da sala de jantar se fechasse. Então desci, evitando todas as partes barulhentas do piso que poderiam me entregar. Fui na ponta dos pés até a porta da sala de jantar e virei a maçaneta, abrindo só uma fresta. O bastante para poder ver lá dentro.

O fogo na lareira estava quase apagado e a iluminação era mínima, mas eu conseguia enxergar a cena.

Lucius estava deitado na nossa grande mesa de jantar de madeira, a que usávamos para ocasiões especiais. Estava com o peito nu, sem as roupas sujas de sangue, e a parte de baixo do

corpo fora coberta com um lençol branco. Seu rosto estava sereno. Os olhos, fechados. A boca, tranquila.

Parecia um cadáver. Eu nunca tinha ido a um funeral, mas achei que ninguém poderia parecer mais morto do que Lucius naquele momento.

*Ele está morto?*

Olhei para o peito dele, desejando que se mexesse, mas, se os pulmões funcionavam, estavam fracos demais para que eu pudesse distinguir seu movimento na sala mal iluminada. *Por favor, Lucius. Respire.*

Quando o peito de Lucius não deu sinal de vida, algo se abriu dentro de mim e todo o meu corpo pareceu uma enorme caverna com um vento gelado atravessando os espaços vazios. *Não, ele não pode ter morrido. Não posso deixá-lo ir.* Lutei para me manter calma. Se Lucius tivesse morrido, não estariam cuidando dele. Parariam de tratar do seu corpo. Cobririam seu rosto.

Minha mãe andava de um lado para o outro perto da lareira, com uma das mãos na boca, olhando para meu pai e o Dr. Zsoldos, que conversavam em voz baixa junto do pacote que papai havia apanhado na garagem.

Alguma decisão devia ter sido tomada, porque o Dr. Zsoldos pegou uma faca – um bisturi? – numa bolsa preta. *Ele vai operar o Lucius? Na nossa mesa?*

Quase me virei, horrorizada demais para olhar. Mas, não, o charlatão húngaro não cortou Lucius. Apenas rompeu o barbante que amarrava o pacote e rasgou o papel. Levantou o conteúdo, aninhando-o como se estivesse fazendo o parto de um bebê – um bebê mole, escorregadio, que quase escapou de suas mãos. *Que troço era aquele?*

Inclinei a cabeça um pouco mais para a frente, encostando o rosto na fresta e lutando para controlar a respiração e não ser descoberta. Mas ninguém prestava atenção na porta. Mamãe,

papai e o Dr. Zsoldos estavam olhando aquela... coisa nas mãos do húngaro. Parecia algum tipo de bolsa, feita de um material que eu não conseguia identificar. Mas era algo maleável, porque dançava nas mãos do Dr. Zsoldos, como gelatina num saco plástico.

– Deveríamos ter imaginado que ele guardaria isso – sussurrou o Dr. Zsoldos, assentindo, a barba branca balançando.

– É – concordou mamãe, agora avançando na direção de Lucius.  
– Deveríamos ter imaginado.

Papai assentiu e os dois enfiaram os braços sob os ombros de Lucius, levantando-o com delicadeza, até deixá-lo quase sentado. Lucius emitiu um som, algo entre um gemido de dor e o rugido de um leão furioso e ferido. Meus dedos úmidos escorregaram na maçaneta ao ouvir aquilo. Não era totalmente humano nem totalmente animal. Mas era arrepiante e reverberava pelas paredes.

Enxuguei as mãos na calça de montaria, forçando a vista para entender a cena diante de mim.

O Dr. Zsoldos se inclinou para o paciente e estendeu a bolsa como uma oferenda diante do rosto de Lucius. A luz da lareira se refletiu nos óculos do médico e ele sorriu de leve enquanto encorajava, baixinho:

– Beba, Lucius. Beba.

O paciente não reagiu. A cabeça de Lucius tombou de lado e papai mudou de posição para segurá-la, firmando-a.

O Dr. Zsoldos hesitou, depois pegou o bisturi de novo, usando-o para furar a bolsa, bem embaixo do nariz de Lucius. Os olhos que eu temia terem se apagado para sempre se abriram com um tremor. Soltei um grito.

Sempre escuros, agora os olhos de Lucius estavam totalmente pretos. As pupilas pareciam ter consumido as íris e a maior parte

da área branca também. Eu nunca tinha visto olhos como aqueles. Era impossível me desvencilhar deles.

Ele abriu a boca e seus dentes tinham mudado de novo.

Meus pais deviam ter escutado meu grito, mas era tarde demais. Eles também estavam hipnotizados enquanto Lucius inclinava a cabeça, cravando as presas na bolsa e bebendo com a expressão exausta, ainda que sedento. Um pouco de líquido escorreu pelo queixo e pelo peito. Líquido escuro. Líquido grosso. Eu tinha visto um líquido assim antes, havia poucas horas, manchando aquele mesmo peito.

*NÃO.*

Fechei os olhos, incrédula. Balançando a cabeça, tentei pensar direito, expulsar a imagem do que achava ter visto.

Havia um cheiro, também. Um odor pungente que eu nunca tinha sentido. Bem, eu tinha sentido de leve antes, mas agora... agora era forte demais. E estava ficando mais forte ainda. Abri os olhos e me obriguei a olhar de novo. Eu não percebia aquele aroma com o nariz. Eu o *sentia*, em algum lugar fundo, na boca do estômago ou nos recônditos daquela parte primitiva do cérebro que estudamos na aula de biologia. A área que controla o sexo, a agressividade e... o prazer?

Lucius se empertigou mais um pouco, sustentando-se num dos cotovelos, ainda bebendo com volúpia, como se não conseguisse se faltar. Mas logo não restava mais nada. O saco estava vazio. Lucius então tombou de volta com um gemido que, de algum modo, conseguiu revelar uma agonia crua e pura satisfação. Papai segurou seus ombros nus bem a tempo.

– Descanse, Lucius – insistiu papai.

Mamãe limpou com um pano o peito dele, onde o sangue tinha se derramado.

*Sangue. Ele estava bebendo sangue.*

Fechei os olhos de novo, dessa vez com mais força. Então aconteceu uma coisa estranha, porque eu estava agachada num chão sólido, de madeira, que teoricamente não podia se mexer, mas que começou a balançar e girar sob meus pés. Toda a casa oscilava ao meu redor e, mesmo quando abri os olhos, tentando me orientar, senti que eles giravam por vontade própria na direção do teto, que foi desbotando como uma tela de cinema quando o filme acaba.

Acordei mais tarde, naquela mesma noite, na minha cama, vestida com o pijama de flanela, confusa e desorientada, como se de repente me encontrasse num país estrangeiro e não no meu quarto. Ainda estava escuro. Tentei ficar o mais imóvel possível, olhos abertos, para o caso de o quarto começar a dançar e o teto começar a desbotar de novo.

Mas a casa não se mexeu, mesmo quando repassei, em detalhes nítidos, tudo o que tinha visto. Tudo o que tinha sentido.

Eu tinha visto Lucius beber sangue. Tinha mesmo? Foi uma coisa turva, confusa. E aquele cheiro... Talvez o Dr. Zsoldos tivesse dado a Lucius algum tipo de bebida alcoólica romena, alguma poção ou sei lá o quê. Talvez eu houvesse entendido mal, em meio ao pânico e ao medo.

Mas o que eu não podia explicar era como havia me sentido quando acreditei que Lucius estivesse morto.

Sufrimento. O maior sofrimento que eu poderia imaginar. Como se um buraco tivesse sido aberto na minha alma.

Essa foi a parte que me assustou de verdade. Fiquei tão alucinada que desci de novo no meio da noite, me esgueirando até a sala de jantar. O fogo da lareira fora atizado e Lucius estava deitado de costas na mesa, mas agora havia um travesseiro sob sua cabeça. Puseram um cobertor mais quente sobre o lençol, que cobria seu corpo dos ombros aos pés. Meu pai ainda estava lá, cochilando na cadeira de balanço e roncando baixinho, mas

mamãe tinha sumido, e o Dr. Zsoldos também, além de sua maleta e da bolsa com a qual eu havia provavelmente sonhado...

Fui de mansinho até perto do rosto de Lucius. Não havia vestígios de nada vermelho em seus lábios, nem mancha no queixo, nenhuma sugestão de mudança em sua boca. Só um rosto pálido, ferido, agora familiar. Enquanto eu o observava, ele deve ter sentido uma presença, ou talvez sonhasse, porque se mexeu um pouco e a mão tombou da mesa. A posição parecia desconfortável, por isso, depois de esperar um pouco para ver se ele se moveria mais uma vez, segurei seu pulso com cuidado e o coloquei de volta na mesa. Apesar do cobertor e do fogo que estalava ali perto, sua pele estava fria demais ao toque – na verdade, gelada. Ele estava sempre muito frio. Meus dedos escorregaram para baixo, envolvendo os de Lucius por um momento, para oferecer algum conforto ou calor.

Ele estava vivo.

Então comecei a chorar, o mais baixo que pude, num grande esforço para não acordar papai. Deixei que as lágrimas escorressem pelo rosto e pingassem nas nossas mãos entrelaçadas. Lucius me deixava maluca. Ele *era* maluco. Mas não importava. Eu não queria ter que enfrentar de novo aquela perda. Nunca mais.

Soltei um soluço, incapaz de me conter. Ao ouvir o som, papai gemeu, a fungada forte de alguém tentando dormir numa cadeira dura, e temi que ele acordasse. Por isso, soltei a mão de Lucius, enxuguei o rosto na manga e voltei para o quarto. De qualquer modo, já estava quase amanhecendo.

## CAPÍTULO 24

CARO TIO VASILE,

*É com profundo pesar – e grande temor ao pensar em sua reação – que escrevo informando que sofri um pequeno acidente com uma égua que comprei pela internet.*

*Ah, o senhor teria apreciado Fera. Uma criatura terrível, espantosa, feroz. Negra da testa aos cascos e, desnecessário dizer, até o âmago do ser. Eu não poderia desejar menos que isso.*

*Voltemos à narrativa, porém. Minha égua deliciosamente maligna me deu uma surra admirável – pela qual a absolvo. O resultado foi uma perna quebrada, algumas costelas partidas e um enorme buraco em um dos pulmões. Nada a que eu não tenha sobrevivido antes nas mãos da família. Entretanto, temo precisar ficar de cama durante pelo menos uma semana.*

*Não escrevo com esperança de obter sua simpatia. (Ah, essa seria uma ideia esplêndida. O senhor, Vasile, choroso pelo bem-estar de alguém. Eu poderia gargalhar, se isso não me fizesse tossir mais sangue.) Não, levo a pena ao papel mais no interesse de dar aos Packwood o que lhes é devido, já que nunca fui econômico com eles em termos de críticas. (Lembra-se da minha missiva depois daquele primeiro prato de lentilhas? Encolho-me só de pensar.)*

*Nessa crise, no entanto, para seu crédito, Ned e Dara estiveram à altura da ocasião, compreendendo de imediato que levar um morto-vivo ao hospital seria uma atitude infeliz. (Quantos de nossos irmãos modernos foram inconvenientemente guardados em necrotérios durante dias – e até mesmo em mausoléus durante*

*anos – por conta da falta do que os humanos chamam de "sinais vitais"?)*

*Ora, como sempre, eu divago. De volta ao ponto: talvez tenhamos sido injustos com os Packwood. Eles demonstraram grande presença de espírito e, mais importante, se arriscaram por minha causa. Quase sinto vontade de repor seus horrendos bonecos como gesto de gratidão. Será que o senhor poderia mandar que algumas mulheres daí fizessem algum boneco grosseiro com, digamos, um carretel de madeira e alguns pedaços de lã? Nada bonito. Os padrões estéticos para essa coleção específica não eram elevados, acredite. "Feio" e "malfeito" pareciam ser os critérios fundamentais.*

*Quanto a Antanasia... Vasile, o que posso dizer? Ela reagiu ao meu acidente com o valor, a vontade e a coragem de uma verdadeira princesa vampira. E, todavia, uma princesa possuidora de um coração gentil. Devemos nos perguntar o que isso significaria para ela em nosso mundo.*

*Vasile, poucas vezes eu afirmaria ter mais experiência do que o senhor em relação a qualquer assunto. Sabe que sou humilde diante de sua capacidade. Mas eu me arriscaria a me dirigir ao senhor com alguma autoridade aqui, como alguém que já passou um tempo considerável em contato íntimo com os humanos.*

*(Sem dúvida o senhor já está furioso diante de minha impertinência – acredite, posso sentir a ardência de sua mão no meu rosto, mesmo a vários milhares de quilômetros de distância –, mas devo continuar.)*

*Vivendo em nosso castelo, isolado no alto dos Cárpatos, o senhor teve pouco contato com os que não pertencem à nossa raça. Só conhece o modo de vida dos vampiros – o modo de vida dos Vladescu. O modo de vida feito de sangue e violência e a luta árdua pela sobrevivência. A batalha interminável pelo domínio.*

*Nunca viu Ned Packwood agachado sobre uma caixa repleta de gatinhos, alimentando-os com um conta-gotas – quando nosso povo teria jogado os bichos trêmulos ao relento, vendo-os serem carregados pelas aves de rapina, sem lamentar. Pelo contrário: com um sentimento de satisfação pelo falcão que não sentiria fome naquela noite.*

*O senhor nunca sentiu a mão trêmula de Dara Packwood procurando sua pulsação enquanto se está caído, prostrado – vulnerável! –, seminu, ferido, numa mesa de madeira.*

*O que alguém de nossa espécie teria feito, Vasile? Se Dara fosse uma Dragomir, e não uma Packwood, não ficaria tentada a exterminar o príncipe rival naquele momento oportuno? No entanto, ela temeu por minha vida.*

*Essa foi a criação que Antanasia recebeu. Ela não é simplesmente uma americana, mas uma Packwood. Não uma Dragomir. Foi mimada com gatinhos, gentileza e carinhos. Alimentada com tofu no lugar dos despojos encharcados de sangue de uma carnificina.*

*E o senhor não a ouviu chorar, Vasile. Não sentiu seu sofrimento, como eu senti, quando pensou que eu estivesse destruído. Isso foi palpável para mim, Vasile. Rasgou-a por dentro.*

*Antanasia – não, Jessica – é suave. Seu coração é tão terno que ela não poderia deixar de sofrer até mesmo por mim: um homem que ela mal consegue suportar.*

*Seus inimigos – e nós sabemos que, como princesa, ela iria tê-los, até mesmo em tempos de paz – sentirão o cheiro dessa fraqueza, assim como senti seu sofrimento. Em determinado instante, alguma outra fêmea ascenderia, sedenta de poder, faminta para tomar o lugar de Jessica. Não é assim que o nosso mundo funciona? E, quando confrontada, no momento da verdade, Jessica hesitaria, só por uma fração de segundo, sem saber se*

*suportaria o desperdício de uma vida – e estaria perdida. Nem mesmo eu poderia protegê-la o tempo todo.*

*No passado, temo ter pensado em Jessica de modo superficial. Fui culpado (nós fomos culpados?) de acreditar que aulas de etiqueta, uma mudança de roupas e uma cravada funda e satisfatória de dentes no pescoço pudessem transformá-la em uma vampira da realeza.*

*Mas o senhor não a ouviu chorar, Vasile. Não sentiu as lágrimas dela caírem no seu rosto, na sua mão.*

*Pode ser que o império dos vampiros sobreviva a Antanasia. Mas Antanasia sobreviveria ao império? Ela se mostra promissora, Vasile, mas necessitaria de anos para atingir a maturidade. Nesse meio-tempo, seria aniquilada.*

*Talvez a medicação esteja me afetando. Para ser sincero, Vasile, os Packwood têm um curandeiro húngaro maravilhoso, muito indulgente com relação às prescrições, se é que o senhor me entende. É, talvez seja a infinidade de poções que percorrem minhas veias e saturam meu cérebro, mas reflito sobre essas coisas aqui, deitado – perdendo, devo acrescentar, o primeiro jogo de basquete da temporada.*

*Voltemos a Jessica. Nós, vampiros, não temos alma. Mas não traímos os nossos, não é? Não destruímos arbitrariamente, correto? E temo que virar vampira acabaria por destruir Jessica.*

*Será que não deveríamos considerar a hipótese de liberá-la para ser uma adolescente humana e normal? E deixar os problemas do nosso mundo no lugar deles: em nosso mundo e não nos ombros de uma garota americana inocente que só anseia por montar sua égua, rir com a melhor amiga e trocar beijos “legais” com um camponês simplório?*

*Estou ansioso por suas ideias, ao mesmo tempo que prevejo sua reação negativa. No entanto, o senhor me criou não somente para*

*ser implacável, mas também digno, Vasile, e sinto o dever de trazer essas questões à luz.*

*Seu sobrinho, em recuperação,*

*Lucius*

*P.S.: Sobre o boneco: peça olhos de botão, se possível. Isso parecia ser um traço comum.*

## CAPÍTULO 25

— Mamãe, quero que me conte o que aconteceu naquela noite.

Minha mãe estava no escritório de casa, óculos na ponta do nariz, examinando à luz pálida da luminária de mesa as últimas publicações acadêmicas que havia recebido. Ao som da minha voz, ergueu os olhos.

— Eu já esperava que viesse falar comigo sobre isso, Jess.

Ela indicou a espreguiçadeira de segunda mão e cheia de calombos, que servia como poltrona de visita. Eu me afundei nela, puxando o cobertor de lã peruano por cima das pernas.

Mamãe girou sua cadeira na minha direção e empurrou os óculos para o alto da cabeça, me dando total atenção.

— Por onde deveríamos começar? Com o que aconteceu entre você e Lucius no terraço?

Fiquei vermelha e desviei o olhar.

— Não. Não quero falar sobre isso. Quero falar sobre o que aconteceu há duas noites. Quando trouxeram Lucius para cá. Por que não foram para um hospital?

— Eu lhe disse, Jessica. Lucius é especial. É *diferente*.

— Diferente *como*?

— Lucius é um vampiro, Jessica. Um médico que estudou numa faculdade americana não saberia como tratá-lo.

— Ele é só um garoto, mamãe — insisti.

— É mesmo? É nisso que você *ainda* acredita? Mesmo depois do que viu, agachada perto da porta?

Olhando para minhas mãos, torci em volta do dedo um fio solto e o arranquei do cobertor.

– É confuso demais, mamãe.

– Jessica?

– Hein?

– Você tocou Lucius.

– Mamãe, por favor...

Não íamos falar *disso* de novo, íamos?

Mamãe me encarou.

– Seu pai e eu não somos cegos. Seu pai pegou o finzinho de seu... momento com Lucius na noite do Halloween.

Fiquei feliz com o fato de que a luminária mal lançava luz sobre a mesa, porque minhas bochechas estavam pegando fogo.

– Foi só um beijo. Na verdade nem foi isso.

– E quando tocou Lucius você não notou nada incomum?

A frieza. Eu soube na hora o que ela queria dizer, mas, por algum motivo, fui evasiva.

– Não sei. Talvez.

Mamãe percebeu que eu não estava sendo completamente honesta. Ela não tinha paciência com pessoas que ficavam com preguiça de pensar quando encaravam um conceito difícil. Pôs os óculos de novo no nariz.

– Quero que pense no que viu na sala de jantar. No que sentiu. No que você *acredita*.

– Eu quero acreditar no que é *real* – choraminguei. – Quero entender a verdade. Você se lembra do Iluminismo? A ordem geométrica substituindo a superstição? De Isaac Newton, que desvendou o “mistério” da gravidade? E que disse um dia: “Minha maior amiga é a verdade.” Como um vampiro pode ser real?

Mamãe me encarou por um longo momento. Pude ouvir o tique-taque do relógio sobre a mesa enquanto ela organizava seu considerável estoque de conhecimento.

– Isaac Newton – disse mamãe, finalmente – manteve a fé na astrologia durante toda a vida. Você sabia desse aspecto de seu

suposto cientista racional?

– Não – admiti. – Não sabia.

– E lembra-se de Albert Einstein? – observou mamãe, presunçosa. – Aquele que desvendou o *átomo*, algo que mal poderíamos conceber há apenas um século? Uma vez Einstein disse: “A coisa mais linda que podemos experimentar é o mistério.” – Ela fez uma pausa. – Se os átomos podem existir, escondidos e ao mesmo tempo em todo lugar, há milênios, por que não um vampiro?

*Droga.* Ela era boa nisso.

– Mamãe...

– O que é, Jessica?

– Eu vi Lucius beber sangue. E vi os dentes dele. De novo.

Mamãe segurou minha mão e a apertou.

– Bem-vinda ao mundo do mistério, Jessica. – Uma sombra atravessou seu rosto. – Por favor, tenha cuidado. É um território muito, muito traiçoeiro. Totalmente indomado. O mistério pode ser lindo. E perigoso.

Eu sabia o que ela queria dizer. Lucius.

– Vou ter cuidado, mamãe.

– A família Vladescu tem a reputação de ser implacável – acrescentou, de forma mais direta. – Você sabe que seu pai e eu gostamos muito de Lucius e que ele é encantador, mas também devemos ter em mente que a criação dele foi bem diferente da sua. E não só em termos de posses materiais.

– Eu sei, mamãe. Ele me contou um pouquinho. Além disso, como vivo dizendo a vocês, não estou a fim dele.

*Mentirosa.*

– Bom, saiba que estou sempre aqui, disposta a conversar. Seu pai também.

– Obrigada, mamãe. – Empurrei o cobertor de lado e me levantei para ir embora, beijando o rosto dela. – Por enquanto, só preciso

pensar.

– Claro. – Mamãe voltou para suas publicações. – Eu te amo, Jessica – acrescentou por cima do ombro enquanto eu fechava a porta.

Apesar dos avisos, apesar de suas preocupações óbvias comigo, jurei ter percebido uma levíssima sugestão de sorriso em sua voz.

## CAPÍTULO 26

CARO TIO VASILE,

*Continuo aguardando sua resposta às minhas preocupações relativas ao destino quase certo de Jessica, caso ela assuma o trono. Não tem nada a me dizer?*

*Como devo entender seu silêncio?*

*Sinceramente, Vasile, é exaustivo navegar por essa situação com pouca orientação, a milhares de quilômetros de casa. Estou cansado de competir, sem sucesso, com um camponês. Estou exaurido pelos ferimentos físicos. Fico impaciente por... por quê? Algo que nem sei qualificar. Entedio-me de minha própria natureza, meus pensamentos, meu passado e meu futuro, aqui, deitado.*

*Na ausência de um comentário construtivo, prosseguirei como meu instinto determina em relação a Antanasia. Duvido que concordará com meu modo de agir, mas me sinto frustrado, irrequieto e imprudentemente voluntarioso. Luto contra o freio que o senhor pôs na minha boca por tanto tempo.*

*Seu sobrinho,*

*Lucius*

## CAPÍTULO 27

– Bom, até que enfim você saiu da garagem, como queria – provoquei.

– Não acredito que viva desse jeito. – Lucius deu um risinho, apoiado em meus travesseiros de cetim cor-de-rosa. No meu quarto. Mamãe tinha insistido para que ele se mudasse para dentro de casa até que sua perna ficasse boa. O gesso estava apoiado no cachorro-quente de pelúcia. – É como viver num casulo fofo, feito de algodão-doce. – Ele fez uma careta. – É rosa demais.

– Gosto de rosa.

Lucius fungou.

– O rosa é somente o primo patético e débil do vermelho.

– Bom, não é para sempre. Você vai voltar logo para seu calabouço escuro com as armas enferrujadas. – Olhei o quarto em volta. – Viu meu iPod?

– Refere-se a isso?

Lucius localizou o aparelho entre camadas de lençóis e o ergueu.

– É. – Estendi a mão. – Me dá.

– Ah, não posso ficar com ele? É tão chato ficar confinado aqui. E estou gostando de explorar suas preferências musicais.

*Lá vamos nós.*

– Por que não compra um?

– Mas o seu já tem Black Eyed Peas – zombou ele.

– Não seja idiota.

– Gosto deles. Estou falando sério. – Um sorriso diabólico atravessou seu rosto. – “My humps, my humps, my humps!” *Minha bunda, minha bunda, minha bunda!* Quem não iria gostar disso?

Arranquei o iPod de sua mão e ele riu. Eu ri também.

– Se você não estivesse todo arrebitado...

– Faria o quê? – Ele agarrou meu pulso com uma velocidade espantosa para quem estava com as costelas partidas. – Iria me bater até eu pedir clemência? Só nos seus sonhos.

*É. Às vezes. Nos sonhos.* Quero dizer, eu não sonhava que batia nele. Mas ultimamente Lucius vinha tendo mais participações especiais no meu sono. Em casamentos. Em cavernas escuras. À luz trêmula de velas.

Ele me soltou, ficando sério.

– Eu nunca agradei a você apropriadamente. – Ele se levantou um pouquinho, ajeitando-se, e se contraiu de dor com o movimento. – Por ter cuidado de Fera, por ter ficado comigo. Você foi muito corajosa.

Mudei de posição também, tentando não esbarrar na perna dele.

– Sinto muito por ela ter sido sacrificada.

Lucius olhou pela janela, com a boca encurvada para baixo.

– Você fez o que pôde. Mas acho que algumas coisas são perigosas demais para viver.

– Você tentou domá-la – acrescentei, sem jeito. – Funcionou durante um tempo.

– Não era da natureza dela ser domada. No fim, todos somos fiéis à nossa natureza. À nossa criação.

Ficamos sentados em silêncio durante algum tempo e me perguntei no que Lucius estaria pensando. Na égua ou nele mesmo?

– Parabéns pelo segundo lugar – disse ele.

Acompanhei seu olhar até o quadro de cortiça na parede, onde eu havia pendurado a fita vermelha de vice-campeã ao lado de um punhado de outras azuis das competições de matemática que eu vencera. Claro, Faith Crosse tinha ficado com a fita azul. Meu desempenho havia sido bom, mas não o suficiente.

– Você merecia a azul – confessei a Lucius, séria.

– Que estranho eu ter sido “banido por toda a vida” da competição – observou ele, com ironia. – Eles criaram uma regra nova, ficou sabendo? Só para mim. “É proibido levar animais ferozes para eventos públicos.” Fui o primeiro transgressor. Um pioneiro em violar a lei, por assim dizer. – Ele riu, tossiu forte e colocou as mãos sobre as costelas. – Desgraça.

Fiquei mexendo no iPod.

– Lucius?

– O que foi, Jessica?

Encarei seus olhos negros.

– Eu estava lá. Naquela noite.

– Eu sei.

– Sabe?

– Você chegou perto de mim tarde da noite. Segurou minha mão.

Voltei a futucar meu iPod, sem graça.

– Ah... Achei que você estivesse dormindo.

– Não fique mexendo nisso enquanto conversa. – Lucius tomou o aparelho dos meus dedos. – Claro que eu sabia que você estava lá. Tenho sono leve. Principalmente quando cada centímetro do meu corpo está destroçado de dor.

– Desculpa. – Dei um sorriso débil. – Não queria incomodar você.

– Não... pelo contrário. Fiquei comovido. – Seus olhos se suavizaram e todo o jeito imperioso sumiu. – Você chorou por causa da minha dor. Ninguém nunca chorou ao me ver sofrer. Não esquecerei essa gentileza, Jessica.

– Foi como eu me senti na hora. Não pude deixar de chorar.

– Não, claro que não. – O reconhecimento pareceu lhe causar dor, de algum modo. – Quando eu voltar à minha vida na Romênia, ninguém vai chorar ao ver Lucius Vladescu machucado. E, quando eu sofrer, como é inevitável, vou me lembrar de seu gesto com carinho e apreço.

– Também não vou me esquecer daquela noite – prometi. Enxuguei as palmas das mãos nas pernas. Tinham ficado suadas.

– Lucius, eu vi você beber sangue.

– Ah, o sangue. – Ele não pareceu surpreso com minha confissão. – Espero que não tenha ficado muito perturbada. Nem enjoada. Eu não julgava que você estivesse preparada para isso. Pode ser bem repulsivo para quem não está acostumado.

– Eu meio que desmaiei.

Lucius deu um sorriso triste e olhou pela janela.

– Mesmo inconsciente numa mesa, consegui deixar você nauseada. Que belo talento eu tenho.

– Não. Não foi só por ter visto o sangue. Eu... também senti o cheiro.

Lucius virou a cabeça lentamente para me olhar, como se não acreditasse no que ouvia. Vi uma pequena fagulha em seus olhos.

– Sentiu?

– Senti.

– E como era esse cheiro?

– Forte. Quase arrebatador.

– É. É assim mesmo.

– É isso o que você põe no copo de Morango Julius, não é?

Lucius sorriu, um tanto debochado.

– Eu pareço mesmo um homem que tomaria milk-shake de morango de um quiosque de shopping? Já não expressei o que sinto a respeito de coisas cor-de-rosa?

– É. Acho que eu deveria ter imaginado. – Uma pergunta estivera queimando minha cabeça. Uma pergunta para qual eu não tinha certeza se queria resposta. Mas precisava fazer. – Lucius, onde você o *consegue*? – Visões de filmes antigos, de mulheres aterrorizadas usando camisolas vaporosas, encolhidas diante de agressores com presas, surgiram na minha cabeça. – É... violento?

– Ah, Jessica, os vampiros têm meios. Não é uma coisa tão predatória como no passado. Boa parte fica armazenada, como vocês fazem com o vinho. Ninguém precisa pisotear as uvas quando quer tomar champanhe.

Movendo-se com cuidado para proteger as costelas, Lucius cruzou os dedos na nuca, afundou no travesseiro e olhou o teto. Sua voz profunda ficou pensativa.

– Dizem que nossa adega na Romênia é a melhor do mundo. Safras que datam do século XVIII. Podemos chamar um serviçal estalando os dedos, dar o nome de um veneno, para usar uma das minhas expressões prediletas, e nos deliciar.

Um tanto enojada e mais do que um pouco incomodamente empolgada, deixei que ele continuasse a falar, observando-o cair mais fundo num devaneio.

– E também, é claro, quando dois vampiros se casam, quando se unem por toda a eternidade, eles têm um ao outro. Dizem que é a melhor bebida. A fonte mais pura. – Lucius ficou mais introspectivo ainda, mais distante. – Do macho para a fêmea. Da mulher para o homem. Sangue compartilhado. Poderia haver um elo mais forte entre dois seres?

Um sorriso passou por seus lábios.

– O sexo é um prazer fugaz. Sem dúvida, um ato íntimo, que não deve ser descartado. É fundamental para a procriação, além de ter outros benefícios óbvios.

O sorriso sumiu.

– Mas compartilhar o *sangue* com outra pessoa... expor nosso ponto mais vulnerável, onde a pulsação bate logo abaixo da pele, e confiar que seu parceiro irá se satisfazer sem dominá-lo... Isso torna o sexo quase insignificante, em comparação. O sexo é um ato desigual, do homem *para* a mulher. Mas o sangue... o sangue pode ser compartilhado de modo verdadeiramente igual.

Ele parecia ter me esquecido sentada ali do lado. Fiquei escutando, hipnotizada e... mais alguma coisa.

Ou talvez Lucius não tivesse esquecido minha presença. Seu olhar se virou de repente para mim.

– Mas você acha que eu estou delirando, que falo sobre impossibilidades, sobre atos irracionais. E está certa: a existência de um vampiro é irracional. Nós somos um estudo sobre impossibilidades.

Safra de sangue. Dentes furando pontos de pulsação. Continuava a parecer maluquice. Mas não era mais impossível. Ou mesmo indesejável, pelo modo como Lucius descrevia. Não, nem um pouco.

– Lucius, eu vi você beber sangue. Não é impossível.

– Ah, Jessica. – Ele descruzou as mãos de trás da cabeça. – Por que agora? Por que nessa altura do campeonato, como diria o técnico Ferrin na quadra de basquete?

– Como assim “nessa altura do campeonato”?

Para mim parecia o início do jogo. Eu estava apenas começando a entender. Começando a acreditar. Por mais difícil que fosse aceitar aquilo, eu não podia mais negar. Acreditava que Lucius Vladescu era um vampiro. E que eu podia, no mínimo, sentir o cheiro do sangue. Reagir a ele. Havia muito mais para entender... para deduzir.

– Está dizendo que é tarde? – insisti.

Lucius apoiou a cabeça nas mãos, esfregando os olhos, aparentando cansaço.

– Por que fui contar toda essa baboseira romântica? Eu me deixei ser levado. Droga, às vezes sou irresponsável. Eu queria tanto que você entendesse e agora é o momento errado. Desejei partilhar tudo isso com você antes. E então, quando demonstrou interesse, não consegui me calar.

– Não pareceu “baboseira” – garanti. Ao contrário, tudo o que ele dissera era intrigante, ainda que de um modo perturbador, admito. – E por que não agora?

Mas antes que Lucius pudesse responder, meu pai bateu à porta entreaberta.

– Lucius, visita para você.

Lucius se empertigou de novo e arqueou as sobrancelhas.

– Para mim? Visita?

Também fiquei surpresa. Que eu soubesse, Lucius não havia cultivado muitas amizades nos Estados Unidos.

Antes que eu pudesse pensar em alguém, papai ficou de lado, a porta se abriu mais e um narizinho petulante, preso a um rosto lindo enfeitado por cabelos tão claros que praticamente reluziam, entrou hesitante no quarto.

– Oi, Lucius.

Lucius olhou em direção à porta. Olhou com muita intensidade, quase como se nunca tivesse visto Faith Crosse.

Presumi que ele estivesse furioso com ela por quase tê-lo matado. Mas de repente seu rosto se abriu num sorriso. Um sorriso estranho. Como se houvesse acabado de ter uma revelação.

– Bem-vinda, Faith – disse ele. – Entre. Essa é mesmo uma surpresa agradável. Desculpe-me se não posso me levantar para cumprimentá-la.

– Não, sou eu quem precisa pedir desculpas – respondeu Faith, entrando no meu quarto com um beicinho exagerado. – Acho que está preso aqui por minha culpa. – Ela examinou o quarto. – Tipo, é horrível.

Estreitei os olhos para ela. *Está falando dos ferimentos do Lucius? Ou da minha decoração?*

– Minha égua e eu estávamos em rota de colisão desde o início – tranquilizou-a Lucius. – Eu flertei com a inevitabilidade. Você só

fez a cerimônia de casamento.

Faith inclinou a cabeça, como se não soubesse se ele a culpava ou não.

– Bem, espero que esteja se sentindo melhor. – Ela remexeu na bolsa e pegou um iPod. – Trouxe um presente de melhoras.

Entregou o aparelho a Lucius, que sorriu para ela.

– Obrigado, Faith. Foi muita gentileza. – Ele me lançou um olhar.

– Acho que não vou mais precisar do seu, Jessica.

– Imaginei que fosse ficar entediado, preso na cama – acrescentou Faith, que ainda não havia admitido minha existência.

– É o modelo mais novo e você pode carregar as músicas que quiser.

– Ele gosta de música croata – observei. Não que alguém tivesse pedido minha participação.

Lucius levantou um dedo.

– E do Black Eyed Peas. E não se esqueça do Hoobastank. Será que alguém pode se esquecer do Hoobastank?

– Verdade? – guinchou Faith, batendo palmas. – Eu também adoro o Hoobastank.

Lucius fez um gesto para a cama.

– Por favor, sente-se, Faith.

Três seria definitivamente de mais no meu colchão estreito de solteiro, ainda mais com um vampiro de mais de 1,80 metro esparramado ali. Por isso me levantei. De qualquer modo, eu não estava muito a fim de passar o meu tempo com uma líder de torcida grosseira e egoísta.

– Acho que já vou.

– Tchau, Jenn.

Faith me dispensou e ocupou o meu lugar perto de Lucius. Deixou-se cair com força na cama e ele se encolheu, quase imperceptivelmente.

– Cuidado com a perna dele – avisei, pensando em como ela era uma bruxa que só pensava em si mesma.

– Jessica – chamou Lucius quando cheguei perto da porta. – Espere.

– O que é? Precisa de alguma coisa?

– Não. Tenho algo para você.

Ele tateou debaixo do travesseiro e pegou um livro. Prendi a respiração, reconhecendo o exemplar de *Crescendo como morto-vivo – Um guia para o vampiro adolescente sobre namoro, saúde e emoções*.

– Você largou isso embaixo da cama. – Lucius o estendeu para mim, mantendo a mão estrategicamente posicionada sobre o título. – Estava esquecido no meio da poeira. Depois de toda a consideração que coloquei na dedicatória...

Peguei o livro com ele, apertando-o contra o peito e escondendo-o de Faith.

– Ah, obrigada.

– Acho que você vai achar o capítulo sete muito útil. Lamento não poder dar mais orientação do que isso. Mas o livro deve responder à maior parte das suas perguntas.

– Achei que essa fosse sua especialidade – brinquei, pensando na dedicatória.

– Para ser sincero, sugiro que satisfaça qualquer curiosidade que possa ter e depois jogue o guia fora. De uma vez por todas. Na verdade é muito barulho por nada.

Meus olhos se arregalaram.

– O quê?

Desde quando Lucius Vladescu achava que qualquer coisa relacionada aos vampiros era “muito barulho por nada”? Eu tinha acabado de ouvir o cara fazer poesia sobre laços de sangue.

Tentei decifrar sua expressão, mas Lucius já estava concentrado de novo em Faith.

– Estou sendo grosseiro ao falar de coisas particulares quando tenho uma visita. Por favor, desculpe-me, Faith.

– Sem problema, Lucius. Tenho muito tempo. – Faith sorriu para mim e repetiu: – Tchau.

Mas eles nem me notaram. Faith já havia chegado mais perto de Lucius, demonstrando todas as funções de seu novo iPod. As cabeças estavam inclinadas sobre a telinha e eles riam.

Olhei mais uma vez para minha fita idiota de segundo lugar, desejando não ter pendurado nada no quadro de cortiça. Faith estava sentada praticamente embaixo dela. A fita no quarto dela era azul. E maior. Fita de vencedora. Minha fita vermelha era de cor mais forte, mais ousada, brilhando no quarto ensolarado, atraindo o olhar como um pássaro exótico. Mas aquela faixa de seda carmim era na verdade somente a prima patética e débil da azul.

– Tchau – falei.

Eles não responderam, já imersos na conversa, por isso saí, levando o livro.

Parei ao pé da escada e abri no capítulo sete. O título era: “Então você sentiu cheiro de sangue? Parabéns!”

Li o parágrafo de abertura, não uma, mas quatro ou cinco vezes: “O aumento da percepção olfativa – às vezes se aproximando do estímulo sexual – quando você está na presença de sangue é sinal de que sua natureza vampírica está florescendo!”

*Minha natureza vampírica.*

Alguns parágrafos adiante o guia orientava: “Logo você sentirá sede de sangue, em especial quando enfrentar emoções fortes.”

Acima de mim, ouvi Lucius rir com Faith Crosse. Eles riam alto e intensamente, como se já compartilhassem histórias muito antigas.

## CAPÍTULO 28

— Mindy, o que você está fazendo aqui? — perguntei, abrindo caminho pelas arquibancadas até onde ela estava.

— Eu poderia perguntar a mesma coisa — retrucou ela, sinalizando para que eu me sentasse ao seu lado.

Larguei a mochila e me sentei.

— Jake me convidou para assistir ao treino de luta — expliquei, acenando para ele. Jake piscou para mim, os músculos se avolumando quase como num desenho animado, mal contidos pelo macacão justo de lycra. — Por isso repito: o que você está fazendo aqui?

— Ah, não sei. — Mindy sorriu. — Às vezes eu dou uma passada, só para acompanhar o treino.

O ginásio era dividido para permitir que equipes de vários esportes partilhassem o espaço. Os tatames de luta estavam desenrolados num canto, as líderes de torcida saltavam perto dos lutadores e o time de basquete ocupava metade do piso brilhoso de madeira. O ar estava cheio de grunhidos e gritos das líderes de torcida, de guinchos dos tênis e de cheiro de suor.

Um apito soprou agudo.

— Vladescu! Na frente, pelo centro, droga! — A voz retumbante do técnico Ferrin soou acima de todos os outros barulhos. — Você está há uma hora no bebedouro! Arrasta esse rabo de volta para o treino!

Fiquei mais empertigada, olhando quando um romeno alto de cabelos escuros correu vindo do vestiário dos garotos e entrou na quadra.

— Lucius está *jogando*?

– Se está... – Mindy suspirou, sonhadora.

– Mindy, é por causa do *Lucius* que você vem pra cá?

– Não é, tipo, um vício – protestou ela. – Talvez só uma ou duas vezes por semana. Mas, poxa, olha só para ele!

Enquanto assistíamos, Lucius agarrou uma bola atirada contra seu peito, deu alguns passos agressivos em direção à cesta, saltou aparentemente sem esforço e enterrou a bola.

– Mas ele ainda nem voltou para as aulas.

– É, eu o encontrei no corredor antes do treino. Ele disse que vai voltar às aulas amanhã. – Ela me lançou um olhar curioso. – Achei que você tinha dito que a perna dele estava *quebrada*.

– Estava machucada... – Ah, inferno. Eu havia desistido de tentar explicar os mistérios de Lucius Vladescu. – Acho que agora está melhor.

– E como.

– Mindy!

– Ah, olha ele de short, Jess. Tem uns caras que a gente quer que fiquem de roupa. Mas Lucius podia até tirar mais uma camada. Tipo, você não gostaria de ver o que tem *por baixo* daquilo?

De fato, o corpo por baixo das roupas devia ser praticamente perfeito – com a exceção de outra cicatriz, uma marca larga, serrilhada, que cortava o volumoso bíceps direito. *Como ele ganhou aquilo? E será que havia mais em outras partes do corpo?* A perna esquerda, que tinha sido quebrada, exibia um grande hematoma preto, o único sinal de que ele ainda estava machucado. Fora essas pequenas imperfeições, não havia nada para criticar. Até as cicatrizes eram sexy. Além disso, Lucius era uma cabeça mais alto do que a maioria dos outros jogadores, os músculos das pernas eram mais definidos e os ombros, mais largos, mais masculinos, sem serem bombados...

Lancei um olhar culpado para Jake, sentindo que o havia traído.

Mindy acompanhou meu olhar.

– Ei, olha lá seu namorado se embolando.

– Não sei se ele é meu *namorado*...

– Qual é, Jess? Vocês estão juntos. Saíram duas vezes na semana passada, almoçam juntos quase todo dia e você está aqui, não está?

Vi Jake girando no tatame, grunhindo.

– Consegue guardar um segredo, Mindy?

– Poxa, somos amigas desde o jardim de infância. Alguma vez entreguei os seus segredos?

– Não. Nunca.

Mindy era um monte de coisas: desligada, impulsiva, obcecada por sexo. Mas nunca foi desleal.

– E aí? Desembucha!

– Não sei bem se Jake e eu combinamos tanto assim.

Os olhos de Mindy, cercados por uma grossa camada de delineador, se arregalaram.

– O quê? Achei que gostasse dele de verdade!

– Ele é... legal – respondi, encolhendo-me um pouco ao usar o adjetivo desprezado por Lucius. – Mas não sei se existe algo intenso mesmo. Não como eu gostaria.

– Hummm. Bem, Jake não é nenhum Lukey – concordou Mindy, com o olhar voltando à quadra de basquete. – Eu disse isso desde o início.

– É, eles são muito diferentes.

Se ela soubesse como eram diferentes, talvez não ficasse tão a fim de seu Lukey. Mindy tinha quase desmaiado quando dissecamos minhocas no sexto ano. Não era o tipo de garota que beberia sangue.

– Não que eu fosse trocar Jake por Lucius – acrescentei. – Só estou dizendo que não tenho certeza sobre Jake e eu.

– E eu estou dizendo que você deveria finalmente se ligar e escolher o Lucius, antes que ele se canse de dar em cima de você. Admita, Jess. Lucius tem carisma – acrescentou ela, assentindo na direção das líderes de torcida. – Veja como Faith está olhando para ele. Lukey chama atenção.

Quando olhei para o outro lado do ginásio, Faith Crosse subia rumo ao topo de uma pirâmide de líderes de torcida – andando por cima das pessoas, como sempre –, mas seu rosto estava virado para a quadra de basquete, onde Lucius conversava com o treinador. O modo como Lucius ficava parado, as mãos nos quadris, mais alto do que o treinador Ferrin, parecia dizer que o pivô astro era quem estava no comando. Olhei de volta para Faith. Ela estava em cima de sua pilha humana mas continuava a observar a discussão no meio da quadra.

– Falando nisso – Mindy interrompeu meus pensamentos –, você está muito bonita hoje. Essa roupa é nova?

Afastei o olhar de Lucius e Faith e alisei a saia de tecido amarrotado, acima dos joelhos.

– É. Gostou?

– Gostei. Fica bem de roxo. E a gola em V é muito sexy.

– Sexy demais?

– Não. Na medida certa. Você devia usar coisas assim com mais frequência. Fica meio... exótica. Tipo uma cigana ou sei lá. – Ela olhou para a minha cabeça. – E fez alguma coisa no cabelo também?

Amassei os cachos com os dedos.

– Usei um umidificador de cachos em vez de tentar alisar o cabelo. Acho que estou cansada de lutar contra a natureza.

– Está ótimo. – Mindy assentiu, me avaliando. – Brilhoso. E é diferente do que todo mundo faz. Tipo, descolado.

Um grito agudo ressoou e olhei para a frente bem a tempo de ver Faith Crosse se estatelar no chão, derrubando toda a pirâmide.

Seu esquadrão caiu um a um, como dominós berrando embaixo dela.

Praticamente todo mundo no ginásio correu para olhar ou ajudar. E a primeira pessoa a chegar ao local do acidente, estendendo a mão para ajudar Faith a ficar de pé, foi ninguém menos do que Lucius Vladescu.

Uma a uma as outras líderes de torcida se levantaram e se examinaram para ver se ninguém estava machucada. Como todo mundo, Faith parecia bem, mas Lucius segurou o braço dela e a levou na direção do vestiário, onde os dois pararam, conversando.

– Ora, ora, ora – observou Mindy. – Se você *vai* trocar Jakey por Lukey, é melhor correr, porque parece que pode ter concorrência. Olha só para ela, fazendo o cara bancar o cavalheiro diante da donzela em perigo!

Quase ri disso. Para começar, Faith namorava Ethan Strausser desde sempre. E o mais importante, Lucius nunca me trocaria por outra garota, mesmo que a bunda dela ficasse linda no saio de líder de torcida. Ele gostava de mulheres com curvas. E estava prometido a mim.

Porém, enquanto eu os acompanhava de longe, Lucius e Faith riram alto, como tinham feito no meu quarto. Depois ela lhe deu um empurrãozinho cheio de flerte e ele sorriu para ela, parecendo menos aflito do que no passado. Com a postura mais relaxada. Mais... livre.

– É – riu Mindy. – Se você quer o Lukey, seria bom agir. Faith está babando por ele como se o garoto fosse uma bolsa Prada que tivesse ido parar numa liquidação do Wal-Mart. A preço de banana e pronta para saltar direto nos braços dela!

– Não, isso é maluquice – protestei.

Se bem que, apenas uma semana antes, eu pensava que vampiros fossem maluquice.

*O que Lucius quis dizer quando falou "nessa altura do campeonato"?*

Enquanto eu olhava Lucius e Faith conversarem, rirem juntos, tive uma sensação estranha, como se alfinetes quentes pinicassem meu coração. *Ciúme!* Outro sentimento também cresceu dentro de mim. Um sentimento de posse. Um sentimento forte, de proprietária, que beirava a raiva. Uma sensação de ser dona. De ter *direito* sobre Lucius.

Meus dedos envolveram a lateral do banco, apertando-o com força.

E, de repente, pela primeira vez, senti sede. Muita, muita sede.

De uma coisa que eu nunca havia desejado antes. Exatamente como meu guia para vampiros alertara.

## CAPÍTULO 29

— Estou morto — disse Mike Danneker, bocejando enquanto pegava os livros e fechava a tela do seu notebook. — Não aguento mais matemática.

— Só mais uns exercícios — insisti e abri um dos meus livros de cálculo mais desafiadores. — A gente poderia fazer esses problemas de palavras...

— De jeito nenhum — respondeu Mike. — E você também devia ir para casa, Jess. Vai acabar surtando se estudar tanto assim. Ainda faltam semanas para a competição.

— Por isso mesmo que a gente precisa treinar.

Mike se levantou, pendurando a bolsa do notebook no ombro.

— A gente se vê, Jess. Descansa um pouco.

Ele foi andando por entre as mesas e me deixou sozinha no meio da biblioteca da escola. Virei uma página do meu caderno, tentando me concentrar. A verdade era que eu não conseguia focar a mente nos problemas. Talvez fosse porque não parava de pensar em como me sentira no ginásio: com sede de sangue.

Enquanto olhava para o livro, com a mente se afastando de novo para longe de limites, derivadas e integrais, escutei vozes e passos no labirinto de estantes.

— A gente devia comprar os trabalhos na internet.

*Frank Dormand.*

— Nem pensar. Pegaram três caras no ano passado e dois deles perderam a bolsa para a universidade.

*Ethan Strausser.*

— E agora? A gente procura uns livros sobre a Liga das Nações? — perguntou Dormand. — Não dou a mínima para isso.

Escutei o som de livros sendo retirados de estantes.

– Por que a Faith não faz os trabalhos para a gente? – acrescentou Dormand. – Ela é inteligente.

Minhas orelhas se eriçaram ao ouvir o nome de Faith.

– Ultimamente ela está um porre – disse Ethan. – Não sei o que está acontecendo.

– Ela anda direto com o *Vladescu* – disse Frank, cuspidando o sobrenome de Lucius como se fosse um mosquito que tivesse entrado na boca. – Ele deve estar passando sua doença para ela, o filho da mãe.

*Com que frequência Lucius tem andado com Faith? E o que eles estão fazendo? O sentimento de posse e o ciúme atravessaram meu corpo de novo. Tentei me lembrar: quando fora a última vez que Lucius havia falado do pacto? E sobre fazer a corte? Percebi que não não sabia. Como podia não saber?*

– Aquele esquisito acha que é o dono da escola só porque consegue fazer umas cestas do meio da quadra – resmungou Ethan.

– Tem alguma coisa errada com aquele cara – observou Dormand. – Ele não é normal.

Fiquei imóvel na cadeira, concentrada em escutar a conversa. No fundo, não tinha como Frank e Ethan saberem nada sobre Lucius, mas me incomodava pensar que dois dos maiores imbecis da escola começavam a discutir o fato de que ele era diferente. Eu não sabia direito por que isso me incomodava. Dois valentões idiotas não poderiam ser ameaça para alguém tão seguro de si e fisicamente forte como Lucius. Mas isso me irritou um pouco.

– Você só está pê da vida porque ele bateu em você na frente de todo mundo e acertou sua cabeça oca no armário – observou Ethan.

– É. Se ele tivesse quase estrangulado você, também estaria pê da vida. – Dormand fez uma pausa. – Cara, tem alguma coisa

estranha no maluco. Quando ele me segurou... sei lá... foi surreal.

– Qual é? Você ficou com tesão? – zombou Ethan. – O que quer dizer com *surreal*?

Eu esperava que um panaca metido a machão como Dormand ficasse furioso com o que Ethan estava sugerindo. Mas, pela primeira vez, Frank pareceu quase pensativo.

– Cala a boca, cara – disse ele. – Você não sentiu aquilo.

Ouvi o som de livros sendo enfiados de volta nas estantes.

– Vamos dar o fora daqui – disse Ethan. – Vou arranjar alguém para fazer esse trabalho.

Enquanto eles se afastavam, ouvi Dormand acrescentar:

– Quanto ao Vladescu... aquele cara ainda vai ter o que merece. Ele não é *normal*. E um dia desses vou descobrir o que tem de errado.

A voz de Dormand foi sumindo enquanto eles saíam da biblioteca.

Olhei ao redor e tentei dizer a mim mesma que a vaga inquietação que eu sentia era totalmente injustificável. Mas, por algum motivo, não me convenci. Frank Dormand era um valentão incansável. Eu vinha sendo objeto da provocação daquele garoto desde que conseguia me lembrar. Sabia como ele era capaz de cismar com um alvo.

*E se Frank começar a investigar a vida de Lucius? O passado dele? O que ele é? Será que Dormand pode descobrir alguma coisa?*

*Não.*

A ideia era quase idiota. Frank Dormand não era capaz nem de encontrar um livro sobre a Liga das Nações numa biblioteca de escola. Nunca descobriria que Lucius era um vampiro. Nem em um milhão de anos.

E, mesmo que descobrisse, qual era a pior coisa que poderia acontecer? O condado de Lebanon não era a Romênia. Era um

lugar civilizado. As pessoas não formavam turbas para trucidar os vizinhos com estacas, pelo amor de Deus. Isso era ridículo. Lucius ficaria bem.

Então por que não me senti melhor quando fechei os livros, desistindo da matemática – fechando a capa da lógica e da razão – pelo resto da noite?

## CAPÍTULO 30

CARO VASILE,

*Dezembro no condado de Lebanon, na Pensilvânia, é de "pirar o cabeção", para usar mais uma expressão que aprendi durante essa longa estadia. Este é um mês muito comemorado aqui nos Estados Unidos. Agressivamente, poderíamos dizer. Cada superfície imaginável é coberta por fios de luzes que piscam; os prédios são sufocados por enfeites verdes; e uma mania coletiva de erigir gigantescos "bonecos de neve" infláveis, diante das casas, irrompe no populacho. É uma tremenda histeria – e os pinheiros não são apenas um mito, Vasile. As pessoas compram as árvores, em abundância. Estão à venda por toda parte. Imagine pagar pelo privilégio de arrastar um pedaço imundo da floresta para dentro de sua sala de estar com o objetivo de decorá-lo com bolas de vidro e admirar o resultado.*

*Por que uma árvore? Se fosse necessário expor bolas de vidro, por que não usar algum tipo de vitrine? Uma cristaleira, por exemplo?*

*Gastei muita energia defendendo os vampiros contra acusações de "irracionalidade". Se soubesse algo sobre a onipresença dos pinheiros, teria dito apenas: "É, talvez eu seja irracional. Mas mantenho minhas árvores no lugar delas. Fora de casa. Diga-me agora: quem é o louco aqui?"*

*Mas chega dos feriados de fim de ano. (Enfie minha cabeça embaixo d'água até eu me afogar e assim estarei livre de escutar "Jingle Bells" pela milésima vez!) Escrevo em primeiro lugar para informar que tenho muito pouco a informar. Parece que me curei e dominei a arte de dormir na aula de "estudos sociais". (Continue*

*com sua fala monótona, Sra. Campbell. Passei ao largo de sua tentativa abominável de transformar a tediosa Primeira Guerra Mundial num dos conflitos mais dramáticos da Terra: gás mostarda! Trincheiras! A aniquilação de nada menos do que quatro impérios!)*

*Ah, sim. Talvez o senhor se interesse – ou não – em saber que também fiz uma amiga. Uma garota bastante ferina, Vasile. Tenho quase certeza de que o "bom velhinho" Papai Noel a colocou na lista das crianças "malvadas". (Uma referência obscura para você, sem dúvida. Confie em mim: Faith Crosse é uma criatura bem fascinante.)*

*Eu lhe desejaria um "feliz Natal", mas tenho certeza de que, se existe algo que o senhor detesta mais que o Natal, é esse tipo de "felicidade".*

*Seu sobrinho,*

*Lucius*

*P.S.: Fique tranquilo porque, apesar de não ter abordado o assunto no corpo desta carta, recebi sua resposta trovejante, ainda que atrasada, à minha sugestão de liberar Antanasia de suas responsabilidades vampíricas. Não deixei de compreender sua ira diante de minha afirmação de que "luto contra o freio". De fato, o senhor foi bastante claro quando disse que "me faria sentir saudade do freio quando o chicote fosse usado". As imagens equestres são muito vívidas. Todos os argumentos foram levados cuidadosamente em consideração. Mas será que devo acatar sua ordem de continuar com a perseguição agressiva a Antanasia? Da Romênia é difícil dizer, não é? A distância é de "pirar o cabeção".*

## CAPÍTULO 31

– Jessica, é você? – perguntou Lucius. Ouvi a porta do apartamento da garagem se fechar, seguida pelo som de pés batendo para tirar a neve.

– Oi. – Espiei da pequena cozinha. – Você chegou cedo.

– E você está... aqui. – Ele jogou o sobretudo na poltrona de couro. – Achei que havíamos retomado nossas residências tradicionais.

– E retomamos. – Voltei para a cozinha, mexendo uma panela fervente. *Droga*. Eu esperava estar com o jantar mais adiantado quando ele chegasse da escola. – Por que já está em casa?

– O treino de basquete foi adiado por causa da neve. Nos Cárpatos diríamos que isso é o equivalente a uma garoa. Um pequeno inconveniente. Aqui parece motivo de pânico nas ruas. Saques e tumulto pelo último pacote de pão de forma na mercearia. – Lucius farejou o ar. – Repito: por que você está aqui? E que *cheiro* é esse?

– Eu sabia que você estava cansado de pratos vegetarianos, por isso preparei um coelho. Vi alguns no seu freezer quando eu estava dormindo aqui.

Ele parou por um segundo.

– Você fez *o quê*?

– Cozinhei um coelho.

– Na verdade isso se chama “lebre” – corrigiu Lucius, juntando-se a mim na cozinha. – E, se você não sabe o nome correto, como sabe o que *fazer* com ela?

– Encontrei este livro de culinária na sua estante. – Mostrei o volume velho e manchado. – Tá vendo?

Lucius franziu a testa, lendo.

– *Cozinhando ao estilo romeno*. Em inglês! Esqueci que havia trazido isso. – Ele me olhou e deu um sorriso malicioso. – Nosso cozinheiro mandou isso para os seus pais, supondo que ajustariam o cardápio de acordo com o meu gosto. Certamente nunca esperavam que eu fosse parar na casa de veganos que nunca se dignariam a aceitar nem mesmo a paixão de um membro da realeza romena pela carne.

– Bem, hoje temos bastante carne no cardápio – prometi. – Também estou fazendo a sopa de cordeiro azedo. – Peguei o livro com ele, abri e apontei para a página que havia marcado. – Esta receita.

Lucius examinou.

– Como você conseguiu “*levistan* em pó” no condado de Lebanon?

– Olhei no [cozinhadatransilvania.com](http://cozinhadatransilvania.com). Dá para substituir por estragão.

– Esse cheiro deve ser do “cordeiro azedo” – disse Lucius, franzindo o nariz. – *Isso* vai impregnar o lugar. E se seus pais souberem que você cozinhou carne, estará encrencada.

– Ei, estou tentando ser legal.

Lucius gargalhou.

– É. Deixando-me com uma bela infecção intestinal. Quem não tem experiência *não* deve mexer com carne de caça. – Ele levantou a tampa da panela com a lebre, que estava fervendo, depois me olhou com uma sobrancelha arqueada. – Você limpou esse bichinho, não limpou?

– Tipo... lavar na pia?

– Remover as tripas e os miúdos. Estou vendo alguma coisa flutuando aqui...

– Tinha *tripas*?

Lucius pegou uma colher e mexeu na panela.

– Acho que identifiquei a fonte do cheiro. Eu diria que isso é um baço – anunciou ele, pescando uma coisa de aparência escorregadia. – Um orgãozinho maligno. Não é a parte mais palatável de coisa alguma. Nem gatos famintos comeriam um baço.

– Acho melhor jogar fora a lebre – falei com tristeza. O jantar não estava indo tão bem quanto eu esperava.

– Na verdade, Jessica, por mais que eu aprecie o esforço...

Alguém bateu à porta.

– Com licença – disse Lucius, indo atender.

– Ah, claro.

Espiei dentro da panela. Havia outras coisas escorregadias começando a borbulhar enquanto a lebre se desfazia. *Eca. Quem iria imaginar?*

A porta se abriu rangendo.

– Luc! Oi!

Sentindo algo parecido com um chute na barriga, bati a tampa da panela. Conhecia aquela voz animadinha.

Faith Crosse.

*O que ela está fazendo aqui?*

– Teve algum problema com a neve? – perguntou Lucius.

Senti cheiro de pizza sobre o fedor do baço.

– Não. Para mim não é grande coisa. – Faith riu. – Peguei emprestado o 4x4 do meu pai. Se acontecesse um acidente, *eu* não morreria.

*Que altruísta!* Fui até a entrada da cozinha e me encostei na porta, de braços cruzados, observando os dois.

– Finalmente alguém do condado de Lebanon que entende como enfrentar um pouquinho de precipitação congelada – disse Lucius, aprovando. – E será que posso acrescentar que você está linda, como sempre? Se bem que nem é preciso dizer.

*Argh.* Eu ia vomitar e não seria por ter comido entranhas.

– Ah, Luc. – Faith equilibrou a caixa de pizza como uma garçonete, liberando uma das mãos para apertar o braço dele, em um flerte descarado. – Você sempre diz a coisa certa.

– E você *trouxe* a coisa certa – disse ele, pegando a pizza. – Esta é uma iguaria local que passei a apreciar.

– Com certeza cheira melhor do que o que está cozinhando aqui.  
– Faith olhou em volta, buscando a fonte do odor, e me notou. – Ah, oi. – Ela franziu o nariz. – Eu estava dizendo que tem alguma coisa fedendo aqui.

– Tem mesmo – concordei.

Lucius passou por mim, levando a pizza para a cozinha.

– Como eu ia dizer, Jessica, o jantar seria meio inconveniente esta noite, porque chamei Faith para estudar.

– Estudar?

Eu me senti mais passada do que o coelho. Mais azeda do que a sopa de cordeiro.

– É – disse Faith. – Lucius me pediu que fosse sua parceira em literatura inglesa.

*Parceira? Para quê? E se houvesse necessidade de alguma parceria, por que eu não fui convidada?* Virei-me para Lucius, sabendo que havia traição em meu olhar. Queria que ele visse, mas seus olhos me evitavam.

– Lembra que eu me ofereci para o “relatório oral obrigatório” sobre *O morro dos ventos uivantes*? – perguntou ele. – Bem, depois de testemunhar intermináveis apresentações emburrecedoras dos meus colegas de turma, pensei que seria interessante condensar o romance numa pequena peça. Para enfatizar as partes dramáticas.

– Eu vou ser Catherine – observou Faith.

– Acho que com isso você vai ser Heathcliff – falei para Lucius, mal conseguindo mascarar a infelicidade na voz.

– Exatamente.

Desliguei o fogão. *Talvez o fedor provocado por mim suma dentro de um ou dois anos.*

– Então acho que vou nessa. Não quero atrapalhar vocês.

– Pode ficar para a pizza – ofereceu Lucius. – Você não deve ter comido. Espero que não tenha provado o coelho. Pode não ter fervido por tempo suficiente para matar os parasitas...

– Você estava fervendo o cabelo? – indagou Faith. – É *assim* que você deixa ele desse jeito, Jenn?

Encarei Faith por um longo tempo, desejando dar uma resposta à altura. Mas nada me veio à mente. Nada.

– Vou para casa – falei, tentando sair com um pouco de dignidade. Tentando passar por eles sem chorar. Tinha dado tudo errado. Um desastre completo.

Lucius deve ter visto minha frustração, a humilhação no meu rosto, porque disse:

– Com licença um momento, Faith.

– Claro, Luc – disse ela, indo para o outro lado do cômodo pequeno. – Vou dar uma olhada nas suas armas aqui. Adoro a decoração diabólica.

Lucius pegou meu braço, levando-me para a porta.

– Jessica – disse baixinho –, sinto muito.

– Pelo quê? – Mal me incomodei em baixar a voz. As lágrimas estavam se juntando nos olhos. Lágrimas de ciúme. Lágrimas de vergonha. Eu era idiota demais. Tinha tentado preparar um *coelho* para Lucius e ele ia receber *uma garota*. E não era qualquer garota, mas Faith Crosse.

– Foi gentileza sua tentar... um gesto doce... – Havia piedade nos olhos de Lucius enquanto ele empurrava um cacho para trás da minha orelha, como se eu fosse uma criança magoada. – Mas talvez não tenha sido a melhor ideia. Não agora.

– É – concordei, empurrando a mão dele para longe do meu rosto. – Foi um erro.

– Faith é minha amiga – explicou ele, com calma. – Sinto que preciso de uma amiga agora. Alguém que me entenda.

Essa doeu. *Quem poderia entendê-lo melhor do que eu?*

– Eu entendo você.

– Não. Não do mesmo modo... – Ele olhou para Faith, que havia tirado uma espada da parede e testava o gume. – Não posso explicar agora.

– Ah, nem precisa.

A voz dele endureceu um pouco, assim como o aperto de sua mão no meu braço.

– Jessica, você tem Jake. Você *escolheu* Jake. E tem Melinda, também. Será que *eu* devo ficar isolado?

– Não. Claro que não. Tudo bem. – Soltei meu braço de sua mão, abri a porta bruscamente e saí correndo do apartamento, sem me incomodar em pegar o casaco.

Enquanto descia a escada fazendo barulho, as lágrimas começaram a escorrer e ouvi Lucius falar no patamar:

– Jessica, por favor...

Segui em frente. Ele não chamou de novo. Antes mesmo de ter chegado lá embaixo, ouvi a porta se fechar com força.

## CAPÍTULO 32

Desde a infância, volta e meia eu tinha aquele pesadelo. Ele sempre me deixava trêmula, demorando-se na mente mesmo depois de eu acordar. Eu o expulsava assim que voltava para o estado de alerta, quase sempre suando frio, embolada nos cobertores. Tentava esquecê-lo pensando em coisas *reais*. *A raiz quadrada de qualquer número positivo real pode ser determinada com a fórmula de Newton...* Era assim que eu o enfrentava: agarrando-me à realidade, ao que era concreto.

Mas, naquela noite, em meados de dezembro, o sonho, mais vívido do que nunca, não queria ser extirpado.

– *Antanasia... Antanasia...*

*Ela estava me chamando. A princípio, como um acalanto, um canto reconfortante.*

*Estava escuro e nevava naquele lugar de montanhas desconhecidas, íngremes e irregulares. Os afloramentos de rocha negra, molhada, que brotavam dos montes de neve eram como dentes. Como presas. A neve caía com mais força, de modo quase ameaçador, como se a tempestade estivesse viva e à procura de sangue.*

– *Antanasia!*

*Ela me chamava três vezes e na última era sempre diferente. Como um grito súbito. O gemido de alguém caindo de um dos penhascos...*

*E depois o silêncio.*

*Apenas o som do vento e a neve em redemoinho, chicoteando os picos das montanhas que recuavam para cada vez mais longe...*

Meus olhos se abriram de repente.

Fiquei deitada na cama por alguns minutos, permitindo pela primeira vez que o sonho saturasse minha mente, se acomodasse e ficasse familiar.

Aos poucos, eu o aceitei.

E então chutei as cobertas emboladas, libertando-me, fiquei de pé sobre o piso de madeira fria e fui em silêncio até a cômoda. Abri a gaveta de baixo, com cuidado para que ela não fizesse barulho. Tateando às cegas sob uma pilha de camisetas que eu não usava mais, meus dedos localizaram o que eu procurava. O livro que Lucius tinha me dado. Levei o volume até a escrivaninha e acendi a luminária.

No círculo de luz, li o título, agora familiar. Com dedos surpreendentemente firmes, folheei as páginas, à procura do envelope de papel encerado, ainda enfiado perto do final, a umas 40 páginas do pesado marcador de prata.

Quando encontrei o envelope, levantei-o com cuidado – parecia delicado demais ou talvez precioso demais para ser manuseado. Enfiei dois dedos dentro dele e retirei o conteúdo. A foto.

Prendi minha respiração quando vi uma mulher com um vestido de seda carmim, numa pose formal, a postura régia porém confortavelmente ereta, os ombros para trás, o cabelo preto e encaracolado num coque sobre a cabeça, envolvido por uma tiara prateada. O nariz era um pouquinho achatado, a boca um tantinho larga demais para ser de uma beleza convencional. Uma sugestão de sorriso brincava nos cantos dos lábios, como se alguém houvesse lhe contado uma piada e ela quisesse rir, apesar de terem lhe dito para ficar séria. Para parecer majestosa.

Uma pedra escura e pequena parecia flutuar no ponto onde o esterno encontrava o pescoço, o cordão fino demais para ser visualizado na imagem.

*Minha mãe.*

Olhei mais de perto. Seus olhos... seus olhos eram como os meus.

Assim como o nariz. E a boca com ar divertido.

Eu reconhecia cada parte do rosto de Mihaela Dragomir, como se a tivesse visto mais cedo, naquele dia. Talvez porque a vira mesmo, no espelho.

No entanto, a mulher da foto era diferente de mim. Possuía uma qualidade especial que era melhor do que a beleza tradicional: presença.

Recordei as palavras de Lucius, ditas semanas antes: "Mulheres americanas. Por que todas vocês querem ficar quase invisíveis? Por que abrir mão de ter uma *presença física* no mundo?"

Mesmo numa fotografia antiga, dava para ver que minha mãe tinha isso. Presença. Mihaela Dragomir era cativante. O tipo de mulher que atrairia todos os olhares ao entrar em uma sala.

Virei a foto para ver se tinha data, mas não havia nada escrito, por isso olhei-a de novo, estudando seu rosto por muitos minutos, ouvindo na cabeça a voz do sonho. Desfrutando do acalanto de minha mãe, silenciado havia muito tempo, e me obrigando a suportar o grito de sua perda. De novo e de novo e de novo. Será que ela gritou pela perda da própria vida? Ou por me perder? Por nossa separação eterna?

Quando senti que o peso de nosso passado compartilhado começava a ficar opressivo demais, enfiei a foto de volta no envelope. Ela encontrou resistência, como se outra coisa dentro a bloqueasse. Pus a foto com cuidado sobre a escrivadinha, virei o envelope e o sacudi delicadamente. Um pedacinho de papel quase translúcido caiu na palma da minha mão.

Reconheci a letra. Era a mesma que tinha visto no quadro na aula da Sra. Wilhelm em setembro. *VLADESCU*. A mesma letra que estava na dedicatória do meu guia de vampira.

*Ela não é linda, Antanasia?  
Não é poderosa?  
Majestosa?  
Não é exatamente como VOCÊ?*

Era quase como um poema. Uma ode. A mim.

Li de novo, embora tivesse memorizado na primeira vez, depois enfiei o bilhete de Lucius de volta no envelope, seguido pela foto, e recoloquei tudo no livro, que deixei na escrivaninha. Depois girei na cadeira, captando meu reflexo no espelho de corpo inteiro que ficava pendurado na porta do quarto. À luz suave, eu poderia *ser* Mihaela Dragomir, a camisola de flanela transformada em um vestido de gala, de seda...

Num impulso, segurei o cabelo no alto da cabeça e ajeitei os ombros.

*Ela não é linda?  
Não é poderosa?  
Majestosa?  
Ela não é VOCÊ?*

Soltando o cabelo, apaguei a luz e voltei para a cama, sem saber se queria ficar feliz, chorar ou as duas coisas.

*Ela não é VOCÊ?*

## CAPÍTULO 33

No dia de sua grande apresentação, Lucius e Faith chegaram atrasados para a aula de literatura inglesa, cinco minutos depois de o sinal tocar – para melhor nos surpreender com seus figurinos. Faith usava um vestido desbotado que parecia da era vitoriana e tão apertado na cintura e tão justo sobre os seios que Frank Dormand, sentado à minha frente, quase caiu da cadeira quando ela entrou na sala. Lucius, para seu papel de Heathcliff, apenas ressuscitou o sobretudo de veludo e a calça preta que tinha usado regularmente havia apenas um mês, mais ou menos.

– Minha nossa – foi só o que a Sra. Wilhelm pôde expressar ao ver aquilo tudo.

Acho que ela ficou um pouco preocupada com a hipótese de os peitos de Faith pularem para fora num momento inoportuno, o que com certeza violaria as normas de vestuário da escola.

Mas foi Lucius que imediatamente tomou conta do centro do tablado, introduzindo sua pequena peça, ensinando com mais autoridade do que a Sra. Wilhelm jamais fora capaz.

– Heathcliff é uma criatura indomada, um homem condenado – lembrou ele. – Catherine também está condenada. Condenada a amar Heathcliff, que *deve* destruir a ela e à sua descendência. Está em sua natureza tomar o que deseja. E o que ele quer é vingança, acima de tudo. Catherine é uma selvagem admirável. O amor deles é impiedoso, cruel, amargo e maligno.

– Ah, minha nossa! – exclamou a Sra. Wilhelm, agitando-se numa cadeira nos fundos da sala. Dessa vez acho que estava quase babando pelo Lucius.

– Admiro muito essa história – acrescentou ele. – Ela ecoa.

Torci a caneta nos dedos, quase quebrando-a, confusa e triste. *Amor impiedoso, cruel e maligno. É isso o que ele quer? Será que foi isso o que sempre esperou de mim? Lucius chegou a esperar algum tipo de "amor" entre nós?*

Olhei para Jake, que deu de ombros e revirou os olhos azuis, como se achasse toda aquela produção meio exagerada. Sorri para ele, mas sem emoção. Por que, por que não consigo sentir algo mais profundo por Jake? Ele é bonito, é popular, sem nenhum traço de crueldade ou perigo em seu corpo musculoso. *Por que essa vontade toda de me virar e olhar para Lucius? Um cara que é todo errado para mim? Um VAMPIRO arrogante, enigmático e potencialmente perigoso?*

Jake era a escolha sensata, doce e previsível.

No entanto, me virei, ansiosa por olhar para Lucius.

Quando voltei ao drama, ele encarava Faith e a peça começou. De algum modo, condensaram a primeira metade do livro, pegando citações aqui e ali, inventando algumas coisas, imagino, e costurando tudo numa intensa cena de 25 minutos que foi da infância alegre e despreocupada dos dois personagens até Catherine trocar Heathcliff pelo gentil Sr. Linton.

Pelo menos acho que foi isso o que eles representaram. Eu só conseguia me concentrar nos movimentos brutos e ao mesmo tempo ternos dos corpos deles. O modo como Lucius agarrava o pulso de Faith, puxando-a contra o peito. O modo como os olhos de Faith se arregalaram quando ela se soltou. A paixão quase parecia... real.

Minha caneta de plástico se quebrou de verdade sob a pressão dos dedos, com a tinta manchando minha mão e batendo no meu rosto. *Não, Lucius. Não.*

Ninguém notou. A turma toda estava fascinada enquanto Faith, com os olhos azuis grudados nos olhos negros de Lucius,

sussurrava, a voz intensa com o que eu temia desesperada *não* ser paixão fingida:

– Independentemente do que nossas almas sejam feitas, a sua e a minha são iguais.

Eles ficaram ali, imóveis, cara a cara, até que alguém percebeu que era hora de aplaudir. Mindy se ajoelhou na cadeira, enfiou os dedos na boca e assobiou, coisa que eu nem sabia que ela era capaz de fazer.

Como se acordassem com aquele alarme estridente, Lucius e Faith saíram dos personagens, sorriram, deram-se as mãos e fizeram uma reverência profunda na direção da plateia. De alguma maneira os seios de Faith permaneceram no lugar, se bem que, pelo modo como Frank Dormand esticava o pescoço, acho que pelo menos ele conseguiu uma boa visão do que estava debaixo do vestido.

Tive que admitir que foi a melhor apresentação de trabalho sobre um livro que eu havia visto na vida. Provavelmente a melhor já feita na Escola Woodrow Wilson.

E odiei cada segundo daquilo.

Lucius era o *meu* noivo. Eu é que deveria estar lá em cima. Algo fora roubado de mim. E não se tratava apenas de alguns segundos de glória diante da turma. Naquele momento eu soube que havia desperdiçado a chance de uma *vida inteira* de glória ao lado do homem mais envolvente, enfurecedor, carismático e aterrorizante que eu já havia conhecido. Parte de mim sabia que eu deveria me sentir aliviada. Durante meses, me livrar de Lucius Vladescu tinha sido tudo o que eu mais queria. E, mesmo assim, só me sentia vazia, derrotada e desesperada para encontrar um modo de trazê-lo de volta para mim. Então me lembrei do pacto. Lucius nunca deixaria de honrar o pacto. *Deixaria?*

Enquanto os aplausos iam morrendo, Faith saltou para o corredor a fim de se sentar atrás de mim, seguida por Lucius, que nem me

deu bola.

Então refleti: será que eu iria querer o cara se ele só estivesse ligado a mim pela obrigação? Que tipo de vitória seria essa?

Olhei para Lucius, mas ele estava inclinado para a frente, sussurrando algo para Faith.

*Um amor impiedoso, cruel, amargo e maligno...* Lucius realmente desejava isso? Será que desejava mesmo *Faith*? Nesse caso, será que algum dia eu havia tido uma chance? Será que deveria *querer* uma chance?

## CAPÍTULO 34

– Trouxe sua roupa lavada – gritei, dando um chute na porta do apartamento de Lucius.

Ele abriu a porta.

– Ah, obrigado, Jessica. – Em seguida pegou o cesto cheio de roupas emboladas, franzindo a testa. – O que é *isso*?

– Mamãe disse que você pode começar a dobrar sua própria roupa.

– Mas...

– A mordomia acabou, Lucius – avisei, seguindo-o para dentro do quarto. Eu não havia entrado ali desde a desastrosa tentativa de preparar um jantar romeno, uma semana antes. O ar ainda fedia um pouco a baço.

Lucius jogou as roupas na cama e recuou, examinando aquela confusão.

– Imagino que seja tarde demais para contratar uma lavadeira...

– Ah, se liga! Não banque o bebezão. Eu faço isso duas vezes por semana. E não acho que exista nenhuma “lavadeira” aqui por perto.

– Isso é um infortúnio regional *seu* e não meu. – Ele pegou uma meia, segurando-a como se nunca tivesse visto aquilo antes. – Por onde *começar*?

Peguei a meia dos dedos dele.

– Quer dizer que você é capaz de liderar uma nação de vampiros mas não consegue juntar um par de meias?

– Cada um com suas habilidades – observou Lucius, incapaz de conter um sorriso. – Felizmente, as minhas estão no ramo da liderança e não das “tarefas subalternas”.

Dei um sorriso relutante.

– Eu ajudo. Só dessa vez.

– Obrigado, Jessica.

Lucius se deixou cair em sua poltrona de couro.

– Eu disse “ajudo” e não “faço para você”.

Ele não fez qualquer esforço para se mexer. Pelo contrário, deu um risinho, afundou mais na poltrona e cruzou os dedos atrás da cabeça.

– Acho que uma demonstração serviria melhor.

– Seu idiota! – gritei, jogando a meia de volta na pilha e puxando seu braço, pondo-o de pé. Claro que Lucius era forte demais para mim e, quando me puxou de volta, acabei caindo sobre o peito dele, nós dois rindo.

Aos poucos o riso foi parando e nossos olhos se conectaram de verdade pela primeira vez desde aquela noite medonha em que eu havia tentado cozinhar uma lebre. De repente não estávamos mais de brincadeira.

– Jessica – disse ele baixinho, envolvendo meu pulso com os dedos.

– O que foi, Lucius? – perguntei, me apoiando com mais força em seu peito, com o coração começando a bater mais forte.

Talvez eu não tivesse sido vencida por Faith. Os olhos dele tinham a mesma expressão da noite de Halloween, mas sem a raiva e a frustração. Em vez disso havia uma espécie de desejo mais suave. Um desejo menos temível, embora quase igualmente amedrontador. Mesmo assim não me afastei dele. Dessa vez sabia que não queria me mover. Iria enfrentar o que quer que acontecesse.

Soltando meu pulso, Lucius puxou com delicadeza um dos meus cachos, deixando-o voltar para o lugar, como uma mola.

– Você mudou o cabelo. Aceitou seus lindos cachos.

– Você gosta?

– Sabe que gosto... – Ele girou outro em volta do dedo. – Isso é fiel a você.

Eu me ajeitei um pouco e minha mão pousou na curva rígida de seu bíceps. Ele usava uma camiseta e eu podia sentir a cicatriz serrilhada que atravessava seu braço. Minha confiança estremeceu por um momento. *Honra. Disciplina. Força. A criação dele foi bem diferente da sua, Jessica... A família Vladescu tem a reputação de ser implacável...*

– Como conseguiu isso? – perguntei, acompanhando a cicatriz com a ponta dos dedos.

Algo mudou nos olhos dele. O brilho no negrume diminuiu um pouco.

– Foi um acidente. Não é uma história que valha a pena ser contada.

Ele estava mentindo.

Continuei a acompanhar a cicatriz com o dedo. Era larga e eu não conseguia imaginar o que seria capaz de rasgar a carne daquele jeito... até que pensei nas armas na parede. Mas quem faria aquilo com ele? Com qualquer pessoa?

– Pode me contar o que aconteceu – incentivei-o. *Eu entendo você... Ou posso tentar entender... Por que quer arrancar isso dele, Jess? Por que não pode deixar isso pra lá? Porque quero saber sobre ele. É por isso.* Eu queria saber a verdade sobre Lucius. Suas histórias. Seu passado. O que ele desejava.

– Jessica – gemeu ele, envolvendo minha cintura. – Se pudéssemos não falar, neste momento. Se pudéssemos apenas ser.

*Não. O que quer que acontecesse teria que ser nos meus termos também. Eu tinha visto Lucius com Faith. Não seria idiota. Não cairia no seu charme, na sua experiência... não se o que ele realmente quisesse fosse algo diferente ou algo que eu não pudesse dar...*

Acompanhei a outra cicatriz, no queixo, e ele segurou minha mão, afastando-a um pouco.

– Jessica...

– Você quer mesmo isso? – sussurrei.

Ele continuou segurando minha mão, movendo-a até a boca, roçando os lábios nela.

– Quero o quê, Jessica?

– O que você disse na sala de aula.

Ele pareceu em dúvida.

– Na sala...?

– Um “amor amargo, cruel e maligno”? É o que você quer de verdade?

Quando falei isso, foi como se tivesse cortado uma corda que nos atasse e Lucius, ainda segurando minha mão, sentou-se empertigado, colocando-me de pé e empurrando-me com a mão gentil porém firme. E se levantou também.

– Lucius?

Então ele sorriu, um pouco triste, como se não houvéssemos acabado de compartilhar o que compartilhamos.

– Estamos aqui, perdendo tempo, e a roupa lavada espera na cama – disse ele, com o deboche habitual na voz. Em seguida se inclinou sobre o colchão e pegou uma cueca. – Nessa velocidade, todos os amassados vão se fixar. E um Vladescu pode dobrar as roupas, se coagido, mas nós não passamos a ferro.

– Lucius? – Toquei seu braço. Não queria saber, mas precisava. – O que está rolando entre você e a Faith?

Lucius sacudiu a cueca, evitando meus olhos.

– Faith?

– É. Faith – respondi, me sentando na beira da cama.

– Ela me intriga – admitiu ele, conseguindo de algum modo dobrar sua roupa de baixo.

– Por quê? Por que você gosta dela?

Como se eu não soubesse. Lucius Vladescu podia falar quanto quisesse sobre a beleza das curvas, dos cachos e da importância de se ter presença, mas, no final das contas, era como todos os outros homens – todos os outros *garotos* –, que ficavam de quatro pela líder de torcida loura que tinha barriga sarada, peitinhos empinados e bunda perfeita debaixo daquela saia curta idiota.

– Ah, Jessica – disse Lucius, parecendo estar ligeiramente exasperado. – Durante meses eu perguntei como poderia preferir um camponês e você nunca me deu uma resposta satisfatória. Talvez essas coisas não possam ser explicadas com facilidade.

– Então você *gosta* da Faith?

Nesse momento ele me olhou.

– Eu a *aprecio*.

Aquela confirmação na lata me deixou constrangida, mesmo que já soubesse a resposta.

– Há alguma diferença?

Lucius suspirou e se sentou ao meu lado na cama, olhando para a parede.

– Talvez, Jessica. Realmente importa, nessa altura?

– O que isso quer dizer? Por que você fica falando como se o pacto estivesse acabado? E a guerra?

– Você nem acredita no pacto ou na guerra.

– Agora acredito – insisti.

Lucius ignorou essa revelação. E eu que achava que isso era tudo o que ele sempre quisera escutar. Um pequeno sorriso cruzou seu rosto.

– Esse baile de Natal que vai acontecer é um evento social muito esperado, pelo que imagino. As garotas querem ir, certo? O Atarracado vai vestir o melhor macacão e levar você, não é?

– Quanto ao Jake...

*O que eu iria fazer com relação ao Jake?* Desde aquele dia no ginásio, em que eu havia confessado a Mindy minhas dúvidas

sobre nosso relacionamento, vinha me distanciando dele. E quando dei as costas ao Jake para ver Lucius encenar sua peça na aula de literatura inglesa, eu sabia que estava dando as costas a um cara maravilhoso... um cara que gostava de mim de verdade. Uma pessoa boa que não bebia sangue nem tinha cicatrizes perigosas. E mesmo assim eu tinha feito isso.

– Não sei se vamos juntos – respondi. – Estamos meio que afastados.

Dando de ombros, Lucius se levantou e voltou a dobrar a roupa.

– Devem fazer o que deixa vocês dois felizes, Jessica. Devem fazer o que é certo para vocês.

– E você vai fazer o que é “certo para você”, eu suponho – falei, mal- -humorada.

– Estamos nos Estados Unidos, como sou lembrado constantemente na aula de estudos sociais – observou Lucius. – Temos direito à escolha por aqui. – Ele fez mímica de uma balança com as mãos. – Pepsi ou Coca? Mc Donald’s ou Burger King? O antigo namorado ou o novo?

– É. Mas e o Ethan? Ele e Faith estão juntos há séculos.

– Eu já disse, Jessica. Todos temos escolha. Incluindo Faith. Ethan não tem direitos sobre ela. Não vi nenhuma aliança no dedo da garota.

Claro que Faith tinha escolha. E havia optado por Lucius. Eu tivera provas disso no ginásio e na aula de literatura inglesa. Que inferno! Eu já tinha visto na competição do Clube da Juventude, quando ela segurou meu braço distraidamente, olhando Lucius arrasar no percurso com sua égua maldita. Só não quis admitir a mim mesma. A coisa toda foi acontecendo na minha cara e eu havia me obrigado a permanecer cega.

Então Lucius sorriu para mim, mas havia algo parecido com tristeza em seus olhos.

– Você tem sorte, Jessica – disse ele. – Não está tão presa à tradição, ao peso do passado. Aqui você é livre. Não somente para escolher um refrigerante, mas para escolher seu destino. É uma sensação empolgante, não é?

Acho que eu tinha vivido tanto tempo com minhas possibilidades que não as considerava tão “empolgantes” como Lucius. Na verdade, naquele momento, eu até queria estar amarrada com um pouco mais de força ao passado. Ao mesmo tempo, porém, uma raiva súbita me atravessava. Raiva de Lucius.

– Se você está tão a fim da Faith, o que foi aquilo? – Apontei para a poltrona de couro, onde nós havíamos acabado de nos embolar. Onde eu podia jurar que Lucius esteve a ponto de me beijar. – Ali, na poltrona. Quando passou o braço em volta de mim. O que foi aquilo, Lucius?

Lucius baixou a camiseta que estava dobrando, deixando os braços caírem ao lado do corpo.

– Aquilo, Jessica, foi quase um erro.

*Um erro?* Ele tinha acabado de dizer “*um erro*”?

Esticando-me no meu 1,62 metro e juntando uma força que eu nunca soube possuir, alimentada por uma indignação da qual não sabia ser capaz, recuei a mão aberta e dei um tapa tão forte no rosto de Lucius Vladescu que sua cabeça virou bruscamente.

Ele ainda estava coçando o queixo quando bati a porta.

Romeno sugador de sangue idiota. Tinha sorte de eu não ter feito outra nobre cicatriz em seu corpo imperial. Se ele se metesse de novo com Jessica Packwood – Antanasia Dragomir –, com toda a certeza receberia um tratamento régio.

## CAPÍTULO 35

— Foco, Jess, foco – falei para mim mesma.

Mas quanto mais eu me obrigava a ficar concentrada, mais a concentração me escapava. Era como se agarrasse bolhas de sabão que flutuavam no ar. Bolhas cheias de códigos matemáticos e números sem significado. Sinais de adição, de subtração, de raiz quadrada girando em volta da minha cabeça. Todos estouravam no segundo em que eu os pegava. Estouravam e sumiam.

De algum modo, apesar de faltar a vários treinos, eu tinha conseguido chegar à última rodada da Olimpíada de Matemática de Lebanon, em que competiam os melhores estudantes. Sem canetas. Sem papel. Nem mesmo uma chance de reler as perguntas. Só a moderadora lançando problemas orais e 10 alunos de pé, um tentando responder antes dos outros.

Eu queria muito vencer. Aquela era uma arena onde *eu* podia brilhar. A gente não precisava ser bonita, nem loura, nem rica, como Faith.

*Para com isso, Jess. Você pode chegar ao campeonato estadual se mantiver a cabeça no lugar.*

Olhando para o público modesto encostado nas paredes do refeitório, vi o Sr. Jaegerman suando no terno de poliéster escolhido para hoje – um marrom-acinzentado medonho – e me observando. Ele sorriu e fez o sinal com os polegares para cima. Mike Danneker estava lá também, depois de ser eliminado na rodada de velocidade, quando entrou em pânico inexplicavelmente por causa de alguns polinômios rotineiros.

Mike pôs as mãos em concha na boca:

– Não erra – sussurrou, de modo teatral. Como se isso ajudasse.

A moderadora terminou de folhear os papéis.

– Pergunta número dois. Um caixa de banco distraído trocou os dólares pelos centavos quando descontou o cheque de pagamento da Sra. Jones. Depois de comprar uma xícara de café por 50 centavos, a Sra. Jones percebe que tem o triplo do valor do cheque original. Qual é o valor do cheque?

Eu podia fazer isso. Era uma equação diofantina. Isso. Então por que meu cérebro não funcionava?

Quanto mais eu me concentrava e raciocinava, mais indecifrável me parecia toda a linguagem das equações. Era como se parte da minha mente estivesse se desligando. Morrendo. Isso havia começado semanas antes, quando passei a me afastar de Jake e me aproximar de Lucius. Para longe da humanidade comum e em direção a um mundo onde o sangue tinha um cheiro delicioso. O cálculo fazia minha cabeça viajar. A álgebra perdia aos poucos a atração. E agora eu estava numa sala cheia de matemáticas, em que eu deveria ser uma força dominante, mas, em vez disso, só conseguia pensar: *dólares? Centavos? Café seria uma boa... Onde se pode conseguir uma xícara de café por 50 centavos?* Mas eu não queria café. Queria ir para o campeonato estadual. *Raciocina, Jessica...* E nenhum pensamento me vinha. Pelo menos não do tipo certo. *Será que o café ajudaria?*

– Não! – berrei, sem nem perceber que tinha falado a palavra em voz alta, até que o salão já quieto ficou completamente silencioso e todas as cabeças se viraram na minha direção.

Comecei a suar como se fosse o Sr. Jaegerman num dia de verão, empolgado com um problema envolvendo uma parede alta e o ângulo do sol.

Humilhada. Eu tinha sido humilhada.

– Foi mal – falei, me dirigindo a todo mundo e a ninguém em particular. Todos continuavam a me olhar: meus concorrentes, meus colegas de equipe, os espectadores. E, assim, saí do lugar

designado para mim e fui andando, com o que eu esperava que fosse um pouquinho de dignidade, em direção à porta.

No corredor, me encostei na parede fria, de azulejos. O que estava acontecendo com o lado esquerdo do meu cérebro? A parte que deveria controlar a análise e a objetividade parecia entorpecida. E pinicando. Como se fosse mastigada pelo lado direito, o aleatório, intuitivo, não lógico. Apertei as têmporas com os dedos, massageando-as, tentando aliviar uma dor que eu sabia que não era exatamente física.

– Jessica, você está bem?

O Sr. Jaegerman passou pela porta e correu até o meu lado, bufando um pouco e enxugando a testa com um lenço. Eu sabia o que ele estava pensando. Seu cavalo premiado acabara de quebrar uma pata no último obstáculo. Ele havia investido quatro anos em mim e eu tinha saído mancando.

– A matemática está parecendo... difícil ultimamente – tentei explicar, encarando o Sr. Jaegerman, desesperada. – Não sei o que está acontecendo. Não consigo me concentrar.

– As coisas estão bem em casa? – ele tentou perguntar. O esforço de forjar uma conexão humana real entre nós que não fosse sustentada pelos números fez o suor empoçar em seu lábio superior e escapar pelos cantos da boca. Ele usou a gravata para enxugar o queixo. – Problemas com garotos? – sugeriu, nervoso. Parecia à beira de algum tipo de espasmo, como se tivesse penetrado demais numa caverna profunda e percebesse que não havia oxigênio ali.

Se eu começasse a me abrir, ele poderia desmaiar no corredor. Eu precisava salvá-lo, deixar que ele respirasse.

– Não, não é um garoto – menti, poupando meu professor de um ataque cardíaco.

– Ah, graças a Deus! – exclamou ele, apertando o peito. E então percebeu o que tinha dito. – Quero dizer, claro que, se fosse um

garoto, você poderia me contar...

– Tudo bem – insisti. – Não é nada disso.

Mas *era*. Só que Lucius não era um garoto, de fato. Era um homem. E eu o queria de volta. Mas sabia que não adiantava mais. Ele estava a fim da Faith.

– Vou me sair melhor da próxima vez, Sr. Jaegerman – prometi.

– Vou mergulhar nos livros amanhã. Me concentrar.

– É isso aí, Jess.

O Sr. Jaegerman estendeu a mão para dar um tapinha no meu ombro, hesitou e recuou de volta.

– Vamos voltar para dentro – falei, corajosamente. – Pelo menos posso ouvir, tentar resolver os problemas só por diversão.

– É, é – concordou o Sr. Jaegerman, aliviado porque nosso momento pessoal havia passado. – Excelente ideia.

Acompanhei meu treinador de volta ao refeitório. Mas, para ser honesta, resolver problemas não parecia divertido nem excelente. Parecia a atividade mais sofrida que eu poderia imaginar.

# CAPÍTULO 36

CARO VASILE,

*O senhor sabia que nos Estados Unidos as "opções" são tão abundantes que alguns indivíduos de mente débil chegam ao ponto de se sentir assoberbados e precisar de aconselhamento psicológico (eu sei: nós gargalhamos!) só porque são incapazes de se orientar em meio às opções quase infinitas inerentes a literalmente cada ato, por mais insignificante que seja?*

*Aqui, até mesmo pedir uma pizza (finalmente esbarrei em algo comestível) exige múltiplas decisões. Grande? Extragrande? Com pepperoni? Algum tipo de legume? Mais queijo? Menos queijo? Queijo escondido, como uma surpresa, dentro da massa? E, por falar em massa... grossa? Fina? Moldada à mão? Ou devemos repensar tudo e pedir no estilo de Chicago? Ou à siciliana?*

*Francamente, Vasile, pedir comida "para viagem" (também descobri que posso comandar um exército de supostos serviçais, todos andando por aí em velhos Ford Escorts) exige tanta estratégia quanto alguns generais devotam a uma batalha em que sangue de verdade, e não apenas molho de tomate, será derramado.*

*Por falar nisso, lamentei saber que os Dragomir estão cansados de esperar o retorno de sua princesa e a consumação do pacto.*

*Eles continuam sendo uma família impulsiva e impaciente, não é? Mas acusar-me de não me esforçar para cumprir com minha obrigação – e depois tentar cravar uma estaca num Vladescu num ataque de ira... Esse tipo de coisa pode precipitar um conflito terrível, Vasile. E de repente considero toda essa possibilidade enfadonha demais.*

*Será que nós, vampiros, devemos sempre recorrer tão rapidamente à violência? Será que não poderíamos nos sentar em volta de uma "loura gelada" e "esfriar a cabeça", como minha televisão e meus colegas de time vivem insistindo para que eu faça? (O senhor ficaria pasmo com o esforço que os adolescentes americanos fazem para conseguir qualquer quantidade de cerveja, que é proibida aos menores de 21 anos. Na verdade é espantoso, Vasile – tudo por um pouquinho de lúpulo fermentado. Se ainda fosse por sangue...)*

*Retornemos à pequena explosão de tensões entre os Dragomir e os Vladescu. Por favor, aconselhe os dois lados a permanecerem pacientes, lembrando-lhes que somos vampiros. Por que tanta pressa quando temos a eternidade?*

*E já que estamos no assunto dos impetuosos Dragomir e da violência, nossa princesa-à-espera me deu um tapa na cara bem impressionante um dia desses. O senhor, dentre todos os vampiros, sabe como é difícil fazer minha cabeça se virar com o uso da mão aberta. Devo dizer que admirei a força por trás do tapa. Muito impositiva. E o modo como os olhos dela relampejaram foi bastante régio.*

*Quanto à causa de minha humilhação pela bofetada de Antanasia... Talvez seja melhor deixar para outra missiva.*

*Enquanto isso, será que eu poderia lhe pedir que mandasse, com extrema presteza, algumas das minhas roupas formais? Digamos, talvez, o smoking Brioni que adquiri em Milão. E despache um par de abotoaduras discretas também. Confio no seu julgamento. Tenha em mente que a maior parte dos meus colegas de festa estará usando smokings alugados. (O senhor sabia que é possível alugar roupas? Isso não parece repulsivo? Vestir calças usadas por uma sucessão de predecessores de pedigree duvidoso e higiene incerta? Mas é verdade.) O fato é que desejo, é claro, me apresentar de modo adequado à minha posição – sem sobrepujar*

*indevidamente os demais. A deliberada demonstração de superioridade por meio da vestimenta é algo grosseiro, não acha?*

*Desde já agradeço pela ajuda.*

*Seu sobrinho,*

*Lucius*

*P.S.: Que diabo. Por que não me despedir com o cumprimento americano tradicional? "Feliz Natal", tio Vasile. "E próspero ano-novo."*

*P.P.S.: Realmente – "aconselhamento psicológico"!*

## CAPÍTULO 37

– Jessica, telefone para você – disse papai, enfiando a cabeça no meu quarto. – É o Jake.

– Eu nem ouvi tocar – admiti, sentando-me e pegando o aparelho sem fio da mão dele. Estivera deitada na cama, olhando para o teto, pensando em vampiros infiéis e no fato de que meu cérebro parecia estar se desintegrando e desejando que minha vida fosse simplesmente normal de novo. – Oi, Jake – falei, com menos entusiasmo do que deveria ter. – E aí?

*Eu deveria terminar com o Jake. Sabia disso e mesmo assim não tinha feito nada. Por quê? O que estou esperando?*

– Oi, Jess. Eu só liguei... bom, estava pensando se ainda está tudo em cima para o baile formal de Natal. Não tenho visto você na escola...

– É, acho que andei ocupada. A gente devia se encontrar e bater um papo, mas...

Lá fora ouvi um grito agudo, depois uma gargalhada. Puxei a cortina de lado. Lucius e Faith estavam no quintal, travando uma guerra de bolas de neve bem vigorosa. Enquanto eu olhava, Lucius pegou Faith no colo e a jogou numa pilha deixada por nosso arado, esfregando gelo em seu gorro de lã cor-de-rosa.

– Lucius! – gritou ela, chutando-o. – Seu idiota!

*É, Lucius... Você é, sim.*

– Jess... você está aí?

– Ah, desculpa, Jake. – Fechei a cortina. – Estou.

– Eu estava perguntando sobre o baile, porque preciso alugar um smoking...

Lá fora, mais gritinhos contentes.

Jake acrescentou, um tanto inseguro:

– Espero que ainda queira ir, Jess.

*Que cara legal. Muito, muito legal...*

Abaixo da minha janela, Faith berrou:

– Não encosta a mão em mim!

Parecia que ela desejava exatamente o contrário.

Apertei o telefone, obrigando-me a prestar atenção em Jake. Será que eu tinha *mesmo* certeza de que queria terminar com ele? Será que pararia de viver só porque tinha sido dispensada por um estudante de intercâmbio metido que tentara me seduzir em seu quarto só para depois admitir que tinha sido um “erro”? Será que desperdiçaria todo o meu último ano escolar deitada na cama, preocupada em pensar se era uma vampira? Pelo amor de Deus!

*Não, eu não faria isso.*

– Claro que eu quero ir, Jake – respondi, forçando a voz a parecer muito mais animada do que me sentia. – Mal posso esperar.

O alívio inundou a voz dele.

– Beleza! Então vou pegar o smoking amanhã. Se você tem certeza...

*Será que Faith Crosse nunca vai parar de berrar no meu quintal?*

– Claro que tenho, Jake – respondi, acrescentando logo antes de desligarmos: – Vai ser muito bom.

Estiquei-me na cama, puxando o travesseiro para cima do rosto e cobrindo os ouvidos para abafar toda a diversão que meu ex-noivo de pacto de sangue e Faith estavam tendo lá fora.

Enquanto ficava ali, odiando os dois, meus dentes começaram a doer. A princípio era só uma dor pequena, chatinha, mas, a cada vez que o som da guerrinha de Faith e Lucius chegava aos meus ouvidos, a dor ficava mais aguda. Era quase como se meus dentes estivessem apertados demais dentro da boca, forçando-se contra as gengivas, e eu quis arrancá-los. Desejava descobrir algum

modo de libertá-los para se tornarem o que desejavam tão desesperadamente ser.

Fui até a cômoda e catei o guia de vampiro. Abri no sumário. Ali estava: Capítulo 9: "Encontrando o caminho das presas!"

Folhee até a página indicada.

*"As garotas começam a sentir os incisivos doerem à medida que se aproximam dos 18 anos, embora algumas 'precoces' possam notar mudanças já aos 16. A sensação ocorre com frequência, ainda que não exclusivamente, em momentos de estresse emocional, não diferentes daqueles de sua primeira sede de sangue. Tente ser paciente e aceitar o 'desconforto dental' como parte da maturação vampírica, assim como você aprende a aceitar as cólicas menstruais como parte de seu crescimento para a condição de mulher. Lembre-se de que, quando for mordida pela primeira vez, suas presas serão liberadas para se expandir e desabrochar e logo você esquecerá as dores temporárias que a levaram à plena condição de vampira!"*

Minhas presas poderiam ser liberadas com a mordida de um vampiro. Claro. Lucius tinha me contado isso quando fizemos compras. As presas das mulheres só cresciam quando elas eram mordidas.

Guardei o guia.

A boa notícia era que eu tinha um vampiro à mão no meu quintal. A má era que eu queria cravar uma estaca no coração do sujeito antes que ele tivesse chance de se aproximar – sem contar o fato de que ele não parecia mais dar a mínima para mim. O que uma jovem vampira "desabrochando" iria fazer?

## CAPÍTULO 38

– Você tem sorte que pelo menos uma de nós leia a *Cosmopolitan* e a *Vogue* – disse Mindy em tom reprovador, entrando no meu quarto com umas 10 caixas de sapatos. A pilha era tão alta que ela não conseguia enxergar nada à sua frente. – Mindy e sua coleção de sapatos vieram prestar socorro!

Minha melhor amiga largou as caixas no chão, numa pilha desordenada, e seus olhos se arregalaram ao me ver.

– *Caraca, Jessica!*

– Isso é... bom?

Mindy veio correndo, agarrou meus braços e me girou, me olhando de cima a baixo.

– Você está... você está maravilhosa!

– O.k. – acalmei-a, soltando seus dedos um por um. – Pega leve porque esse vestido me custou praticamente cada moedinha que ganhei na lanchonete durante o verão.

– E valeu cada centavo – declarou Mindy, confirmando com a cabeça.

Olhei no espelho pendurado atrás da porta do quarto.

– É lindo, não é?

– *Você é linda* – corrigiu Mindy. – O vestido só deixa o resto do mundo saber disso. Onde comprou? Esse não é um vestido qualquer de poliéster do shopping.

– Voltei àquela loja esnobe onde comprei o vestido para o Halloween.

Dessa vez, fui eu que dei uma de superior diante de Leigh Ann. Mas tinha aprendido bastante com Lucius. Apenas alguns meses

antes, eu não tinha noção de tudo o que poderia ser obtido apenas levantando o queixo e falando de nariz empinado.

– Isso é, tipo... veludo de verdade – disse Mindy, deslizando a mão pelo tecido.

– É. O busto, ou melhor, o corpete, como diria Lucius, é de veludo e a saia é de seda japonesa tecida à mão.

Passei as mãos sobre o vestido preto. Era escuro como um céu noturno de agosto logo antes de uma tempestade. Tomara que caia, tinha corte reto e envolvia meu corpo num caimento perfeito. Não era apertado demais, mas justo o bastante para mostrar cada curva da minha silhueta. Quando me olhei no espelho, fiquei feliz por não ser magricela demais. Aquele não era um vestido feito para um corpo de menino.

– Tenho os sapatos perfeitos – guinchou Mindy, revirando as caixas. Ela levantou um par de sandálias de salto alto e tiras, muito discretas para Mindy, mas perfeitas para o vestido.

– Tem certeza de que posso pegar emprestado?

– Claro – respondeu Mindy, com apenas uma levíssima sugestão de tristeza ou ciúme na voz. – Eu nunca vou a lugar nenhum. Pelo menos a sandália pode ter algum uso.

Dei uma abração na minha amiga.

– Obrigada, Min. Você é o máximo.

– Ah, não fica toda melosa. A gente ainda precisa fazer seu cabelo e já são quase sete da noite.

– Acha que pode me ajudar com, tipo, um coque? Quero que seja perfeito. Melhor ainda do que no Halloween.

– E eu não leio a *Cosmo*, a *Vogue* e a *Penteados das Celebridades*? – observou Mindy, pegando minha escova de cabelos. – Você está em boas mãos, Jessica Packwood.

Hesitei, depois peguei a foto da minha mãe biológica, que eu havia posto numa pequena moldura de prata sobre a escrivaninha.

– Será que consegue me deixar parecida com... ela?

Entreguei a foto a Mindy e ela ficou boquiaberta.

– Jess... essa é... essa tem que ser... – Ela me olhou, visivelmente chocada. – Ela era tipo uma *princesa* ou sei lá o quê?

– É uma longa história – respondi, pegando a foto de volta. Olhei para Mihaela Dragomir. – Mas ela era especial, sim.

– O que você está me escondendo? – indagou Mindy, curiosa e meio cautelosa. – Tem alguma coisa rolando.

– É só uma lembrança que me deram – expliquei evasiva, guardando a moldura. – Era algo que antes eu não conseguia encarar.

– Jess, ela é igualzinha a você. É quase sobrenatural.

Fiquei vermelha de prazer. *Ela não é linda... poderosa... majestosa... como VOCÊ?*

– Obrigada, Mindy, mas será que a gente pode falar disso mais tarde? Neste momento estou desesperada por uma ajuda com o cabelo.

Quando falei em cabelo, Mindy voltou ao presente e pegou um punhado dos meus cachos.

– Deixa comigo, Jessica. Quando eu tiver terminado, toda garota da Woodrow Wilson vai querer ser você.

Depois de 15 minutos e um frasco de fixador inteirinho, Mindy segurou um espelho e me mostrou o resultado. Meus cachos estavam arrumados artisticamente, mas de maneira aleatória, na cabeça, como uma coroa gloriosa, brilhosa, e ela havia pegado uma mecha grossa e torcido em volta do coque, imitando a tiara da foto de minha mãe biológica. Mindy tinha mandado muito bem.

– Nunca mais vou rir da *Penteados das Celebidades* – prometi.

Lá embaixo, a campainha tocou.

– Jess? – perguntou Mindy, me dando uma última borrifada.

– O quê? – perguntei, ainda me admirando no espelho.

– Isso tudo é pelo Jake ou tem alguma coisa a ver com o fato de Lucius levar a Faith? Sei que você sempre diz que não gosta dele.

Mas mesmo assim é um saco quando alguém que era a fim da gente muda de ideia...

– É tudo por mim – interrompi, ajeitando os ombros. O vestido, o cabelo e a sandália, tudo tinha a ver com sentir orgulho de mim mesma. Acreditar que eu era linda. Acreditar que eu era inestimável.

Esqueça Lucius e Faith Crosse. Minha intenção era ter *presença*.

– Então, arrasa com eles – disse Mindy, dando-me um abraço cauteloso, para não estragar meu cabelo. – Você está incrível.

Dei uma última olhada no espelho enquanto descia para receber o Jake. *Incrível*. Essa era a palavra para minha transformação. Talvez eu acrescentasse também *majestosa*.

Apesar de estar mais do que um pouquinho triste e mais do que um pouquinho magoada, além de completamente confusa, a jovem mulher no espelho conseguiu dar um sorriso.

## CAPÍTULO 39

– Você está muito linda, Jess – disse Jake, me entregando um pouco de ponche.

– Você também está legal, Jake.

*Legal.*

– Uma pena você andar tão atolada ultimamente – acrescentou ele. – Senti sua falta.

– Sabe como é, o último ano da escola... – desconversei, dando de ombros e tomando um gole de ponche.

– Nem me fale – concordou Jake. – Estão esfolando meu rabo.

Encolhi-me um pouco diante da expressão grosseira. Parecia algo que um... um... camponês diria.

– Tipo, se eu não ganhar uma bolsa, vou ter que ficar preso a uma faculdade preparatória por dois anos – continuou ele. – Vai ser um saco. Você já fez suas inscrições?

– Eu preciso passar para a Grantley. Você sabe, onde minha mãe dá aula. Aí não vou pagar nada.

– Irado. De graça.

Tomei outro gole de ponche, desejando que Jake e eu tivéssemos mais em comum. Talvez houvesse sido um erro ir com ele ao baile. De repente seria melhor eu ter ficado em casa...

– Ih... – Os olhos de Jake se arregalaram e ele apontou por cima do meu ombro. – Saca só.

– O quê?

Virei a cabeça e meu coração parou por um segundo.

Lucius havia chegado de braço dado com Faith. Ela estava reluzente num vestido prateado com alças finas e luvas que subiam até os cotovelos, o cabelo louro preso com uma tiara

brilhante, como se fosse uma espécie de princesa do gelo. Uma rainha da neve cruelmente cintilante.

E Lucius... Lucius era seu equivalente escuro, num smoking de caimento perfeito. Mesmo do outro lado do ginásio era fácil ver que não era uma roupa alugada como a de Jake. O smoking de Lucius era feito sob medida para seu corpo alto e magro, as calças cortadas com perfeição e cobrindo a medida certa dos sapatos tão impecavelmente polidos quanto seus modos.

Olhei para Jake. O smoking dele era adequado. Preto, conservador. Nem um pouco espalhafatoso ou constrangedor. Mas se esticava nos ombros volumosos e a gravata-borboleta estava um pouquinho torta.

Era totalmente injusto comparar os dois – tipo, Jake não pode pagar por um smoking sob medida –, mas foi o que fiz. Meu parceiro de pacto de sangue nunca estivera tão lindo. E Faith reluzia como um pingente de gelo alto e frio, pendendo do braço dele. Ela puxou Lucius para baixo, sussurrando no ouvido dele. Ele riu, mostrando dentes de um branco tão puro quanto o da camisa.

– Ethan não vai gostar disso – murmurou Jake, rindo.

Olhando em volta no ginásio mergulhado na penumbra, localizei facilmente Ethan Strausser, com seu parceiro e capanga gorducho Frank Dormand à tiracolo. Ethan fuzilava Lucius e Faith com o olhar, o peito arfando de fúria. Ele esmagou seu copo de papel e o ponche voou na camisa, o que só o deixou com mais raiva. Esfregou a mancha e soltou um monte de palavrões.

– Viu? Ele está pê da vida – observou Jake. – É melhor Luc tomar cuidado no estacionamento. Ouvi dizer que Ethan quer acabar com o cara. Vai enfiar a porrada nele por estar saindo com a Faith.

Olhei de volta para Lucius. Ele guiava Faith para a pista de dança. Em seguida, envolveu a cintura dela com as mãos.

– Vem – falei, pegando a mão de Jake. – Vamos dançar.

– Claro, se você não tem medo de que vá eu pisar no seu pé – brincou Jake. – Não sou muito bom.

– Tudo bem, Jake – garanti, sentindo carinho pelo cara que me levava pelo ginásio, com minha mão apertada em seus dedos grossos, calejados de trabalho. Claro que Jake não sabia dançar, não tinha smoking nem sabia como fazer um elogio elegante. Era um garoto de fazenda e não um membro da realeza romena. Ele pôs uma das mãos na minha cintura, segurou minha mão direita com a outra e fizemos círculos lentos sob as luzes que piscavam.

– Isso é legal – disse Jake, colando seu corpo no meu.

– É – concordei, tentando me concentrar naquele sentimento carinhoso. *Ele é legal, Jess. Tente sentir alguma coisa. Tente curtir o fato de estar com um cara legal, normal... Tente esquecer Lucius, vampiros e pactos...*

Jake encostou a testa na minha. Éramos quase da mesma altura.

– Jess... – Ele me puxou para mais perto. – Faz um tempão que a gente não se beija.

– É, faz – concordei, sem saber o que mais poderia dizer. *Tente, Jess...*

Jake roçou o rosto no meu. Nossos lábios estavam para se encontrar quando, de repente, ele foi puxado para longe.

– Ei, que por...?

– Posso interromper?

Lucius estava parado na nossa frente, sorrindo, mas não de modo feliz.

Jake voltou a envolver minha cintura com o braço.

– Luc, a gente está dançando.

– E eu estou interrompendo. É assim que funcionam os bailes no lugar de onde venho.

– Não estamos em... no lugar de onde você veio – disse Jake.

– Lucius! – sibilei com os dentes trincados, olhando-o furiosa. *Não.* Ele não tinha o direito.

Lucius pôs a mão no ombro de Jake.

– Peço desculpas se me equivoquei com os costumes de vocês. Mas, por favor, me permita. Não ficarei com ela por muito tempo.

Jake olhou para mim, em dúvida.

– Só um segundo, Jake – pedi, querendo matar Lucius ali mesmo. – Eu cuido disso.

Jake lançou um olhar raivoso para Lucius também.

– Só uma música.

Depois saiu batendo o pé no meio da multidão, claramente irritado.

– O que você quer? – perguntei. – A gente estava quase...

– É, eu vi o que vocês “quase” iam fazer.

– Isso não é da sua conta.

A música terminou e eu cruzei os braços em cima do peito, como se me protegesse contra ele. Mesmo quando odiava Lucius, eu me sentia vulnerável a ele.

– A música acabou, Lucius. Volta pra Faith.

– Vai começar outra música. Não é o que acontece nesses eventos?

E, obviamente, outra música começou.

– Podemos? – perguntou Lucius, passando o braço pela minha cintura e me puxando.

– Você não vai parar até conseguir o que quer, não é?

– Não.

– Então só uma música – resmunguei, deixando-me ser puxada, odiando o frio traidor na minha barriga.

– Você dança, Jessica? – perguntou ele, sorrindo para mim. – Valsa? Quadrilha francesa?

– Sabe que não.

– Ah, mas com a sua graça, você deveria. Eu poderia ter... – Lucius pareceu se conter e deixou a frase no ar. – Por enquanto, faça assim – instruiu ele, guiando minha mão esquerda para o seu

ombro e pegando a direita, segurando-a perto do peito. Sua palma era fria na minha cintura. Aquela frieza familiar. Parte de quem ele era.

*Não, Jess... não caia nessa... Ele está com a Faith... Você não passa de um "erro" em potencial.*

– É só me acompanhar – afirmou Lucius. – Eu guio. Confie em mim.

*Confiar em você...*

Mesmo à revelia, me deixei ser conduzida, o corpo seguindo o dele.

– É, Jessica – disse Lucius, olhando-me com admiração. – Você tem um talento natural, como eu esperava.

Assim que ele disse isso, tropecei, pisando naqueles sapatos impecáveis.

– Desculpa – falei enquanto ele me firmava, puxando-me para mais perto ainda.

– Está tudo bem – disse Lucius. Tínhamos ficado quase imperceptivelmente mais lentos, só o bastante para sairmos de sincronia com a música, movendo-nos em nosso próprio ritmo. – Todo mundo tropeça de vez em quando. Como você sabe muito bem. – Ele guiou minha mão para seu rosto, pondo as pontas dos meus dedos no lugar onde eu havia batido. – Ainda dói aqui quando faço a barba. Mas foi merecido.

– Se está tentando se desculpar...

– Estou tentando elogiar. É raro um indivíduo bater em *mim* e sair ileso.

A música era longa e nós oscilávamos juntos, ainda um pouco fora do ritmo, e meu coração tinha começado a bater acelerado. Meu Deus, eu não queria me sentir assim. Queria odiar Lucius com um fervor ainda maior por se enfiar no meio do meu encontro, interrompendo a tentativa de ter uma noite *legal*. Procurei manter Faith em mente. *Faith, Faith, Faith, Jake, Jake. Erro, erro, erro.*

Lucius pôs os dedos sob o meu queixo, inclinando minha cabeça para me olhar nos olhos de novo.

– Eu não tinha o direito de me intrometer daquele jeito, mas acho que é difícil abandonar velhos hábitos.

Por algum motivo, quando ele disse isso, tive vontade de chorar. Quis que a música terminasse naquele momento ou talvez que continuasse para sempre.

– Você está linda demais esta noite – continuou ele. – Quando a vi nesse vestido... Nossa, Jessica. Eu a achava linda antes, mas hoje você se superou. – As pontas de seus dedos acariciaram a parte de trás do meu vestido, sentindo o tecido refinado. – Veludo e seda pretos ficam perfeitos em você. Parece um noturno de Chopin. Uma harmonia suave e ao mesmo tempo estimulante, feita para ser desfrutada à noite...

– Não, Lucius...

– Eu não poderia permitir que aquele *garoto...*

– Você está com a Faith – lembrei um tanto bruscamente. – Não comigo.

Uma dor fugaz relampejou nos olhos dele, quase como se eu tivesse lhe dado outro tapa.

– É, claro. Está certa. Não vou interferir de novo, Antanasia. Prometo.

Meus dedos apertaram seu ombro ao ouvir meu antigo nome. O nome que eu havia notado que ele tinha *parado* de usar.

– Você me chamou pelo meu nome. Meu antigo nome.

Lucius apertou minha mão, comprimindo o polegar contra minha palma.

– Velhos hábitos. Velhos nomes. Velhas almas.

– É isso o que somos? – Examinei seus olhos escuros. *Nós tínhamos uma ligação... Montanhas escuras, pactos de sangue... Ele não podia negar...*

Mas negou.

– Estes são novos tempos.

Mesmo assim, Lucius soltou minha mão para me abraçar mais completamente, me puxar mais para perto, até eu quase me sentir parte dele. Quase não dançávamos mais, ficando apenas parados juntos, no meio da pista de dança.

– Como você me exaspera – sussurrou ele perto do meu ouvido.

– Como testa minha decisão.

E antes mesmo que eu pudesse questionar o que ele queria dizer – era *eu* que *o* exasperava? –, ele encostou a testa na minha, como Jake havia feito pouco antes. Só que Lucius não moveu a boca na direção da minha. Apenas roçou os lábios de leve na minha bochecha e desceu pelo maxilar até o meu pescoço.

Uma sensação ferozmente maravilhosa e aterrorizante me fez estremecer e, na fração de segundo em que sua boca passou pela minha jugular, todo o ginásio desapareceu. Estávamos sozinhos, eu poderia jurar, numa sala de pedras iluminada por velas, os pés descalços num grosso tapete persa, uma lareira ardendo às minhas costas. Eu já estivera lá. Eu sabia.

Lucius abriu a boca ligeiramente e eu senti um toque levíssimo de suas presas acariciando minha pele, logo acima do ponto onde meu sangue pulsava mais forte.

*Suas presas...*

Eu não me importava se aquilo era irracional. Não me importava se era impossível. Só queria *senti-las*. Precisava delas, como jamais havia precisado de qualquer coisa na vida. Meus dentes começaram a ficar doloridos. Era aquela agonia deliciosa, delirante, de alguma coisa lutando para nascer.

– Lucius... por favor... – Inclinei a cabeça para trás, expondo o pescoço para ele, ansiando por envolver sua nuca com as mãos, enfiar os dedos em seus cabelos compridos e escuros e puxar aquelas presas fundo nas minhas veias. O desejo era intenso a

ponto de também ser dor. Dor e prazer misturados do modo mais inconcebivelmente maravilhoso.

– Ah, Antanasia – sussurrou ele, a voz rouca no meu ouvido, testando minha carne com aqueles incisivos afiados como navalhas...

*Agora... agora... por favor, faça agora...*

– Com licença! Oiê!

A imagem se despedaçou. Meus olhos se abriram e eu estava de volta ao ginásio da escola, bombardeada por um número exagerado de luzes piscando. Nós nos separamos de forma abrupta e Lucius passou a mão pelos cabelos pretos, lambendo os lábios, sem sinal das presas. Parecia abalado.

– Me esqueceu, seu bobo? – disse Faith Crosse, parada perto da gente, mãos nos quadris, balançando a cabeça. – Se eu não soubesse das coisas, juraria que você estava ficando um pouquinho perto demais de sua anfitriã aí. – Seu tom era leve, mas ela me cutucou com o dedo e havia raiva e descrença em seus olhos. Sua expressão dizia com todas as letras: “Não tem nenhuma chance de me trocar por *isso*.”

– Lucius e eu só estávamos dançando – respondi com a voz firme, recuperando o autocontrole na mesma hora. Não entraria em pânico. Não ficaria sem graça. E não agiria como se ela fosse *superior* a mim ou o merecesse mais. Dei as costas para Faith. – Preciso encontrar o Jake – falei para Lucius.

– Espere – insistiu Lucius, tentando me alcançar. Mas Faith interveio, agarrando a mão dele.

– Tenho certeza de que Jenn quer voltar para o acompanhante dela. E sei bem que você também quer voltar para a sua.

– Jess...

Estava prestes a acontecer uma cena. Outros casais começaram a olhar.

– Obrigada pela dança – respondi, sorrindo e recuando. – Ele é todo seu, Faith.

– Ah, eu sei disso – disse ela, o sorriso com um brilho tão gelado quanto o do vestido. Foi logo agarrando Lucius, mas ele continuou a olhar para mim. Acho que havia compaixão em seus olhos. Ou um pedido de desculpas. Talvez ele simplesmente não pudesse se conter. Talvez fosse mesmo como todo garoto adolescente. Na hora da necessidade, qualquer pescoço serviria. Mais uma vez eu quase tinha sido usada – um erro –, como naquele dia no quarto dele. Será que eu era tão incapaz de enxergar suas verdadeiras intenções? Que poder ele tinha sobre mim que me fazia cair de novo, de novo e de novo?

*Meu Deus, ele quase mordeu meu pescoço...*

Encontrei seu olhar durante um longo tempo através da pista de dança, depois dei as costas lentamente a Lucius Vladescu e fui andando, de cabeça erguida e ombros alinhados, enfrentando a multidão. As pessoas saíam da frente, abrindo caminho para mim. Eu me recusei a olhar para trás, mas esperava que ele estivesse me observando. E percebendo que tinha cometido um erro terrível ao me trocar por Faith Crosse.

*Com pena de mim? Fala sério. Eu que tenho pena de você, Lucius.*

Jake não estava em lugar nenhum. Não fiquei surpresa. Eu havia colocado nós dois numa situação humilhante. Qualquer um que tivesse prestado atenção pensaria que Lucius e eu estávamos perto demais. Provavelmente tivemos sorte de ninguém ter visto suas presas.

Acabei ligando para minha mãe e pedindo uma carona. Fiquei em silêncio durante todo o caminho para casa, odiando vampiros. Vampiros intrometidos, que destruíam corações, não sabiam controlar seus hormônios e mordiam pescoços.

# CAPÍTULO 40

VASILE,

*Foi assim que você planejou isso o tempo todo?*

*Claro que foi.*

*Como fui idiota por não perceber o esquema em sua totalidade. Ou – devo ser honesto comigo mesmo – talvez eu conhecesse a verdade. Mas queria tanto o poder também...*

*Esta noite, porém, quando encostei as presas no pescoço de Antanasia, todo o futuro ficou claro para mim. O cheiro do sangue dela foi como um soro da verdade injetado nas minhas veias, um espelho rachado refletindo meu próprio eu infernal.*

*Você sabia o tempo todo que uma garota americana que não fosse criada como vampira seria destruída com facilidade caso assumisse o trono. A carta que escrevi, alertando que Jessica não estava preparada, que estaria vulnerável ao ataque de fêmeas famintas de poder, não foi uma revelação para você. A fragilidade dela o agradava. Você contava com isso. Ah, meu Deus, Vasile, será que nós contávamos com isso?*

*Eu teria me casado com ela, cumprindo o pacto, teria levado Antanasia para o nosso mundo na Romênia, onde ela ficaria quase absolutamente indefesa, e então iria abandoná-la ao seu destino sinistro. Quando? Quanto tempo isso teria demorado? Um ano? Menos? Mas, a essa altura, os clãs iriam estar unidos de forma legítima e todo o poder estaria nas nossas mãos. Nas suas mãos.*

*Você forçaria o destino, Vasile? Iria derrubá-la pessoalmente? Em segredo, é claro, com a mão enluvada de um dos seus lacaios... ou tentaria forçar a minha mão?*

*Com Antanasia escondida em nosso castelo no alto, quem seria melhor para cuidar de sua destruição "desafortunada" do que o homem que compartilhava a cama com ela?*

*Seria este o golpe mais cruel, Vasile? Fazer com que eu me sentisse como me sinto e depois arruiná-la? Seria esta sua maior tentativa de me endurecer? Mesmo para você isso parece maligno demais. Vil demais. Ou talvez, mesmo depois de todos esses anos, eu o subestime – o que é sempre um erro perigoso.*

*E se eu não fizesse como me orientou, se não a destruísse, você me despacharia também, acusando-me de insubordinação? Eliminaría o herdeiro inconveniente? Quem, entre os Anciões Vladescu – e presumo que todos conheçam e aplaudam suas intenções relativas a Jessica –, iria culpá-lo?*

*Que desgraça! Que poder você teria então: controle absoluto sobre os dois maiores clãs de vampiros, sem nenhum sucessor para mordiscar seus calcanhares.*

*Você sabia o tempo todo que eu chegaria a ter um sentimento tão profundo por ela?*

*Não é adequadamente cruel, Vasile, que, agora, para tê-la, eu precise abrir mão dela?*

*Libere-nos, Vasile. Libere Antanasia de mim e me libere, também, ainda que por pouco tempo. Apenas por alguns meses. É tudo o que peço. Deixe-me em paz. Não quero pensar em pactos, em poder nem em nada do que, como você, sou capaz de fazer.*

*Porque a parte mais doentia é que, mesmo de má vontade, admiro sua estratégia. Sinto um prazer doentio ao ver o plano em sua totalidade. Ao saber que, no seu lugar, eu teria feito a mesma coisa: sacrificaria uma adolescente americana insignificante sem pensar duas vezes, no interesse de comandar tantas legiões malditas de vampiros. Quase posso sentir o poder em minhas mãos.*

*Mas, é óbvio, eu sou quem sou: produto de suas mãos.*

*Assim permaneço, como sempre,  
Seu,  
Sempre, irrevogavelmente e irredimivelmente,  
Lucius*

*P.S.: Antanasia pode surpreender todos nós, Vasile. Pode mesmo. Talvez tenha uma tremenda capacidade de lutar. Mas não serei o instrumento de sua inevitável destruição.*

*P.P.S.: No caso de você não ter deduzido o que quis dizer com tudo o que escrevi acima, deixe-me ser claro: opto por desobedecer o pacto.*

*A escolha não é uma coisa maravilhosa, Vasile? Não é de espantar que os americanos deem tanto valor a ela.*

# CAPÍTULO 41

## – Jessica?

Meus olhos se abriram de repente. Eu estava no meu quarto, deitada na cama, no escuro, mas havia alguém ali. Sentei-me num pulo, procurando a luz.

Outra pessoa a acendeu. Comecei a gritar, mas uma mão firme sobre a minha boca me impediu, empurrando-me de volta no travesseiro.

– Não grite, por favor – sussurrou Lucius enquanto eu me retorcia. Fiquei parada e ele afastou a mão. – Peço desculpas por assustá-la e pelo tratamento grosseiro. Mas eu precisava falar com você.

Por um momento fiquei quase empolgada em encontrá-lo no meu quarto. *Ele está aqui por minha causa...* E então todos os acontecimentos da noite voltaram de uma vez.

Sentando-me de novo, apertei as cobertas em volta do peito.

– O que você quer? – falei ríspidamente, olhando o relógio. – São três da madrugada!

– Não pude dormir depois do que aconteceu esta noite. – Ele se sentou na beira da cama, sem ser convidado. Ainda vestia a roupa do baile, mas sem a gravata e o paletó. A camisa estava amarrotada e por fora da calça. – Só vou conseguir descansar depois que conversarmos.

Levantando as cobertas, olhei para mim mesma, sem certeza do que usava para dormir. *Será que estou decente, pelo menos?*

– Está tudo coberto – garantiu Lucius, com um sorriso minúsculo nos lábios. – Sua roupa de dormir não revela nada além do amor insistente pelos cavalos árabes.

– Você está numa situação tão precária que nem acredito que tentou fazer uma piada. Passou totalmente dos limites.

Lucius ficou sem jeito.

– É mesmo. Só fiz a brincadeira na esperança de fingir que nosso relacionamento não tinha mudado esta noite.

– Você quase me mordeu, Lucius. E depois foi embora com a Faith. Com certeza as coisas mudaram.

– O que fiz esta noite, ou o que quase fiz esta noite, foi imperdoável – concordou ele, arrasado. – Foi repreensível. Não somente por ter chegado perto de mordê-la, mas também por fazê-lo em público. E com Faith olhando, a mulher que me acompanhava. Não sei o que me deu. Nem sei como começar a pedir o seu perdão.

Tudo naquele pedido de perdão doía. Estar perto de mim era “repreensível”? Era “imperdoável”? Ele não conseguia imaginar “o que deu nele” para sentir atração por uma criatura tão repulsiva como eu. Ainda mais porque isso poderia ter perturbado sua preciosa prioridade: Faith Crosse.

Lucius suspirou, interpretando corretamente o meu silêncio.

– Você me despreza mais do que nunca, não é?

– É.

– Você foi embora. Imagino que Jake tenha ficado chateado.

– Vamos sobreviver.

Meu tom frio pareceu confundir-lo.

– É. Acho que vamos. – Ele esperou. – Pensei que você teria mais a dizer.

– O que quer que eu diga, Lucius? – Eu pretendia dar um gelo nele, mas de repente tudo saiu numa explosão. – Você aparece na minha porta, me persegue durante meses e, quando finalmente me convence de que sou especial, quando finalmente sinto algo por você, você vira tudo de cabeça para baixo e fica de quatro

pela mesma louca perfeitinha de quem todo cara gosta. Você é tão típico...

– É verdade? Você começou a sentir algo por mim?

Sua voz estava agridoce. Mais azeda do que doce.

– Senti, Lucius. Senti. Só por um momento. – Minha raiva foi sumindo, acomodando-se numa tristeza carrancuda. – Agora parece um pesadelo. Um “erro”, para usar a sua palavra. Um erro terrível.

Lucius esfregou os olhos cansados.

– Ah, Jessica... Não pense que sabe toda a verdade sobre o que faço ou digo – retrucou ele, enigmático. – Às vezes nem eu sei. Se pareço incoerente, é porque estou lutando comigo mesmo.

Ele se inclinou para a frente, torcendo as mãos.

– Que desgraça. Fiz uma tremenda confusão.

– É. Acho que sim.

Ele me olhou com sofrimento nos olhos.

– Você nunca vai entender como é ser seduzido pela normalidade.

Quase funguei.

– Você? Normal?

– Sim, eu. Normal.

– A última coisa com a qual *você* já se importou foi em ser *normal*.

– Não, Jessica. Isso não é totalmente verdade. Não nos últimos tempos. – Lucius se levantou e começou a andar pelo meu quarto pequeno, falando baixinho, quase consigo mesmo. – Você não faz ideia de como foi ser criado na solidão. Ser criado para um objetivo. Seus pais, Jessica, não têm em mente *uma finalidade* para você. Você não é uma *ferramenta* deles. Você existe apenas para ser amada por eles. Sabe como isso é estranho para mim?

Olhei para ele, sem saber o que dizer. Sem querer interrompê-lo.

Ele parou e sorriu para mim, um sorriso triste.

– Eu vim para cá e, de repente, havia todo um mundo novo. Nossos colegas de escola, por exemplo. Eles têm permissão para ser tão... tão frívolos!

– Você detesta frivolidade.

– Mas a frivolidade é fácil. – O sorriso sumiu. – Eu costumava achar que os adolescentes americanos fossem ridiculamente voltados para si mesmos. Mas isso é viciante, por falta de uma palavra melhor. Eu me vi atraído pelo seu mundo. Estar entre vocês é estar de férias. As primeiras férias da minha vida. Se descontarmos as pressões inerentes ao cumprimento do pacto, não há expectativas para mim, além de fazer uma cesta de três pontos antes de o sinal tocar.

– Lucius, o que você está tentando dizer?

Ele se deixou afundar de novo na cama.

– Acho que estou relutante em abrir mão de tudo isso por agora.

– Abrir mão de quê?

– Dos bailes enfeitados com papel crepom barato. Dos jeans. Do basquete. De estar com uma garota sem o peso de gerações espiando por cima dos meus ombros...

– Faith. Você não quer abrir mão de Faith.

Ele recuou.

– Para uma garota que bloqueou todas as minhas tentativas de fazer a corte, de repente você está muito possessiva.

– Era você que ficava dizendo como era importante nós dois nos *casarmos*, caramba!

Lucius passou os dedos pelos cabelos cor de ébano.

– Se eu tivesse mordido você esta noite não haveria como voltar atrás. Sabe disso, não sabe? Eternidade. É isso o que estará em jogo quando estivermos juntos. Eternidade. Está preparada para isso? E, Jessica, uma parceria comigo não é algo que você deveria desejar. A eternidade pode vir mais depressa do que prevíamos, caso se junte a mim.

– Não entendi.

Ele segurou minha mão, entrelaçando meus dedos.

– E é exatamente por isso, Jessica Packwood, que eu a liberei.

– O quê?

– Eu dissolvi o pacto.

– Por causa de Faith – repeti, puxando a mão. Odiei o ciúme que me rasgava como uma força física. – Você quer morder a Faith. É disso que se trata.

Lucius balançou a cabeça.

– Não. Eu não morderia Faith. Se bem que não tenho certeza se reluto por impor a condição de vampira em Faith ou por impor Faith ao mundo dos vampiros.

Não acreditei. Sabia que ele queria Faith.

– Lucius, de acordo com o pacto, você precisa *me* morder. Nós estamos prometidos um ao outro. Se não fizer isso, violará o tratado e a guerra vai começar...

– Estou tentando lhe dizer, Jessica, que o pacto não existe mais.

Na voz dele havia um tom definitivo que me apavorou e meu ciúme foi substituído por uma agitação mais doentia, mais forte.

– O que você fez, Lucius?

– Escrevi aos Anciões. Avisei-os de que não vou mais participar desse jogo ridículo.

– Você o quê? – Isso saiu quase como um grito. – Você o quê? – repeti, baixinho.

Houve um tremor de medo, mas também de determinação, nos olhos de Lucius.

– Escrevi ao meu tio Vasile. Cancelei todo o combinado.

– Achei que não pudesse fazer isso.

– Mas fiz.

Minha agitação se intensificou, virando pavor e fazendo minha nuca arrepiar. A última coisa que eu esperava ver no rosto de

Lucius era medo. Por isso soube que ele estava numa encrenca enorme.

– O que vai acontecer?

– Não sei – admitiu Lucius. – Mas você vai estar em segurança. Não deve se preocupar. Fui eu que tomei a decisão. Eles não lhe farão mal. – Ele segurou minha mão de novo e permiti que ele cruzasse nossos dedos outra vez. – Mesmo que isso custe minha existência, Antanasia, você estará em segurança. Eu lhe devo isso, por motivos que nunca precisará saber ou entender.

O pânico tomou conta de mim e apertei os dedos dele com força.

– O que vai acontecer, Lucius?

– Não deve se preocupar com isso.

– Lucius... – Pensei na cicatriz terrível no seu braço. Em suas palavras. *“É claro que eles batiam em mim. Repetidamente. Estavam criando um guerreiro...”* – Eles vão castigar você?

Ele deu uma risada sombria.

– Ah, Antanasia. Castigo não é exatamente a palavra para o que vou enfrentar nas mãos dos Anciões.

– A gente pode tentar argumentar com eles... – falei, sabendo que era uma sugestão impraticável.

Lucius sorriu para mim e havia ternura no rosto dele.

– Você tem um coração bom e é abençoada com uma ingenuidade que às vezes é perigosa. Mas o mundo está repleto de criaturas como minha pobre e malfadada Fera. E eu. Criaturas que presenciaram coisas monstruosas e acabaram por se tornar monstros também. Criaturas que talvez *devessem* ser sacrificadas.

– Para com isso, Lucius – exigi. – Para de falar assim!

– É verdade, Antanasia. Você nem pode conceber as coisas que aparecem nos *meus* sonhos, nas minhas tramas e na minha imaginação...

Engoli em seco.

– Foi isso o que quis dizer no Halloween, quando falou que poderia me mostrar coisas “não legais”?

Os dedos de Lucius apertaram os meus.

– Ah, não, Antanasia. Nada de violência contra você. Independentemente do que pensa de mim ou do que vá recordar de mim no futuro, por favor, acredite que eu não iria nem poderia fazer mal a você. Talvez houvesse um tempo, antes de eu conhecê-la, em que, se você tivesse ficado no meu caminho para o poder... mas agora, não. – Ele hesitou e afastou o olhar. Depois murmurou: – Meu Deus, espero que não...

– Tudo bem, Lucius – acalmei-o. – Sei que não faria mal a mim.

– Mesmo assim, ele ter admitido aquilo me abalou. *Houve um tempo em que ele poderia ter feito mal a mim? Por que acrescentou aquela advertência no final?*

Mas Lucius não estava me escutando. Ele olhava fixamente para as paredes cor-de-rosa que tanto odiava.

– Para minha família, para os meus filhos, poderia ter sido diferente. Eu realmente vi um novo caminho aqui, apesar de todas as vezes que zombei deste lugar e de suas convenções.

– E se você ficasse aqui? – sugeri, esperançosa. – Poderia viver como uma pessoa comum.

Assim que soltei as palavras, percebi como pareciam bobas. Mesmo assim Lucius me surpreendeu, dizendo:

– Talvez por mais algumas semanas, se eu tiver sorte.

– Só isso?

– Só. Sei qual é o meu lugar e eu seria atraído de volta a ele. – Lucius desentrelaçou nossos dedos, ficando de pé. – O importante é que saiba que está liberada do pacto. Absolvida. Você está livre para... bem... – Um toque de seu riso de zombaria se esgueirou de volta na voz dele. – Livre para fazer o que quiser da vida. Ir à faculdade. Morar em alguma casa de dois andares no subúrbio. Ter

filhinhos de cabelos louros, com gosto pela vida rural, correndo pelo campo. Seu destino lhe pertence. Isso eu prometo.

– E se eu não quiser mais essas coisas?

– Confie em mim, Antanasia... *Jessica*. Um dia você vai olhar para esses poucos meses e achar que não passaram de um sonho estranho. Um pesadelo em potencial. E vai ficar muito, muito feliz, por ele jamais ter se realizado.

Então Lucius beijou minha testa e eu soube que o peso de nosso destino compartilhado jamais seria tirado de seus ombros. Ele podia brincar de ser um adolescente normal, mas isso era apenas um breve adiamento. O destino de Lucius Vladescu estava amarrado em pergaminhos, preso em genealogias e imposto por punhos ou coisa pior. Isso me deu calafrios.

Ouvi seus passos indo em direção à porta, mas ele parou antes de sair.

– A criatura mais linda que eu já vi na vida foi você, esta noite – disse baixinho. – Quando dançamos... e a visão de você me deixando, com a cabeça erguida, sem olhar para trás, enquanto as pessoas abriam caminho... Não importa onde more e com quem escolha se casar, Antanasia, você sempre vai fazer parte da realeza. E vou me lembrar eternamente de sua imagem esta noite, assim como vou me recordar do modo como chorou por mim quando eu estava machucado lá embaixo. Esses são dois presentes que você me deu e que vou guardar enquanto puder.

Lucius saiu e fechou a porta. Depois, apesar da doçura e do calor de suas palavras, estremei no escuro.

## CAPÍTULO 42

Demorou menos de uma semana para o inferno se abrir, depois que a carta de Lucius chegou à região rural perto de Sighișoara, na Romênia.

Enquanto isso, Lucius sugava tudo o que podia da típica vida de adolescente americano como se ela fosse uma veia farta. Jogava basquete durante horas e horas, matava aula e até deu uma festa em seu apartamento na garagem, que terminou com uma batida da polícia e uma ameaça por parte de meus pais de deportá-lo no próximo voo para Bucareste. Faith estava o tempo todo a seu lado, como se eles tivessem sido grudados com cola.

E então, Lucius, mamãe, papai e eu fomos convocados para um encontro com os Anciões, que aconteceria no condado de Lebanon. Eles se dignaram a marcar uma reunião aqui, tão séria era a crise. Não havia escolha a não ser comparecer.

– Não acredito que eles vão se reunir numa churrascaria – reclamou mamãe, entrando com relutância na Bife do Oeste, na véspera de ano- -novo, na hora marcada. – É como um tapa na cara. Eles sabem que somos vegetarianos.

– É um jogo de poder – concordou papai.

– Por favor, apenas cooperem – implorei. Eu sentia que as coisas já iam ficar feias o bastante sem que papai e mamãe tivessem de se preocupar com a comida. – Aqui servem saladas.

– Cheias de agrotóxicos – fungou papai. – De conservantes.

Às vezes papai assumia uma perspectiva muito limitada.

– Nós viemos para uma reunião – disse mamãe à recepcionista.

– Com um bando de... homens mais velhos – acrescentei. – Eles disseram que reservaram uma sala.

Um medo tão cru quanto a carne que havia nos freezers atravessou o rosto da recepcionista, mas ela conseguiu dar um sorriso enquanto localizava três cardápios.

– Aqui, por favor.

– Ai, merda – não consegui deixar de dizer enquanto entrávamos na sala.

Mamãe apertou minha mão.

– Está tudo bem, Jessica.

Mas não parecia nem um pouco bem.

No meio de uma sala forrada em lambri e enfeitada alegremente com recortes de papelão de Papai Noel com duendes e renas de narizes brilhantes, 13 dos velhos mais tenebrosos que eu já vira estavam encurvados ao redor de uma mesa circular, golpeando uma enorme bandeja cheia de carne sangrenta, muitíssimo malpassada. Eles jogavam pedaços de carne vermelha nos pratos e não comiam. Apenas... chupavam. O sumo. O sangue que escorria. Ainda que o aquecimento estivesse ligado no restaurante, o ar era frio com a presença deles. E o cheiro de sangue fazia minhas narinas pinicarem, penetrava nos poros e me fazia cócegas no estômago.

Meus pais apertaram a barriga e meu pai começou a ter ânsias de vômito.

O vampiro mais velho e mais assustador levantou com relutância o olhar de seu festim. Indicou três cadeiras vazias.

– Por favor, sentem-se. E desculpem-nos por termos começado sem vocês. Estávamos famintos por conta da viagem.

*Vasile*. Tinha que ser o tio de Lucius, Vasile. Havia uma semelhança muito vaga nas feições deles e a mesma pose de poder contido. Mas o velho vampiro Vladescu não tinha o charme, a graça e o maravilhoso brilho de malícia que havia nos olhos de

Lucius. Vasile parecia mais uma versão atormentada e deformada do sobrinho. Enquanto o poder de Lucius era bonito de se testemunhar, temperado com humor e até mesmo alegria, o de Vasile era amargo e repugnante. Fiquei angustiada ao pensar em Lucius – no maravilhoso e divertido Lucius – sob o jugo daquele homem, sentindo seu punho...

– Sentem-se – ordenou Vasile de novo.

Até mesmo a arrogância, que havia se tornado um dos traços mais cativantes de Lucius, se assentava de modo totalmente errado nos ombros encurvados do tio.

Obedecemos e nos sentamos. A recepcionista nos entregou os cardápios, lançando-nos um olhar piedoso, como se fôssemos reféns.

– Vocês vão querer...? – Ela fez um gesto para a pilha de carne, sem certeza do que falar. – Ou devo chamar uma garçonete?

– Só três saladas do bufê – disse mamãe por nós três, devolvendo o cardápio. Dava para ver que ela estava lutando para manter a compostura diante da carnificina.

Olhei ao redor da mesa.

Havia uma cadeira vazia. Imaginei se Lucius iria aparecer. E então a porta se abriu e ele entrou. Eu até esperava que ele estivesse com as roupas antigas – o sobretudo de veludo e a calça preta –, mas ele usava calça jeans e seu casaco de moletom da Grantley. Senti que estava demarcando seu território logo no início. Um desafio. E, apesar disso, circulou ao redor da mesa apertando as mãos de cada um dos presentes.

– Tio Vasile. Tio Teodor.

Cada vampiro interrompeu o consumo de sangue apenas o suficiente para apertar a mão dele antes de voltar ao festim. Lucius se sentou, piscando para nós. Dava para ver que estava nervoso.

– Ele está com medo deles – sussurrou mamãe no meu ouvido.

– Eu também – confessei. – Você reconhece algum, da Romênia?  
Mamãe assentiu ligeiramente.

– Acho que me lembro de um ou dois, mas foi há muito tempo.

– Comam – instigou Vasile, apontando o garfo para nós. –  
Depois, falaremos.

Meus pais foram para o bufê de saladas e eu fui atrás, mas não sem olhar por cima do ombro para aqueles pedaços de carne, com desejo. O odor do sangue... era inebriante demais. Apesar de meus temores por Lucius e por todos nós, aquele cheiro me atraía. Fiquei culpada por me sentir assim naquele momento tão pavoroso.

Quando retornamos ficou bastante óbvio que havíamos interrompido uma discussão intensa, ainda que em voz baixa. A bandeja estava cheia de pedaços de carne que foram sugados até ficarem secos e os pratos individuais haviam sido empurrados para a frente. Todas as cabeças estavam viradas para Lucius, sentado imóvel. Os olhos dele se voltaram rapidamente para nós.

– Os Packwood precisam estar aqui?

Ficamos de pé, segurando os pratos de salada, à espera do veredicto. Eu não sabia o que teríamos feito se Vasile dissesse para irmos embora.

– Sim – respondeu ele. – Eles devem ficar.

Pusemos nossos pratos na mesa e o som ecoou na sala subitamente silenciosa. Em seguida puxamos as cadeiras e nos sentamos.

– Comam – ordenou Vasile, de novo.

Até o molho da salada parecia grudar na minha garganta, por isso dei algumas mordidas, só para constar, e empurrei o prato.

O vampiro à minha direita se inclinou para mim. Não mais encurvado sobre um pedaço de carne sangrenta, ele passaria por um empresário qualquer que tivesse saído para jantar. Só que

havia algo diferente nele. Algo ameaçador nos olhos. *Então esses são os Anciões...*

– Não está com fome? – perguntou ele, com sotaque forte.

– Não – respondi, obrigando-me a encarar seus olhos pretos. Não iria me encolher nem demonstrar medo. *É esse o meu povo? A minha espécie?*

– Eles terminaram – anunciou Vasile, levantando-se depois que meus pais também haviam empurrado os pratos. – Farei as apresentações.

O velho rodeou a mesa citando os nomes, mas não gravei nenhum. Estava ocupada demais observando Lucius. Ele parecia um condenado que esperava a cadeira elétrica na companhia dos carrascos e não quis me encarar.

Vasile se sentou, dobrando o corpo comprido na cadeira como se fosse uma espécie de acordeão humano. Juntou as mãos à sua frente, unindo os dedos esqueléticos e nodosos.

– O que vamos fazer com esses dois jovens?

– Com os dois jovens, não – interrompeu Lucius. – Só comigo. Isso diz respeito apenas a mim.

– Silêncio – sibilou Vasile.

– Claro, senhor – cedeu Lucius.

Vasile olhou para os meus pais.

– Vocês sabem que Lucius decidiu, com uma espécie de ataque de *independência* – ele cuspiu a palavra –, que não cumprirá mais o pacto.

Todos assentimos.

– Lucius nos contou – disse papai. – E nós apoiamos sua escolha. Além disso, ele está convidado a ficar conosco pelo tempo que desejar.

– Vocês “*apoiam sua escolha*”? – trovejou Vasile, incrédulo. – Vocês apoiam a *insubordinação* dele?

– Olhe, Vasile – começou meu pai. Sua voz falhou e havia um pedaço de espinafre preso em seus dentes, mas mesmo assim senti orgulho dele. – Eles não passam de uns pirralhos.

– Não conheço esse termo – disse Vasile.

– Pirralhos. Jovens. Adolescentes. Por que não deixá-los à vontade...

Vasile bateu na mesa e alguns pedaços de carne ressecada caíram da pilha.

– Deixá-los à vontade?

Mamãe pôs a mão no meu braço.

– É – acrescentou ela, corajosamente. – Se Lucius decidiu que quer romper o pacto... Bem, aquilo foi feito há muito tempo e ele é um rapaz. Vocês devem entender que seria ridículo esperar que esses dois adolescentes se apaixonassem e se casassem só por causa de um decreto.

Olhei para Lucius. Seus olhos estavam fixos em Vasile.

– Se apaixonassem? – rosnou Vasile. – Quem disse algo sobre amor? Isso tem a ver com o poder.

– Tem a ver com adolescentes – contradisse meu pai. – Lucius está namorando outra moça e Jess está se preparando para a faculdade...

Sem dúvida meu pai falara o que não devia. Ao ouvir a expressão “namorando outra moça”, Vasile saltou da cadeira e girou para Lucius feito um chicote estalando. Lucius se encolheu, como se tivesse sido golpeado no rosto.

– Cortejando? – rugiu Vasile. – Fora do pacto?

– É a minha escolha – disse Lucius calmamente, usando sua nova palavra predileta. – Jessica estava receptiva ao pacto, mas escolhi outra coisa.

Apesar de saber que ele estava me protegendo, as palavras doeram. E mesmo nesse instante Lucius não olhou para mim.

Seguindo uma deixa silenciosa que ignorei por completo, quatro vampiros idosos se levantaram e de repente Lucius estava de pé, sendo levado para longe. Um dos vampiros mais velhos havia passado o braço pelos ombros dele, mas eu sabia que Lucius não iria receber um sermão gentil de um tio bem-intencionado.

– Aonde vocês vão levá-lo? – indagou mamãe.

– Está tudo bem, Dra. Packwood – garantiu Lucius. Em seguida afastou o braço do parente que o segurava, como se preferisse receber sua punição com dignidade. – Por favor, não se envolvam em um assunto de família.

– Lucius, espera – gritei, me levantando.

Ele se virou para mim só por um segundo.

– Não, Jessica.

Um calombo enorme ficou preso na minha garganta enquanto eles o agarravam e o empurravam na direção da porta. *Quatro contra um. Covardes.*

Tentei segui-lo, mas mamãe me puxou de volta.

– Acho que não, Jessica. Agora, não.

– Sente-se, por favor – acrescentou Vasile, com a voz cortês. – Mesmo que você fosse atrás... bom, não poderia encontrá-lo. Ele está perfeitamente seguro com a família.

– Acho que deveríamos ir embora – disse papai, ficando de pé. Mamãe e eu começamos a acompanhá-lo.

– Isso ainda não terminou – alertou Vasile, apontando um dedo esquelético para nós três. – Lucius vai voltar com um pensamento diferente. E vocês não vão recuar diante de sua promessa.

Mamãe se eriçou.

– Minha filha não vai fazer nada contra a vontade.

– A vontade dela é se casar com ele. Ela está destinada a ele. Ela sabe. Para usar sua expressão, ela o *ama*.

Papai me olhou.

– Do que ele está falando, Jessica?

- Não sei – gaguejei.
- Eu vi seu olhar quando Lucius foi levado. – Vasile gargalhou. – Ser criada entre humanos a deixou transparente demais.
- Estamos indo – concluiu papai, agarrando meu braço.
- Boa noite, por enquanto – disse Vasile, me fazendo uma ligeira reverência.

Enquanto passávamos, rodeando a mesa, pelo clã de vampiros senti algo sendo posto na palma da minha mão. O movimento foi tão rápido que pareceu um truque de mágica. De algum modo tive o bom senso de não gritar. Olhando para trás, captei o olhar de um vampiro que não havia notado antes. Era um pouco mais gordo do que os outros e um pouco mais baixo, e sua pele era rosada. Os olhos tinham uma leve sugestão de diversão e, quando o encarei, ele pôs um dedo nos lábios, sinalizando que agora compartilhávamos um segredo, e piscou para mim.

Segurei o pedaço de papel até chegar ao meu quarto e o abri com dedos desajeitados de impaciência. Era um bilhete:

Não fique tão apavorada por enquanto. Nem tudo está perdido. Você parece uma boa garota. Vasile é despótico. Sempre cheio de si. Encontre-se comigo amanhã naquele belo parque que tem um riacho. Que tal por volta das 10? Estarei no coreto. E vamos manter isso entre nós, hein?

Dorin

## CAPÍTULO 43

Mamãe entrou no meu quarto por volta da meia-noite e falou:

– A luz do quarto dele ainda não se acendeu.

– Você também está vigiando?

Eu estava olhando pela janela, em direção à garagem.

– Claro.

Afastei o olhar só por um momento.

– Acha que ele vai ficar bem?

– Sinceramente, não sei.

– Você sabia que eles batem nele?

Mamãe puxou mais ainda a cortina, juntando-se à minha vigília.

– Não tinha certeza, mas suspeitava.

– Lucius disse que batiam nele repetidamente.

Quando pronunciei essas palavras em voz alta, meu medo já intenso beirou o pânico.

– Eu lhe contei que os Vladescu têm a reputação de serem implacáveis e que Lucius foi criado para ser o príncipe deles – disse mamãe, soltando a cortina. – Não fico surpresa em saber que ele não teve uma infância feliz. – Ela se sentou ao meu lado na cama e beijou minha testa, como fazia quando eu era criança e tinha medo de trovões. – Mas Lucius é forte – lembrou ela. – Tente não deixar que seu medo a domine.

Mas dava para ver que ela tirava conclusões precipitadas. Como eu.

– E se ele não voltar?

– Ele vai voltar. – Ela hesitou. – Jess, você o ama, de verdade?

Fui poupada de precisar responder quando uma luz se acendeu no apartamento em cima da garagem. O ar saiu dos meus pulmões num jorro e senti como se estivesse prendendo a respiração havia horas. Não esperei mamãe. Simplesmente saí correndo do quarto, com os pés descalços voando pelo quintal gelado. Não me importei com o frio.

Encontrei Lucius no banheiro apertado da garagem. Estava sem camisa, curvado sobre a pia, lavando o rosto. Ele me ouviu entrar mas não se virou.

– Vá embora.

– Lucius, o que aconteceu?

Ele continuou curvado.

– Deixe-me em paz.

Cheguei mais perto.

– Não. Vira pra mim.

– Não.

Passos soaram na escada e mamãe apareceu atrás de mim. Deu um tapinha no meu braço e depois se aproximou de Lucius do mesmo modo quieto e não ameaçador como eu tinha feito com Fera naquele dia terrível.

– Lucius – disse ela com voz tranquilizadora, pondo a mão nas costas dele. Reconheci aquele gesto de quando eu era criança e passava mal, vomitando. Os músculos de Lucius estremeceram.

Percebi que talvez, apenas talvez, ele estivesse chorando. Ou tentando não chorar. Com muita força.

Mamãe se curvou perto de Lucius, puxando seu cabelo preto para trás. Em seguida se empertigou e se dirigiu a mim:

– Jess, vá pegar o kit de primeiros socorros, embaixo da pia da cozinha.

– Mamãe, ele está bem?

– Vá, Jess – disse ela, com calma.

Eu não queria ir. Queria ficar com Lucius.

– Agora – insistiu ela.

– Tô indo.

Parei junto à porta, olhando para trás, e vi que minha mãe havia puxado Lucius para si, envolvendo-o com os braços. Ele tremia. Ela acariciava seu cabelo, falando com ele baixinho. Era por isso que minha mãe tinha me mandado sair. Sabia que Lucius não queria que eu o visse desmoronar, talvez sob a pressão do primeiro toque maternal que sentira na vida. Fechando a porta em silêncio, a obedeci e fui correndo para casa.

Voltei com o kit de primeiros socorros, seguida por meu pai grogue, ainda lutando para amarrar o roupão na cintura.

A essa altura, Lucius já estava deitado na cama, com minha mãe sentada a seu lado. Ela acendeu o abajur da mesa de cabeceira enquanto eu lhe entregava o kit. Lucius virou o rosto para a parede, mas pude ver que ele fora muito machucado. Seu lábio estava cortado e hematomas escuros se formavam sob os olhos e na bochecha. O nariz parecia meio torto.

– Vou pegar uma toalha molhada – ofereceu papai, querendo ser útil.

– Estou bem – insistiu Lucius. Mas se encolheu quando mamãe passou álcool em sua boca.

– Você não está bem – disse mamãe.

– Não é o meu melhor ano, hein? – zombou Lucius, amargo. – Pelo menos a égua não sabia o que estava fazendo.

Papai se sentou também, ao pé da cama. Segurava distraidamente a toalha molhada como se não soubesse o que fazer com ela, agora que a havia trazido.

– Lucius, o que aconteceu?

Lucius não respondeu.

– Lucius – instigou papai de novo. – Conte para a gente.

– Jessica deveria ir dormir – disse Lucius, o rosto ainda virado para a parede. – Está tarde.

– Quero ficar.

– Você é uma criança – disse Lucius. Sua voz estava rouca. Distante. – Não precisa tomar parte em nada disso.

Meus pais se entreolharam e eu percebi que, naquele momento, eles julgariam se eu ainda era mesmo criança.

– Jess pode ficar, se quiser – declarou papai. – Isso a afeta, também.

– Eu vou embora pela manhã – prometeu Lucius. – Não vou mais afetar nenhum de vocês.

– Você não vai a lugar nenhum – disse mamãe, pegando a toalha molhada com papai e limpando um pouco de sangue do rosto de Lucius. Em seguida, virou o rosto dele com delicadeza em sua direção e eu vi o estrago por inteiro pela primeira vez. Ainda que o quarto estivesse na penumbra, pude notar que, comparado com os “tios”, a égua tinha pegado leve. Meu estômago doeu de raiva e tristeza.

– Isso é entre mim e minha família – disse Lucius. Em seguida ergueu o tronco um pouco. Ainda não tinha olhado para mim. – Vou para casa enfrentar a situação.

Todos sabíamos o que isso significava. Mais dor. Mais cicatrizes.

– Aqui é a sua casa, agora – afirmou papai, com voz firme. – Você vai ficar.

Enquanto papai fazia o convite e eu observava mamãe cuidar dos ferimentos de Lucius, vi, finalmente, as pessoas que haviam levado uma criança da Romênia, salvando a vida dela. De repente me ocorreu que, sem dúvida, eles arriscaram a vida por mim. Pareceu estranho e egoísta que eu nunca tivesse percebido isso antes. Eles sempre haviam desconsiderado os próprios riscos.

– Casa. – Lucius cuspiu a palavra com desprezo.

– É. Casa – disse mamãe.

– Isso mesmo – acrescentou papai, pondo a mão no braço de Lucius. – Você ficou na garagem por tempo demais. Nunca percebi

como aqui é frio. Esta noite vai se mudar para a casa. Permanentemente. Vamos arranjar espaço.

– Não posso me impor mais do que já fiz – respondeu Lucius, falando com papai. – E vocês não precisam temer por minha causa. Os Anciões não planejam ficar. Confiem em mim. Eles têm certeza de que a mensagem foi entendida. Que vou obedecer.

– Mesmo assim quero que se mude para a casa – disse papai, não admitindo a recusa de Lucius. – Consegue se levantar?

Lucius parecia machucado e exausto demais para protestar. Mexeu as pernas devagar e parou na beira da cama.

– Desgraça! – disse ele, apertando as costelas. – Eles memorizam cada lugar que já foi quebrado em mim para poderem quebrar de novo, com mais eficiência.

Mamãe passou o braço pelos ombros nus de Lucius, reconfortando-o, e eu desejei estar no lugar dela. Lucius se apoiou, de novo se permitindo demonstrar um pouco de fraqueza, e ela o segurou por um momento, olhando para meu pai por cima da cabeça abaixada de Lucius. Havia uma tristeza profunda nos olhos dela.

– Tente ficar de pé – disse papai, segurando Lucius pelo braço.

– Obrigado – respondeu Lucius. Mesmo espancado, ele mantinha uma postura nobre ao ficar de pé. – Obrigado por tudo. Desculpem-me por causar tanto aborrecimento.

– Não é aborrecimento, filho – garantiu papai, ajudando a firmar Lucius com um braço em volta da cintura.

Lucius se encolheu de novo enquanto mamãe também passava o braço pela cintura dele. Eles começaram a andar lentamente, mas Lucius parou depois de alguns passos.

– Dra. Packwood, Sr. Packwood, no passado, eu nem sempre fui gentil. Acho que chamei vocês de... fracos. Vocês sabem que são muito diferentes da minha família.

– Tudo bem, Lucius – garantiu mamãe, instigando-o a andar. – Não precisa falar mais nada.

– Não. Preciso, sim. Foi errado insultá-los e não só porque são meus anfitriões. Creio que confundi gentileza com fraqueza. Peço desculpas.

– Venha, Lucius. – Papai deu um tapinha nas costas dele. – Desculpas aceitas. Agora vamos levá-lo para a cama.

Fizemos um pequeno desfile patético, lento, pelo quintal gelado: mamãe, papai e Lucius seguindo com dificuldade pela neve e eu logo atrás. Minha mãe fez uma cama para Lucius no escritório dela, um pequeno cubículo entre nossos quartos, e fingiu que ia se deitar. Mas eu sabia que meus pais estariam de vigília a noite toda. Sabia que não confiariam na afirmação de Lucius, de que seus parentes brutais iam embora. E estavam preocupados com a hipótese de ele desaparecer na escuridão. Eu também estava. Mas logo ouvi a respiração profunda e regular de Lucius no cômodo ao lado. Ele tinha que estar dormindo. Devia estar exausto. Enquanto eu puxava as cobertas, de volta à minha cama quente, me lembrei de que o novo ano já havia começado. Logo eu teria 18 anos. Tecnicamente, a idade para me casar.

No cômodo ao lado, o homem de quem eu tinha sido noiva quase que desde o nascimento até alguns dias atrás se mexeu e soltou um gemido abafado de dor. Quantas vezes ele fora quebrado “com eficiência” e havia gritado assim, sofrendo até mesmo no sono? E será que carregava outros ferimentos por dentro? Uma dor ainda pior do que ossos quebrados, cortes e hematomas?

## CAPÍTULO 44

Cheguei perto do coreto do parque por volta das 10 horas, como o bilhete havia pedido, e o vampiro que estava esperando acenou, segurando o casaco em volta do pescoço com a outra mão. Fazia um frio de rachar e havia previsão de neve.

– Fiquei com receio de que não viesse – disse ele, sorrindo.

Apesar do sorriso, me aproximei com cautela.

– Lucius disse que vocês todos iam para casa.

– É verdade – confirmou ele. – Os outros já retornaram à Romênia. Fiquei para trás na esperança de ajudar na situação.

Relaxe um pouco, feliz por saber que a maioria dos tios de Lucius havia partido. Quanto mais longe, melhor.

– Meu nome é Dorin – acrescentou ele, estendendo a mão enluvada. Ele deve ter me visto olhar para a lã colorida. Listras amarelas e laranja. – Chique, não acha? – disse ele, balançando as mãos. – Comprei no shopping.

Apertei a mão dele.

– Comprou no shopping?

– Ah, sim. Cultura americana. Tudo aqui tem a ver com diversão. Fiquei com inveja quando Lucius foi despachado para ficar vários meses aqui. É claro que foi bom mandá-lo para longe do velho Vasile durante um tempo. – Ele sugou as bochechas, tornando-as cadavéricas, numa imitação. – Pareceu uma jogada inteligente.

Examinei o rosto de Dorin. Suas bochechas estavam rosadas no frio e os olhos eram pretos, como eu passara a esperar dos vampiros, mas tinham um franzido alegre nos cantos.

– Sente-se, sente-se – disse ele, indicando um banco e espanando um pouco de neve.

Mesmo assim o banco não pareceu muito convidativo.

– Será que a gente poderia ir a uma cafeteria ou algo assim? – sugeri, soprando as mãos. Lancei um olhar de desejo para suas luvas.

Dorin ponderou, com a cabeça balançando para a frente e para trás.

– Claro. Por que não? Acho que fiquei num clima meio capa e espada com esse parque vazio. Sou fã de romances de espionagem, sabe?

– Eu também – respondi, sorrindo.

– Bom, não fico surpreso – disse ele, me levando para fora do coreto. – Como somos parentes e coisa e tal, provavelmente temos uma porção de coisas em comum.

– Somos parentes?

– Sim, sim. Eu deveria ter posto isso no bilhete. Talvez fosse menos assustador para você.

– Parentes, como?

– Sou seu tio. Irmão de sua mãe.

Parei e o encarei, procurando algum traço familiar no seu rosto. Qualquer semelhança com minha mãe biológica ou comigo.

– Você não se parece muito com ela nem comigo.

As bochechas rosadas de Dorin ficaram um pouco brancas.

– Bom, na verdade sou meio-irmão. Seu avô andou tendo uma aventura fora do casamento. – Ele sorriu sem graça. – Sou o produto disso.

– Mas você conheceu meus pais biológicos?

– Claro, claro. Mas, primeiro, vamos a um lugar fechado. Você está tremendo.

É, estava. De frio e ansiedade. O vampiro ao meu lado era meu tio. Tinha conhecido meus pais biológicos. Enfim, depois de quase 18 anos, eu ficaria sabendo quem eles eram de verdade. Finalmente estava pronta.

Dorin me ofereceu o braço e o aceitei.

– Então venha, Antanasia. Temos muito o que conversar.

Juntos caminhamos pelo parque congelado na direção do Pouca Fé, a cafeteria mais próxima. Dorin parou antes de entrar, lendo a placa. Um sorriso estampou seu rosto.

– Entendi. Entendi mesmo. Que engraçado. Vocês e seus trocadilhos. Em Bucareste seria chamado simplesmente de “Cafeteria”. Os comunistas estragaram tudo.

Fizemos os pedidos – descafeinado para mim e um café com leite duplo com chantilly e chocolate para Dorin – e nos sentamos a uma mesa no canto. Dorin sugou o creme como se fosse sangue de um bife.

– Antes de entrarmos nas histórias de família – começou ele –, aquilo ontem à noite foi feio, hein? – Ele limpou o bigode de espuma com um guardanapo. – Mas Vasile é assim. Adora um drama, mais do que um aldeão comum. Tudo vira teatro.

Meus sentimentos calorosos iniciais para com meu tio receberam um banho de água fria.

– Então o que aconteceu com Lucius foi só uma espécie de efeito teatral? Porque o nariz quebrado dele pareceu bem verdadeiro.

Dorin parou no meio do gole, baixando a xícara.

– Não! Verdade?

– Verdade.

– Nossa. Achei que eles já haviam superado esse tipo de coisa. Não é bom. Não é nem um pouco bom. Nunca pensei que iriam encostar a mão nele de novo. Nunca pensei que teriam a coragem de lutar com *e/e*. Eu mesmo não me arriscaria.

– Eram quatro contra um – lembrei.

– Mesmo assim. – Dorin parecia estar avaliando as chances. – Eu não me arriscaria. Como está o garoto? Como ele se saiu?

Como eu poderia colocar em palavras?

– Tão mal assim, é? – Dorin pareceu aflito. – Vasile nunca teve muito interesse por crianças. Mas Lucius se saiu bem, apesar de tudo, não é? É um ótimo rapaz. Um vampiro notável. Todo o clã Vladescu tem um orgulho justificado. Não é de surpreender que Lucius se rebele, depois da rédea curta com que Vasile o manteve enquanto ele crescia.

Passei o dedo na borda da minha xícara.

– O que vai acontecer com Lucius?

– Bem, a carta surpreendeu todos os Anciões. Achávamos que você é que seria difícil de atrair. Os americanos não são muito chegados a um pacto de sangue. É mais uma coisa europeia. Tentei chamar a atenção para isso, mas ninguém me ouve. Eles tinham quase certeza de que você cederia.

– Que eu “cederia”?

– Ah, é só olhar para Lucius. Nós presumimos que ele faria qualquer adolescente desmaiar. Ele é muito popular em Bucareste, entre certas debutantes que apreciam o lado sombrio...

Eu não queria ouvir sobre as antigas conquistas de Lucius.

– Então vocês acharam que eu ficaria caidinha por ele e que Lucius aceitaria o que recebesse.

Dorin inclinou a cabeça, pensativo.

– É. Acho que foi mais ou menos isso. E você ficou caidinha, não foi? Você o ama, estou certo?

Fiquei vermelha.

– Quanto a *amor*, não sei...

– Todos vimos como você olhou para Lucius. E Vasile, apesar de todos os defeitos, é muito hábil em ler os pensamentos de outros vampiros. Melhor do que a maioria. Ele é velho demais. Que habilidade não aperfeiçoou?

– Ainda não sou vampira – corriji.

– Mas sente sede, não é? – perguntou Dorin, esperançoso. – Nesse ponto você já deve...

Olhei ao redor, certificando-me de que a cafeteria estivesse vazia.

– Já – confessei, sussurrando para que o barista atrás do balcão não escutasse. – Às vezes.

Dorin assentiu, aprovando.

– Você tem muita coisa pela frente, Antanasia. A primeira vez que provar um Vermelho Siberiano, sobretudo o tipo O, safra 1972... – Seu olhar ficou distante e ele estalou os lábios. – Ah, é algo extraordinário.

– Não se eu nunca me tornar vampira por completo. Não se nunca for mordida.

Dorin voltou à realidade.

– Ah, sim, o pacto. E o nosso rapaz rebelde, Lucius. Nós, ou melhor, você, é quem deve persuadi-lo e garantir que o pacto seja cumprido.

– Como posso fazer isso?

– Você o ama. Pode fazer com que ele recupere o juízo. Na verdade é bem simples.

– Não é nem um pouco simples. Lucius não quer mais saber do pacto. E ele tem uma namorada...

– Lucius está se rebelando. Está sendo adolescente. Ele vai voltar. Vai voltar para *você*.

Terminei de tomar meu café.

– Você está muito errado.

Dorin não tinha visto como Lucius agia comigo agora. No café da manhã ele havia se mostrado totalmente distante. Desligado. Algo aconteceu quando lhe deram a surra. O riso, o sarcasmo, a leveza, tudo isso tinha sumido. Agora Lucius estava diferente. Intenso. Assustador.

– Precisamos tentar – disse Dorin.

Fiquei imaginando se ele seria capaz de ler minha mente, como Vasile.

– Você consegue. É filha de Mihaela Dragomir. E, ora, aquela mulher era capaz de fazer qualquer coisa que quisesse.

Do outro lado da mesa, meu tio estreitou os olhos, reparando em mim.

– O que foi?

– De certos ângulos, você fica igualzinha a ela. É a imagem cuspida e escarrada, para usar uma expressão nojenta da sua língua. – Ele balançou a cabeça, suspirando. – Uma mulher linda, linda. Tremendo desperdício.

– Dorin, por que você não pode assumir o papel de líder do nosso clã? – sugeri. – Você é um Ancião. Não pode consertar essa confusão? Mudar o pacto, de algum modo?

– Eu já lhe disse. Meu sangue não é puro. Você é a última Dragomir pura, herdeira do trono. Precisa ser você. Todos contamos com você. Contamos com o sangue que corre nas suas veias. Sua mãe, Mihaela, era uma grande líder. Assim como seu pai. Ele era muito nobre. Você descende da melhor linhagem.

– Se o pacto não for cumprido, haverá mesmo uma guerra?

– Os Dragomir e os Vladescu já estão impacientes. Há rumores de desconfianças dos dois lados. Seu casamento oferecerá estabilidade, garantirá que o poder seja compartilhado igualmente entre clãs que guerrearam durante gerações, lutando pela supremacia. Mas, à medida que começam a se espalhar os boatos de que o pacto pode não ser cumprido, a velha instabilidade retorna mais forte do que nunca. A situação já está volátil.

– Os vampiros podem *morrem*?

– Os vampiros não morrem – observou Dorin. – Mas podem ser destruídos e isso é muito pior do que a morte. Mas, para responder à sua pergunta, sim. Vampiros seriam destruídos. A velha guerra, que cessou com o seu noivado com Lucius, seria retomada.

Uma guerra de verdade. *Por minha causa.*

– Seus pais obtiveram a primeira paz – continuou Dorin. – Você vai alcançar a paz duradoura.

– Me fale sobre eles – insisti. – Quero saber de tudo.

Ele deu um sorriso largo, caloroso, e sinalizou para o barista no balcão.

– Acho que vamos precisar de um bule inteiro. – E se virou para mim. – Há tanta coisa para contar, minha futura princesa.

## CAPÍTULO 45

— O que você está fazendo aqui? – perguntou Jake, parecendo infeliz ao me ver ao lado do seu armário.

Saí do caminho para que ele pudesse abri-lo. Parecia fazer séculos que eu o vira lutar com a tranca no primeiro dia de aula. Muita coisa tinha acontecido desde então.

– Eu queria ver você – respondi. – Falar do que aconteceu no baile.

– Você me fez bancar o idiota.

Jake abriu a porta com força, fazendo-a bater nos outros armários.

– Fui eu que fiquei parecendo uma pessoa horrível. Fui eu que...

– Não precisa descrever – rebateu Jake, enfiando os livros no armário. – Vi você com o Luc. Eu estava lá, caso tenha se esquecido do que fez naquela noite.

– Eu mereço isso – admiti. – E só quero dizer que sinto muito.

– Por que quis sair comigo? Eu era um prêmio de consolação, depois que o Luc convidou a Faith? Porque o cara pode ter dado em cima de você no baile, mas parece que ele tem uma namorada.

Jake estava com vontade de me magoar e conseguiu. Afinal de contas, ele tinha sido magoado por mim.

– Jake, você não é prêmio de consolação de ninguém – garanti.

– É um dos caras mais legais que conheço e eu gostaria de não ter tratado você daquele jeito.

– É, eu também – disse ele, batendo a porta do armário. – Mas não sinta pena de mim, Jess. Sou eu que sinto pena de você,

porque o cara pode ser um figurão da Europa, mas nunca vai tratar você de um jeito tão legal quanto eu trataria.

E o pior era que eu sabia que Jake estava certo. "Legal" não fazia parte do vocabulário de Lucius Vladescu. Intenso. Cavalheiresco. Divertido. Arrogante. Perigoso. Honrado. Passional. Essas eram as palavras pelas quais Lucius vivia. Mas legal? Nunca.

– Eu vejo como olha para ele – acrescentou Jake. – Droga, eu soube que a gente ia terminar naquele dia que você foi ao treino de luta. Você ficou olhando para ele o tempo todo.

Eu não tinha nada a dizer. Não havia como me defender.

– Ele vai partir o seu coração, Jessica. Aquele cara vai *destruir* você.

E, com isso, meu primeiro namorado se virou e saiu da minha vida – com uma dignidade muito pouco camponesa.

Fiquei ali, parada, observando Jake se afastar enquanto pensava em como era curioso ele ter usado aquela palavra típica dos vampiros para o que Lucius faria comigo.

*Destruir.*

Como era estranho que, de todas as expressões que Jake poderia ter escolhido – *sacanear, magoar, destroçar, ferrar* –, ele optasse por aquela palavra específica. Isso me abalou um pouco, quase como se fosse uma premonição.

Mas por quê?

*Você sabe, Jess... No fundo, sabe que tem bons motivos para temer o Lucius...*

Eu era a herdeira puro-sangue da liderança de um clã que havia guerreado com o de Lucius durante gerações. Deveria herdar o poder que a família dele sempre quis tomar. *Se eu estivesse fora do caminho...* Então me lembrei da declaração estranha de Lucius logo depois do baile de Natal.

*"Por favor, acredite que eu não iria nem poderia fazer mal a você. Talvez houvesse um tempo, antes de eu conhecê-la, em*

*que, se você tivesse ficado no meu caminho para o poder... mas agora, não. Meu Deus, espero que não..."*

Não. Lucius nunca me faria mal, nem mesmo pelo desejo de ascender ao poder. Eu me preendi à primeira parte. *"Eu não iria nem poderia fazer mal a você."*

Então pensei no Lucius mudado. Naquele jovem distante, raivoso, ferido, que nem queria me olhar nos olhos. Será que *ele* poderia me fazer mal?

Eu não acreditava nisso. Se havia uma certeza à qual eu precisava me agarrar com força na minha nova vida, agora de pernas para o ar, era a promessa feita por Lucius de me proteger, mesmo à custa de sua própria existência.

Ainda assim eu não conseguia deixar de me sentir inquieta com o alerta pouco característico – e bastante sinistro – de Jake.

## CAPÍTULO 46

— Lucius, eu trouxe um pouco de chocolate quente. —  
Enfieei a cabeça no seu quarto novo, levando uma bandeja. — É do tipo vegano, mas não é tão ruim.

Ele estava deitado de costas em sua cama improvisada — um colchão de ar —, de olhos fechados, ouvindo música com fones de ouvido. A luminária da mesa era a única fonte de luz do cômodo, lançando sombras ao redor dele. Demorei um segundo examinando-o antes que ele percebesse que eu estava ali e se virasse, como ele sempre fazia agora. Seus ferimentos haviam melhorado um pouco e o inchaço em volta dos olhos tinha sumido. Pousei a bandeja e dei um tapinha no seu ombro.

Ele levou um susto, tirou os fones de ouvido e sentou-se bruscamente.

— Não me assuste desse jeito. Não sabe que é perigoso? Já devia saber.

— Foi mal. — Dei um passo para trás, vendo como seus olhos estavam duros. — Fiz um pouco de chocolate quente e pensei...

— Não gosto de chocolate.

— Você acabou de esvaziar outro pote do sorvete de tofu com alfarroba de papai. Então não precisa fingir que não gosta de chocolate. Toma um golinho.

Lucius empurrou minha mão, derramando um pouco no chão.

— Jessica, é tarde. Vá dormir.

Ignorei sua ordem e me sentei de pernas cruzadas ao seu lado, tomando a bebida rejeitada.

— O que você está ouvindo?

— Metal alemão. Richthofen.

Pousando a caneca, fiz sinal para ele me passar os fones.

– Posso ouvir?

Ele trincou os dentes mas concordou.

– Como quiser.

Quando pus os fones no ouvido, meu coração se encolheu. Parecia música de elevador para almas atormentadas a caminho do inferno. Palavras guturais em alemão, sintetizadores rosnando, sem melodia. Apenas uivos e gemidos. De dar medo.

– O que aconteceu com o Black Eyed Peas? – perguntei, fazendo um esforço para brincar enquanto tirava os fones.

– Acho que isso está combinando mais com meu estado de espírito.

– Lucius...

– Jess, vá embora.

– Para de ficar me empurrando para longe.

– Pare de ficar me puxando para perto!

Abracei os joelhos junto ao peito.

– Estou preocupada com você.

– O tempo de preocupação já passou.

– Não, não é verdade. Ainda podemos consertar as coisas.

– Jessica, em poucas semanas vou retornar à Romênia para enfrentar o castigo pela minha insubordinação. Só me deixe em paz pelo tempo que me resta. É tudo o que peço.

– Mas, Lucius, eu quero ajudar.

Ele riu, um riso curto e amargo.

– Você? Você quer me ajudar?

– Não é engraçado. Eu posso ajudar. Talvez seja a única pessoa capaz de fazer isso.

– Como?

– Posso me casar com você.

Seus olhos se suavizaram apenas por um segundo e então ele os esfregou com as palmas das mãos, passando-as sobre os

ferimentos, como se estivesse se castigando.

– Jessica...

Eu me inclinei para a frente, segurando a mão dele.

– A gente poderia fazer isso. Eu quero fazer.

Lucius puxou a mão.

– Você nem sabe o que está oferecendo, Jessica. Só sabe que sente pena de mim. Não vou me casar por pena, para ser salvo como um vira-lata doente que está prestes a ser sacrificado e é adotado no canil por alguma boa alma. Prefiro ser destruído com dignidade.

– Não sinto pena de você.

– Não?

– Não. – As lágrimas queimavam meus olhos. – Eu te amo, Lucius.

Não pude acreditar nas palavras que tinham escapulado da minha boca. Sempre pensei que, quando as dissesse pela primeira vez, o momento seria perfeito. E não desesperado e doentio desse jeito.

Houve um longo silêncio e os olhos de Lucius endureceram de novo.

– Que pena, Jess – respondeu ele. Depois se deitou e virou de lado, como se quisesse dormir.

Saí correndo do quarto e trombei com minha mãe, chocando-me nos braços dela. Ela me levou para o seu quarto e fechou a porta.

– O que você estava fazendo com Lucius? – perguntou ela, ao mesmo tempo que tirava alguns lenços de papel de uma caixa e os entregava para mim.

– Só conversando.

Enxuguei os olhos, mas as lágrimas não paravam.

– E o que ele disse? Por que você está chorando?

– Eu disse ao Lucius que o amava – admiti, apertando os lenços de papel molhados. – Que queria me casar com ele.

Os olhos da minha mãe se arregalaram. Sua postura, geralmente calma, desabou.

– E o que ele disse?

Sua voz estava baixa. Ela tentava se controlar, mas dava para sentir que estava apavorada.

– Ele disse não. Que preferiria ser destruído a suportar que eu me case com ele pelo que julga ser pena.

Minha mãe soltou um grande suspiro. Em seguida, fechou os olhos, juntou as mãos levando as pontas dos dedos aos lábios e eu a ouvi sussurrar.

– Você é um bom homem, Lucius. Um bom homem.

## CAPÍTULO 47

– Jess, a gente vai se atrasar para a aula de cálculo – disse Mindy, praticamente me arrastando pelo corredor.

Fiz força no sentido contrário.

– Acho que vou matar aula.

– De novo? – Havia preocupação na voz de Mindy. – Jess, você nunca matava aula. Agora quase não assiste. E é *matemática*, Jess. Sua matéria favorita!

– Não estou a fim, Mindy.

– Qual é a sua, Jessica? É o Lucius? Porque vocês *dois* mudaram. E ele estava todo machucado... O que está acontecendo na sua casa?

– Nada, Mindy. Eu juro.

– Você está matando aula, Jake já era, Lucius parece sempre prestes a cometer um assassinato e não está acontecendo nada?

Fui em direção ao banheiro.

– Pode ir pra aula, beleza? Vou ficar por aqui até os corredores esvaziarem para eu dar o fora.

– Estou preocupada com você, Jess – disse Mindy, segurando os livros contra o peito. – Preocupada de verdade.

– Não é nada – garanti. *Nada além de um coração partido, um pacto desfeito e uma guerra que se aproxima.* Como eu poderia me concentrar em livros didáticos chatos, deveres de casa sem sentido e aulas maçantes quando tudo estava desmoronando? Quando vidas estavam em jogo? – Te ligo mais tarde.

Mindy ainda estava ali, com cara de assustada, quando entrei no banheiro e me tranquei numa das cabines. Mas o sofrimento não me deixava em paz nem no banheiro. Enquanto estava ali,

sentada, esperando o sinal tocar, Faith Crosse entrou com sua amiga Lisa Clay. Pela fresta entre a parede e a porta da cabine vi as duas assumindo os lugares diante do altar do espelho, prontas para a autoadoração.

– E aí? Como vão as coisas entre você e o Lucius Luxuriante? – perguntou Lisa, remexendo na bolsa e pegando um brilho labial. Passou uma camada gosmenta na boca. – E quem deixou o cara com aquele olho roxo?

– Ele não quer dizer. – Faith deu de ombros, escovando o cabelo. – Você conhece o Lucius. É cheio de segredos. Mas desde que isso aconteceu ele ficou, tipo, totalmente doido.

Lisa passou um pouco de blush cremoso nas bochechas.

– Doido bom ou doido ruim?

– Doido *por* mim – reclamou Faith, revirando os grandes olhos azuis. – Tipo, não me deixa sozinha. Quer me dar uns amassos o tempo todo. E é uma coisa intensa demais.

Lisa virou a cabeça para um lado e para o outro, verificando se havia alguma mancha nas bochechas.

– Homens. São tão cheios de tesão!

– É, mas isso é, tipo, supertesão. Nunca fica satisfeito. A gente vai para o apartamento dele atrás da casa dos Packwood e ele praticamente me arrasta para a cama.

*Ele está transando com a Faith.*

Meus dentes doíam tanto, tanto, que por um segundo achei que minhas presas iriam rasgar as gengivas e tive que segurar um grito, apertando a boca com a mão e dobrando-me de dor. E a sede... eu precisava de sangue, desesperadamente... *Lucius está transando com Faith Crosse atrás da minha casa. Meu noivo está me traindo, traindo sua princesa...*

– Mas eu vivo dizendo a ele – continuou Faith, sem perceber meu tormento silencioso na cabine do canto – que não vou jogar fora todo o meu futuro por causa de sexo, pelo menos até minha

mãe me deixar tomar pílula. Cara, eu não vou engravidar antes de ir para Stanford.

*Então não é sexo. Não vão até o fim.* Tentei aplacar o ciúme e a fúria. Mas meus dentes continuavam a pulsar de dor ao pensar em Lucius no cobertor de veludo com Faith. Encostei a mão na parede fria de azulejos, abalada e sofrendo, e tentei me acalmar.

– É – concordou Lisa. – Não sei por que os caras não conseguem se contentar com um... – Ela pôs a mão em concha no ouvido de Faith e sussurrou alguma coisa que não pude ouvir. Mas deu para adivinhar, pelos risinhos.

– Pois é – disse Faith, rindo. – Tipo, é quase a mesma coisa que ir até o fim. E o Lucius faz uma coisa que é praticamente melhor do que... – Ela parou, como se percebesse que tinha revelado demais.

Meu coração parou e eu deixei de sentir até mesmo minha boca latejar e meu desejo desesperado.

*Que coisa? QUE COISA?*

– Ei, não me mata de curiosidade! – exclamou Lisa, sacudindo o braço da amiga. – O que ele faz?

– É só... – Faith hesitou mais um segundo, depois não conseguiu se conter mais. Virou-se para Lisa. – Uma coisa com a boca. No meu pescoço.

Meu coração não apenas parou. Foi como se uma mão gigantesca tivesse apertado meu coração, tentando arrancá-lo. *Não, Lucius. Não faça isso. Não nos traia mais do que já fez. E não se arrisque a mais punições violando o pacto de maneira irreparável. Ainda não. Preciso de tempo para consertar as coisas.*

– O quê? – guinchou Lisa. – Tipo um chupão? Isso é tão ensino fundamental! Quem liga pra chupão?

– Não. – Faith balançou a cabeça, virando-se de volta para seu reflexo. Ficou um pouco pensativa, observando os próprios olhos. – Não é um chupão. É... ai, não dá para descrever. Mas é incrível.

Tipo, perigoso ou sei lá o quê. Como se a gente estivesse fazendo alguma coisa muito *sinistra*. – Enfiando a mão na bolsa, ela pegou um elástico de cabelo e prendeu a cascata loura num rabo de cavalo alto. – Tipo, eu gosto, mas sei que não deveria.

– Hum, queria que Lucius ensinasse isso ao meu namorado. Allen não faz nada de especial.

– Não sei se é uma coisa que dá para ensinar. É só uma coisa que o Luc *faz*.

Lisa apontou para o pescoço da amiga, franzindo a testa.

– Bom, seja o que for, deixou uns arranhões. Quer um pouco de maquiagem para cobrir?

Faith se virou para olhar a lateral do pescoço, perto do ouvido. Passou os dedos pela marcas vermelhas e finas, sorrindo ao se lembrar de algo.

– Ah, Lisa. Se você pudesse sentir como é...

– Você tem tanta sorte de ter um cara europeu... – Lisa fez beicinho.

Quando elas saíram, caí de lado e bati na parede da cabine, ofegante, esperando que as dores e o apetite diminuíssem. Esperando que meu lado vampiro, tão desesperado por emergir completamente, se acalmasse e se escondesse de novo.

*Lucius, o que você está fazendo?*

## CAPÍTULO 48

— Ele vai morder Faith Crosse – contei para Dorin.

– Não, não, não – discordou ele, e polvilhou canela em seu cappuccino. – De jeito nenhum. Não acho que nosso garoto vá fazer isso.

– Dorin, eu vi a namorada dele, Faith, no banheiro da escola. Ela disse que Lucius está fazendo coisas estranhas no pescoço dela. Com a boca. E ela estava com arranhões.

Dorin pousou a xícara, com os olhos enrugados se nublando.

– Arranhões grandes?

– Não sei. Não estava perto o suficiente para ver. Isso importa?

– Na verdade, não, eu acho. Desde que ele não afunde os dentes lá, não é? – Dorin dobrou os dedos como duas presas e os cravou no ar. – Esse tipo de coisa seria má notícia.

– Para Lucius ou para Faith?

– Para a garota é difícil saber. Bem, se ele não sugar essa tal de Faith até ela ficar seca, se não matá-la no ato, bom, então ela seria uma morta-viva. E isso é algo que algumas garotas realmente lamentam quando fazem por impulso. Não é uma coisa que deva ser apressada. Além disso, as garotas que não têm linhagem de vampiro, como você tem, são as que ficam malignas depois de uns 100 anos. Não gostam de beber sangue. Não conseguem abraçar o estilo de vida. Preferiam ter se casado com um homem comum e formado uma família normal. Vivem reclamando, arrumando encrenca. A gente passa só uns minutos perto delas e dá vontade de cravar uma estaca no coração. Lucius poderia se arrepender muito, depois de alguns milênios, caso cedesse a um momento de paixão.

– Está dizendo que eles se casariam se ele a mordesse?

Odiei a inveja, o pecado de proporções bíblicas que me consumia. Senti uma pontada nas gengivas e cocei o queixo.

– Dói, não é? – perguntou Dorin.

Esfreguei com mais força.

– É tão óbvio assim?

– Só para quem conhece os sinais. Mas, confie em mim, é uma coisa boa. Se suas presas não doessem, aí a jovem vampira deveria se preocupar.

– Eu sei. Li o livro.

– Lucius lhe deu um exemplar de *Crescendo como morto-vivo*? – Dorin riu. – É um clássico!

– É, ajudou muito – concordei. – Mas quanto a Lucius e Faith...

– Ah, sim. Se Lucius fizesse a coisa honrada, como se espera dele, os dois se casariam. Não se pode simplesmente morder uma virgem que não suspeita de nada e se safar. Isso não se faz.

A dor voltou rugindo e minhas gengivas latejaram.

– Não acredito que Lucius iria se ligar a *ela* por toda a eternidade.

Dorin balançou a cabeça, evitando meu olhar e jogando mais canela em sua xícara.

– Não, ele não faria isso.

– Mas você acabou de dizer que ele faria a coisa honrada...

– Honra coisa nenhuma. Se Lucius violar o pacto, não importará quem ele morda. Vasile não admitirá a insubordinação. A razão pela qual os vampiros sobreviveram esse tempo todo é a justiça implacável. Algo como violar um tratado entre clãs seria motivo para destruição imediata.

O ciúme foi banido pelo medo.

– O quê?

– Destruição. Com D maiúsculo.

Eu sabia que eles iriam castigá-lo duramente. Até mesmo Lucius tinha medo do que eles fariam. Mas eu nunca havia pensado que fossem *destruí-lo*.

– Mas ele é o príncipe herdeiro...

– E os príncipes são dispensáveis. Ainda não são *reis*.

Minha voz pareceu presa na garganta.

– Quanto tempo Vasile vai dar para que ele obedeça?

– Ele já está por um fio – admitiu Dorin. – Vasile está decidido a fazer Lucius obedecer, mas não vai esperar para sempre. – Meu tio fez uma mímica de cravar no peito algo que supus que seria uma estaca, em seguida fingiu acender um fósforo. – E depois... puf!

De repente o ar quente da cafeteria ficou úmido e gelado.

– É assim mesmo que acontece? Com uma estaca?

– É o jeito mais seguro. – Dorin confirmou a afirmativa anterior de Lucius. – Comprovado pelo tempo.

Visualizei Vasile enfiando uma estaca no coração de Lucius, de baixo para cima, logo abaixo das costelas tantas vezes quebradas. Foi quase como se sentisse a madeira afiada rasgar minha carne. Cheguei a apertar o peito. Será que ocorrera o mesmo com meus pais, em seus momentos derradeiros?

– O que vai acontecer com Lucius depois? – perguntei, tentando livrar meu cérebro daquelas imagens horríveis.

– Como assim?

– Tipo... com a alma dele.

– Ah, isso. A alma dele pertence ao clã. Não é a noção típica de céu e inferno a que os humanos estão acostumados. A alma de um vampiro é diferente. O clã dá e o clã tira. Bom, às vezes turbas furiosas é que tiram. – Dorin deu de ombros.

A ideia de um Universo sem Lucius era insuportável demais. Mas eu me sentia impotente.

– Ele continua se recusando a honrar o pacto, mesmo eu tendo dito que o amava. Que quero me casar com ele.

Dorin se animou.

– Você o ama *de verdade*, não é? Pode admitir para mim.

– Amo – respondi.

– Então não deixe que ele morda Faith Crosse, nem que isso signifique ficar grudada nele 24 horas por dia – aconselhou Dorin, tomando um gole de sua bebida. – Porque, no segundo em que ele a morder, o relógio marcará a meia-noite para Lucius Vladescu. Isso eu garanto.

Lucius destruído. Um Universo sem ele. Eu não conseguia imaginar. E ao mesmo tempo não tinha ideia de como impedir a catástrofe.

Durante toda aquela noite me revirei na cama ao me lembrar de como me senti quando pensei que Lucius tinha morrido. Aquele vento frio rasgando meu peito oco, me abrindo como uma estaca.

Se ele não honrasse o pacto, isso não iria destruir somente a ele. Iria destruir a mim também.

## CAPÍTULO 49

— Ah, droga — murmurei, olhando pela janela enquanto Lucius e Faith Crosse se esgueiravam pelo quintal sob o disfarce da escuridão, indo para o antigo apartamento dele. Eu odiava espioná-lo, mas não sabia mais o que fazer. Precisava impedir que ele mordesse aquela garota. Por isso esperei uns minutos e fui atrás dos dois.

— E aí, gente? — falei, entrando sem bater. — O que vocês estão fazendo?

*Como se eu não soubesse.*

Faith praticamente pulou para longe de Lucius, alisando o cabelo e puxando a camiseta desalinhada.

— Meu Deus, Jenn. Você não sabe bater? *Algumas* pessoas têm vida sexual.

Lucius não fez qualquer esforço para se recompor. Apenas ficou sentado na cama, com os braços em volta da cintura de Faith, acariciando seu quadril.

— O que você quer, Jess?

A voz dele estava baixa, ameaçadora.

— Talvez ela queira as panelas — disse Faith, com um risinho afetado. — Você sabe, para cuidar do cabelo.

— Não sinto mais cheiro da lebre — contra-ataquei. — O fedor de água oxigenada está forte demais. É melhor você pegar leve no clareamento, Faith, ou vai acabar careca.

— Poderia ser pior. — Ela fungou, olhando para minha cabeça. — Melhor careca do que ter cabeça de bombril.

— Melhor ter cabeça de bombril do que ser uma vaca.

Acho que ninguém havia falado assim com Faith Crosse. Eu mal podia acreditar que fizera isso. Mas ela que se danasse – a sensação era boa.

Faith ficou sentada num silêncio atordoado, abraçada a Lucius, de olhos arregalados. Depois se afastou, cutucando o peito dele com o dedo.

– Você ouviu o que ela disse, Luc? Vai deixar que ela me chame de vaca?

Lucius riu, amargo, e a puxou para perto.

– Ah, Faith. Aceite o elogio.

Ela empurrou o peito dele.

– Presta atenção, Luc.

Lucius ignorou o aviso, dirigindo-se a mim.

– Vou repetir: o que você quer, Jessica?

– Preciso de ajuda com Bela no estábulo – menti. – Acho que ela está mancando um pouco, mas quero sua opinião. Você conhece cavalos melhor do que eu.

– Chame um veterinário – disse Lucius. – Não sou tratador de cavalos.

– Qual é, Lucius – insisti. – Só vai levar um minuto. – *Qualquer coisa para afastar você da Faith.*

– São quase 10 da noite – observou Lucius. – A égua vai sobreviver até amanhã. E nós estamos bem ocupados aqui. – Seu rosto estava obscurecido pela penumbra do quarto, mas pensei ter vislumbrado as presas.

– Lucius, seja razoável – instiguei, abandonando a história sobre Bela.

– Estou de saco cheio desse papo furado – disse Faith, soltando-se do abraço de Lucius. – Até mais, Luc.

– Não vá embora – reagiu Lucius, puxando-a de volta.

Mas Faith soltou o pulso.

– Está ficando tarde mesmo, Lucius. Meus pais vão me matar se eu chegar tarde de novo. – Ela pegou a bolsa vermelha de couro no chão e deu um beijo rápido na boca de Lucius. – Tchau.

Enquanto ela passava por mim batendo o pé, agarrei-a pelo braço.

– E meu nome é *Jess*, por sinal. Da próxima vez, trate de lembrar.

Faith se soltou da minha mão com um risinho de desprezo.

– Ah, eu vou lembrar. E você vai se arrepender.

Faith deixou a porta aberta e eu a bati com força enquanto ela descia a escada.

– O que você vê nela? – perguntei a Lucius. Minha voz estava petulante, raivosa demais, mas eu não conseguia me controlar. – Ela é a pessoa mais perversa que já conheci.

– Você conhece coisa pior, Jessica. Confie em mim. – Lucius se levantou, cruzando os braços. – Por que está aqui, de verdade?

– Para salvar você, seu idiota. Você vai morder a Faith! Está totalmente descontrolado.

Lucius gemeu. Um gemido que quase virou um rosnado. Ele fechou os punhos e os esfregou na testa.

– Jessica, não se meta nisso.

– Mesmo que não se importe comigo, consigo mesmo ou com o pacto, já pensou no que vai acontecer a Faith se vocês dois passarem do ponto? Está brincando com a alma dela também. Eu posso odiá-la, mas o que você está fazendo não é certo.

O rosto de Lucius se contorceu numa careta.

– A alma de Faith... Essa já está bem mais corrompida do que possa imaginar. Não se preocupe com a garota. Ela mente, trai, rouba e provavelmente mataria para ter o que quer. Eu vi a alma de Faith por dentro e sei que é tão escura quanto a minha. Por isso nos damos tão bem. Somos iguais.

Mas não eram iguais. Eu sabia disso.

– Você não pode basear sua vida num romance.

– Que conversa é essa?

– Ela não é Catherine e você não é Heathcliff. Os dois não precisam destruir um ao outro.

– Aquilo foi uma mera encenação. Uma diversão de escola.

– Você não acha que é uma diversão. Eu te conheço você, Lucius.

– Não conhece!

As vigas praticamente tremeram quando Lucius levantou a voz, pela primeira vez. O som era assustador.

Mas eu não iria recuar.

– Conheço. Você é um vampiro honrado. É da *realeza*. E Faith não é do seu nível. Ela nem é vampira.

– Ah, mas você também não é. – Ele chegou mais perto e segurou um punhado dos meus cachos. – Você mudou o cabelo e as roupas, leu o guia, mas não sabe nada sobre ser um vampiro. Viu meus tios. Está preparada para aquele mundo?

– Eu nasci para *governar* aquele mundo. Você sabe! Você me ensinou isso!

Mas Lucius riu de mim, soltando meu cabelo.

– É mesmo? Você mal consegue pronunciar as palavras, quanto mais assumir um trono.

– Você só está magoado, Lucius – argumentei. – Não jogue fora sua... – *vida? morte-vida?* – existência por causa de uma briga com seu tio.

– Saia.

Ele mostrou os dentes como um animal, ofegando, e vi suas presas.

Mas eu não estava com medo. Meus próprios dentes doíam. E minha garganta estava seca.

– Não.

– Não me teste – rosnou Lucius, agarrando meus ombros. – Você não faz ideia do que eu sou capaz. Não viu o que fizeram comigo? O sangue deles está em mim.

– Você não vai me machucar.

Eu me soltei, examinando o quarto com os olhos, procurando alguma coisa. Como eu poderia provar que era a pessoa certa não somente para salvá-lo, mas para selar nosso destino? E então vi. O copo em sua cabeceira. O copo de Morango Julius que deveria conter um líquido vermelho e morno. Corri para lá, sabendo que ele era mais rápido do que eu. Mas eu tinha o elemento surpresa ao meu lado e peguei o copo, arranquei a tampa – meio enojada, meio louca de desejo.

– Jessica, não – gritou Lucius, se lançando sobre mim.

Pulei de lado e virei o copo, derramando na boca o sangue grosso, um pouco coagulado. O líquido deslizou pela língua, desceu pela garganta e eu o entornei tão depressa que encharcou meu queixo, meu pescoço e escorreu pela blusa. Era pegajoso, salgado e doce, e tinha gosto de vida à beira da morte. Bebi tudo, dominada pelo gosto, pelo cheiro pungente, agora dentro de mim, me preenchendo, me satisfazendo.

Lucius ficou hipnotizado enquanto eu terminava, passando a mão na boca. Não falou nada quando empurrei o copo contra o peito dele, obrigando-o a aceitá-lo.

– Pronto – resmunguei, me sentindo mais poderosa do que nunca. Poderosa, saciada e meio enojada. – Nunca mais diga que não estou pronta para governar.

Mesmo assim Lucius não disse uma palavra. Só ficou imóvel e rígido como um cadáver, segurando o copo contra o peito. Passei por ele, desci a escada e saí antes que começasse a tremer. Parei no pequeno círculo de luz na entrada da garagem, deixando que o vento frio me acalmasse. Minha blusa estava encharcada, mas o sangue, no ar gelado do inverno, já começava a congelar,

endurecendo para formar um gelo escarlate. Limpei o queixo outra vez com o braço pegajoso. Queria vomitar – e beber de novo. Por isso simplesmente esperei um pouco, tentando me acalmar, pensar no que faria. E se meus pais me vissem coberta de sangue?

Olhei para casa. E foi então que vi Faith Crosse parada a menos de dois metros de mim, me olhando.

– Eu estava voltando... Eu... eu... esqueci o celular – gaguejou ela, apertando a bolsa vermelha contra o peito. Ficamos parecendo imagens espelhadas, só que o tronco dela estava coberto de couro vermelho, e o meu, de sangue. Os olhos dela estavam arregalados. – Que... que diabo aconteceu com você?

Comecei a dizer alguma coisa, mas não consegui pensar em nenhuma mentira. Como se uma mentira pudesse explicar por que meu rosto, meu pescoço e meu peito estavam cobertos de sangue.

Pouco importava. Faith deu as costas e correu até seu carro. Eu ainda estava ali, parada, tremendo de frio e emoção, quando o som dos pneus cantando desapareceu na noite.

Eu sabia que havia feito algo que jamais poderia desfazer. Tinha alterado não somente a mim mesma, mas também a meu futuro. Algo fora posto em movimento no instante em que virei aquele copo e eu estava ciente de que, de agora em diante, Lucius e eu não precisávamos temer apenas Anciões velhos e furiosos. Eu derramara sangue na rede de boatos de uma escola americana – a única coisa que talvez fosse mais perigosa do que legiões de vampiros em guerra sedentos de poder.

## CAPÍTULO 50

– Jess, o que aconteceu com você naquele apartamento?

– perguntou Mindy, apertando meu braço e me puxando quando comecei a subir a escada em direção à sala de química. Seus olhos estavam arregalados, implorando que eu a tranquilizasse e dissesse que tudo estava bem. – Você pode me contar. Sou sua melhor amiga.

– Não aconteceu nada – menti.

Eu queria contar tudo a Mindy. Toda aquela história maluca. Estava cansada demais de carregar sozinha um peso tão enorme. Mas não podia. Ela jamais acreditaria. E, se acreditasse, o que pensaria de mim se eu dissesse que bebi sangue? Que queria beber *mais* sangue? Voltei a subir a escada.

– A gente vai se atrasar para a aula.

Mindy manteve a mão no meu braço, ainda me puxando.

– Dane-se a aula. Preciso saber o que está acontecendo com você. Está correndo um papo por aí de que estava com *sangue na boca*, Jess. Que estava saindo do apartamento de Lucius e estava coberta de sangue.

– Essa é a coisa mais idiota que já escutei.

*Mentiras se empilhando em mentiras.*

Mindy deixou a mão escorregar pelo meu braço, segurou minha mão e a apertou.

– É o Lucius, Jess? Ele está maltratando você? Pode me contar. A gente consegue ajuda!

*Ah, meu Deus... é isso o que ela pensa...*

– Não, Min. Eu juro. Se fosse, eu contaria. Prometo. Lucius nunca encostou a mão em mim. – *Não de um modo que eu não quisesse,*

*que não desejasse...* – Não é o que você está pensando.

Ela me encarou e me toquei de que havia falado demais.

– Mas é *alguma coisa*, Jess. Acabou de admitir.

– Não é nada – insisti, tentando sorrir. – Você está se deixando levar.

Mindy soltou minha mão bruscamente, como se eu a tivesse traído. E tinha mesmo. Havia mentido para minha melhor amiga e ela sabia disso.

– Não acredito em você, Jess. Como pode não confiar em mim? – desabafou ela, com a voz embargada. Mindy subiu a escada correndo, para longe.

Deixei-me desabar no meio da escada vazia, mais solitária do que nunca. Tinha perdido Lucius, Jake e, agora, Mindy. Até meus pais pareciam estranhos vivendo num mundo mais simples, que eu havia deixado para trás. Meu único amigo era um vampiro velho que adorava cappuccino.

E, para completar, eu estava ganhando inimigos.

– Ora, ora, ora, se não é a Pacotão.

A voz desprezível vinha de cima. Olhei por cima do ombro e vi Frank Dormand e Ethan Strausser parados no patamar.

– Vão se catar – respondi.

Eles desceram a escada batendo os pés, me cercando.

– O que você está fazendo, aberração? – zombou Frank, chutando minha canela.

Levantei-me, pronta, quase ansiosa para confrontá-los.

– O que vocês querem?

– Queremos saber que aberração está acontecendo naquela garagem da fazenda dos seus pais – disse Ethan. Eu nunca havia notado como sua cabeça parecia literalmente dura sob o cabelo claro raspado.

– Vocês dois usam demais a palavra “aberração” – observei. – Deviam consultar um dicionário de sinônimos. Tem um na

biblioteca. Sabem onde fica a biblioteca, não sabem?

– Uuuh, a Pacotão está respondona hoje – zombou Frank.

Tentei passar, mas eles bloquearam o caminho.

– Não tão depressa – disse Frank.

– É – grunhiu Ethan. – Queremos saber o que aquela aberração...

– Sério, arranjem um sinônimo.

– ...o que aquela aberração que mora na sua casa está fazendo com a minha namorada.

A namorada *dele*? Era para rir?

– Acho que Faith tem um namorado novo, caso ainda não tenha notado.

Ethan fez uma careta. Seu rosto rosado ficava bem feio quando ele sentia raiva.

– Aquele cara fez alguma coisa com a Faith. Ele não é normal. Ele... ele... tipo, hipnotizou a garota.

– Não sei do que está falando. E não seja mau perdedor. O futebol não ensinou nada a você?

Frank deu um peteleco na minha orelha.

– Não fale assim com o Ethan.

Dei um empurrão de alerta em Frank.

– Eu falo com ele como quiser. E nunca mais encoste a mão em *mim*.

– Ou o quê? Vai mandar seu guarda-costas me pegar? Porque, por mim, pode vir.

– Nós sabemos sobre ele – acrescentou Ethan, querendo me intimidar.

– Vocês não sabem nada.

– Sabemos sobre o sangue em você – disse Frank. – E sabemos tudo sobre o Vladescu. Nós pesquisamos na internet. O cara acha que é um vampiro.

Era a primeira vez que eu ouvia alguém, além de Lucius e da minha família, usar aquela palavra. Meu sangue congelou.

– O quê?

– Um vampiro – repetiu Ethan.

– E você sabe disso – declarou Frank, cutucando meu ombro.

– Vocês dois são malucos. Prestem atenção no que estão falando.

– Existe um site só sobre a família do Luc, os tais da Romênia – disse Ethan.

Frank deu um risinho.

– E sabe o que fazem na Romênia, com os vampiros?

Engoli em seco. *É, eu sei.*

Frank fez um gesto como se cravasse uma estaca no peito.

– Eles já fizeram isso. De verdade. Fizeram com a família do Luc. Com os pais dele.

– E a gente não gosta de gente esquisita por aqui – afirmou Dormand.

Havia algo realmente ameaçador no modo como ele disse aquilo. Eu me forcei a rir. Mas meu riso pareceu superficial e medroso.

– Vocês dois são sem-noção.

– Ah, acho que não...

Frank foi interrompido pela batida de uma porta acima de nós e o som de tênis correndo na escada.

– Você está aí – gritou Faith Crosse, jogando-se nos braços de Ethan, quase me derrubando nos últimos degraus.

Ela começou a soluçar, agarrando Ethan. Ele a segurava frouxamente, com a confusão estampada no rosto apático e idiota.

– O que foi, gata?

– Ele terminou comigo – choramingou ela. – Aquela aberração...

Pronto. Eu ia ter que comprar um dicionário de sinônimos para dar a cada um deles na formatura.

– ...terminou comigo – repetiu ela, afastando-se e apontando para o peito com o polegar. – Deu o fora em mim! Faith Crosse!

De repente ela percebeu que eu estava ali e voltou sua ira para mim, apontando o dedo na minha direção.

– Você... vocês dois... vocês são...

– Aberrações? – sugeri.

– É! Odeio vocês dois. – Em seguida se virou para Ethan, abraçando-o. – Nem sei por que rompi com você. É como se ele tivesse me enfeitado. Mas agora tudo parece esquisito demais.

Ela começou a chorar, grudada no Ethan. A coisa me pareceu um pouco exagerada, mas o cara estava engolindo. Deu um tapinha nas costas dela com a mão grandalhona.

– Senti tanto sua falta! – disse Faith, soluçando. – Por que fui me ligar naquele cara?

Parte de mim estava imensamente aliviada. Lucius tinha voltado a si. Tinha mandado Faith passear. *Talvez, apenas talvez, fosse um sinal de que iria honrar o pacto...*

Minha alegria durou pouco. Soltando-se de Ethan, Faith voltou a me encarar, os olhos estreitados em fendas, a boca retorcida de fúria. Apontou aquele dedo para mim de novo, falando por entre os dentes trincados e as lágrimas.

– Diga ao seu precioso Lucius Vladescu que ninguém, ninguém, dá o fora em Faith Crosse. Ele vai se arrepender.

Faith ainda estava me encarando furiosa quando cheguei ao topo da escada e olhei para ela.

– Ele me paga – gritou Faith para mim.

Acreditei nela.

Tudo o que eu havia posto em movimento com aquele copo de sangue derramado estava fugindo ao controle mais depressa ainda do que eu poderia supor.

Eu nunca tinha acreditado que Frank Dormand conseguiria ligar Lucius à palavra *vampiro*. Mas ele conseguiu. E agora Faith estava

furiosa com Lucius.

Por mais idiota que fosse, Frank descobrira a verdade. E Faith era a pessoa certa para usá-la sem misericórdia.

Eu tinha subestimado meus inimigos.

Lucius diria que eu havia cometido um erro de principiante. O erro de uma garota que não estava pronta para comandar legiões de vampiros. Eu tinha muito a aprender e não havia tempo suficiente para isso.

# CAPÍTULO 51

— Lucius? – chamei. Minha voz ecoou no ginásio quase vazio.

O amplo espaço estava praticamente escuro, com apenas uma fileira de luzes acesas. Na outra ponta da quadra, Lucius treinava arremessos sozinho, daquele modo repetitivo, ritualístico, que eu tinha visto antes: quicar, arremessar, recuperar... de novo e de novo e de novo, jamais errando. Jamais hesitando. Ele não se virou ao escutar minha voz e, sem saber se ele tinha ouvido, fui andando em sua direção pelo vasto piso de madeira.

— Lucius? – tentei de novo quando cheguei ao garrafão.

Ele passou a bola pelo aro e deixou-a quicar para longe, virando-se para mim, perplexo. Nada satisfeito.

— Jessica... como me achou?

— Vi você sair com a bola e está frio demais para jogar lá fora – respondi. Olhei o ginásio vazio. – Resolvi ver se você estava aqui.

— Como entrou? A escola está trancada.

— Do mesmo modo que você. Bati na janela onde o zelador estava trabalhando. Ele disse onde eu podia encontrar você.

— Ele costuma deixar a porta que fica mais perto do ginásio aberta para mim. Garanti que violar as regras valesse a pena para ele, é claro.

Parte da raiva parecia ter se esvaído de Lucius, como se houvesse se curado junto com os ferimentos. Mas o antigo Lucius não estava de volta. O vampiro à minha frente parecia uma encarnação novinha em folha.

— Você está bem? – perguntei. – Ouvi falar sobre a Faith. Que você terminou com ela.

– É. Já havia rendido o suficiente, como acontece com esse tipo de coisa.

Percebi que Lucius e eu estávamos muito perto do lugar onde havíamos dançado, no baile de Natal, que parecia ter rolado numa vida anterior, apesar de apenas algumas semanas terem se passado. Por mais que tivéssemos ficado próximos naquela noite – nosso sangue quase se misturando –, parecíamos completamente distantes no ginásio vazio. Era como se eu estivesse parada do outro lado da quadra. Em outro planeta.

– Eu cometi um erro, Lucius, bebendo o sangue e deixando que Faith me visse.

– Já cometi erros piores, Jessica. Não se preocupe desnecessariamente.

– Mas agora Frank está falando que você é um vampiro, Faith está revoltada e todo mundo está fofocando. Até Mindy se afastou de mim, com medo dos boatos.

– É, muitas coisas parecem estar convergindo.

Lucius não deu um sorriso torto, como eu esperava. Estava estranhamente silencioso. Numa calma quase sobrenatural.

– O que vai fazer, Lucius?

Ele me deu as costas e arremessou a bola, convertendo uma cesta com facilidade.

– Jogar basquete, Jessica. E esperar.

– Lucius...

– Boa noite, Jessica – disse ele, abafando qualquer resposta que eu pudesse ter dado com o som da bola quicando no piso de madeira, o guincho do tênis na quadra e o chiado da bola passando pela borda. De novo, de novo e de novo.

## CAPÍTULO 52

— Oi, Mindy.

Apoiei as costas na parede de ladrilhos do ginásio e me sentei ao lado da minha amiga, que tinha sido eliminada pouco antes de mim.

— Parece que isso doeu. Mindy evitou meu olhar. Ficou observando o jogo de queimado como se tivesse feito uma aposta de um milhão de dólares em quem venceria.

— Foi só uma bolada.

— Mas aquela idiota da Dane mirou bem na sua cabeça.

Mindy se afastou só um pouco. Continuava sem me olhar.

— Não doeu tanto assim.

— Ainda está com raiva de mim? Ou só assustada? — perguntei.

Mindy deu de ombros.

— Um pouco dos dois, eu acho.

— Ah. Porque primeiro parecia que você sempre tinha uma desculpa para a gente não almoçar juntas. Depois desaprendeu a retornar telefonemas... Está me evitando há *duas semanas*, Mindy.

Mindy remexeu nos cadarços do tênis, amarrando-os de novo com o tipo de concentração empregada por crianças de 5 anos.

— Estou ocupada, só isso.

— Você não está *tão* ocupada.

Finalmente Mindy me olhou.

— Desculpa, Jess, mas...

— Mas o quê?

— A coisa ficou esquisita demais para mim.

— Então você acredita nos boatos.

Ela voltou a acompanhar o jogo de queimada.

– Não sei no que acreditar. E você não me conta nada.

– É complicado. Mas se puder confiar em mim por enquanto, até eu resolver...

Mindy se virou para mim de novo e dessa vez havia medo em seus olhos.

– Não é só com relação a você, Jess.

– Então o que é?

– É... ele. Foi ele que mudou você. Ele fez alguma coisa com você. E fez com Faith também. Ela mostrou os arranhões para as pessoas...

Mindy não precisava esclarecer quem era "ele": Lucius.

– Tudo estava normal até que ele chegou e mudou você – disse Mindy, com sofrimento na voz, como se Lucius tivesse roubado alguma coisa dela. E acho que, segundo o ponto de vista de minha amiga, tinha mesmo.

– Não é culpa do Lucius. Quero dizer, não é culpa de ninguém, porque tudo está tranquilo.

– Não está, Jess. – O controle de Mindy foi se desfazendo. – Você sabe que gosto do Lukey... eu *gostava* do Lukey. Mas estão dizendo que ele não é normal. As pessoas estão *com medo*.

– Você não tem do que ter medo.

Mindy tentou sorrir mas não conseguiu.

– Se você diz, Jess...

– Você vai ao meu aniversário, não vai? – perguntei.

Faltavam poucas semanas para eu completar 18 anos. Mindy e eu sempre havíamos comemorado os aniversários juntas. Trocávamos presentes, comíamos bolo e fazíamos pedidos, lado a lado, desde os 4 anos. Sacudi a mão dela.

– Vai estar lá?

Mas a força com que Mindy puxou a mão de volta e o modo como olhou ao redor para ver se alguém teria visto aquilo me revelou que a tradição chegara ao fim.

– Foi mal, Jess – disse Mindy, a garganta parecendo apertada. – Não posso. Não se *e/e* estiver lá.

– Por favor, Mindy...

Mas não tive a chance de convencê-la, porque uma bola perdida acertou a parede logo acima da minha cabeça. Meu grito involuntário alertou a professora Larson para o fato de que Mindy e eu estávamos ali, à toa, e ela soprou seu apito.

– Tragam esse rabo de volta para cá ou vão correr em volta da quadra – berrou ela, batendo palmas com força. – Não fiquem aí paradas engordando, suas preguiçosas!

Levantei-me lentamente, com as costas deslizando pela parede, sempre procurando gastar o máximo de tempo possível da aula de educação física. Mas Mindy ficou de pé num instante, entrando na confusão, pegando a bola e arremessando-a contra nossas colegas com uma violência que me deixou pasma. Eu nunca tinha visto Mindy Stankowicz participar de verdade da aula de educação física. Ela sempre se esforçava ao máximo para ser a primeira a ser eliminada de um jogo ou fingir que havia se machucado. E era a atriz mais convincente que já conheci para representar uma crise de cólica. Num só mês conseguiu ficar menstruada durante três semanas seguidas. Mas agora Mindy corria pela quadra, pegando cada bola perdida em que conseguia pôr as mãos, disparando como uma metralhadora num filme de gângster. E talvez me imaginasse lá, encolhida contra a parede.

– Venha para cá também, Packwood! – gritou a professora Larson, soprando o apito de novo. – Agora!

Mas achei melhor ignorá-la. Fiquei só olhando para Mindy durante alguns instantes, depois fui para o vestiário, pedindo licença com uma dignidade decidida que minha professora de educação física pareceu incapaz de contradizer, pois nem tentou dar a ordem outra vez.

## CAPÍTULO 53

### – Sra. Wilhelm?

Levantei o olhar de um rabisco elaborado que estivera fazendo no caderno e vi Frank Dormand balançando sua mão gorda, tentando atrair a atenção da professora. Eu nunca tinha visto Frank levantar a mão para nada, então achei que ele estivesse com diarreia e precisasse de permissão para ir ao banheiro ou... na verdade não consegui pensar em nenhum outro motivo para um imbecil como Frank chamar a atenção para si mesmo numa sala de aula. Por isso o que ele disse em seguida me surpreendeu totalmente.

– Diga, Frank – respondeu a Sra. Wilhelm, parecendo tão perplexa quanto eu.

– Fiz um relatório sobre um livro.

*O quê?*

– Nossa! – A Sra. Wilhelm não sabia se deveria ficar feliz, aterrorizada ou as duas coisas. – Fez? Bom, você não tinha sido escolhido...

– Eu sei – disse Frank. – Mas estava tão interessado no livro que o li antes do tempo.

Dava para ver que a Sra. Wilhelm estava um pouco intrigada, apesar de suas dúvidas óbvias. Ouvir que um aluno – especialmente um péssimo aluno como Frank – tinha lido um livro antes do tempo... bom, devia ser o mesmo que ganhar na loteria e encontrar o amor verdadeiro num dia só.

– Leu? – repetiu ela, com um sutil brilho nos olhos.

Algo naquela situação me deu a impressão de estar muito errado. Virei-me para Lucius, um pouco alarmada, mas ele apenas

observava, os olhos plácidos, com aquela calma nova e estranha que havia cultivado.

– E o que você leu? – indagou nossa professora.

– *Drácula* – anunciou Frank. – E estou preparado para falar sobre ele.

*Ah, não. Ah, por favor, não.* Agora estávamos numa espécie de terreno perigoso. Frank e Faith haviam tramado alguma coisa. *Por favor, Sra. Wilhelm, diga a ele para calar a boca.*

– Bem, Frank, ainda faltam algumas semanas para lermos Bram Stoker – ponderou ela.

– Eu sei, mas fiquei empolgado com o livro. Me fez pensar em muitas coisas. Quero falar sobre ele para a turma.

A Sra. Wilhelm hesitou por mais um segundo, mas a ideia de um aluno medíocre ter descoberto coisas *em que pensar* era de mais para ela.

– Então, por favor, Frank. Compartilhe seu relatório conosco.

Ela se sentou enquanto Frank se espremia para sair de sua carteira e andava pesadamente até a frente da sala.

Meu coração havia disparado. Olhei para Mindy, mas ela manteve a cabeça voltada para a frente. *Que diabo iria acontecer? Será que minha ex-melhor amiga sabia?*

Frank sacudiu uma folha de caderno e pigarreou. Então leu, daquele seu jeito monótono e desajeitado:

– O que surpreende no *Drácula* de Bram Stoker é o fato de ele se basear na história real de um vampiro que viveu na Romênia. O nome desse vampiro era Vlad, o Empalador, que é meio parecido com o sobrenome Vladescu.

*Cala a boca, Frank...*

Atrás de mim, Faith riu baixinho e sussurrou “Ops!” de modo que apenas Lucius e eu escutássemos.

– Algumas pessoas dizem que os vampiros ainda existem – continuou Frank. – Se você procurar na internet vai ver que há um

monte de informações sobre pessoas que bebem sangue, *sangue humano*, e se dizem vampiros. Muitos desses malucos vivem na Romênia, onde costumam ser mortos porque as pessoas normais não querem conviver com eles.

Frank parou e olhou para um ponto atrás de mim. Para Lucius. *Não.*

– Franklin, não sei se isso é apropriado – interveio a Sra. Wilhelm, colocando-se de pé.

Mas Frank retomou a leitura, mais depressa, antes que alguém pudesse impedi-lo.

– Encontrei até nomes de pessoas que bebem sangue. Um monte de gente que diz que é vampiro tem o sobrenome Vladescu, como Lucius. É uma coincidência estranha.

– Frank, sente-se agora! – ordenou a professora.

Mas era tarde demais. Os murmúrios haviam começado e todo mundo se virou boquiaberto para Lucius. Todo mundo menos eu. Eu apenas olhei direto para a frente, talvez porque meu coração houvesse parado e eu estivesse tecnicamente morta. Meus dedos, que apertavam a mesa, estavam frios e rígidos.

– Vocês podem checar na internet – concluiu Frank, ignorando a professora. – Vampiros. Iguais aos do livro. – Ele fez uma pausa. – E esse é o meu relatório.

Frank dobrou seu papel e o enfiou no bolso de trás, com um sorriso presunçoso. Um sorriso que sumiu mais ou menos no mesmo instante em que uma sombra foi lançada sobre a minha mesa.

*Lucius, não entra nessa.*

Mas é claro que um príncipe vampiro não ficaria parado deixando que brincassem com ele. Lucius foi até a frente da sala e o sorriso de Frank desapareceu por completo.

– Queria apresentar algum argumento com seu “relatório” incoerente e mal concebido, Sr. Dormand? – perguntou Lucius,

parado diante de Frank. Suas costas estavam viradas para a turma, mas dava para ver a tensão nos ombros largos. Como um gato musculoso pronto para atacar um rato gordo.

– Lucius – disse a Sra. Wilhelm, avançando rapidamente.

Lucius a ignorou. Ele se inclinou sobre Frank, cutucando o peito do valentão com o dedo indicador, empurrando-o contra o quadro branco.

– Porque se tinha alguma coisa a dizer, deveria ser mais direto. Você não é inteligente o bastante para ser sutil.

– Chame a segurança – ordenou a Sra. Wilhelm a Dirk Bryce, que estava sentado mais perto da porta. – Corra!

Dirk hesitou por um instante, como se estivesse com medo de perder a ação, depois disparou como uma bala pelo corredor.

Desviando-se do dedo de Lucius, Frank engoliu em seco, olhando os colegas de turma. Pareceu reunir alguma coragem com a presença deles.

– O que estou dizendo é que seus pais foram mortos porque eram vampiros sugadores de sangue. Está claro o bastante?

– Franklin Dormand, pare com isso agora! – berrou a Sra. Wilhelm, puxando os ombros de Frank e levando-o para mais longe de Lucius.

– Você está me acusando de ser um vampiro? – perguntou Lucius, acompanhando passo a passo o recuo de Frank. – Por que eu sou mesmo...

– Não! – berrei, me levantando da cadeira e correndo até Lucius. Agarrei seu braço e o puxei com o máximo de força que pude. – Não deixa o Frank provocar você.

Lucius se virou, furioso, como se fosse me empurrar, mas nossos olhares se encontraram e ele recuperou o autocontrole. A nova resignação fez seus olhos ficarem vítreos de novo. Ele soltou meus dedos do seu braço com delicadeza. Comecei a segurá-lo outra vez, como se pudesse silenciá-lo com minhas mãos, mas, no

último segundo, deixei o braço tombar ao lado do corpo. Não havia nada que eu pudesse fazer.

Toda a turma mergulhou num silêncio fantasmagórico enquanto eu e Lucius nos encarávamos. Eu implorava em silêncio para ele não dizer mais nada que o prejudicasse. Para não provocar uma briga de verdade. Lucius me desafiava com um não dito *“Por que não agora? Por que não deixar que o fim comece?”*.

Dava para ouvir a respiração ofegante de Frank, Lucius e a Sra. Wilhelm enquanto todos esperávamos o que poderia acontecer em seguida. Atingíramos o ponto crítico. Estávamos nos equilibrando à beira do caos – ou da tranquilidade.

Lucius encontrou um modo de optar pela tranquilidade.

Virou-se lentamente de volta para Frank.

– Da próxima vez que tiver algo a me dizer, seja direto. E esteja preparado para uma resposta que vai deixá-lo com vontade de ter tido o bom senso de permanecer calado.

– Isso é uma ameaça? – Frank se virou para a Sra. Wilhelm. – Ele não pode fazer ameaças! Isso é motivo para expulsão!

– Pare, Frank – disse a Sra. Wilhelm. – Pare agora.

Então a segurança chegou, invadiu a sala e nos encontrou de pé, tensos mas controlados.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou o policial da escola, ansioso para exercer um pouco de abuso de autoridade.

Esperei que o mundo caísse, mas, para minha surpresa, a Sra. Wilhelm não entregou a história toda. Sua voz estava um pouco trêmula, embora ela tenha permanecido firme enquanto dizia:

– Não está acontecendo nada. Foi só um pequeno desentendimento. Está tudo bem agora.

Os olhos de Frank se arregalaram e ele apontou para Lucius.

– Mas ele acabou de me ameaçar...

– SILÊNCIO! – trovejou a Sra. Wilhelm, com mais força do que eu jamais a ouvira usar. – SILÊNCIO, FRANK!

Demorei alguns segundos para deduzir o que ela estava fazendo. Protegendo Lucius. Seu favorito. O único aluno que amava a literatura tanto quanto ela. Ele poderia ser um sugador de sangue, mas, para a Sra. Wilhelm, Lucius Vladescu sempre seria o cara da fileira dos fundos que entendia metáforas ocultas, simbolismos obscuros e as paixões sombrias que consumiam um personagem fictício chamado Heathcliff. A boa e velha Sra. Wilhelm protegeria Lucius dos ventos uivantes enquanto ele estivesse em sua sala de aula.

Infelizmente, Lucius não poderia passar a vida inteira na aula de literatura inglesa.

Enquanto a turma saía da sala, olhei para Faith Crosse. A sugestão de um sorriso presunçoso, divertido e satisfeito reluzia em seus lábios rosa- -algodão-doce, com excesso de brilho.

# CAPÍTULO 54

– Jess, apague as velas.

Meu aniversário de 18 anos. Deveria ser um dos pontos altos da minha vida, mas foi horrível. Deprimente. Eu não tinha amigos e, portanto, não tinha festa. Meu único convidado, claro, era o tio Dorin, cuja presença contínua havíamos finalmente revelado a Lucius e a meus pais.

Meu tio estava sentado à mesa, observando tudo com seus olhinhos brilhantes.

– Isso é adorável – ficava dizendo ele. – É o máximo.

– A cera está pingando – avisou mamãe, dando-me um cutucão. Ela havia feito um bolo vegano com xarope de arroz, leite de soja e suco de maçã sem açúcar. *Mas que delícia*. Mesmo assim soprei, para deixá-la feliz. As velas estremeeceram e se apagaram. Não perdi tempo fazendo um pedido.

– Parabéns! – disse mamãe, tentando animar a festinha.

Lucius me olhou do outro lado da mesa enquanto mamãe cortava o pseudobolo. Se existe uma coisa pior do que um vampiro furioso é sua versão impenetrável. Ninguém pode exibir um olhar vazio como um vampiro. Devolvi o olhar. Eu sentia sua falta. Se pelo menos ele falasse comigo... Lucius devia estar solitário. Todo mundo o evitava na escola, sussurrando pelas suas costas, enquanto a história do relatório de Frank se espalhava nos corredores, dando mais força aos boatos que já circulavam. O fato de Lucius ter praticamente admitido que era um morto-vivo, bem na frente da turma, não havia ajudado a acalmar a situação.

De repente não era incomum ouvir a palavra “vampiro” sussurrada nos corredores da Escola Woodrow Wilson.

– Ei, isso está uma delícia – disse papai, comendo sua fatia de bolo.

*Ele acredita mesmo nisso?*

– Temos um presente para você.

Mamãe sorriu, me entregando uma caixa embrulhada no papel alegre e amarrotado, rosa e amarelo, que vínhamos reutilizando desde que eu tinha uns 10 anos.

– Ah, presentes! – exclamou Dorin, batendo palmas. – Adoro presentes.

Tirei com cuidado o papel de embrulho para que mamãe pudesse guardá-lo para mais um ano. Dentro da caixa havia uma calculadora bem moderna e um cartão anunciando que eu tinha renovado a assinatura da revista *Mago da Matemática*. Lancei um olhar perplexo aos meus pais. Eles sabiam que eu havia saído da equipe de matemática.

– Talvez um dia você recupere o interesse – explicou mamãe.

Eu sabia o que ela queria dizer de verdade: talvez possa ser você mesma de novo. Vai superar Lucius e sua vida vai continuar.

– Obrigada, mamãe e papai. É um presente maravilhoso.

– Lucius, você também não tem um presente para Antanasia? – cutucou Dorin.

Lucius voltou bruscamente de algum devaneio particular.

– Ah, é. Claro.

Ele estivera tão distante, tão trancado em si mesmo que eu não esperava que fosse comprar algo para mim.

Olhei com ansiedade enquanto ele enfiava a mão no bolso da calça jeans, tirando uma caixa. Uma caixa minúscula. De veludo vermelho. Como aquelas em que se colocam anéis. Anéis de noivado.

Meus pais prenderam a respiração. De repente meu coração estava disparado.

Lucius empurrou a caixa por cima da mesa.

– Aqui. Feliz aniversário. Muitos anos de vida.

– Minha nossa – disse mamãe. – Não sei se...

Forcei meus dedos a não tremerem enquanto pegava a caixa e abria a tampa. *É agora? Será que Lucius mudou de ideia? Vamos em frente com o pacto?*

Mas não.

Dentro, num pequeno quadrado de veludo branco puríssimo, não estava um anel, e sim um colar, com uma pedra de um vermelho tão fechado que chegava a ser quase preto.

Era lindo.

E eu odiei.

Quase saí correndo por conta da decepção que apertou meu peito, tornando difícil respirar. Ao ver a caixa que serviria para um anel, eu acreditara mesmo que Lucius havia voltado atrás. Por um breve momento eu tinha visualizado nós dois juntos. Todo o nosso futuro passou diante dos meus olhos. Eu. Lucius. Paz entre os vampiros. A segurança nos braços um do outro, imunes às ameaças dos Anciões ou dos nossos colegas de escola. Por um breve momento, eu havia pensado que a caixinha guardava a promessa de tudo isso.

Olhando para Lucius do outro lado da mesa, percebi que minhas esperanças haviam sido absurdas. Ele não tinha a postura de um homem pedindo alguém em casamento. Estava sentado empertigado, os olhos vazios, contido em seu novo estado, serenamente desinteressado. Lucius Vladescu não era um pretendente prestes a se casar. Era um vampiro prestes a ser destruído. Esperando o que se abateria sobre ele.

Senti vontade de gritar e jogar o colar do outro lado da sala, como uma criança mimada que não tivesse ganhado o brinquedo que queria. Mas eu não era uma criança mimada. Era uma jovem mulher arrasada e precisava demonstrar uma elegância que não possuía.

– Obrigada – consegui dizer. – É lindo. – Então fechei a tampa e deixei a caixa de lado. – Estou cansada. Se vocês não se importarem, acho que vou subir.

Meus pais pareceram tristes e esgotados e percebi que eles também estavam sendo arrastados para baixo por meu sofrimento aparente demais e pela preocupação comigo e com Lucius. Empurrando a cadeira para trás, fui até mamãe e lhe dei um abraço apertado.

– Muito obrigada pela festa. Você é a melhor mãe do mundo.

Fui até meu pai.

– E você é o melhor pai. De todos os tempos.

– Você é uma jovem linda, Jessica – disse papai, a voz embargada. – Nós dois temos orgulho de você.

Soltando-me do abraço de papai, cumprimentei Dorin e Lucius com a cabeça.

– Boa noite e obrigada – falei.

– Boa noite, Antanasia – cantarolou Dorin. – Muitos anos de vida!

Lucius não disse uma palavra. Só ficou lá parado, olhando o presente rejeitado.

Mantive a compostura por todo o caminho até o quarto, mesmo depois de estar fora do alcance da audição da minha família. Enquanto me despia e vestia a camisola, não cedi às lágrimas. Segurei os soluços até me deitar na cama. Enterrei o rosto no travesseiro e os abafei, para que ninguém ouvisse. Não deixaria meus pais mais preocupados do que já estavam.

– Jessica.

A voz dele veio da porta.

Através das lágrimas, vi a forma ondulante de Lucius parado na entrada. Enxuguei os olhos, sem graça por ter sido surpreendida chorando.

Ele entrou no quarto, fechou a porta em silêncio e veio até mim, sentando-se na cama.

– Por favor, não chore – disse ele, me tranquilizando. – Não há nada que valha suas lágrimas. É seu aniversário.

– Está tudo errado – protestei, esmagando o choro com as palmas das mãos.

– Não, Jessica. – Lucius puxou minhas mãos. Passou gentilmente os polegares sob meus olhos, primeiro um e depois o outro, enxugando as lágrimas. – Para você as coisas vão ficar bem. Este é um dia feliz. Seus 18 anos são um marco importante. Por favor, não suporto ver suas lágrimas.

– Um dia feliz?

Eu estava incrédula.

– A caixa... você pensou que era outra coisa. Eu vi seu rosto. Você ficou desapontada. Pensou que eu tivesse mudado de ideia...

– Pensei – respondi, ainda fungando.

– Não, Jessica. – Ele balançou a cabeça. – Nunca. Você precisa esquecer aquilo tudo.

– Não posso – respondi, estendendo a mão para ele. Mas Lucius se levantou depressa, quase como se tivesse medo de me tocar, e eu sabia que, apesar do seu distanciamento e da sua frieza, uma parte dele ainda se sentia atraída por mim. Sempre soube que ele se sentira atraído por mim, como eu me sentira atraída por ele.

– Você não me deu a chance de explicar meu presente – declarou ele, enfiando a mão de novo no bolso e pegando a caixa. Em seguida a entregou a mim. – É melhor do que um anel. Melhor do que a promessa de... o quê? A eternidade com um vampiro condenado?

– Nada me deixaria mais feliz do que você concordar com o pacto – falei, recusando-me a pegar a caixa.

– Ah, Jessica, abandone essas ideias em favor do que eu *posso* oferecer. – Ele estendeu a mão de novo, com a caixa na palma. –

Você não reconheceu o conteúdo?

Eu estava confusa, mas me levantei, curiosa, pegando a caixa.

– De onde?

– Da foto. Sei que olhou para ela, Jessica. Eu sabia que você iria olhar, na hora certa. Quando estivesse preparada.

*Minha mãe.* Era o colar da foto que ele havia enfiado no livro. Abri a tampa de novo.

– Ah, Lucius. Onde conseguiu?

– Ele foi guardado para você, na Romênia. Para lhe ser dado nesta ocasião. Era o pertence preferido de sua mãe e é uma honra para mim lhe entregar uma recordação tão importante. Espero que você o use durante muitos anos, com boa saúde e boa sorte.

Fui até a mesa e peguei a foto na moldura de prata, olhando o jaspe-sanguíneo que enfeitava o pescoço da minha mãe. A pedra que agora eu segurava na outra mão era uma prova palpável da existência de Mihaela Dragomir. Uma ligação verdadeira com ela. A pedra se destacava sobre o veludo branco e era de um vermelho fechado, como um coração de verdade. Um coração transplantado da minha mãe para mim.

Lucius veio por trás, pondo as mãos nos meus ombros.

– Ela não é linda, poderosa, majestosa... como você? – perguntou ele.

– Acredita mesmo nisso?

– Acredito. E acho que você também passou a acreditar.

– Então...

– Não. – Lucius nem me permitiu falar do pacto.

Pus a foto novamente sobre a mesa e me virei para o espelho. Tirando o colar da caixa, encostei-o diante do pescoço.

Lucius me acompanhou pelo reflexo da minha imagem.

– Permita-me, por favor.

Outra vez ele parou atrás de mim, tirando o cordão delicado dos meus dedos. Afastei o cabelo do pescoço e Lucius passou o cordão

em volta e prendeu o fecho.

A pedra era fria ao encostar na pele, como devia ser o toque de vampira da minha mãe. Enquanto eu me olhava no espelho, o poder que eu havia sentido crescendo dentro de mim – o poder dela – surgiu com uma força ainda maior. A conexão que eu viera estabelecendo com Mihaela Dragomir finalmente estava soldada junto ao fecho daquele frágil cordão e eu quase podia ouvi-la sussurrar no meu ouvido: *“Não o considere perdido ainda, Antanasia. Esse não é o nosso estilo. Sua vontade é tão forte quanto a dele e o amor de Lucius é tão forte quanto o seu.”*

Virei-me para encarar Lucius e não esperei que ele se afastasse, me puxasse para perto ou fizesse qualquer movimento. Pus as mãos em seu peito, deslizei-as para cima e envolvi seu pescoço com os braços.

– Antanasia, isso não pode acontecer...

Lucius agarrou meus pulsos com as mãos fortes, como se quisesse me empurrar.

– Pode acontecer – garanti, segurando-o com firmeza, os dedos se cruzando atrás do pescoço dele, afagando seu cabelo preto.

– Por que não sou capaz de fazer o que deveria? – gemeu ele, cedendo com facilidade, não só aceitando meu abraço mas correspondendo a ele. – Eu já deveria ter ido embora... Acho que desperdiço tempo só de estar perto de você. E em troca de quê? De alguns momentos que em breve não serão nada além de lembranças para você? Uma anotação trágica no diário de uma garota?

– Você ficou por causa deste momento – respondi, permitindo, agora, que ele assumisse o controle, como sabia que ele iria querer. Eu exercera todo o poder de que precisava. Tinha atraído Lucius de volta, resgatando-o daquela distância fria. Agora eu queria que *ele me beijasse*. Que mordesse meu pescoço. Que realizasse o que nós dois queríamos havia tanto tempo. Desde

que ele tinha se inclinado sobre mim na cozinha, no dia em que chegou à minha casa, a mão roçando no meu rosto. Desde que havia me encarado e dito: "*Seria realmente tão repugnante, Antanasia, ficar comigo?*"

Mesmo naquela época eu sabia, bem no fundo, que não seria nem um pouco repugnante. Que seria algo quilômetros e quilômetros além de *legal*. Que poderia ser simplesmente a glória.

Lucius hesitou por só mais um instante, olhando-me nos olhos.

– Não sou menos perigoso para você, Antanasia – sussurrou ele.  
– O que quer que façamos será apenas por esta noite. Não muda nada. Vou partir para encontrar meu destino e você ficará aqui para seguir adiante com o seu.

– Não pense nisso agora – implorei. Eu não acreditava que o que faríamos naquela noite não mudaria nada. Acreditava que poderia mudar tudo. – Só esqueça o futuro por enquanto.

– Como quiser, minha princesa – disse Lucius, fechando os olhos, se entregando a mim. Em seguida se inclinou para roçar os lábios frios, duros, contra os meus, primeiro com delicadeza, depois com mais insistência.

Enfie os dedos mais fundo em seus cabelos, puxando-o contra mim, e, quando fiz isso, Lucius soltou um gemido faminto, passando as mãos por meus cachos escuros, e nos beijamos com mais força, como se estivéssemos famintos um pelo outro. Como se estivéssemos devorando um ao outro.

E enquanto nos beijávamos, nos beijávamos de verdade, algo dentro de mim foi esmagado, como um átomo se partindo, irrompendo com toda a força de um núcleo despedaçado. Mas eu também estava em paz. Era como se tivesse encontrado meu lugar no Universo, no caos, e Lucius e eu pudéssemos seguir juntos por todo o tempo sem fim, como pi, existindo infinitamente, irracionalmente, girando para sempre.

Seus lábios deslizaram em direção ao meu pescoço e meus incisivos começaram a doer ao toque de suas presas, que roçaram minha pele, afiadas. Ele passou os dentes por toda a extensão do pescoço, até onde o jaspe- -sanguíneo repousava, perto do esterno.

– Lucius, sim – insisti, mostrando o pescoço o máximo que podia, oferecendo e implorando. – Não pare... por favor, não pare desta vez...

*Se ele me morder, será meu... Para sempre...*

– Não, Antanasia. – Ele lutou contra si mesmo, mas o apertei de novo, sentindo suas presas morderem minha carne, quase o bastante para rasgar a pele, e meus dentes se afiaram contra as gengivas, perto de atravessá-las.

– Sim, Lucius... minhas presas... estou sentindo...

– *Não.*

Lucius recuperou o controle, mas era um controle tênue, e ele deslizou as mãos envolvendo meu rosto, afastando-se, me olhando nos olhos de novo.

– Chegamos perto demais, Antanasia... O beijo deve bastar. Não serei eu a condená-la, mesmo que você deseje isso. Não vou arrastá-la para a destruição também.

– Não entendo... – *Nós chegamos tão perto...*

– Por favor, nunca lamente isso, Antanasia – implorou ele, e seus olhos eram o oposto de frios e distanciados. De repente ele parecia abalado, quase desesperado. – Não fique com raiva quando eu for embora ou mudar. Por favor, só se lembre disso como foi de verdade e foi tudo para mim. Para o homem que sou agora.

– Você não vai mudar, Lucius – garanti, segurando seus pulsos, sem entender. O que nós tínhamos acabado de compartilhar... Com certeza nós dois, juntos, poderíamos selar pactos, acabar com guerras e reagir a qualquer desafio. Éramos da realeza

vampírica. E estávamos juntos. – Você não vai a lugar nenhum. Agora está tudo bem. Vai ficar bem.

– Não, Antanasia. Não está bem. Não vai ficar bem.

Até aquele momento eu não havia notado que meu quarto tinha sido rasgado por um clarão de luz vermelha, que produzia uma imitação bizarra de sangue nas paredes.

– Lucius? O que está acontecendo?

Ele não respondeu. E ainda me segurava quando papai entrou bruscamente no quarto.

– Lucius, a polícia está aqui – disse papai. Ele estava controlado, ainda que de maneira estranha. – Uma garota disse que foi mordida por um vampiro e identificou você.

– Lucius?

Olhei-o desesperada, esperando por uma resposta. Mas Lucius apenas me beijou mais uma vez, de leve, nos lábios, e se virou para o meu pai.

– É melhor que eu enfrente isso sozinho, Sr. Packwood – disse ele. – Por favor, deixe-me lidar com isso sem sua ajuda dessa vez.

Papai hesitou, depois ficou de lado e permitiu que Lucius saísse, me segurando enquanto eu tentava ir atrás.

# CAPÍTULO 55

— Ela está armando contra o Lucius – falei para os meus pais. – Faith jurou que iria se vingar por ele ter terminado o namoro. Ela inventou tudo.

Os dois trocaram um olhar de dúvida.

– Lucius terminou com Faith há dias – acrescentei, defendendo-o. – E tenho quase certeza de que foi porque tinha medo de acabar mordendo aquela garota. Ele sabia que estava perdendo o controle, mas se conteve.

Mamãe lavava a louça da minha festa frustrada.

– Jessica, Lucius está passando por algo muito difícil, lutando consigo mesmo. Não podemos ter certeza do que aconteceu.

– Não aconteceu nada!

– E “nada” estava acontecendo no seu quarto? – perguntou papai. – Você está envolvida demais com Lucius para ser imparcial, Jessica.

– Ele é um Vladescu – argumentou mamãe, mergulhando os pratos na pia. Parecia muito chateada. – Ele deseja não ser assim, mas pode não conseguir lutar contra esse seu lado. Talvez tenha sido até perigoso deixá-lo morar aqui. Nem sei mais se fizemos a coisa certa.

– Vocês estão sendo injustos. Só porque os tios dele são horríveis não significa que Lucius seja um monstro! Ele *não* mordeu Faith. Por favor, vamos até a delegacia!

Meus pais trocaram outro olhar inseguro. Então papai disse:

– Jessica, independentemente de como a gente se sinta, Lucius pediu para cuidar disso sozinho. Vamos respeitar o desejo dele. E você também vai.

– Agora eu tenho 18 anos – observei. – Não preciso da permissão de vocês para fazer nada.

– Mas precisa de um carro – observou mamãe.

Corri até o gancho perto da porta dos fundos, onde meus pais guardavam as chaves. Tinham sumido.

– Cadê as chaves?

– Isso é para o seu próprio bem, Jess – disse papai. – Você foi muito a fundo com Lucius. Precisa recuar.

– E é nossa responsabilidade protegê-la – acrescentou mamãe. – Queremos ajudar Lucius também, é claro. Mas você é nossa maior prioridade.

Encarei os dois, me sentindo traída.

– Ele não nos quer agora, filha. Fizemos tudo o que podíamos – disse papai.

O telefone tocou e eu agarrei o aparelho.

– Lucius?

– Não, é a Mindy.

– Não posso falar agora...

– É sobre o Lucius – disse ela. Havia pânico em sua voz.

– O que é? O que está acontecendo?

– Não sei se devo contar.

– Diga logo, Mindy. Por favor.

– Eles estão fora de controle. Estão falando em espancar o cara pelo que ele fez com a Faith. Frank incitou todo mundo com aquele papo de vampiro. Eles estão malucos!

Meus dedos apertaram o fone.

– O que você ouviu exatamente?

– Tem uns caras... esperando o Lucius. Vão levá-lo para o celeiro do Jake e “dar uma lição nele”. – Ela fez uma pausa. – Estou com medo por ele, Jess. Não sei o que ele fez com você...

– Nada!

– Mas estou com medo por ele. Estão falando do sangue em você e dos arranhões em Faith e de como a perna dele se curou tão depressa... e de todas as coisas que acharam no site sobre a família do Lucius, Jess. – Ela fez outra pausa. – E Faith ouviu você chamar o cara de vampiro também. No estábulo.

*Aquele dia no estábulo, há milênios. Mais uma vez eu piorei as coisas para o Lucius. Pelo jeito, eu é que sou perigosa...*

– Eles ficam falando sobre vampiros e estacas – gritou Mindy.

– Estacas? – perguntei. O fone quase caiu da minha mão.

– É, Jess. Estão levando *estacas*, como se estivessem na Idade Média ou sei lá o quê! Para o caso de ele ser um vampiro de verdade! Eles piraram!

*Estacas. Pessoas fora de controle. Turbas. Meus pais biológicos foram destruídos dessa maneira...*

Lutei para permanecer calma.

– Eles disseram quando isso vai acontecer?

– Esta noite. Mais tarde. Vão pegar o Luc quando ele sair da delegacia. Todo mundo já soube que ele foi preso.

É claro. A rede de boatos devia estar frenética.

– Obrigada, Mindy.

– Eu... eu sei que a gente não tem sido amiga ultimamente... mas isso... isso é loucura. Achei que você deveria saber.

– Preciso desligar.

– Jess?

– O quê?

– Feliz aniversário.

– Tchau, Mindy.

Desliguei o telefone, escancarei a porta antes que meus pais pudessem me impedir e corri para selar Bela.

# CAPÍTULO 56

CARO VASILE,

*Desculpe o papel timbrado barato da Delegacia de Polícia de Mount Gretna. Tenho sorte de possuir ao menos isso para escrever a você.*

*Parece que fui acusado de "atacar" uma garota local, Faith Crosse, e de morder seu pescoço. Eles vão terminar de me "fichar" logo, portanto vou tentar ir "direto ao ponto", como dizem por aqui. Mais importante: eu NÃO cravei as presas naquela garota insuportável. Ela inventou o ferimento. Os policiais enfiaram uma série de fotos "chocantes" debaixo do meu nariz, observando minha reação. Não pude deixar de rir. Marcas de mordidas, sim. Mas de um vampiro? Não. Mas foi uma falsificação hábil. Faith sem dúvida é esperta. E aparenta ser imune à dor. As marcas pareciam bastante profundas. E havia uns bons hematomas. Bravo. Trabalho excelente.*

*Durante um período particularmente sombrio, cheguei a desfrutar da natureza tortuosa de Faith. Agora meu flerte retorna para me morder. Irônico, não?*

*Fora isso, sinto que o humor neste pequeno povoado está bastante implacável no momento. Ainda que eu deva ser liberado "com o compromisso de ficar à disposição" até que seja acusado formalmente, tenho uma forte suspeita – intuição de vampiro – de que "a coisa tá preta".*

*Ou, para usar termos que você terá mais facilidade de entender, a turba está se reunindo, como previ já há algum tempo.*

*Escrevo porque sei que você ansiou pelo prazer de me destruir pessoalmente por tê-lo desafiado – por violar o pacto e arruinar*

*seu plano. Ah, como deve ter ansiado por cravar fundo a estaca. Mas agora a tarefa será feita por um bando de adolescentes americanos ridículos. De certo modo eles foram melhores do que você, Vasile. É cruel da minha parte ficar feliz em privá-lo do que tanto quis? Sinto mesmo alguma alegria em saber que sempre lamentará que não tenha sido por suas mãos...*

*Dito isso, vou de boa vontade ao encontro do meu destino no humilde condado de Lebanon, na Pensilvânia. E, assim, a história se repete. Mais um Vladescu destruído. Lutarei para partir de modo tão corajoso e estoico quanto meus pais. Para manter a honra do clã – que é mais do que você fez, Vasile, segundo meu ponto de vista.*

*Também escrevo em favor de Jessica. Eu não a mordi, Vasile. Ela permanece sendo uma adolescente americana. Deixe-a assim. O sonho de uma princesa Dragomir acabou.*

*Há mais alguma coisa a dizer? Parece estranho, dada a minha queda pelas missivas cheias de divagações, que minha última carta seja tão breve. Mas, na verdade, estou morto – em mais de um sentido. (Quem pode resistir ao humor negro? Não é sinal de coragem rir da própria extinção?)*

*Confio esta carta ao Serviço Postal dos Estados Unidos. Uma organização muito confiável. É rara a burocracia à qual podemos confiar nossas últimas palavras. Acredito que esta vá encontrá-lo em curto tempo.*

*Seu sobrinho em sangue e memória,  
Lucius*

## CAPÍTULO 57

Os cascos de Bela trovejavam na noite chuvosa. Eu estava congelando na sela. Era o fim do inverno e a noite continuava gelada, a chuva misturada com neve batia no meu rosto, derretendo através da blusa fina. Não tive tempo de pegar um casaco.

– Anda, Bela – instiguei, batendo os calcanhares nos flancos, desejando que a égua seguisse mais depressa. Parecia que ela entendia minha urgência, porque voava pelo campo congelado. Rezei para que não caísse na toca de um bicho e quebrasse uma pata, porque a noite estava escura demais e nós corríamos de maneira imprudente pelo terreno irregular.

*Salvar Lucius... Salvar Lucius...* Era o que martelava nos meus ouvidos a cada batida de cascos.

À minha frente, o celeiro dos Zinn surgiu, cinza-claro e em arco, como uma lápide contra o céu. Um gritinho escapou dos meus lábios. Já havia carros ali. *Mas não posso estar atrasada demais. Não posso.* Quando saltei de cima de Bela antes mesmo de ela parar, escutei vozes dentro do celeiro. Vozes raivosas, masculinas, e um ruído de briga. Corri até o celeiro e abri a porta pesada, puxando-a para trás em seu trilho enferrujado.

Lá dentro, um pandemônio. A briga já estava acontecendo. A turba estava solta.

– Jake, não – gritei, vendo meu ex-namorado no meio da balbúrdia. Mas ele não prestou atenção. Ninguém sequer me notou quando corri para o meio da confusão, tentando tirar os garotos de cima do Lucius. Havia sangue por toda parte e punhos

voando enquanto Lucius lutava sozinho contra eles. Ele era muito forte, mas não o bastante para aguentar aquilo...

– Vou matar você pelo que fez com ela – gritava Ethan Strausser ao socar Lucius. Tentei agarrar os punhos de Ethan, mas alguém me puxou para longe, lançando-me contra uma parede. Voltei gritando para eles pararem, mas ninguém prestou atenção. Estavam embriagados de vingança, medo e ódio, ódio de alguém diferente deles.

– Parem – implorei. – Deixem ele em paz!

Lucius deve ter ouvido minha voz, porque se virou para mim, só por um segundo, e vi surpresa em seus olhos. Surpresa e resignação.

– Lucius, não – gritei, sabendo o que ele iria fazer.

Iria se destruir.

E então ele fez um movimento fatal. Virou-se para os garotos já furiosos e mostrou as presas.

A bravata de machão foi abandonada pelos agressores.

– Vampiro! – gritou Ethan, com terror e choque se misturando na voz.

– Filho da mãe... – xingou Frank Dormand, recuando, parecendo petrificado, como se de repente tivesse percebido que aquilo não era mais apenas um jogo. Ele havia liberado um poder que jamais esperara realmente, apesar de todas as suas histórias de vampiros, sites e estacas.

Ethan também se afastou cambaleando pelo piso coberto de feno, mas ainda tentando pegar algo atrás, às cegas.

Eu vi antes que ele a localizasse. A estaca. Feita em casa. Grosseira, porém fatal. Parcialmente enterrada no feno. Mergulhei para pegá-la, mas Jake também a viu e foi mais rápido. Agarrou-a e foi na direção de Lucius, que lutava para ficar de pé, pronto para se defender do lutador mais baixo, mas mesmo assim muito forte.

– Não, Jake! – gemi, me ajoelhando com dificuldade, e tentei agarrar as pernas dele, sem conseguir. Lucius rosnou e avançou também.

E então, como se fosse em câmera lenta, vi meu ex-namorado levantar o braço, saltar para a frente e enfiar a estaca no peito de Lucius.

– Jake... não! – gritei. Ou pensei ter gritado. Não me lembro de ter ouvido as palavras saírem de minha boca.

E numa fração de segundo tudo estava acabado.

Jake – o garoto *legal* – estava junto ao corpo de Lucius. O corpo totalmente imóvel de Lucius.

– O que você fez? – esbravejei no silêncio súbito.

Jake recuou, com o pedaço de madeira pesado, afiado e sangrento na mão.

– Tinha que ser eu – disse ele, me olhando com expressão arrasada. – Desculpa.

Eu não sabia o que ele queria dizer. Não me importava.

– Lucius – gemi, cambaleando pelo feno. Desmoronei ao lado dele, tentando sentir sua pulsação. Ela estava lá, porém mais fraca do que o normal. O sangue escorria por um buraco na sua camisa. Um buraco enorme. Olhei para o círculo de rostos. Rostos familiares. Garotos que eu conhecia da escola. Agora a raiva havia sumido e a consciência do que tinham feito parecia se assentar. Como puderam ter feito isso? – Chamem alguém para ajudar – implorei.

– Não, Antanasia – disse Lucius, baixinho.

Eu me curvei sobre ele, apertando gentilmente a mão no buraco em seu peito, como se pudesse parar o sangramento.

– Lucius...

– Acabou, Jessica – ele conseguiu dizer, com a voz suave. – Deixe para lá.

Uma voz forte e poderosa veio do canto mais escuro do celeiro.

– Saiam. Todos vocês. E nunca falem sobre isso. Nunca. Nada aconteceu aqui.

*Dorin.* Meu tio havia abandonado sua postura alegre e falava com uma autoridade inesperada enquanto emergia das sombras, caminhando com passos firmes, assumindo o controle.

Pés se arrastaram depressa no feno enquanto o grupo de adolescentes obedecia e se dispersava, correndo como se as palavras do vampiro fossem um estilingue lançando-os na noite.

De onde Dorin tinha vindo? Por que não havia chegado a tempo? Corri até ele, batendo os punhos manchados de sangue em seu peito.

– Você deixou isso acontecer! Devia ter protegido o Lucius!

– Saia, Jessica – insistiu Dorin, segurando minhas mãos. Ele era surpreendentemente forte. A tristeza enchia seus olhos. – Esse é o destino de Lucius. É o que ele deseja.

*Não. Não pode ser. Nós acabamos de nos beijar...*

– Como assim, “o que ele deseja”? – choraminguei, correndo de volta para Lucius, caindo de joelhos. – Nosso destino é ficarmos juntos, certo? Diga, Lucius.

– Não, Antanasia – respondeu ele, a voz fraca e sumindo. – Seu lugar é aqui. Tenha uma vida feliz. Uma vida longa. Uma vida humana.

– Não, Lucius. – Solucei, implorando que ele vivesse. Ele não podia desistir. – Quero viver com você.

– Não é para ser, Antanasia.

Juro que vi lágrimas em seus olhos negros, logo antes de eles se fecharem. Comecei a gritar e depois só me lembro das mãos de meu pai me levantando, puxando-me para longe, carregando-me – lutando contra nada e contra tudo – até a Kombi. Eu não sabia quando eles haviam chegado nem como tinham me encontrado.

Não importava.

Lucius havia morrido.

Fora destruído.

O corpo desapareceu. Dorin desapareceu. E, seguindo a instrução do vampiro, ninguém mencionou o que acontecera. Era como se a coisa toda tivesse sido um sonho. Não fosse o cordão no meu pescoço, o modo como o fecho parecia queimar no ponto onde os dedos dele o haviam lacrado, talvez eu mesma não acreditasse.

## CAPÍTULO 58

— **E** o prêmio de espírito escolar da Escola Woodrow Wilson vai para... Faith Crosse.

Meus dedos seguraram a cerca de arame enquanto a garota responsável pela destruição de Lucius caminhava até o tablado como uma espécie de heroína, subindo os degraus sob um coro de assobios e aplausos de um mar de formandos que usavam capelos e becas azul-marinho. Sob o capelo, os cabelos louros de Faith se agitavam como uma bandeira ao vento enquanto ela recebia o prêmio e acenava para a multidão.

O entorpecimento que eu havia alimentado cuidadosamente como estratégia para enfrentar a dor, a fúria e a perda quase se despedaçou ao ver Faith ser aplaudida e não sei como me contive para não soltar um grito.

*Por que vim assistir à formatura?* Eu havia me recusado a participar da cerimônia, mas alguma coisa perversa dentro de mim tinha me atraído para o campo de futebol. Eu estava ali para testemunhar meus colegas de escola receberem seus diplomas. A maior parte deles eu conhecia desde o jardim de infância. Alguns haviam participado do extermínio da pessoa que eu mais amara nesse mundo. Acho que queria ver o rosto deles. Haveria algum vestígio do ato maligno cometido no celeiro? Ou teriam se convencido de que nada acontecera, como Dorin aconselhara? O que me deixava mais arrasada era pensar que um ou dois deles acreditavam que tinham feito uma coisa boa. Será que Jake sentia isso? Ele dissera naquela noite: "Tinha que ser eu." O que isso significava?

– Antanasia. – A voz era baixa porém nítida. – Não adianta se torturar. Ainda que sonhar com vingança seja um comportamento muito típico de um vampiro.

Eu me virei e o vi.

Um vampiro ligeiramente gorducho, meio careca, a poucos metros de mim, encostado na parede de um quiosque. Usava uma camiseta azul- -marinho com o mascote da Wilson – um cachorro de aparência durona, com papada, chamado Woody – bordado no peito.

Encontrando meu olhar, o vampiro acenou.

Só de ver Dorin, alguém ligado a Lucius e àquela noite, senti vontade de vomitar. Quando meu estômago parou com os espasmos, comecei a andar feito uma zumbi.

Atrás de mim, ouvi mais aplausos enquanto Ethan Strausser ganhava o prêmio de melhor atleta.

Os aplausos pareciam vir de quilômetros de distância à medida que eu caminhava pela grama na direção de Dorin. Na direção de um passado breve porém intenso que ainda me consumia.

– Ora, ora, ora. Você está tão pálida e séria! – Dorin riu enquanto eu me aproximava. – Quase como uma vampira de verdade. – Ele me abraçou, mas fiquei rígida. Eu ainda não o perdoara por fracassar em proteger Lucius. – Por que não está se formando hoje, com os outros?

– Eles não significam nada para mim – respondi, me afastando dele.

– E no entanto está aqui!

– Dorin, esquece isso. O que *você* está fazendo aqui?

– Hum. – Ele franziu a testa. – É um negócio muito complicado. Muito difícil de explicar.

Eu não estava a fim de nada desafiador, mas perguntei assim mesmo:

– Que tipo de negócio complicado?

– Está havendo uma disputa ferrenha na Romênia. – Dorin suspirou, evitando meu olhar. – Na verdade é uma tremenda confusão. Você não deveria saber disso, é claro. Mas não achei justo mantê-la no escuro. Provavelmente fizemos isso por mais tempo que o recomendável. Foi ideia do Lucius. Não me culpe. Se ele soubesse que estou aqui...

Meus joelhos quase se dobraram e Dorin avançou depressa para segurar meu cotovelo.

– Firme, aí!

– Você disse... Lucius? Se *Lucius* soubesse que você está aqui? – *Mas isso é impossível... Lucius tinha sido destruído...*

Dorin pigarreou, parecendo culpado e nervoso.

– Ele achou que seria melhor fazer a coisa ao modo dele. Mas Lucius está arrasado e as coisas estão desmoronando na Romênia.

Agarrei Dorin pelos ombros, sacudindo-o com mais força do que jamais havia sacudido qualquer coisa na vida.

– LUCIUS... ESTÁ... VIVO?

– Ah, sim, bastante – admitiu Dorin, tentando se soltar. – Mas do jeito que as coisas vão...

É estranho como o alívio, a alegria e a fúria podem se misturar totalmente e, em circunstâncias como essas, a próxima coisa que a gente percebe é que está soluçando, gargalhando, dando socos no peito de um vampiro e empurrando-o de costas contra um quiosque.

Quando recuperei um nível mínimo de compostura fomos para casa pegar meu passaporte. Eu estava indo para a Romênia. Para casa. Encontrar Lucius.

## CAPÍTULO 59

— Então Jake se mostrou à altura do desafio, por assim dizer. Concordou com a trama toda. Disse que até admirava Lucius, apesar de tudo. Tinha algo a ver com Lucius defender você do valentão do Frank Dormand.

— E isso bastou para convencê-lo a cravar uma estaca no peito de Lucius?

Eu estava cética.

— Bom, eu posso tê-lo ameaçado também. Só um pouquinho — confirmou Dorin. — Mas Jake é um garoto legal. Foi uma coisa boa Lucius ter falado dele nas cartas para casa.

— Lucius tinha falado dele?

— Ah, claro — respondeu Dorin. — Ele vivia reclamando do garoto “atarracado e legal” que estava estragando toda a corte.

Legal. Aquela palavra de novo. Dessa vez me fez sorrir.

— É, Jake é um cara legal.

Se algum dia eu voltasse ao condado de Lebanon, iria agradecer a ele.

— Quer uma rosquinha?

— Não, obrigada. — Estávamos voando a uns 35 mil pés, em direção à Romênia, de volta à terra em que nasci, e Dorin me colocava a par de toda a história. Contava como havia atraído Jake num plano de última hora para cravar a estaca em Lucius, certificando-se de que Ethan Strausser ou algum outro fanático não tivesse uma chance.

Acabou que Jake quase havia ido longe demais.

— O garoto não conhece a própria força. — Dorin suspirou, sacudindo as rosquinhas que estava segurando. De algum modo

tinha conseguido uns 10 sacos com a comissária de bordo. – O jovem Sr. Zinn ficou bastante apreensivo durante um bom tempo. Mas a encenação precisava ser realista. Eu disse a ele para que não se preocupasse. Tudo correu bem.

– Por que Lucius não fugiu, simplesmente?

Assim que fiz a pergunta, percebi como a ideia era absurda. Um príncipe vampiro dar as costas? Bem improvável.

– Não seja ridícula – disse Dorin, ecoando meus pensamentos. – Lucius nem gostaria de saber que meti Jake no negócio. Ele queria mesmo ser destruído naquela noite. Ficou bastante surpreso e um pouco irritado quando acordou ainda vivo. Mas superou isso.

Olhei as nuvens que passavam.

– Como Lucius pôde fazer isso comigo? Fiquei pensando que ele havia morrido! Por que não entrou em contato?

Dorin deu um tapinha no meu braço.

– Ele achou que era melhor que você acreditasse que ele havia morrido. Lucius enxerga o próprio lado sombrio. Com muita clareza.

– Lucius é capaz de controlar esse lado dele. Só não acredita nisso.

– É – concordou Dorin. – Você e eu temos certeza de que Lucius é honrado. Qualquer um pode ver isso. Na verdade, a luta interminável de Lucius com a própria consciência é prova da força de seu lado bom. Mas Vasile tentou desviá-lo, fazer dele um peão em seus planos cruéis. Por isso Lucius aparenta desconhecer sua verdadeira natureza. Príncipe nobre ou vilão maligno? Os dois? Ele é um vampiro em guerra consigo mesmo.

Depois de um tempo, Dorin acrescentou:

– Ter comprado aquela égua, Fera, não ajudou. Lucius ficou obcecado por ela. Sentia uma ligação com o animal e começou a pensar que talvez também estivesse corrompido demais para viver. Que mais cedo ou mais tarde ele faria mal...

– A mim.

– É. Ele não queria que você precisasse passar a eternidade com um monstro, no sentido mais técnico do termo. Você sabe, alguém capaz de terríveis crueldades... – Dorin deixou a frase no ar. – Mas agora ele sofre.

Olhei meu companheiro de viagem.

– Como assim?

– Lucius precisa de você. Ele sofre por você. Ele a *ama*. Isso é muito raro. Alguns dizem que o amor verdadeiro entre vampiros é um mito. Que somos malignos demais por natureza. Mas Lucius ama. E ele ama você... como você o ama.

Mais do que qualquer coisa, eu queria que Lucius me amasse. Mas ainda estava magoada.

– Ele não percebeu que a coisa mais cruel que poderia fazer era me abandonar?

– Lucius achou que você se recuperaria depressa, seguiria sua vida. É isso o que os adolescentes fazem, não é?

– Mas eu não sou uma adolescente normal.

– Claro que não. – Dorin fez uma pausa. – Mas Lucius achou que lhe fez um favor. A um grande custo para o coração dele.

Meus olhos se encheram de lágrimas, como sempre acontecia quando pensava em Lucius.

– Sinto muita falta dele.

– Claro. Mas você deve se preparar para quando o vir. O lado sombrio dele está ficando mais poderoso a cada dia. Ele destruiu Vasile, sabia?

– O quê?

Achei que não tinha escutado direito.

– Ah, sim. Quando Vasile descobriu que Lucius ainda estava conosco, e na Romênia, ordenou que ele fosse destruído por desobediência, por abandonar o pacto que deveria cumprir. Bem, Lucius entrou no castelo e disse: “Faça você mesmo, velho”, ou

alguma coisa do tipo. E Vasile disse: "Seu moleque impertinente" e partiu para cima de Lucius como um lobo que avança em um cervo.

Lucius lutando com Vasile? Não parecia justo. Lucius era forte, mas Vasile era mais do que forte. Era como uma força da natureza.

– O que aconteceu?

– Lucius venceu. E, numa luta até a morte, alguém acaba morrendo.

– Ah.

Ainda que Vasile tivesse sido absurdamente cruel, era difícil imaginar Lucius mergulhando uma estaca no peito de alguém...

Dorin leu meus pensamentos.

– Lucius não tinha opção. Mas ficou quase destroçado quando a luta terminou. Não quis comer durante dias. Mesmo assim, o que poderia ter feito? Ficar parado e deixar que Vasile o destruísse? Acho até que o garoto já havia suportado demais. O mundo é um lugar melhor com Vasile fora do caminho.

– Mas Lucius não consegue aceitar isso, não é?

– Não. Claro que não. Lucius foi criado e doutrinado para honrar a família acima de tudo. Foi ensinado desde a infância a respeitar Vasile e protegê-lo, como seu mentor e superior. Claro que Lucius vê a desobediência e, em última instância, a destruição de Vasile como mais uma prova de que é irrecuperável. Por isso age como tal.

– O que, exatamente, ele está fazendo?

Eu estava morrendo de medo de ouvir a resposta.

– Está precipitando uma guerra.

– Como?

– Nosso povo, o clã Dragomir, está furioso com o pacto. Acha que Lucius deixou você para trás de propósito, com o objetivo expresso de nos negar nossa princesa e o poder compartilhado.

Lucius não apenas permite que essa interpretação equivocada cresça de modo infeccioso como ele a alimenta. Ele nos incita à guerra. Já acontecem escaramuças entre os Vladescu e os Dragomir. Vampiros têm sido destruídos por outros vampiros em fúria. Milícias estão sendo formadas. Logo será uma guerra geral.

– Vampiros são destruídos porque *eu* não voltei com Lucius? Enquanto eu estava perdendo tempo limpando baías, meus parentes tinham o peito cravado por *estacas*? Por que você não foi me buscar?

Dorin se remexeu, sem jeito.

– Não sou forte como você, Antanasia. Temi a fúria de Lucius. Ele me disse que você não deveria ir para a Romênia, não deveria saber que ele estava vivo. Mas a situação foi longe demais. Não posso permitir que outros Dragomir sejam perdidos só porque tenho medo de desafiar o decreto dele. Precisava buscá-la.

Apertei a mão do meu tio, quase como se eu fosse o vampiro mais velho, mais experiente.

– Bem, pelo menos você fez a coisa certa no final. Prometo que farei o máximo para protegê-lo da “fúria” de Lucius.

– Acho mesmo que você é a única força capaz de trazer de volta o lado bom de Lucius. Minha existência depende disso e o destino de nosso povo também. Porque numa guerra com os Vladescu... Bem, no período de paz, que começou com sua cerimônia de noivado, nós, os Dragomir, nos permitimos ficar mais brandos. Se essa guerra não puder ser evitada, temo que, apesar de toda a nossa revolta, não seremos páreo para os Vladescu.

– Até que ponto isso seria ruim para nossa família?

– Ela seria aniquilada – respondeu Dorin, em tom sinistro.

– Então, se eu não puder convencer Lucius, num último esforço, a admitir que me ama e honrar o pacto...

– Acho que em pouco tempo os Dragomir não existirão mais. Não podemos esperar que Lucius, do jeito que está agora,

demonstre muita misericórdia.

Apoiei a cabeça no encosto da poltrona, procurando absorver tudo isso. Minha nova lista de coisas a fazer: controlar vampiros Dragomir furiosos. Recuperar um noivo não mais destruído porém relutante e violento. Impedir a guerra iminente.

Segurei o jaspe-sanguíneo que estava em meu pescoço. Eu enfrentaria o desafio. Não tinha escolha.

O avião encontrou um pouco de turbulência e fomos sacudidos com força várias vezes. Alguns passageiros gritaram.

Dorin segurou minha mão e sorriu.

– Bem-vinda de volta à Romênia, princesa Antanasia.

## CAPÍTULO 60

Depois de tudo o que Lucius havia me contado sobre morar em castelos, comer as melhores comidas e ter roupas feitas sob medida, fiquei meio surpresa ao me ver chacoalhando nas estradas esburacadas da região rural da Romênia num velho Fiat Panda.

– Ah, Dorin – falei, segurando o painel enquanto meu tio forçava as engrenagens a obedecê-lo mais uma vez. – Achei que fôssemos da realeza vampírica.

Dorin assentiu.

– Somos mesmo. Excelente linhagem de sangue.

– Como explica este carro, então?

– Ah. Isso. Não pense que este veículo representa nossa herança. É apenas uma manifestação temporária de nossas... é... circunstâncias reduzidas.

Ele lutou com a direção não hidráulica, tentando evitar um buraco enquanto subíamos os Cárpatos.

As montanhas da Romênia formavam um contraste violento com os Apalaches, que se erguiam delicadamente na Pensilvânia. Na verdade, os Cárpatos, íngremes, rochosos, serrilhados, faziam os Apalaches sentir vergonha de serem chamados de montanhas. De vez em quando, a estrada se dobrava sobre precipícios de tirar o fôlego e depois serpenteava em florestas densas e sombreadas – nas quais, segundo garantiu Dorin, ursos e lobos ainda viviam. Em seguida, ela emergia na claridade, cortando cidadezinhas que pareciam esculpidas em pedra e datadas da Idade Média. Cabanas tortas, pequenas capelas e tavernas movimentadas surgiam nas

ruas estreitas. Eu vislumbrava essas coisas e depois, num piscar de olhos, mergulhá-vamos de novo na floresta.

Dava para ver por que Lucius sentia saudade de sua terra natal: as aldeias de contos de fadas; a sensação de que o tempo havia parado; a impressão penetrante de estarmos dentro de um mistério oculto; um enclave secreto, indomável, esquecido num mundo moderno.

– Segure-se – avisou Dorin, saindo da estrada principal que vinha de Bucareste e entrando numa pista ainda mais estreita.

Fomos chacoalhando e minha cabeça bateu no teto baixo do Panda.

– Ai. Isso é mesmo o melhor que podemos ter?

– Bem, eu lhe disse. O clã andou atravessando um período difícil nos últimos anos. Vendemos a Mercedes há anos. Mas o Fiat é bastante confiável. Não tenho reclamações. Nenhuma.

Eu tinha algumas. Como deveria assumir meu lugar de direito como princesa vampira quando meu meio de transporte era do tamanho de um carrinho de golfe, com um motor que parecia pertencer a um ventilador de mesa?

Seguimos em silêncio por um bom tempo, até chegarmos à crista de uma encosta que revelou, abaixo de nós, a distância, um grande agrupamento de telhados de terracota reluzindo ao pôr do sol.

– Sighișoara – anunciou Dorin.

Inclinei-me para a frente, espiando pelo para-brisa com olhos ansiosos. Então tínhamos chegado, finalmente, à terra natal de Lucius. Era aqui que ele havia crescido, se tornado o homem que eu tinha aprendido a amar.

– Vamos passar por lá?

– Vamos – disse Dorin. – Como quiser.

Eu havia notado que a postura do meu tio tinha mudado um pouco desde o pouso em Bucareste. Ele estava mais formal

comigo. Com mais deferência. Pensei em dizer a ele que não precisava me tratar como uma princesa só porque não estávamos mais nos Estados Unidos. Então percebi que era melhor deixar quieto: eu iria assumir meu posto. Precisaria de deferência, precisaria emanar autoridade se quisesse alcançar o que pretendia. Estava num Fiat Panda, mas mesmo assim era uma princesa.

– Por favor, mostre-me – insisti.

– Claro.

Dorin nos levou ao coração da cidade e fiquei olhando, encantada, para passagens em arcos de pedra que levavam a becos sinuosos e lojas atulhadas cujos produtos – pães, queijos, frutas e legumes – chegavam até as calçadas. Reparei na torre do relógio, do século XVII, que soou enquanto passávamos: seis horas.

A cada ponto que captava minha atenção, eu ficava pensando: será que Lucius teria caminhado por essa rua? Comprado naquela loja? Ouvido o toque profundo do relógio, percebendo que precisava estar em algum lugar, passando o corpo alto sob um daqueles arcos de pedra para chegar a um compromisso num caminho oculto? Este era um lugar onde Lucius não pareceria deslocado, nem mesmo com seu sobretudo de veludo e sua calça bem cortada.

– Está com fome? – perguntou Dorin. – Poderíamos dar uma paradinha, antes que todos os comerciantes fechem para o fim do dia.

– São só seis horas – observei. – É, tipo, um costume local fechar tão cedo?

Dorin parou o carro junto ao meio-fio.

– Não. Nem sempre é assim. Mas o povo desta região viveu na companhia de vampiros por muitas gerações. Eles estão sempre atentos aos clãs. Ouviram boatos da proximidade de uma guerra e

sabem que haverá vampiros sedentos e furiosos, procurando o combustível do sangue e recrutas para nossos exércitos de mortos-vivos. Eles não ficarão nas ruas depois de anoitecer sem que haja um bom motivo.

Senti arrepios. Ainda que agora eu também fosse membro do clã dos vampiros, com certeza era capaz de simpatizar com os temores dos residentes.

– Então até o povo comum é afetado pela tensão...

– É, sim. Eles lamentam o fim de quase duas décadas de paz. Durante um tempo parecíamos ter alcançado uma trégua com os humanos também. Isso foi em grande parte graças a Lucius. Ele era um bom embaixador para nós. Tão charmoso... Mesmo os que faziam o sinal da cruz ao ouvir o nome Vladescu eram incapazes de não gostar dele. Mas agora, é claro, sabem que ele mudou.

Dorin me levou para um pequeno restaurante, abrindo a porta e apontando uma sala apertada e estreita. A decoração era simples – algumas mesas velhas espalhadas sobre o piso de madeira –, mas o cheiro era maravilhoso.

– Vamos pedir *papanași*: bolinhos de queijo cobertos de açúcar. Uma iguaria local.

– Queijo com açúcar?

– Eu comi o bolo de aniversário vegano – observou Dorin. – Confie em mim, esses daqui ganham de lavada.

Eu não podia questionar.

Chegamos ao balcão e o velho proprietário se levantou de um banco com esforço, cumprimentando Dorin.

– *Bună*.

– *Bună* – assentiu Dorin. E levantou dois dedos. – *Doi papanași*.

– *Da, da* – disse o velho, começando a se afastar arrastando os pés.

Então ele me notou e parou abruptamente, com o rosto moreno e desgastado pelo tempo ficando pálido. Apontou para mim com a

mão trêmula, os olhos arregalados virando-se para Dorin.

– *Ea e o fantoma...*

– *Nu e!* – Dorin balançou a cabeça. – Não é um fantasma!

– *Ea a Dragomir!* – insistiu o velho. – Mihaela!

Entendi as palavras Mihaela Dragomir e o assunto da conversa, por mais que a língua fosse desconhecida.

– *Da, da* – concordou Dorin, parecendo ficar impaciente com o homem, dispensando-o. – *Comanda, vãrog*. Nossa comida, por favor.

O homem saiu cambaleando, mas continuou a olhar para mim por cima do ombro enquanto preparava nossos *papanași*.

– Ele se lembra da sua mãe – sussurrou Dorin. – Acha que você é o fantasma dela. O *fantoma*. É melhor se acostumar com isso.

Fiquei ao mesmo tempo lisonjeada e um tanto incomodada em ser confundida com minha mãe biológica. Percebi, com um tremor, que aquele sujeito acreditava, sem qualquer dúvida, que eu era uma vampira. Ele fora criado na realidade vampiresca. Era vivo quando meus pais foram destruídos. Talvez tivesse participado... Por meio do olhar cheio de suspeita do homem, eu soube que eu não era apenas uma curiosidade, mas uma ameaça potencial. De repente me senti vulnerável, no alto dos Cárpatos, longe da proteção de mamãe e papai, sozinha num restaurante claustrofóbico com um tio que eu mal conhecia e um estranho que me considerava um monstro sugador de sangue que merecia ser exterminado.

O velho entregou nossa comida a Dorin e meu tio pagou com algumas moedas. O proprietário continuou a me olhar cauteloso.

– Venha – disse Dorin, guiando-me para a porta. – Tente não se abalar com isso. É claro que algumas pessoas mais velhas vão reconhecê-la. É igualzinha a ela. Vai demorar um tempo até que eles entendam que você é a filha e que voltou para casa.

Sáímos do restaurante e olhei para a rua, tentando pensar naquele local desconhecido como se fosse “casa”.

– Precisamos ir – disse Dorin. – Está escurecendo e a estrada é perigosa.

Acomodei-me no carro e experimentei o *papanaşi*, mordendo o bolinho com a crosta de açúcar para liberar o queijo quente, derretido.

– Hummmmm...

Fechei os olhos e saboreei aquela delícia, mais corajosa e reconfortada com a comida quente no estômago.

– Gostou?

Dorin pareceu satisfeito. Engrenou o carro e saiu para a rua, que agora estava quase vazia.

– Muito bom – respondi, enfiando a mão no saco de papel para pegar outro. – Bem melhor do que bolo vegano.

– É o doce predileto de Lucius, sabia? E ele prefere o daquela loja, em particular.

Lambi devagar o açúcar dos dedos, olhando a cidade passar pela janela. *Lucius poderia estar lá. Eu poderia ter entrado naquela loja e visto o homem por quem eu tinha ficado de luto.*

– Lucius mora aqui perto? – perguntei. – A que distância estamos, exatamente? Minutos? Meia hora?

– Estamos muito perto – disse Dorin, me olhando. Ele parecia meio nervoso. – Você... você não está pensando em passar por lá, está?

– Só para ver a casa dele. – Uma apreensão súbita tomou conta de mim. Apreensão e empolgação. – Acha que ele vai estar lá? – *Eu quero que ele esteja lá? Estou pronta?*

– Não creio – supôs Dorin, e senti uma pequena onda de alívio. Por mais que quisesse muito ver Lucius, sabia que primeiro deveria me preparar. Precisava não apenas tomar um banho depois da viagem, mas tinha que me preparar mentalmente. Ficar

firme para encarar o Lucius que Dorin havia descrito no avião. O Lucius que tinha destruído o tio, que estava precipitando uma guerra e apavorando os moradores do local. O Lucius que se acreditava capaz de aniquilar minha família sem piedade.

– Ultimamente ele tem saído muito com suas tropas – acrescentou Dorin. – Para o campo.

– *Nós* estamos nos preparando? – indaguei, preocupada com essa última revelação.

– Um pouco... Não, na verdade, não. Não de um modo organizado, como Lucius. Ele é um guerreiro que está criando um exército. Nós somos mais como os colonizadores americanos: vampiros dedicados, ainda que despreparados, formando milícias informais.

Admirei a paisagem áspera. Quanto mais penetrávamos nos Cárpatos, mais eu reconhecia as montanhas dos meus sonhos. Podia escutar a voz da minha mãe biológica, cantando para mim. Sendo silenciada. Era um lugar lindo, mas também era um lugar duro, indomado.

– Vamos precisar de mais do que “milícias informais” – murmurei, olhando para a escuridão que crescia do lado de fora da janela. – Devemos nos preparar também. – Se pelo menos eu soubesse o que isso significava. Se tivesse sido criada como guerreira e não como uma vegetariana numa fazenda cheia de gatos desgarrados. *Será que posso mesmo ajudar meus parentes Dragomir?*

– Olhe para cá – sugeriu Dorin, parando o Fiat no acostamento.

Virei-me no banco e prendi o fôlego, surpreendida por uma enorme construção de pedra. O edifício fantasmagórico onde Lucius havia crescido, onde fora ensinado por meio da violência, criado com histórias de sua linhagem de vampiros e onde ganhara uma consciência feroz do local orgulhoso ocupado pelos Vladescu no mundo.

– Uau!

Estávamos na beira de um precipício, acima de um vale tão íngreme, profundo e estreito a ponto de parecer que um gigante o havia criado com um golpe feroz de uma foice com uma lâmina de um quilômetro. O castelo de Lucius, negro contra o pôr do sol laranja, agarrava-se à encosta do lado oposto, parecendo ganhar em direção ao céu. Torres parecendo lanças enormes querendo furar as nuvens, janelas góticas abobadadas.

Era uma casa furiosa. Uma casa em guerra contra o Universo.

Lucius morava mesmo *ali*?

Estacionamos o carro e fomos andando até a beira do penhasco para examinar melhor aquela expressão arquitetônica de raiva, que mais parecia os dentes tortos de uma fera.

– Impressionante, hein? – perguntou Dorin.

– É. – A palavra apertou minha garganta. Olhando para aquela casa, fiquei apavorada. Era ridículo sentir medo de uma construção, no entanto, a visão daquele castelo me provocou um temor intenso.

*Estou com medo da casa ou da pessoa que aguenta morar nela?*

Enquanto Dorin e eu olhávamos, uma luz se acendeu atrás de uma das janelas. Uma única luz numa janela do alto.

Meu tio e eu trocamos olhares.

– Podem ser serviçais – concluiu Dorin. – Ou talvez o garoto tenha vindo passar a noite em casa.

– Vamos embora – pedi, agarrando o braço do meu tio. Vamos antes que eu faça alguma coisa idiota. Tipo correr para aquele castelo e bater à porta. Ou fugir direto para o condado de Lebanon sem olhar para trás. – Por favor, eu quero ir.

– Estou logo atrás de você – concordou Dorin, indo depressa para o carro.

# CAPÍTULO 61

A boa notícia era que o clã Dragomir também tinha sua propriedade bem impressionante. A má notícia era que ela estava aberta aos turistas quatro dias por semana. Essa era outra manifestação de nossas “circunstâncias reduzidas”, como Dorin gostava de chamar o que, aparentemente, era uma dificuldade econômica grave.

– As visitas só começam às 10 da manhã – tranquilizou-me Dorin, ajudando a levar minha mala para nossa mansão úmida. Ele desviou de uma placa de metal que instruía aos visitantes: “PROIBIDO FUMAR! PROIBIDO TIRAR FOTOS COM FLASH!” numa sete línguas. – Estamos muito populares este ano – acrescentou Dorin, como se isso fosse algo ótimo. – As autoridades do turismo da Romênia aumentaram bem a publicidade. O tráfego de carros aumentou 67 por cento.

*Minha nossa.*

– Claro que há áreas privativas – acrescentou ele, vendo meu desapontamento. – Os quartos e banheiros estão quase todos fora do circuito de visitas. Se bem que alguns americanos conseguem achar os toaletes privativos. Acho que estranham a comida. De qualquer modo, não se assuste se abrir uma porta e encontrar um dos seus contrterrâneos empoleirado por lá.

*Turistas? Entrando no meu castelo? Aposto que ninguém entrava sem autorização na propriedade dos Vladescu.*

– Dorin?

– Sim?

Ele arrastava minha mala por uma escada alta e curva, feita de pedra. A lâmpada numa tocha falsa tremeluzia na parede,

imitação barata do fogo de verdade que eu tinha quase certeza de que ardia na casa de Lucius. Ele não aceitaria nada menos do que a coisa de verdade. De novo acariciei o jaspe-sanguíneo em meu pescoço e a palavra *inaceitável* relampejou na minha mente. Isso era inaceitável. Se as coisas acontecessem como eu esperava e se eu vinha mesmo para liderar essa família, iria reivindicar nosso castelo para os Dragomir e não para turistas. A ideia me empolgou de forma surpreendente. Quando chegamos ao patamar mais elevado, examinei os tetos abobadados, os corredores que já haviam sido majestosos. É, poderíamos dar uma melhorada.

– O que acontece agora? – perguntei a Dorin, acompanhando-o pelo corredor e entrando num quarto gigantesco.

Dorin largou a mala no chão.

– Você precisa conhecer a família. Todos estão muito ansiosos para jantar com você. Eles vão chegar logo.

Imagens da “família” de Lucius me vieram à mente.

– Quantos virão? – perguntei, esperando não ter que confrontar um número muito grande de meus parentes vampiros de uma vez.

– Ah, só uns 20 parentes mais próximos. Achamos que não seria sensato sufocar você em seu primeiro dia aqui, mas, todo mundo está curioso para ver nossa herdeira há muito esperada. Acho que vai querer tomar banho, não é? Trocar de roupa? – sugeriu Dorin.

– Vou – respondi, aproveitando a oportunidade para ficar sozinha por um momento. Para refletir. Para me concentrar. Isso tudo estava acontecendo depressa demais. Eu precisava pensar.

Dorin andou pelo quarto acendendo luzes. O espaço era empoeirado, datado e frio, mas habitável. Não estava distante demais de sua glória anterior.

– Espero que se sinta confortável aqui – disse Dorin, jogando minha mala na cama de dossel. – Vou voltar para buscá-la dentro de uma hora. Tire um cochilo, se quiser.

– Obrigada.

– Ah! Quase esqueci. – Dorin foi até um grande guarda-roupa, abriu a porta e tirou um vestido pendurado num cabide. Estava um pouco desbotado mas ainda era lindo. A seda que sem dúvida já reluzira carmim havia se suavizado num vermelho mais fechado. – Isso era da sua mãe. Achei que talvez você quisesse usá-lo para o jantar. É de fato uma ocasião importante e nós partimos tão depressa que não lhe dei chance de pôr na mala um traje formal.

Como se estivesse num transe, fui até Dorin e passei as pontas dos dedos pelo tecido.

– Reconheço isso. Da fotografia.

– Ah, sim, do retrato. – Dorin sorriu. – Mihaela tinha muitos vestidos, mas este era seu favorito. Ela adorava a cor intensa, tão parecida com sua personalidade. Usou-o em muitas reuniões adoráveis, numa época diferente, antes do expurgo... – Por um momento ele pareceu a ponto de chorar, mas depois se animou. – Você fará justiça a ele, Antanasia, e trará uma nova era para nós. Talvez todos sejamos felizes outra vez, em breve. E talvez o maior sonho de sua mãe, a paz entre os Vladescu e os Dragomir, se concretize afinal.

Acariciei o tecido de novo.

– Mas não tem problema eu usar esse vestido?

– É mais do que apropriado – garantiu Dorin. – É perfeito.

Então ele me deixou sozinha e coloquei o vestido na cama com delicadeza. Eu usava o colar dela, ia pôr seu vestido e estava em sua casa. Mas como poderia me mostrar à altura do legado de Mihaela Dragomir? Será que eu era uma princesa de verdade ou somente um fantasma – uma sombra pálida e superficial dela –, como acreditara o homem do restaurante?

*Dúvidas não vão ajudar agora, Jess. Lucius acreditava que você era exatamente como ela, em todos os sentidos...*

Encontrei o banheiro, tirei a calça jeans e a blusa que havia usado na viagem e tomei um banho de chuveiro longo e quente.

Depois de me secar, peguei o vestido do cabide, abri a fileira de botões de madrepérola que descia pelas costas e o vesti, puxando-o em volta do corpo como um abraço do passado. Um abraço que ficara da minha mãe.

Servia perfeitamente. Como se tivesse sido feito para mim.

Eu me olhei num espelho dourado que ficava no canto do quarto, vendo o reflexo à luz de uma lua cheia, clara, que brilhava como um farol através de uma série de janelas de vitral.

*Era assim que Mihaela se via? À luz desta lua? Neste mesmo espelho?*

A gola do vestido era alta, chegando quase a roçar no queixo, mas o decote mergulhava fundo, emoldurando o jaspe-sanguíneo no pescoço. O vestido se curvava sobre os seios, depois caía abruptamente como uma cachoeira despencando num penhasco dos Cárpatos, terminando numa enorme cauda de seda que farfalhava como um sussurro quando eu andava. Sussurros que sem dúvida seguiam qualquer mulher que ousasse usar aquele vestido imponente.

Esse era um vestido que dizia muito sobre a mulher que o usasse. Dizia a todo mundo que a visse: "Sou poderosa e linda e é impossível alguém não olhar para mim. Eu *serei* notada."

Eu não tinha nenhuma tiara de prata, por isso juntei os cachos frouxamente atrás do pescoço e deixei que caíssem livres pelas costas, preto lustroso sobre o tecido vermelho lustroso, declarando minha posse mais jovem, mas ainda dramática, sobre o vestido.

A jovem que eu via refletida no espelho, com olhos escuros brilhando ao luar, parecia mesmo uma princesa.

Forte. Decidida. Destemida.

Houve uma batida à porta e Dorin me chamou.

– Seus convidados chegaram. Você está pronta?

– Pode entrar – convidei.

Dorin enfiou a cabeça no quarto e seus olhos alegres e enrugados se arregalaram. Por um longo momento ele apenas me encarou, dizendo por fim:

– É. Você está pronta.

Depois ficou de lado, permitindo que eu passasse pela porta. Notei que ele fez uma pequena reverência.

## CAPÍTULO 62

Eles estavam me esperando ao pé da escadaria curva, todos os rostos voltados na minha direção enquanto eu descia, e vi seus olhares mudando de ceticismo e preocupação para admiração e espanto – e esperança. E o fato de estarem começando a acreditar em mim me deixou confiante, ainda que também me aterrorizasse.

*Quem sou eu para ser a salvação de alguém? A princesa de alguém?*

*Você é filha de Mihaela Dragomir. Linda, poderosa, majestosa...*  
As afirmações de Dorin e de Lucius ecoaram de novo na minha mente, me dando coragem.

Um a um, meus parentes vampiros se aproximaram para me conhecer depois que parei ao pé da escada. Dorin os apresentou e, enquanto cada um dos Dragomir – primos próximos e distantes – chegava perto para fazer reverências, vi traços meus na curva de um nariz, no arco de uma sobrancelha, nas maçãs do rosto. Eles usavam roupas de qualidade, mas notei que os vestidos eram um pouco ultrapassados e os ternos, às vezes mal ajustados. *O que foi feito de nós desde a destruição dos meus pais?*

– Venham – chamou Dorin quando todos havíamos sido apresentados. – Vamos jantar.

Fui à frente de um pequeno cortejo até uma sala de jantar comprida e de pé-direito alto, gélida apesar de um fogo que ardia numa lareira gigantesca, e, seguindo a indicação de Dorin, reivindiquei meu lugar à cabeceira de uma mesa reluzente de pratarias e velas. Nós, os Dragomir, estávamos em grandes

dificuldades econômicas, mas todos os cofres pareciam ter sido abertos para o meu retorno.

– Sente-se, sente-se – disse Dorin, baixinho, puxando minha cadeira. – Devo dizer que precisarei servi-la. Estamos com poucos serviços e é difícil atrair alguém do povoado na situação atual. Ninguém quer trabalhar até tarde na propriedade dos Dragomir.

– Tudo bem – tranquilizei-o, ocupando meu lugar.

Brindes eram feitos a mim, em romeno, e Dorin os traduzia. *À minha saúde... ao meu retorno... ao pacto... à paz.*

Um murmúrio circulou ao redor da mesa quando o último brinde foi feito e Dorin se inclinou para falar comigo.

– Querem ouvir você falar. Estão ansiosos demais para comer. Deve contar seus planos a eles.

Pela primeira vez desde que tinha posto o vestido de seda vermelho e começado a assumir meu novo papel na realeza, senti um choque de pânico genuíno. *Não preparei um discurso. Deveria ter preparado alguma coisa. O que posso dizer a eles? Meu Deus, o que planejo fazer?*

– Não posso – sussurrei a Dorin, inclinando-me para perto dele.

– Não sei o que dizer.

– Você deve falar, Antanasia – implorou Dorin. – Eles esperam por isso. Vão perder a confiança se você não disser nada.

*Confiança. Não posso me dar ao luxo de perder a confiança deles.* Assim, fiquei de pé, encarei minha família e comecei:

– É uma honra estar com vocês esta noite, de volta ao nosso lar ancestral... – *O que mais posso dizer?* – Faz muito tempo.

Dorin traduzia para os que não falavam inglês, olhando-me de vez em quando com algo mais do que consternação nos olhos. Sabia que eu lutava. Ao olhar para meus parentes em volta da mesa, vi a dúvida se esgueirar de volta para a mente deles também. Eu estava perdendo sua confiança tão depressa quanto a havia adquirido.

– Pretendo garantir que o pacto seja honrado – acrescentei. – Como sua princesa, prometo que não irei decepcioná-los.

– Diga-me, *Jessica* – começou alguém. Uma voz profunda.

*Ah, graças a Deus... uma pergunta.*

– Sim?

Examinei os rostos à minha frente, tentando encontrar quem falava à luz fraca das velas.

– *Como* você pretende manter o pacto? Impedir a guerra? Porque, pelo que sei, os Vladescu não têm mais interesse no que foi acordado.

A voz vinha por trás de mim. A voz familiar.

Eu me virei, derrubando a cadeira, e vi Lucius Vladescu parado junto à porta, encostado no portal, braços cruzados diante do peito, um sorriso amargo no rosto.

– Lucius.

Meu coração parou no peito e todo o sangue sumiu do meu rosto. Era *Lucius*. Vivo. Parado a menos de cinco metros de mim. Quantas vezes eu tinha sonhado em vê-lo de novo? Sonhado em tocá-lo? Quantas vezes esses sonhos quase haviam me devastado com sua impossibilidade? Mas agora ele estava tão perto...

Seu sorriso sumiu, como se ele não conseguisse manter a postura friamente irônica ao me ver, e eu o ouvi murmurar:

– Antanasia...

Nessa única palavra percebi saudade, alívio, ternura e ânsia. As mesmas emoções que eu estava experimentando. Ele hesitou, inseguro, com uma das mãos estendida como se fosse se aproximar de mim.

– Lucius – repeti, olhando para ele, como se a realidade de sua existência fosse penetrando devagar. – É você mesmo.

Quando falei isso, a mão de Lucius baixou ao lado do corpo e ele recuperou o sorriso irônico.

– De fato, só existe um – disse em tom azedo, com todos os traços de ternura sumindo. – E o mundo é melhor assim.

Comecei a correr para ele, quase tropeçando na cauda do vestido. Quis me lançar contra ele, derrubá-lo e beijá-lo de novo pela pura alegria de vê-lo. E depois gritar com ele por ter mentido e me abandonado. Mas então vi seu rosto de perto e parei, no meio do caminho.

– Lucius?

Parecia que ele havia envelhecido anos naqueles poucos meses em que ficamos longe um do outro. Todos os vestígios do adolescente americano haviam desaparecido – e não apenas porque ele tinha voltado a usar a calça feita sob medida e o sobretudo de veludo. O cabelo preto estava mais comprido, puxado num rabo de cavalo descuidado. A boca estava mais contraída. Os ombros haviam se alargado. Uma sombra de barba cobria o queixo geralmente bem raspado. E os olhos estavam mais negros do que nunca, quase como se não tivessem alma por trás, animando-os.

Atrás de mim, os Dragomir pareceram congelados por encontrarem o inimigo em seu próprio território.

– A segurança é um tanto relapsa – observou Lucius. Em seguida se afastou do portal e passou por mim, entrando na sala, sem me encarar, avaliando os móveis desgastados pelo tempo com o mesmo desdém que havia exibido meses antes na cozinha de nossa fazenda. Só que dessa vez não parecia apenas arrogante, à maneira inocente de alguém que não conhece nada além de privilégios, e sim deliberadamente desdenhoso. – Eu ia me inscrever para a visita turística – acrescentou. – Mas não podia esperar até as 10 da manhã para vê-la, Jessica.

Encarei-o com uma mistura de consternação e fúria. Ele sabia que usar meu nome americano era um insulto nesse lugar.

– Não fale desse jeito comigo – avisei. – Isso é cruel e você não é assim.

Ele continuou se recusando a me encarar.

– Não sou?

– Não.

Fui em sua direção, sem querer aceitar que ele controlasse cada instante de nosso encontro. Isso não era um baile de escola, onde ele poderia assumir a liderança. Ele estava na casa da minha família. Por mais abalada que eu estivesse por vê-lo de forma tão inesperada, por encontrá-lo tão alterado, eu não seria acovardada, como meus parentes atrás de mim, que tremiam nas cadeiras.

– Você não é cruel, Lucius.

Agora estávamos parados perto um do outro, próximos o suficiente para que eu sentisse o cheiro daquele perfume exótico que ele havia parado de usar em algum momento de sua transformação em estudante americano. Lucius, o príncipe guerreiro, estava de volta, em todos os aspectos. Ou pelo menos ele queria que eu acreditasse nisso.

– Por que você veio? – perguntou Lucius, baixinho, de modo que meus parentes não ouvissem. Continuou sem me encarar. – Deve ir embora, Jessica.

– Não. Não, Lucius. Eu não vou embora.

Então ele se virou para mim e houve um clarão de sofrimento, de humanidade em seus olhos, porém foi momentâneo, e ele andou ao meu redor, colocando outra vez distância emocional e física entre nós. Dava para ver que ele lutava para manter as emoções sob controle. Para me manter longe. Pelo menos eu esperava que ele estivesse lutando.

– Você esteve observando minha casa – disse ele, andando em volta da mesa como um falcão procurando o coelho que não teve o bom senso de ficar imóvel. Enquanto passava atrás de cada um

dos meus parentes vampiros, eles se encolhiam visivelmente. Desejei que parassem de fazer aquilo.

– Como você soube?

– Na véspera de um conflito é sensato ficar alerta – aconselhou Lucius, a voz ainda mais dura enquanto falava de guerra, assumindo seu papel de general. Afastando-se de mim. – É óbvio que tenho guardas no perímetro da minha propriedade. Sua família me incomoda o tempo todo, reclamando do pacto não realizado, afirmando que nunca desejei compartilhar o poder. E quanto mais eles se queixam, mais eu percebo: por que dividir o que posso tomar à força? Não sou avesso a um pouco de derramamento de sangue, se isso levar aos meus objetivos.

– Lucius, você não está falando sério.

– Estou – respondeu Lucius, com as mãos nas costas da cadeira de Dorin. Meu tio tremeu por inteiro. Eu sabia que ele estava aterrorizado com a possibilidade de Lucius destruí-lo, ali mesmo, por ter me trazido à Romênia. – Você já me viu brincar com algo relacionado ao poder alguma vez, Dorin?

Meu tio não disse nada.

Lucius se inclinou, falando no ouvido dele.

– Vou cuidar de você mais tarde, por ter me desafiado e trazido-a para cá.

– Fique longe dele – ordenei. – Você veio aqui para me ver. Não atormente minha família em nossa casa.

Lucius examinou a sala de novo.

– Quando tudo isso for meu, precisarei fazer algumas mudanças sérias. Permitir visitas turísticas?! Isso envergonha todos os vampiros!

Encarei-o, recusando-me a parecer perturbada ou até mesmo lacrimosa pelo modo insensível como ele agia. O Lucius à minha frente estava ainda mais gelado e inacessível do que havia ficado

depois que Vasile ordenou que ele fosse espancado. *Lucius... onde está o meu Lucius?*

– Quero que saia agora, Lucius – exige, deliberadamente calma.  
– Não falarei com você enquanto estiver assim.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Este não foi o encontro que você esperava, Jessica? Não foi para isso que viajou milhares de quilômetros? Está desapontada ao descobrir que sua família é fraca e que seu ex-noivo está mais desprezível do que nunca?

– Você não vai me fazer odiá-lo. Não importa quanto se esforce. Sei o que está fazendo. Sei que está tentando me afastar. Acha que não tem mais redenção porque destruiu Vasile. Está convencido de que é igual a ele ou pior, porque traiu sua família. Mas você não é como Vasile. – Ousei acariciar seu braço. – Eu conheço você.

Lucius se afastou.

– Não me toque desse jeito, Antanasia!

– Por que não? – perguntei, baixando a voz para que minha família não ouvisse. – Porque tem medo de perder o controle, como aconteceu no meu quarto, lá em casa?

– Não – reagiu ele. – Porque tenho medo de perder o controle como aconteceu com meu tio.

– Lucius, você precisou fazer aquilo.

Quando falei isso, seus olhos se modificaram e ele encarou meus parentes, que, ainda sentados num silêncio inquieto, observavam nossa conversa.

– Venha comigo. – Ele agarrou meu cotovelo com a mão firme e me conduziu pela sala, para longe do alcance da audição da minha família. – Estamos falando de coisas particulares na frente dos outros. Não está certo.

Paramos diante da lareira e a luz lançava sombras suaves e trêmulas na face de Lucius, fazendo-o parecer mais jovem de

novo. Quase toquei seu rosto. Mas seus olhos continuavam distantes demais. Negros demais.

– Vou lhe dizer uma coisa e depois você vai fazer as malas e ir para casa, Jessica.

– Não vou...

– Você acha que me conhece – disse ele, passando por cima da minha objeção, ainda segurando meu braço. – Por algum motivo, apesar de eu tê-la abandonado, apesar de obviamente eu querer que pensasse que eu havia partido, você se agarra a alguma esperança inútil de que haja um futuro para nós. É hora de acabar com isso, de uma vez por todas, porque não estamos mais na civilizada Pensilvânia, frequentando o ensino médio, brincando de guerra numa quadra de basquete. Isto aqui é uma guerra, Jessica.

– Não precisa ser, Lucius. Eu sei que você me ama.

– Os Vladescu jamais agiram de boa-fé, Jessica – continuou Lucius, a boca numa expressão séria. – Nós tínhamos um plano. Para você.

– Um... plano?

– É. Eu deveria conquistá-la, casar-me com você, uma garota inocente, uma adolescente americana ignorante da cultura dos vampiros, e trazê-la de volta para a Romênia. Com o pacto realizado, nós esperaríamos um tempo razoável até que ninguém pudesse acusar os Vladescu de violar nossa parte da obrigação...

– E então?

*Eu já sabia.*

Lucius me encarou com intensidade.

– E então teríamos despachado você com discrição. Em segredo. Agindo como se lamentássemos sua perda, porém silenciosamente satisfeitos por termos a última e inconveniente princesa Dragomir fora do caminho.

– Não, Lucius. – Balancei a cabeça, horrorizada. Eu não iria acreditar naquilo. – Você não faria isso.

– Ah, Antanasia. Você ainda é tão ingênua! Acha que os Vladescu algum dia pretenderam partilhar a soberania com um inimigo?

*Não. Claro que não pretenderam.*

– Como... como isso deveria acontecer?

– Não fui informado desses detalhes. Mas talvez pela minha mão. Eu teria muitas oportunidades, sozinho com você em nosso castelo.

*Não, Lucius. Você, não.*

Ele olhou para o fogo.

– Para nós era perfeito demais o fato de você haver sido criada nos Estados Unidos. Na tentativa de mantê-la em segurança, os Dragomir acabaram condenando-a. Uma verdadeira princesa vampira teria entendido os riscos de se casar comigo. Poderia ter se protegido, permanecendo sempre alerta. Mas você teria vindo para mim de boa vontade, sem suspeitar de nada.

Respirei com dificuldade, obrigando-me a não gritar, sabendo que meus parentes não estavam longe. Eu precisava manter a compostura, ainda que a traição me partisse ao meio.

– Você sabia de tudo isso quando foi para a casa dos meus pais? Quando estava morando com a gente? Quando me beijou?

Lucius também tinha consciência da plateia. O sofrimento que penetrou seus olhos não se refletia na postura régia.

– Ah, Antanasia... quando eu soube? Desde o início? Ou perto do fim? Não tenho certeza. Talvez eu fosse ingênuo no início. Ou talvez só me enganasse, recusando-me a enxergar a verdade. Mas chegou um momento, antes de eu beijar você, em que eu soube que era cúmplice.

Contive um soluço, engolindo em seco e mantendo a postura.

– Não acredito em você.

– Não faz sentido, Antanasia? – Ele olhou para minha família. – Olhe para eles. Os Dragomir estão reduzidos. Vasile poderia tê-los

enganado e controlado com facilidade, sem perder um único Vladescu. Sem uma guerra. O único sangue derramado seria o seu. Você seria sacrificada no interesse do golpezinho de Vasile.

– Essa era a ideia de Vasile – observei, desesperada para não acreditar que Lucius seria capaz de *me* destruir. *Ele gostava de mim. Eu senti isso em seu beijo, vi em seus olhos. Mas ele é perigoso, Jessica. Ele não deseja ser um Vladescu, mas talvez não consiga deixar de sê-lo.* – Esse era o plano de Vasile – repeti. – Não o seu.

– E quando vi a trama em sua totalidade, fiquei empolgado com a genialidade simples. Isso a deixa revoltada, Jessica? Porque deveria.

– Você não teria me destruído, Lucius – insisti. – Você me ama. Sei que ama.

Lucius balançou a cabeça.

– Só o bastante para lhe dizer que eu a teria destruído. Isso é o máximo que posso oferecer. Agora vá para casa, Jessica. Vá para casa e me despreze. Tive esperança de deixá-la com uma lembrança mais feliz de mim. Mas você veio para cá e agora não posso fazer nem mesmo isso.

– Não vou embora, Lucius. Nem que seja por minha família. Os Dragomir precisam de mim.

– Não, Antanasia. Você não lhes dá nada além de falsas esperanças. Olhe para você. – Seu olhar viajou por toda a extensão do meu corpo e de novo seus olhos voltaram à vida, dessa vez com admiração profunda. Admiração que eu tinha visto antes. – Você é linda. Impressionante. *Inspiradora*. Eles vão lutar com mais força, achando que fazem isso por sua princesa que voltou. Pensando que você foi prejudicada pelo fracasso do pacto, quando, na verdade, eu salvei sua vida ao violar o pacto. Eles continuarão a acreditar que foram enganados pela falsa promessa de paz e poder compartilhado e vão se unir para lutar por você.

Mas, no fim, os Vladescu vencerão. Não prolongue a agonia nem aumente as perdas deles.

– Eles já estão com raiva – observei. – Não posso mudar isso. Eles também querem uma guerra, a não ser que o pacto seja cumprido.

– Se disser para se renderem a mim, eles farão isso. Você é a líder. Diga para se submeterem a mim e depois vá para casa.

Hesitei por um momento, pensando naquela barganha que só teria vantagem para um dos lados. Se eu mandasse os Dragomir cederem, talvez eles cedessem mesmo. Eu *era* a líder deles. Poderia salvar vidas. Passei os dedos no jaspe-sanguíneo no pescoço, ouvindo minha mãe biológica. *Não faça isso, Antanasia... Não permita que seu primeiro ato seja de submissão, nem mesmo a Lucius.*

– Não – respondi com firmeza. – Você destruiu o pacto. Você será responsabilizado por arruinar a paz e os Dragomir não vão se ajoelhar diante de um... de um valentão de escola.

Lucius riu disso, uma pequena sombra de seu antigo sorriso de zombaria.

– É o que você pensa a meu respeito, Jessica? Que sou um valentão, como o patético Frank Dormand?

– Você é pior.

Seu sorriso ficou triste.

– Sou mesmo. Frank, apesar de todos os defeitos, apesar de todas as crueldades, nunca sequer sonhou em *destruir* uma mulher tão magnífica quanto você.

Eu ainda lutava para encontrar as palavras certas quando Lucius me deu as costas e nos deixou.

## CAPÍTULO 63

Depois de minha família ter ido embora, sem que nenhum de nós tivesse sequer tocado no banquete preparado com capricho para comemorar meu retorno, fui para o meu quarto, onde fiquei sentada por várias horas numa cadeira ao lado das janelas de vitral, apenas observando a escuridão. Não conseguia nem pensar em dormir.

*O que posso fazer para salvar minha família? Para salvar Lucius? Ainda posso salvar Lucius ou ele está realmente além da possibilidade de redenção, como acredita?*

Lá fora um lobo uivou nas montanhas. Eu nunca tinha escutado um lobo de verdade uivar, só nos filmes ou na TV, e o som, atravessando a vastidão, era tão triste que quase me fez chorar. Tudo na minha viagem foi resumido por aquele som sofrido, lindo, lancinante. Lucius estava vivo – mas era como se não existisse mais. Meu coração ainda doía, talvez até mais, porque eu havia alimentado esperanças muito grandes para nosso reencontro. Lucius estava certo. A coisa não aconteceu conforme o planejado. Eu estava arrasada por vê-lo tão diferente.

E a revelação sobre a trama para me destruir tinha me abalado profundamente. Mas eu não acreditava que Lucius houvesse sido cúmplice, como dissera. O plano era uma estratégia de Vasile. Talvez tivesse havido um tempo em que Lucius, corrompido e quase esmagado sob o poder de Vasile, fosse capaz de pensar na possibilidade de um ato tão sombrio. Mas ele havia mudado nos Estados Unidos. Como ele próprio disse, vislumbrara um novo caminho. Ele havia me dito: *“Para os meus filhos, poderia ter sido diferente...”*

Também me lembrei de suas palavras mais cedo, naquela mesma noite. *“Eu salvei sua vida ao violar o pacto.”*

Ao se recusar a honrar o acordo dos clãs, Lucius lutara ativamente para me salvar da trama de Vasile, arriscando-se. Ele sabia que Vasile tentaria destruí-lo por causa da insubordinação.

Lucius sempre me protegeria.

Apesar de todos os alertas dos meus pais sobre a crueldade dos Vladescu, apesar de todas as declarações veementes do próprio Lucius, de que ele era perigoso para mim, eu sabia que a realidade era outra.

Mas como poderia fazer com que *Lucius* acreditasse que nunca me faria mal? Que ainda éramos um do outro e sempre seríamos?

Não havia respostas no negrume do lado de fora da janela, por isso me levantei e fui desfazer a mala. *Pelo menos, não vou fugir para casa, como Lucius desejava.*

Enquanto desdobrava as roupas, meu exemplar de *Crescendo* como morto-vivo, que eu havia posto dentro da mala no último minuto, caiu no chão. Peguei-o, pensando no dia em que tinha descoberto aquele livro junto à porta do meu quarto, com o marcador de Lucius brilhando ao sol da manhã. Na hora, odiei o presente. Mas Lucius estava certo. Apesar do tom superficial, o livro tinha sido um bom guia durante uma época confusa. Uma fonte precisa. Quase como um confidente, quando não havia mais ninguém com quem eu pudesse conversar sobre mudanças que ocorriam no meu corpo, na minha vida. Sentada na cama, abri o último capítulo, que eu havia deixado de ler propositalmente enquanto meus sentimentos por Lucius ficavam cada vez mais fortes.

Capítulo 13: “O amor entre os vampiros: mito ou realidade?”

*É claro que os vampiros podem amar. Dorin acreditava que Lucius era capaz de me amar.*

No entanto, meu coração se apertou quando comecei a ler o conselho ajuizado do guia.

*"É melhor não abrigar ideias fantasiosas sobre o amor entre vampiros. Os vampiros são românticos, até mesmo afetuosos, ocasionalmente. Mas, no final das contas, somos uma raça implacável! Tente aceitar que os relacionamentos entre vampiros são baseados no poder e na paixão – mas não no conceito humano de "amor". Começar a confiar no "amor" – como muitos vampiros jovens e tolos tendem a fazer – é se colocar em grave perigo!"*

*Não.*

Fechei o livro com força e joguei-o de lado, sabendo que ele havia servido ao seu propósito. Eu não precisava mais de conselhos. Dessa vez o guia – ainda que respeitado, ainda que venerável – estava errado. Eu sabia a verdade. Lucius me amava.

Percebi, num momento de clareza, que estava disposta a arriscar a vida por essa convicção. Que *arriscaria* a vida por isso naquela mesma noite.

## CAPÍTULO 64

Incapaz de localizar um papel de carta mais adequadamente pomposo no meio da noite, redigi meu bilhete de abdicação no verso de um panfleto de turismo que descrevia as belezas de nosso lar ancestral – VEJA UMA MASMORRA DE VERDADE! CONHEÇA A VISTA DAS TORRES! – que encontrei perto da porta da frente.

Escrevi:

*Querida família,*

*É inútil travar uma guerra contra os Vladescu. Decidi que é do nosso interesse que eu retorne aos Estados Unidos, que abdique do posto de princesa. Porém, meu último ato como sua soberana é ordenar que todo Dragomir se submeta sem luta ao domínio dos Vladescu. Estou colocando nosso clã sob o poder de Lucius Vladescu para que possamos ter paz. Daqui em diante, vocês serão súditos dele.*

*Esta é a minha ordem, dada à meia-noite de 9 de junho e efetiva a partir das 6h30 deste mesmo dia.*

*Antanasia Dragomir*

Pus o bilhete na comprida mesa de jantar, ainda cheia de pratos e taças do festim arruinado, onde tinha quase certeza de que Dorin iria encontrá--lo na hora do café da manhã. O panfleto parecia ridículo apoiado num candelabro de prata manchado e eu esperava que ao menos minhas palavras soassem oficiais.

De qualquer maneira, se alguém lesse minha diretriz, eu já estaria morta. O destino dos clãs não seria mais problema meu.

*Isso não vai acontecer, Jessica.*

Eu desejava me apresentar a Lucius de modo majestoso e poderoso, por isso não havia tirado o vestido, o que tornava difícil mudar de marcha no apertado Panda. A cauda se prendia na embreagem, mas consegui manobrar para fora do estacionamento e sair para a estrada estreita e tortuosa que se retorcia como uma trepadeira venenosa em direção ao castelo de Lucius.

Felizmente eu havia gravado o local da casa dele – sua proximidade da minha propriedade ancestral, sua grandiosidade horrível – na vinda com Dorin, porque pude refazer o caminho, mesmo sendo uma rota confusa nas montanhas escuras. Ou talvez eu tenha me perdido algumas vezes, porque a viagem pareceu durar uma eternidade. Por fim, vi as torres pontudas do castelo tentando esfaquear a lua cheia e peguei a trilha que seguia para lá, quase vertical, interrompida por curvas fechadas que brotavam da escuridão como bonecos de caixas de surpresa e me obrigavam a apertar o freio várias vezes para não voar pelos penhascos íngremes que apareciam à esquerda e à direita, nas aberturas da floresta densa.

– Vai! – Eu encorajava o Panda, dando tapinhas no volante, instigando o motor que lutava, certa de que ele estava prestes a desistir.

O asfalto terminou, mudando para terra batida, e continuávamos a subir.

Finalmente, quando começara a acreditar que a montanha não acabaria nunca, um portão de ferro surgiu diante de mim, com pelo menos dois metros e meio de altura. *Por que não pensei nisso?* Parei o carro e puxei o freio de mão com o máximo de força que pude, tendo visões do pobre Panda desaparecendo pela estrada vertical e mergulhando na ribanceira, para jamais ser visto

de novo. Levantando o vestido para que a cauda não se arrastasse na estrada de terra, fui até o portão e me aventurei a puxar a pesada argola de ferro que servia de maçaneta, certa de que seria uma tentativa inútil.

Porém, para minha surpresa, o portão se moveu uns dois centímetros. Puxei com mais força, lutando contra o peso, e consegui abri-lo apenas o bastante para me esgueirar para dentro. Grande sistema de segurança de Lucius!

Dei alguns passos na terra dos Vladescu e o portão se fechou atrás de mim, com um baque alto, metálico, como um gongo de mau agouro na floresta silenciosa. Olhei para trás me sentindo imediatamente vulnerável, longe do carro e trancada com o quê? Vampiros, com certeza, e talvez coisas mais apavorantes ainda. Pensei no uivo do lobo. E em cachorros. E se Lucius tivesse cães de guarda?

*Será que devo empurrar o portão de novo, tentar abri-lo e voltar para o carro?*

Mas tive uma sensação terrível de que estava trancada do lado de dentro. Além disso, não tinha intenção verdadeira de voltar.

Eu mal conseguia discernir o caminho à minha frente, mesmo com o luar atravessando as árvores densas. Não tinha escolha a não ser seguir adiante, então ajeitei os ombros e comecei a andar. A cada passo minha consciência dos sons da floresta aumentava: o estalar de galhos a distância, o farfalhar de folhas enquanto algum animal – *por favor, que seja algum roedor da Romênia* – se afastava correndo, espantado pelos meus passos.

Havia coisas maiores por lá também. Dava para ouvi-las por perto. Apressei o passo, a princípio só andando mais depressa, depois começando quase a correr o mais rápido que conseguia no caminho irregular, de terra e pedras. *Por favor, por favor, que o castelo apareça.* Minha respiração começou a sair tão ruidosa que os outros sons foram abafados, mas os monstros estavam tão

ativos na minha imaginação que eu não precisava escutá-los para saber que estavam lá, mordiscando meus calcanhares. E então, tropecei.

Antes que pudesse cair de joelhos, porém, dois pares de mãos seguraram meus braços e me puxaram para cima, me erguendo bruscamente.

Nem tive tempo de gritar. Enquanto tentava ver quem me agarrava, vi Lucius diante de mim, banhado pelo luar. Estava parado, braços cruzados, bloqueando o caminho. Meus braços ainda estavam contidos com força e olhei para os lados. Dois rapazes – vampiros, presumi – me seguravam.

– Me soltem! – gritei, tentando afastá-los.

– *Eliberați-o!* – ordenou Lucius em romeno. – Soltem-na!

A ordem foi cumprida e eu fiquei de pé sozinha, espanando-me, como se eles tivessem me sujado com seu toque.

Os jovens vampiros esperaram as determinações de Lucius, ansiosos para me recapturar.

Mas seriam frustrados, para meu alívio.

– *Mergeți. Lăsați-ne în pace* – disse Lucius, aparentemente dispensando seus guardas, porque eles desapareceram na noite.

Ouvir Lucius se comunicar numa língua familiar para ele mas não para mim, muito depois da meia-noite, numa floresta remota e sinistra, só enfatizou como Lucius havia se tornado um completo estranho, e parte da minha decisão desmoronou.

Estávamos nos encarando em silêncio, o corpo dele fechando o caminho para seu castelo.

– Há quanto tempo você estava me seguindo? – perguntei.

– Os faróis do seu carro de brinquedo são fracos, mas mesmo assim visíveis a muitos quilômetros de distância. Poucas pessoas pegam esse caminho à noite. A estrada é traiçoeira demais e o destino, mais perigoso ainda.

– Então é por isso que o portão estava aberto. Você sabia que eu vinha.

– Sabia mesmo. Queria ver até onde levaria essa visita imprudente. – Ele andou na minha direção, as mãos cruzadas às costas. – Devo admitir que você chegou muito mais longe do que eu previa. Está praticamente na minha casa.

– Não tenho medo do escuro – menti.

Lucius chegou mais perto, erguendo-se diante de mim.

– Há lobos nessa floresta – alertou, inclinando-se para olhar meu rosto. – E eles achariam difícil resistir a uma mulher tão tentadora quanto você. Ainda mais nesse magnífico vestido vermelho-sangue.

Olhei para meu vestido enquanto Lucius andava ao meu redor, examinando-me, numa paródia do que havia feito meses antes no estábulo dos meus pais, no dia em que nos conhecemos. Ele havia mudado desde então – e eu também. Nada de botas sujas, camisetas rasgadas. A seda vermelha cintilava ao luar.

– Você nunca leu *Chapeuzinho Vermelho*, Jessica? – perguntou Lucius, ainda me rodeando devagar, chegando perto e me cercando. – Não sabe o que acontece com inocentes que andam sozinhas em florestas escuras?

Fui atravessada por uma estranha onda de terror misturada com ansiedade. Lucius estava perto demais – e ao mesmo tempo não o suficiente. Eu não podia ver direito seus olhos negros na escuridão. Não podia avaliar seu humor. Ele estaria brincando comigo como prelúdio de um beijo... ou de um golpe de estaca no peito?

*Você está apostando sua vida na primeira opção, Jess.*

– Esqueci a história, Lucius. É só um conto para criancinhas.

– Ah, é uma das minhas histórias prediletas – disse ele, fazendo uma pausa atrás de mim. Fiquei tensa, me sentindo vulnerável com ele às costas. – As origens estão perdidas no tempo. E há

muitas adaptações. Em algumas a menina é salva. Mas eu adoro o final relatado por Perrault na versão clássica.

– Como... como termina? – perguntei sem me mexer.

– “Vovó, que DENTES grandes você tem!” – recitou Lucius, tão perto dos meus ombros que seus lábios roçaram minha orelha, quase me mordendo. – “São para comê-la!” E, dizendo essas palavras, o Lobo Mau saltou sobre Chapeuzinho Vermelho e a devorou.”

Estremeci enquanto ele contava a história, em parte por causa de sua proximidade, em parte pelo prazer evidente com que ele relatava a conclusão medonha.

– Não é um final simples e satisfatório, Jessica?

Ele riu baixinho.

– Eu gosto mais dos finais felizes – afirmei.

Lucius riu com mais intensidade.

– O que poderia ser mais feliz... para o lobo? Por que os humanos sempre olham essas coisas pela perspectiva errada? Os predadores também merecem nossa simpatia.

– Não vim aqui para escutar contos de fadas – respondi, quebrando o feitiço. Ele estava começando a me irritar.

– Então corra para casa, Chapeuzinho Vermelho – disse Lucius, segurando meus ombros e virando-me de volta para o carro. – É tarde e você corre o risco de virar comida de lobo. O que eu diria na carta para os seus pais? Que deixei Jessica ser devorada, ter os membros arrancados, depois de eles terem sido tão hospitaleiros comigo?

Estremeci de novo, desta vez principalmente de frio, e me virei, desvencilhando-me de suas mãos.

– Quero entrar e conversar. Vim aqui propor um trato a você.

Lucius fez uma pausa, inclinando a cabeça e achando divertido.

– Um trato? Comigo? Mas você não tem com que negociar. – Mesmo assim dava para ver que ele estava intrigado. – Tem?

– Acho que sim.

– E esse trato termina com você retornando à Pensilvânia, que é o seu lugar?

– Pode terminar com minha partida – respondi. *Deste mundo. Para sempre.*

– Você despertou meu interesse – admitiu Lucius, tocando meu ombro de novo. – E está tremendo de frio. Sou um anfitrião grosseiro, provocando-a no ar gelado, quando você não está acostumada à primavera nos Cárpatos. Vamos entrar, onde posso enfurecê-la e inspirar ódio com todo o conforto.

Começamos a andar lado a lado pelo caminho. Os pés de Lucius seguiam seguros no terreno familiar para ele, enquanto eu tentava me equilibrar usando trajes inadequados para aquela caminhada noturna. Oscilei ligeiramente e Lucius estendeu a mão para me firmar. Depois de eu recuperar o equilíbrio, ele manteve a mão no meu cotovelo e senti que com aquele gesto simples eu tinha avançado mais um passo para ganhar a guerra entre os Vladescu e os Dragomir.

Ou talvez não. Porque quando a enorme porta de madeira de seu castelo se fechou atrás de nós, lacrando-nos num imponente salão gótico de pedra, que desaparecia sobre mim numa escuridão alta demais para ser penetrada por um círculo de 20 tochas de verdade, Lucius observou:

– Você sabe que declarou guerra esta noite. E agora é minha primeira prisioneira.

Eu me virei a tempo de vê-lo fechar um comprido trinco de ferro, trancando-nos em sua mansão monstruosa.

– Você está brincando, não é, Lucius?

Era a coisa errada a dizer. Seus olhos estavam duros quando me encararam.

– O mais triste, Jessica, é que esta noite quase pensei que você finalmente havia aprendido a não confiar em mim.

Enquanto eu olhava horrorizada, Lucius levou a mão às costas e pegou uma coisa que aparentemente estivera escondida, enfiada em seu cinto, o tempo todo em que estivéramos juntos numa escura floresta dos Cárpatos.

Uma estaca manchada e afiada.

# CAPÍTULO 65

Lucius bateu na palma da mão com aquele instrumento rudimentar, mas mesmo assim potencialmente mortal.

– Fiz tudo o que pude para impedir que chegássemos a esse ponto, mas você se recusa a cooperar. Vou lhe oferecer uma última chance, Antanasia. Eu vou abrir o trinco, você vai sair para a noite e meus guardas garantirão seu retorno em segurança ao carro. De lá, você viajará para casa e esquecerá todo esse episódio. Essa é a *minha* oferta, que está sobre a mesa.

Enquanto Lucius falava, seus olhos tinham ficado completamente pretos, as íris consumindo a parte branca, como se ele fosse algum exótico animal noturno. A transformação era tão cativante e aterrorizante quanto fora na primeira vez em que eu a vira, na sala de jantar dos meus pais, quando Lucius sentiu sede do sangue que iria curá-lo. Foi necessário cada grama da minha coragem para que eu não implorasse para ele abrir o trinco, deixando que eu fugisse em segurança. Mas eu não podia fazer isso. Nosso relacionamento curto, intenso e confuso chegaria ao clímax naquela noite, para o bem ou para o mal. Eu não iria esperar nem mais um dia.

Dominei a voz com esforço.

– Não estou interessada em sua oferta de fuga. – Apontei para a estaca. – É exatamente por *isto* que estou aqui. Isto, na sua mão, é o ponto crucial do meu trato também.

Lucius me observou atento, sem dúvida apanhado desprevenido.

– Você esperava que eu sentisse medo, Lucius? – perguntei, desejando que meus olhos ou minha voz não tráíssem meu pavor.

– Esperava.

– Pela primeira vez, acho que você é quem foi ingênuo. Subestimou minha capacidade.

Lucius hesitou e o silêncio naquele salão quase fúnebre foi ensurdecedor, a não ser pelos estalos esparsos das tochas.

– Vamos conversar – disse ele por fim.

Andando à minha frente, sem esperar para ver se eu o seguia, ele me guiou por um labirinto de corredores que se abriam em aposentos amplos, como uma série de túneis ligando cavernas – às vezes se abaixando sob alguns lintéis construídos numa época em que os homens eram muito mais baixos do que Lucius Vladescu, às vezes subindo rápidos lances de escada que pareciam não ter propósito. Aquele não era um castelo destinado a dar as boas-vindas aos visitantes, e sim a confundir inimigos. Não era um lar. Era um covil. Uma teia de aranha feita de pedras. Enquanto penetrávamos mais fundo no imponente palácio, as curvas pareceram ficar mais fechadas; os corredores, mais estreitos; as escadas, mais íngremes. Percebi, sentindo algum pânico, que estava completamente perdida. Inteiramente à mercê de Lucius. Se as coisas não acontecessem como eu esperava, eu jamais escaparia. Meu corpo jamais seria encontrado.

Ele parou tão de repente que trombei em seu ombro enquanto ele estendia a mão para abrir uma porta que eu nem tinha percebido na parede. Virando a maçaneta e empurrando-a, Lucius ficou de lado.

– Primeiro, as damas.

Observei-o com cautela. Seus olhos não estavam mais totalmente negros, mas continuavam frios. Passei por ele.

– Obrigada.

Enquanto Lucius fechava a porta, olhei para o aposento, depois para Lucius.

– Lucius... isso é lindo.

No coração do labirinto dos Vladescu havia uma biblioteca ricamente decorada, uma versão magnífica do cenário que Lucius havia montado em nossa garagem. Um gigantesco e antigo tapete turco cobria o chão de pedras e as paredes eram forradas com estantes cheias de livros – como eu esperaria de Lucius. Poltronas de couro rasgado e gasto, testemunho das horas que sem dúvida ele havia passado com as obras de Brontë, Shakespeare e Melville. Enfiado no meio dos livros havia um troféu vermelho, com um jogador de basquete arremessando uma bola que saía das pontas dos dedos dourados. O prêmio de Lucius por ter vencido um torneio de lance livre em dezembro. Virei-me para ele, sorrindo, animada porque ele guardara um pedacinho de sua vida de adolescente americano.

– Você trouxe o seu troféu.

Lucius sorriu também, mas com sarcasmo.

– Aquilo? Foi Dorin que resgatou. Guardei para me lembrar de nunca ser idiota de novo, entregando-me a jogos ridículos quando há negócios a fazer.

Não acreditei nele, mas deixei pra lá.

Tirando o sobretudo, Lucius se abaixou para pegar um pedaço de lenha e o jogou numa lareira meio apagada. Fagulhas subiram em profusão e o fogo voltou à vida. Ele havia enfiado a estaca de volta no cinto e eu poderia tê-la apanhado naquele momento em que ele ficou de costas para mim e atirado-a nas chamas...

– Nem pense que você seria rápida o bastante – avisou Lucius sem sequer se virar, cutucando os pedaços de lenha com a bota, instigando-os a reviver.

– Isso nem me passou pela cabeça – respondi.

Lucius se virou com um sorriso de quem sabe das coisas.

– Claro que não.

Em seguida, pegou a estaca de novo, passando a mão ao longo dela, testando a ponta com o dedo.

– Lucius, você não acha mesmo que vai me destruir esta noite, acha?

Em vez de responder, Lucius veio até mim, pegando-me pelo pulso, e me puxou até o centro da sala, onde o complicado desenho do tapete culminava num círculo mais claro, gasto.

– Olhe para baixo – ordenou, a voz muito áspera de repente, apertando meu braço com força demais para ser confortável.

Obedeci e vi uma mancha escura que se espalhava pelas fibras. Sangue... Não parecia que alguém tivesse tentado limpar.

– Isso é...?

– Vasile. Foi onde o matei. É aqui que eu destruo.

Quando levantei a cabeça de novo, afastando o olhar daquela mancha para examinar o rosto de Lucius, vi que seus olhos estavam estreitados e eram puro negrume outra vez. Estávamos tão perto que eu podia espiar fundo suas íris grandes, quase como se pudesse enxergar seus pensamentos verdadeiros, ler sua mente através dos olhos, como os vampiros de verdade supostamente seriam capazes de fazer. E os pensamentos que giravam no cérebro de Lucius eram tão sombrios que me encolhi. Em seus olhos vi minha destruição.

– Lucius, não – comecei a protestar, mas, numa fração de segundo, ele estava atrás de mim, um dos braços envolvendo meu peito com firmeza, minhas mãos presas na dele, e a estaca firmada de baixo para cima sob meu esterno, quase furando a pele, penetrando na seda vermelha do meu vestido, parando bem a tempo. Prendi a respiração, com medo de me mexer.

– Você disse que tinha um trato a propor – rosnou ele. – Fale agora.

– É isso – consegui dizer, pressionando meu corpo contra o peito dele, para longe daquela ponta afiada. – Deixei um bilhete dizendo à minha família que abdiquei. Mas meu último ato foi ordenar que eles se submetessem à sua liderança sem lutar.

– Isso não é um trato. – Lucius gargalhou. – Isso é submissão.

– Não. – Balancei a cabeça, sentindo meus cachos roçarem seu queixo com a barba por fazer. Seu braço estava pesado e tenso sobre o meu peito. Em outro tempo, em circunstâncias diferentes, seria o paraíso estar tão apertada contra ele, de modo protetor. Exceto pela estaca no meu peito. – Se você não me destruir esta noite, como parece disposto a fazer, eu vou para casa antes de Dorin acordar e jogar fora o bilhete. A guerra vai continuar.

Lucius parou, pensativo.

– Você sabe que não tenho problemas quanto a continuar a guerra.

– E diz que não tem problemas quanto a me destruir. A me sacrificar. Então faça isso. Faça e impeça a guerra. Eu estou *me* sacrificando, Lucius. – Ouvi minha voz subir de volume juntamente com minhas emoções. – Faça isso, se você está tão endurecido! Tão maligno! Faça o que disse que ia fazer o tempo todo!

O medo, a frustração e a raiva contra sua obstinação, suas mudanças e sua recusa em aceitar nosso amor – sentimentos que tinham sido reprimidos em mim por tanto tempo – explodiram, me deixando imprudente, e me peguei pressionando-o com intensidade, mesmo sabendo que os riscos eram gigantescos.

– Vá em frente, Lucius! Faça isso!

– Vou fazer – disse ele, com convicção na voz, e eu o senti ofegar, o peito arfando contra minhas costas. A estaca se apertou um pouco mais em minha carne, afiada, e arqueei o corpo tentando me afastar dela. – Não me teste! – gritou ele.

– É exatamente o que estou fazendo – respondi, arquejando. Quando falei, a estaca me furou, fazendo minha respiração sair curta e entrecortada. Soltei um grito e torci a cabeça contra o ombro dele, tentando me afastar da arma, e ele cedeu um pouco.

– Estou *testando* você, Lucius – continuei, lutando para dominá-lo enquanto ele mostrava o mínimo de vulnerabilidade. – Estou

arriscando minha vida para provar que você não é Vasile. Que você não está perdido. Que me ama demais para me destruir em qualquer momento, quanto mais agora. Estou apostando tudo no fato de que você vai me poupar.

– Não posso poupar ninguém! – rugiu Lucius, perdendo a frieza. Sua mão sob minhas costelas tremeu. – Todas as minhas opções são cruéis, Antanasia! Eu destruí meu próprio tio. Coloquei seus pais em perigo, mesmo quando eles tentaram me salvar. Minha égua foi destruída. Minha mãe foi destruída. Meu pai foi destruído. Você, não importa o que eu faça, está destruída. Não posso deixá-la para trás, você não vai permitir. E não posso arrastá-la para esse... esse meu mundo. Tudo... tudo à minha volta é destruição!

Então ele enterrou o rosto no meu cabelo, exausto, e sua mão se afastou do meu peito. A estaca tombou no chão, rolando pelo tapete, e eu soube que tinha vencido. Tinha apostado e vencido.

Girei lentamente, ainda encostada em Lucius, presa por seu braço, e envolvi seu pescoço com minhas mãos, puxando sua cabeça para meu ombro, confortando-o. Ele permitiu que eu o segurasse desse jeito, acariciasse seu cabelo preto e seu queixo com a barba por fazer, acompanhando a cicatriz que não me amedrontava mais.

– Antanasia – disse ele com a voz insegura. – E se eu tivesse sido capaz...

– Mas não é. Eu sabia que você não seria capaz.

– E se algum dia...

– Nunca, Lucius.

– Não, nunca – concordou ele, levantando a cabeça do meu ombro e aninhando meu rosto nas mãos, enxugando meus olhos com os dedos. Eu nem tinha percebido que estava chorando. – Nunca faria mal a você.

Ele me puxou, pousando a cabeça de volta no meu ombro, enquanto nós dois nos recuperávamos. Ficamos assim por um

longo tempo, até que Lucius sussurrou:

– Sempre haverá uma parte de mim que é traiçoeira, Antanasia. Isso nunca vai mudar. Eu sou um vampiro, um príncipe vampiro. Governante de uma raça perigosa. Se você quer fazer isso, deverá entender...

– Não quero que você mude, Lucius – garanti, recuando para olhar em seus olhos.

– E esse mundo... – disse ele. – Eu me preocupo com você nesse mundo. Você terá inimigos. Uma princesa vampira sempre enfrenta adversários implacáveis. Outras pessoas vão querer seu poder e não hesitarão em fazer o que eu não consegui.

– Você me protegerá. E eu sou mais forte do que pensa.

– É mesmo. É mais forte do que eu – admitiu Lucius, conseguindo dar um meio sorriso relutante, apesar de ainda estar claramente abalado, como eu. – Fiz tudo o que pude para ter o que desejava, mantê-la longe de mim e de nossa espécie, mas você consegue o que quer, como uma princesa de verdade.

– Eu queria você, Lucius. Tinha que conseguir.

Abraçamo-nos no meio da sala, de pé sobre a mancha de sangue que marcava a destruição do vampiro que havia tentado fazer de Lucius um verdadeiro monstro. Atrás de nós o fogo estalava e eu pensei no baile de Natal, quando fui transportada para essa cena, enquanto dançávamos. Esse era o lugar que eu havia imaginado.

Lucius inclinou a cabeça e encostou os lábios nos meus, ainda segurando meu rosto, e no coração daquele labirinto de pedra nós nos beijamos, a princípio com ternura, os lábios mal se encostando, de novo e de novo. Então Lucius levou uma das mãos à minha nuca e outra à minha cintura, um gesto ao mesmo tempo protetor e possessivo, e me beijou com mais ferocidade, e eu soube que ele finalmente estava me tomando para si, como sua parceira prometida, de uma vez por todas. Eu soube que cumpriríamos o pacto.

Ele se afastou, examinando meu rosto. Toda a suavidade estava de volta em seus olhos. Eu sabia que tornaria a ver o príncipe guerreiro muitas vezes. Ele ainda era Lucius Vladescu. Mas a dureza, a aspereza que havia dentro dele jamais seria direcionada de novo contra mim. Na verdade nunca tinha sido. Só na imaginação e nos temores dele.

– Isso é a eternidade, Antanasia – disse ele, ao mesmo tempo alertando e implorando. – A eternidade.

Ele me dava uma última chance de ir embora – e suplicava que eu não fosse.

Eu não tinha intenção de ir a lugar algum longe daquela sala ou de seu abraço. Inclinei a cabeça para trás, cedendo sem palavras, e fechei os olhos enquanto Lucius encontrava de novo o ponto em que minha pulsação batia mais forte no pescoço. Dessa vez não houve hesitação, além de algumas respirações brevíssimas em que ambos saboreávamos o momento que nos reuniria para sempre. Então seus dentes se cravaram no meu pescoço e eu gritei baixinho, sentindo-o mergulhar, com força e segurança, mas também com delicadeza infinita, na minha veia, me devorando.

– Eu te amo, Lucius. – Ofeguei, sentindo-me atraída para o seu corpo, tornando-me parte dele. – Sempre amei.

Minhas presas foram liberadas, acabando com a dor, e, quando Lucius terminou, minha garganta ardia com um prazer inimaginável. Ele me levou até um dos sofás, puxando-me de modo que eu pudesse alcançar sua garganta com facilidade, e pareceu natural demais encostar os dentes no pescoço dele.

– Aqui, Antanasia – sussurrou Lucius, pondo as pontas dos dedos suavemente sob meu queixo, me guiando ao lugar certo, e, no momento em que senti sua pulsação latejar logo abaixo da pele, não pude esperar mais. Cravei os dentes fundo, sentindo seu gosto, tornando-o parte de mim.

Lucius gemeu, me apertando para mais perto, e assim meus dentes penetraram mais fundo e o sangue correu mais depressa, escorrendo fresco e intenso em minha boca. Seu sangue tinha gosto de poder e paixão com um toque de doçura... exatamente como Lucius.

– Ah, Antanasia – sussurrou ele, acariciando meu rosto e me ajudando a soltar com relutância os dentes ainda pouco familiares enquanto eu terminava de beber. – Também sempre te amei.

Dormimos nos braços um do outro no sofá diante da lareira, exaustos, satisfeitos e felizes. Pelo menos eu dormi durante toda a noite. Lucius, num determinado momento, se levantou e saiu, porque, quando acordei, logo antes do amanhecer, percebendo que precisava correr de volta para casa e destruir o bilhete – antes que abdicasse – Lucius me avisou que os jovens guardas vampiros já haviam sido despachados na madrugada, para garantir que meu reinado não terminasse inesperadamente cedo.

E enquanto eu ficava aninhada junto a Lucius, com a cabeça em seu peito, protegida por seus braços fortes, os dedos tateando as feridas sensíveis no meu pescoço, percebi que ele havia feito mais do que ordenar que seus lacaios cumprissem a ordem.

A estaca que havia caído no tapete desaparecera.

Lucius nunca me contou o que foi feito dela. Não disse se jogou no fogo – que foi realimentado durante a noite – a lembrança de seu feito mais violento e de nosso momento mais sombrio ou se escondeu a estaca em algum lugar no castelo, para o caso de querer usá-la outra vez. E eu nunca perguntei.

# AGRADECIMENTOS

Escrever parece um ato solitário – até que, depois da criação, você para e pensa em todas as pessoas que *realmente* tornaram “seu” livro possível.

Um agradecimento especial à minha agente, Helen Breitweiser, uma força da natureza que não só promoveu o livro desde o início, mas segurou minha mão durante toda a produção. Eu não poderia pedir uma defensora melhor.

Também agradeço à minha editora, Gretchen Hirsch, por suas ideias incríveis para a história e o modo hábil com que cuidou de uma escritora novata com inúmeras perguntas. Tive sorte de poder contar com uma parceira fantástica durante o processo.

E obrigada, também, a Liz Van Doren, que foi a primeira a me orientar.

Finalmente, no departamento editorial, agradeço a Kathy Dawson por aparecer no último momento e examinar tudo.

Quanto à equipe “de casa”, eu nem sequer teria começado um romance sem o apoio de Dave, meu marido maravilhoso, que, além de oferecer apoio moral, manteve nossos filhos doidos ocupados e longe do meu escritório para que eu pudesse trabalhar. Meus pais e meus cunhados, George e Elaine Kazuba, também se apresentaram várias vezes para servir de babás, sempre com uma palavra encorajadora para mim. Obrigada.

E por falar em crianças doidas, obrigada a Paige e Julia, que não têm absolutamente nenhuma ideia do que faço sentada tantas

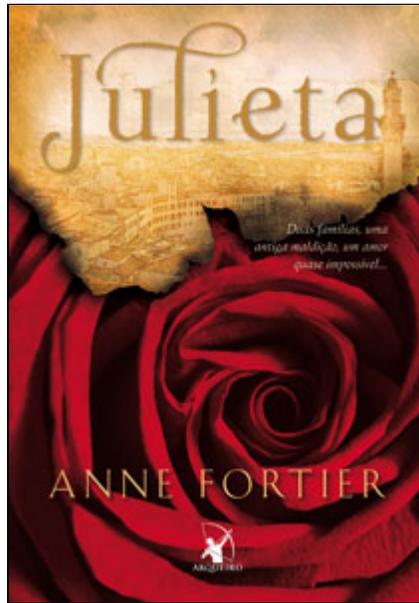
horas diante de um computador, mas acham legal mesmo assim.  
Isso é que é apoio.

## **SOBRE A AUTORA**

**B**eth Fantaskey morou a vida toda no interior da Pensilvânia, um lugar sempre importante em seus livros. Ela adora viajar pelo mundo, mas tem medo de avião. É jornalista e leciona na Universidade Susquehanna. O que mais gosta de fazer é escrever para os jovens e acha o máximo interagir com eles. *Como se livrar de um vampiro apaixonado* é seu primeiro livro. Beth tem dois filhos pequenos.

Para mais informações sobre o livro e a autora, entre no site:  
[editoraarqueiro.com.br/vampiroapaixonado](http://editoraarqueiro.com.br/vampiroapaixonado)

## CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



### *Julieta*

Anne Fortier

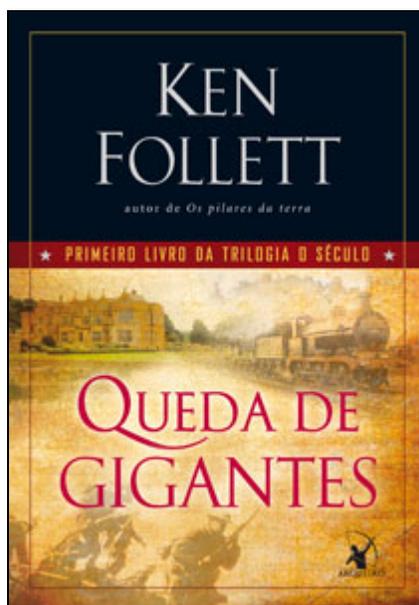
Julie Jacobs nasceu em Siena, na Itália, e foi criada nos Estados Unidos por sua tia-avó Rose. Passados mais de 20 anos, a morte de Rose traz uma revelação surpreendente para Julie: em uma carta deixada pela sua tia, ela descobre que seu verdadeiro nome é Giulietta Tolomei. A carta também revela que sua mãe havia descoberto um tesouro familiar, muito antigo e misterioso. Mesmo acreditando que sua busca será infrutífera, Julie parte para Siena e lá encontra um presente de sua mãe: um velho diário de um famoso pintor italiano, Maestro Ambrogio.

O diário conta uma história trágica ocorrida há 600 anos. Dois jovens amantes, Giulietta Tolomei e Romeo Marescotti, morreram vítimas do ódio irreconciliável entre os Tolomei e os Salimbeni.

Desde então, uma terrível maldição persegue essas duas famílias. E, levando-se em conta a linhagem e o nome de batismo de Julie, ela provavelmente é a próxima vítima.

Tentando quebrar a maldição, Julie começa a explorar a cidade e a se relacionar com os sienenses. À medida que se aproxima da verdade, sua vida corre cada vez mais perigo.

Instigante, repleto de romance, suspense e reviravoltas, esse livro é a história de uma lenda que atravessou os séculos e foi imortalizada por Shakespeare. Mas é também a história de uma mulher moderna, que descobre suas origens, sua identidade e um sentimento devastador e completamente novo para ela: o amor.



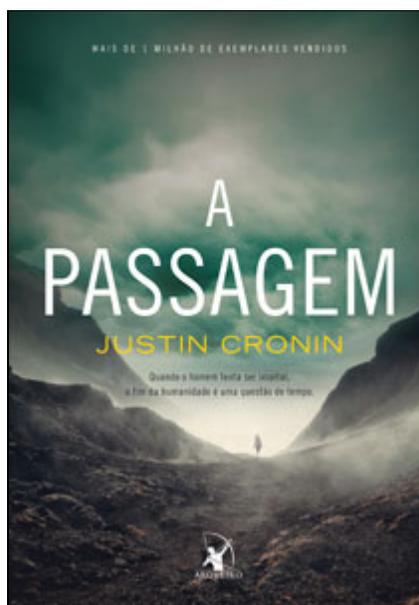
## *Queda de gigantes*

Ken Follett

Cinco famílias, cinco países e cinco destinos marcados por um período dramático da história. *Queda de gigantes*, o primeiro volume da trilogia “O Século”, do consagrado Ken Follett, começa no despertar do século XX, quando ventos de mudança ameaçam o frágil equilíbrio de forças existente – as potências da Europa estão prestes a entrar em guerra, os trabalhadores não aguentam mais ser explorados pela aristocracia e as mulheres clamam por seus direitos.

De maneira brilhante, Follett constrói sua trama entrelaçando as vidas de personagens fictícios e reais, como o rei Jorge V, o Kaiser Guilherme, o presidente Woodrow Wilson, o parlamentar Winston Churchill e os revolucionários Lênin e Trótski. O resultado é uma envolvente lição de história, contada da perspectiva das pessoas comuns, que lutaram nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial,

ajudaram a fazer a Revolução Russa e tornaram real o sonho do sufrágio feminino.



## *A passagem*

Justin Cronin

Primeiro, o imprevisível: a quebra de segurança em uma instalação secreta do governo norte-americano põe à solta um grupo de condenados à morte usados em um experimento militar. Infectados com um vírus modificado em laboratório que lhes dá incrível força, extraordinária capacidade de regeneração e hipersensibilidade à luz, tiveram os últimos traços de humanidade substituídos por um comportamento animalesco e uma insaciável sede de sangue.

Enquanto a humanidade se torna presa do predador criado por ela mesma, o agente Brad Wolgast, do FBI, tenta proteger Amy, uma órfã de 6 anos usada no malfadado experimento que deu início ao apocalipse. Mas, para Amy, esse é apenas o começo de uma longa jornada até o lugar e o tempo em que deverá pôr fim ao que jamais deveria ter começado.

*A passagem* é um suspense implacável, uma alegoria da luta humana diante de uma catástrofe sem precedentes. Da destruição da sociedade que conhecemos aos esforços de reconstruí-la na nova ordem que se instaura, do confronto entre o bem e o mal ao questionamento interno de cada personagem, pessoas comuns são levadas a feitos extraordinários, enfrentando seus maiores medos em um mundo que recende a morte.



## *O pacto*

Joe Hill

Ignatius Perrish tinha uma família unida e privilegiada, um irmão que era seu grande companheiro, um amigo inseparável e, muito cedo, conheceu Merrin, o amor de sua vida. Porém uma tragédia põe fim a toda essa felicidade: Merrin é estuprada e morta e ele passa a ser o principal suspeito. Embora não haja evidências que o incriminem, também não há nada que prove sua inocência.

Um ano depois, Ig acorda de uma bebedeira com uma dor de cabeça infernal e chifres crescendo em suas têmporas. Descobre também algo assustador: ao vê-lo, as pessoas não reagem com espanto e horror, como seria de esperar. Em vez disso, entram numa espécie de transe e revelam seus pecados mais inconfessáveis.

Um médico, o padre, seus pais, ninguém está imune a Ig. E todos estão contra ele. Porém, a mais dolorosa das confissões é a

de seu irmão, que sempre soube quem era o assassino de Merrin, mas não podia contar a verdade. Até agora.

Sozinho, sem ter aonde ir ou a quem recorrer, Ig vai descobrir que, quando as pessoas que você ama lhe viram as costas e sua vida se torna um inferno, ser o diabo não é tão mau assim.

## CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

*Queda de gigantes*, de Ken Follett

*Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim e Cilada*, de Harlan Coben

*A cabana*, de William P. Young

*A farsa, A vingança e A traição*, de Christopher Reich

*Água para elefantes*, de Sara Gruen

*O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital*, de Dan Brown

*Julieta*, de Anne Fortier

*O guardião de memórias*, de Kim Edwards

*O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

*O nome do vento*, de Patrick Rothfuss

*A passagem*, de Justin Cronin

*A revolta de Atlas*, de Ayn Rand

*A conspiração franciscana*, de John Sack

## INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,  
escreva para [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

EDITORA ARQUEIRO

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

O casamento de  
Antanasia Jessica Packwood  
& Lucius Valeriu Vladescu

# CAPÍTULO 1

Mindy Stankowicz, minha melhor amiga – se é que eu ainda podia chamá-la assim –, parecia totalmente perplexa enquanto uma multidão de romenos que sabiam aonde ir passava por ela para chegar às esteiras de bagagem no movimentado Aeroportul Intenational Henri Coandă, em Bucareste.

Eu tinha consciência de que deveria correr para ajudá-la, mas me contive por alguns segundos, apenas observando enquanto ela me procurava no meio da turba. Seus olhos saltavam de vez em quando para as placas repletas de orientações no idioma que nem meus quatro meses na Romênia tinham me preparado para entender.

*Bagaje pierdute... Conexiune gara... Carucioare bageje...*

De certa forma, nós duas éramos estranhas numa terra *muito* estranha. Recém-chegadas a uma cultura tão diferente daquela em que tínhamos crescido, agora éramos também estranhas uma para a outra, apesar de nos conhecermos desde o jardim de infância.

Mindy deu um passo hesitante e parou, obviamente sem saber aonde ir. Continuei sem me mexer. Meus pés pareciam aparafusados ao chão enquanto eu tentava entender as emoções que afloravam ao ver uma amiga do passado recente, alguém que havia sido testemunha de tudo o que acontecera na escola, desde o dia em que Lucius Vladescu entrou na minha vida até o momento em que foi tirado de mim.

Eu ainda não sabia direito se Mindy me abandonara ou se eu é que a havia deixado de lado à medida que as coisas com Lucius ficavam mais intensas. Ela tinha tentado me ajudar a enfrentar

tudo pelo que eu vinha passando com Lucius, Faith Crosse e Jake Zinn, mas eu a afastara, com medo de confessar a verdade sobre o que sentia por Lucius – e sobre o que ele *era* e eu estava me tornando. Mesmo assim, fiquei muito magoada no dia em que Mindy puxou a mão e correu para longe de mim na aula de educação física. Foi como se ela estivesse renunciando à nossa amizade.

*Quem foi a pior amiga?*

Parada num aeroporto apinhado e cercada de pessoas que pegavam suas bagagens nas esteiras rolantes ao som de anúncios em vários idiomas, numa cena que lembrava uma torre de Babel caótica e moderna, Mindy parecia *apavorada* e me lembrei de um detalhe crucial da nossa história.

Na noite em que Lucius quase foi destruído – no meu aniversário de 18 anos, quando quase todo mundo, até meus pais, de certa forma, havia virado as costas para mim e para Lucius – foi Mindy quem me ligou para avisar que ele estava em apuros.

Ela tivera dúvidas com relação a Lucius, pensou que ele até pudesse estar me machucando, mas no fim tentou salvá-lo, por *mim*, porque sabia que eu o amava.

Se eu não tivesse aparecido no celeiro naquela noite e tentado intervir, talvez as coisas houvessem acontecido de modo um pouco diferente. Talvez Ethan Strausser, em vez de Jake, pegasse a estaca. E Lucius não existiria mais...

De repente meus pés se libertaram e eu não apenas andei na direção de Mindy, mas *corri* para ela, sem sequer pensar em como a situação poderia ficar delicada – afinal de contas, eu era uma *vampira* e nós não tínhamos nos visto depois da minha transformação nem conversado direito sobre o assunto.

Fui empurrando a multidão e abri os braços no momento em que Mindy me viu. Então ela também abriu os braços sem hesitar, sem ter nada além de alegria nos olhos. Nós nos abraçamos e

começamos a chorar tanto e tão rápido que nem tivemos chance de dizer "oi".

Ficamos agarradas uma à outra por um longo tempo, ignorando as pessoas que passavam, algumas reclamando em romeno por estarmos no caminho. Quando finalmente nos acalmamos, fiz a pergunta pela qual estava ansiosa e que ainda não tivera coragem de verbalizar, porque talvez já fosse muito querer que Mindy fosse à Romênia para o casamento de uma pessoa de quem ela poderia nem gostar mais.

– Quer ser minha dama de honra? Por favor.

Mindy se afastou de mim e passou os dedos sob os olhos, tentando secar as lágrimas que espalhavam a maquiagem pela bochecha, e disse, com um sorriso trêmulo e ainda meio lacrimoso:

– Nossa, Jess, já estava achando que você não fosse pedir!

Também enxuguei o rosto, tentando afastar algumas lágrimas.

– Fiquei com medo de...

*Com medo de que você dissesse não... De não sermos mais tão amigas... De que você, em sua consciência, não apoiasse meu casamento com um vampiro...*

Antes que eu pudesse encontrar as palavras certas, Mindy apertou meu braço, me impedindo de falar mais.

– E quem é que faria o seu cabelo no dia mais importante da sua vida, Jess? – provocou ela. – Hein?

Por algum motivo quase comecei a chorar de novo, mas ri também.

– Só você – garanti, sabendo que tudo o que havia acontecido entre nós, todas as esquisitices, tinham ficado para trás. Não precisaríamos dizer mais nenhuma palavra.

Ou talvez houvesse mais uma coisa a dizer, porque de repente Mindy ficou séria, o riso sumindo dos olhos.

– Você é *mesmo* uma... – ela olhou em volta, provavelmente verificando se havia alguém por perto que pudesse nos entender, depois se aproximou de mim e sussurrou, tão baixo que nem eu pude ouvir direito: –... vampira?

Ajeitei a postura, não querendo esconder o que eu era nem agir como se sentisse vergonha. Queria ser totalmente honesta com Mindy desta vez, porque tinha escondido muita coisa dela no passado.

– É, sou.

Mindy examinou meu rosto com atenção, como se precisasse ter certeza de que eu ainda era realmente *eu*, não simplesmente uma criatura incompreensível para ela e que bebia sangue. Aos poucos, enquanto examinávamos os olhos uma da outra, vi seu sorriso não apenas retornar, mas ficar mais firme e mais caloroso, como se ela estivesse pondo de lado as últimas reservas a meu respeito. A nosso respeito.

– Legal – disse finalmente, confirmando com a cabeça. – Tudo bem.

Eu não sabia que precisava da aprovação de alguém, mas acho que precisava da de Mindy, porque foi bom ouvi-la dizer aquilo.

– Obrigada – respondi, sorrindo mais também.

Eu estava em êxtase porque ia me casar com Lucius, mas ter minha melhor amiga de volta preencheu um espaço vazio no meu coração. Então, apesar de já sermos bem grandinhas e de estar chegando o dia do meu *casamento*, peguei a mão dela, como fazíamos quando éramos crianças no parquinho.

– Vamos pegar suas malas – sugeri, puxando-a para a esteira certa, onde a maior parte das bagagens já havia sido retirada.

Ao nos aproximarmos, vi três malas grandes, imitações de Louis Vuitton novinhas, que provavelmente já davam a vigésima volta por ali. Quando elas chegaram a nós, Mindy soltou minha mão,

esticou o braço e puxou uma, depois outra, e eu corri para pegar a última, antes que ela fosse embora de novo.

Enquanto a mala pesada batia no chão perto dos meus pés, olhei para Mindy, confusa.

– *Três* malas? Eu tinha entendido que você só ia ficar três dias, no máximo.

Mindy me olhou como se *eu* estivesse louca.

– Este é o evento mais importante da sua vida – lembrou ela. – Vamos precisar de muitos produtos para o cabelo!

Comecei a gargalhar, sentindo-me *completamente* feliz naquele momento. Eu ia me casar com Lucius e Mindy estava mesmo de volta.

– Venha – chamei, começando a puxar a mala em direção à saída. – Lucius mandou um motorista e nós temos um monte de coisas para fazer.

– Já estou indo – declarou Mindy, correndo ao meu lado com as outras duas malas a reboque. – Mal posso esperar!

Olhei para ela e compartilhamos um sorriso que resumia uns 15 anos de amizade e todas as nossas esperanças e sonhos de encontrar o amor, casar e viver felizes para sempre.

Então me virei para a frente e levei-a na direção do carro que nos esperava.

Os preparativos para o casamento estavam oficialmente iniciados.

## CAPÍTULO 2

— Estou pensando num coque clássico – disse Mindy, a cabeça inclinada enquanto folheava as páginas de uma edição especial para noivas da revista *Penteados das celebridades*. – Dependendo, é claro, do que você vai usar na cabeça.

Eu estava dividida entre conferir as opções disponíveis e olhar a paisagem de fora do carro. Aparentemente Lucius havia previsto a quantidade de malas de Mindy, porque o utilitário de luxo que ele mandara para nos buscar do aeroporto tinha um porta-malas bem maior que o dos outros muitos veículos da garagem dos Vladescu. E eles logo estariam à *minha* disposição também, por mais que ainda fosse difícil acreditar.

Do outro lado da janela, os Cárpatos se descortinavam teatralmente e, quando fazíamos uma curva mais íngreme na montanha, de repente só o que se via era o céu. Eu me pegava meio boquiaberta, não só porque parecia que íamos voar para fora da estrada, mas por causa do assombro de perceber que aquela paisagem escarpada e selvagem era meu novo lar.

– Jess? – Mindy deu um tapinha no meu braço. – Eu perguntei o que você vai usar na cabeça. Vai ser uma tiara, não é? Quero dizer, tem que ser uma tiara!

Virei-me e vi os olhos de Min brilhando diante da perspectiva de fazer parte de um legítimo casamento da realeza – algo que nunca pensaríamos que pudesse acontecer *de verdade* a qualquer uma de nós, apesar do que pregavam nossos filmes prediletos da Disney.

– É, vai ser uma tiara – confirmei, imaginando se Mindy não estaria *mais* empolgada do que eu com o casamento propriamente

dito. Eu mal podia esperar para me casar com o Lucius, mas pensar na cerimônia me deixava nervosa.

Será que eu conseguiria seguir o protocolo da forma adequada?

Será que os convidados iriam se divertir?

E, mais importante, será que algum dos meus parentes – Dragomir ou Vladescu – causaria alguma encrenca? Porque isso com certeza era possível.

– Estou doida para ver o vestido! – disse Mindy, voltando a atenção para a revista no colo. – Aposto que é lindo!

– Você vai ver amanhã – prometi, esperando que ela gostasse. E esperando que *Lucius* gostasse. Eu mesma, com a ajuda do alfaiate romeno de Lucius, tinha desenhado o vestido, que era pouco convencional. Mas eu queria algo que fosse diferente e especial, um vestido que me lembrasse do meu passado e do meu futuro. Sorri ao pensar que aquela roupa seria também um tributo a um dos momentos mais importantes que Lucius e eu tínhamos compartilhado.

Eu ainda podia escutar sua voz enquanto ele parava atrás de mim numa butique na Pensilvânia e segurava meus cabelos. *"Nunca mais diga que você não é inestimável, Antanasia. Ou que não é linda..."*

Eu desejava ardentemente que Lucius me achasse *mais do que* linda quando eu caminhasse em direção a ele no altar.

Tinha que deixá-lo sem fôlego.

Nada menos do que isso.

Já nervosa de novo, voltei a olhar pela janela e vi os telhados de Sighișoara a distância. Pensei em desviar um pouco do trajeto e mostrar a Mindy aquela cidade medieval tão charmosa, como meu tio Dorin tinha feito comigo quando cheguei à Romênia, mas mudei de ideia no último momento. Havia outra coisa que, de repente, fiquei ansiosa para mostrar a Mindy, mais importante do

que as ruas estreitas e lindamente antiquadas que Lucius percorrera na infância.

Inclinei-me e dei um tapinha no ombro do motorista, sinalizando para ele no meu limitado romeno:

– *Se opreste cind ai lui Vladescu casa, te rog.*

Apesar de Mindy ter levantado os olhos da revista para olhar para mim admirada, tive quase certeza de que minha gramática – assim como minha pronúncia – estava bem ruim. Mas o motorista – um dos guardas jovens e sérios que um dia me prenderam pelos braços na floresta escura – deve ter entendido, porque assentiu sem desviar os olhos da estrada sinuosa e concordou:

– *Da, bineintele.*

– O que foi? – perguntou Mindy, parecendo bastante à vontade para uma garota que dava seu primeiro passeio pela área rural da Romênia em um carro de luxo com um motorista vampiro.

– Vamos parar um segundinho – respondi. – Quero que você veja uma coisa.

– O que...?

Antes mesmo que Mindy pudesse terminar a pergunta, o carro diminuiu a velocidade e foi para o acostamento. Eu apontei para além do ombro da minha amiga, direcionando seu olhar.

Ela se virou no banco e, quando viu a paisagem, teve a reação que eu esperava, porque eu havia reagido do mesmo modo quando Dorin parou praticamente no mesmo ponto da estrada. Eu *ainda* tinha a mesma reação toda vez que via o lugar que seria *minha casa*. Era uma mistura de espanto, incredulidade e, talvez, um toque de *medo* que fazia o queixo cair e me deixava – e agora deixava Mindy – incapaz de pensar ou dizer qualquer coisa além de...

– Esse lugar é *de verdade*?

## CAPÍTULO 3

— Você vai mesmo morar lá? – perguntou Mindy, sem afastar os olhos do enorme e imponente castelo gótico dos Vladescu. Deu mais um passo em direção à beira do precipício e eu segurei sua manga, com medo de que ela despencasse no vale íngreme e estreito que nos separava da casa de Lucius. Mas Mindy parecia hipnotizada demais para ao menos notar que eu a havia impedido. – Você vai se casar mesmo lá?

Era difícil dizer se o que havia na voz dela era fascínio ou preocupação. Talvez uma mistura dos dois. Ou talvez eu estivesse projetando em Mindy as emoções conflituosas que eu tinha em relação à minha futura casa.

Soltando sua blusa, protegi os olhos do sol poente e me juntei a ela para observar o enorme castelo onde em breve eu viveria com Lucius.

A vasta mansão de pedra, do tamanho de um pequeno – talvez não tão pequeno – quarteirão, era magnífica, sem dúvida, como se houvesse saído de um conto de fadas. No entanto, enquanto meu olhar percorria o exterior sinuoso, pontuado por pequenas torres pontudas que pareciam espetos e dominado por uma alta torre de vigia, não pude deixar de pensar, com mais do que um pouco de insegurança, que os contos de fadas sempre tinham tramas sombrias. Crianças se perdiam em florestas desoladas e esbarravam em bruxas que as cozinhavam em caldeirões. Um punhado de feijões levava a um encontro com um gigante furioso. E, como Lucius havia me lembrado à sombra das mesmas paredes de pedra que eu estava observando, meninas inocentes podiam ser devoradas por lobos...

Mindy interrompeu meus pensamentos com um assobio baixo.

– Esse lugar é...

Ela parecia incapaz de articular os pensamentos, mas eu podia completá-los muito bem.

*Gigantesco.*

*Espantoso.*

*Imponente.*

*Temível?*

– É, eu sei – concordei, baixando a mão e olhando para Mindy. – É quase inacreditável para se descrever em palavras.

Ela finalmente conseguiu afastar o olhar também e me encarou.

– Quando você disse que ia se casar na “propriedade” de Lucius, não pensei que estivesse falando, tipo, de um *castelo* de Cinderela, de rei e rainha.

Olhei um pouco mais fundo nos olhos da minha melhor amiga, porque, pela primeira vez desde que Lucius entrara na minha vida – talvez pela primeira vez na minha amizade com Mindy –, tive a impressão de ter notado uma pontada de inveja, mas ela passou tão rápido quanto veio.

Mindy se virou de novo para o vale, parecendo atraída pela construção que dominava a paisagem, cuja silhueta ia ficando mais e mais nítida à medida que o sol se punha.

– Onde, exatamente, vocês vão se casar? – perguntou ela. – Existe, tipo, um salão especial só para casamentos? Porque parece suficientemente grande para ter um salão especial para *tudo*.

Olhei de novo para o castelo, examinando as torres, os pátios sombreados e as janelas altas e estreitas, e tentando formar uma imagem dele em minha mente.

– Lucius não quer me dizer – admiti.

Mindy girou para mim, pasma.

– O quê? Você está brincando, não é?

Apesar de nunca ter namorado ninguém – não muito diferente de mim num passado recente –, Mindy planejava seu casamento desde que tínhamos uns 5 anos. *De jeito nenhum* Melinda Stankowicz deixaria alguém, nem mesmo o amor de sua vida, tentar manter em segredo o local onde aconteceria a noite mais importante de sua vida. Principalmente se estivesse se casando numa propriedade onde havia coleções de armas e *manchas de sangue*.

Não, Mindy insistiria em ver a sala, a câmara, ou qualquer que fosse o lugar onde *seu* noivo pretendesse oficializar a união.

– A única coisa que sei é que ainda nem vi o lugar – contei. – Lucius o escondeu de propósito quando me mostrou o castelo.

Não só o castelo como um labirinto de câmaras subterrâneas que só podia ser chamado de *masmorra*, onde Lucius admitiu que fora “disciplinado” algumas vezes.

– Jess, tem certeza de que não quer ver o lugar onde vocês vão trocar os votos? – perguntou Mindy com preocupação genuína na voz. – É o seu *casamento*!

– Eu sei. Acredite, pensei nisso.

Eu tinha ficado *muito* preocupada quando Lucius sugeriu que eu o deixasse escolher, mas, quando questionei isso, meu futuro marido disse: “Conheço o lugar perfeito.” Depois arqueou as sobrancelhas escuras, com malícia nos olhos negros, e perguntou: “Você confia em mim, Antanasia?”

Encarei aqueles olhos enigmáticos, misteriosos, maravilhosos durante um bom tempo, sabendo que aquela era uma oportunidade única, em toda a eternidade, de escolher onde iria me casar... e pensando, só por uma fração de segundo, que o vampiro que estava diante de mim havia me surpreendido, não muito tempo antes, com uma estaca junto ao meu peito.

Lucius estava sorrindo, provocante, mas também havia algo sério no fundo dos seus olhos e tive a sensação de que ele estava

testando nosso relacionamento, só um pouquinho. Pensei que aquilo era importante, mais do que apenas uma decisão sobre onde faríamos a cerimônia que unira gerações de vampiros antes de nós.

Então sorri também, espelhando a expressão de Lucius.

– Jess, fala sério!

A voz de Mindy me trouxe de volta ao presente.

– Você vai deixar um homem, mesmo sendo um cara maneiro como Lucius, tomar essa decisão?

Apesar das pontadas de apreensão que eu sempre sentia à sombra do castelo dos Vladescu, me peguei sorrindo do mesmo modo como tinha feito na noite em que permiti que Lucius cuidasse dessa escolha crucial. Então me virei para Mindy e disse, sem qualquer dúvida:

– Confio nele.

Então olhei o relógio, percebendo que tínhamos que ir.

– Venha – falei, já caminhando de volta para o carro. – Precisamos chegar à propriedade dos Dragomir, que é muito menos impressionante – alertei, de modo que ela não criasse muitas expectativas. – Tenho certeza de que você está louca por um banho e nós duas precisamos nos vestir para o jantar, depois pegar mamãe e papai, também. Na última vez que vi os dois, eles estavam saindo para uma caminhada pelas montanhas à procura de uma planta medicinal que papai se lembrava de ter colhido na última vez que estiveram aqui.

– Seus pais vieram? – perguntou Mindy. – Verdade?

– Claro – respondi, surpresa por ela estar surpresa. Era o meu casamento. Então me lembrei de como mamãe e papai tinham tentado me impedir de ir ajudar o Lucius naquela noite terrível em que ele quase foi destruído no celeiro dos Zinn. Mindy provavelmente sabia a maior parte do que havia acontecido naquela noite, inclusive que meus pais tinham pegado as chaves

do carro, com medo de que Lucius tivesse mesmo sucumbido à sua natureza sombria e mordido Faith Crosse.

– Perdoei mamãe e papai há muito tempo – confessei a Mindy, nem me incomodando em perguntar quanto ela sabia. – Eles só estavam tentando me proteger. Não sabiam como as coisas iriam ficar ruins para o Lucius.

– É, acho que não sabiam – concordou Mindy, enquanto chegávamos ao carro. Ela conteve um passo, parecendo ter algo em mente.

Esperei também, enquanto ela escolhia as palavras.

– O Jake... – começou ela finalmente, parecendo hesitante em falar do meu antigo namorado, que havia cravado uma estaca no amor da minha vida. – Ele...

– Ele não tentou matá-lo de verdade – garanti. – Foi tudo armado para salvar a vida do Lucius. Jake é um cara *legal* – concluí, o que, de um modo estranho, era parte do motivo de eu não poder amá-lo.

– É, sua mãe me contou a história. Houve tantos boatos, tanta confusão depois daquela noite... Eu tive que perguntar qual era a verdade.

– Lucius convidou Jake para o casamento – acrescentei. – Até se ofereceu para pagar a passagem. Ele é muito grato pelo que Jake fez.

Os olhos de Mindy se arregalaram de surpresa.

– E?

Balancei a cabeça, antes que Mindy começasse a pensar que mais alguém da escola estaria na cerimônia.

– Ele recusou. Acho que prefere esquecer tudo.

*Talvez me esquecer também, depois do modo como o tratei.*

– É, entendo que ele queira isso. Jake não parece ser um cara que gostaria de ir a um casamento chique, principalmente com vampiros.

– É, acho que ele não se sentiria à vontade num castelo – concordei.

Eu ainda pensava em Jake como um cavaleiro de armadura brilhante, um sujeito bom de verdade, que tinha arriscado muita coisa para salvar um colega de escola de quem nem gostava. Um herói, de certa forma. Mas eu estava destinada a algo muito diferente, a alguém que, na certa, naquele exato momento estaria completamente à vontade se vestindo para um jantar formal ou fazendo a barba com uma navalha tendo cuidado com o ponto onde havia uma cicatriz. Talvez estivesse dando ordens de última hora aos criados ou andando em seu escritório, as mãos cruzadas às costas enquanto preparava o brinde que provavelmente faria naquela noite...

Apesar de agora eu ver Lucius quase todo dia, comecei a sentir aquele frio inevitável na barriga, que vinha sempre que eu pensava nele, e comecei a andar de novo para o carro, de repente com pressa de vê-lo.

– Anda, vamos!

– E onde vai ser o jantar? – perguntou Mindy, indo atrás de mim.

O motorista abriu a porta para nós duas e, quando subi no carro, ri por cima do ombro.

– Digamos que, em algumas horas, você vai olhar a casa de Lucius bem mais de perto!

– Caraca... – murmurou Mindy, subindo também. – Caraca...

E pela segunda vez naquela tarde eu não soube direito se ela estava empolgada ou apavorada. Ou talvez eu estivesse projetando meus sentimentos de novo. Porque, mesmo sabendo que Jake Zinn não fazia parte da lista de convidados, eu não tinha *exatamente* certeza de quem iria aparecer.

## CAPÍTULO 4

O castelo Vladescu pode ter me intimidado por seu tamanho e sua história sinistra, assim como pelas paredes de pedra que o deixavam frio e assustador. Mas a sala onde Lucius e eu oferecemos um jantar pré-casamento para nossos parentes e amigos mais íntimos parecia cálida e acolhedora. As pessoas que eu mais amava estavam ali, reunidas à mesa de mogno comprida e brilhante que refletia a luz de nada menos que quatro enormes candelabros de ferro fundido, cada um com dezenas de velas tremeluzentes lançando um brilho suave na sala.

Apesar de ambos sermos anfitriões da festa, claro que Lucius chegou lá primeiro – sobretudo porque meu pequeno grupo de convidados se atrasou, graças aos acertos intermináveis que Mindy fez em nossos dois penteados – e ele sorriu e se aproximou enquanto entrávamos na sala.

– Bem-vindos, todos vocês – disse, chegando ao meu lado e pegando minha mão. Seu olhar encontrou o meu e vi a apreciação, o amor, que eu sempre desejava ver em seu olhar. – Você está linda, Antanasia – disse ele, baixando os olhos para avaliar meu vestido de seda, longo, volumoso, com um padrão discreto mas intrincado de cristais Swarovski no corpete.

Na verdade não tinha escolhido esse vestido para impressionar Lucius e sim para homenagear minha mãe biológica, que era conhecida por usar carmim.

– Adoro você vestida de vermelho – acrescentou Lucius, levantando os olhos na direção dos meus outra vez. Apesar de seus olhos serem incrivelmente escuros, vi que estavam com um brilho caloroso, por isso soube que o havia agradado também. –

Se bem que – observou ele, provocando – amei você mesmo quando usava aquela camiseta com o cavalo árabe.

Compartilhamos um sorriso com a referência à camiseta da qual Lucius costumava zombar – e que eu tinha usado na noite em que ele tentou dissolver o pacto e terminar nosso noivado. Mas, obviamente, ele não pôde evitar um destino que *nós dois* queríamos tanto.

Então ele se curvou ligeiramente, segurou meu queixo e beijou meus lábios. Enquanto meu coração martelava, como sempre acontecia quando nos tocávamos, percebi que fiquei um pouco vermelha por meus pais estarem ali. Não fazia muito tempo desde que eu me sentira humilhada só por ter sido pega com Lucius na varanda, nós dois nos aproximando para um beijo que acabou não acontecendo. Enquanto Lucius e eu nos separávamos, meu olhar saltou para mamãe e papai, para ver se minha súbita transformação em adulta – se o fato de estar *beijando* um garoto... um *homem*... em público, mesmo um beijo casto e doce – parecia estranho para eles também.

Mas quando vi seus rostos, foi difícil interpretar as expressões. Em seguida olhei para Mindy – e pela segunda vez no dia pensei ter notado uma pontada de inveja em seus olhos. Mindy tivera uma paixão por Lucius antes de eu admitir meus sentimentos por ele.

– Ned, Dara, que prazer revê-los! – disse Lucius, interrompendo minha especulação. Ele soltou minha mão e passou por mim para abraçar meus pais. – Bem-vindos à minha casa.

– É bom ver você, Lucius – disse mamãe, fechando os olhos e puxando-o para perto, abraçando-o com força como uma mãe de verdade faria. – Sentimos saudade.

Os dois se abraçaram por tempo suficiente para eu saber que meu futuro marido também havia sentido saudade da minha mãe. O fato de ele não ter dito isso imediatamente me fez pensar que

Lucius, que não tinha mãe, estava saboreando o toque maternal ou talvez estivesse perto demais de ser dominado pela emoção para conseguir falar.

Durante o breve tempo em que tínhamos morado todos juntos na Pensilvânia, minha mãe, com toda a certeza, havia destrancado algo em Lucius. Um lugar vulnerável que nem mesmo eu conhecia, uma parte de meu endurecido príncipe guerreiro que era apenas uma criança querendo receber amor materno.

– Obrigado por terem vindo – disse ele finalmente e, apesar de sua voz ter saído baixa, tive quase certeza de que Lucius se esforçava para controlar a emoção.

Quando mamãe o soltou, ele se empertigou e foi até o meu pai. Eu suspeitava de que papai, mais ainda do que mamãe, desconfiara de Lucius naquelas últimas semanas em que morou conosco, mas Ned Packwood nunca recusava um abraço. Os dois hesitaram um diante do outro por apenas um segundo, até que papai abriu os braços e convidou:

– Venha cá, Luc!

Em seguida apertou Lucius contra o peito e deu uns cinco tapas calorosos em suas costas, até que, rindo, Lucius se soltou e segurou papai a distância, dizendo:

– Calma aí, Ned! Para um pacifista, você bate forte!

Então todos rimos e de repente eu soltei o ar dos pulmões com um sopro quase audível e senti os ombros relaxarem. Até aquele momento, quando tive certeza de que tudo ficaria bem, eu nem tinha percebido como estivera tensa por causa do encontro deles.

Eu sabia que meus pais continuavam preocupados – talvez aterrorizados – com o fato de eu me casar com alguém da realeza vampírica. Mas uma parte deles sempre soubera que esse momento poderia chegar e, fiéis a seus princípios com relação a criar filhos, eles estavam deixando que eu seguisse meu caminho, que virasse a adulta que me criaram para ser. Estavam permitindo

que eu escolhesse Lucius e que ele voltasse a ter um lugar em seus corações.

Para ser honesta, eu duvidava de que eles algum dia tivessem negado a Lucius esse lugar.

Lucius foi até Mindy, que de repente pareceu meio insegura, quase nervosa, quanto ao modo de agir naquele ambiente régio. Ou talvez, a seu modo, ela estivesse preocupada por se encontrar de novo com Lucius depois de tudo que acontecera na Pensilvânia.

– Ahmm...

Ela chegou a começar uma pequena reverência e estendeu a mão como se esperasse que ele fosse beijá-la. Mas Lucius segurou tranquilamente a mão estendida e puxou minha amiga para um abraço menos vigoroso, mas mesmo assim receptivo. Falou baixinho com ela, também, mas ouvi-o dizer:

– Obrigado, Melinda, por ter vindo. Obrigado por *tudo*.

Eles se afastaram, mas Lucius apertou a mão dela antes de soltá-la e vi que os olhos de Mindy estavam brilhando. Ela havia entendido tudo o que ele quis dizer. *Obrigado por insistir que Antanasia me desse uma chance... Por tentar me salvar... Por nos defender quando ninguém mais faria isso...*

Ele voltou para o meu lado, dominando as emoções, que percebi estarem de novo surpreendentemente perto da superfície, e pôs a mão nas minhas costas, unindo-nos como fazia com frequência quando estávamos em público. Eu amava o modo como ele sempre mostrava que éramos um casal e tinha os mesmos instintos possessivos com relação a ele. Olhei seu rosto bonito. Logo nos apresentáramos diante do mundo para oficializar o que sentíamos.

– Devo me desculpar – disse ele, dirigindo-se primeiro a mim, depois a mamãe, papai e Mindy. – Como diriam vocês, preciso *fazer sala* a nossos convidados romenos.

Olhei em volta e percebi que várias outras pessoas – vampiros – tinham chegado. Dentre eles vi alguns dos meus parentes Dragomir, inclusive tio Dorin, com o rosto já vermelho por causa do calor da sala e talvez pela taça de vinho tinto que ele segurava enquanto contava alguma história animada para três primos meus.

Virei-me para olhar para um canto distante da sala e vi que Claudiu, tio de Lucius, também havia se juntado a nós. A paz que eu tinha acabado de sentir ao ver meus amigos e parentes reunidos com Lucius foi um pouco abalada.

Claudianu – o irmão mais novo de Vasile, que Lucius havia *destruído* na mesma casa onde estávamos.

Eu não acreditara que Claudiu marcaria presença numa ocasião feliz daquelas. Apesar de ser um dos Anciões que governavam os clãs, não havia qualquer afeto entre ele e Lucius. Mas Lucius, defensor das regras de etiqueta, havia insistido em convidá-lo, porque não fazer isso o afastaria ainda mais, talvez causando um rompimento do qual não haveria mais volta.

A presença de Claudiu na sala pareceu embaçar as velas um pouco, lançar sombras mais profundas na pedra. Olhei para ele lembrando-me de que – juntamente com o amor eterno – a obrigação, a política e a diplomacia também faziam parte de minha vida nova. Eu estaria me ligando ao *clã* Vladescu quando juntasse minha vida ao vampiro que estava com a mão em minhas costas.

– Não vou demorar, Antanasia – prometeu Lucius.

– Vou com você – ofereci, pensando que provavelmente era adequado que eu cumprimentasse todo mundo.

Mas Lucius me impediu, passando a mão pelo meu braço e apertando-o de modo tranquilizador.

– Você terá tempo de falar com todo mundo mais tarde – disse com um sorriso. – Por que não acompanha nossos visitantes

americanos? Veja se eles estão à vontade. Eu levo nossos parentes até você, o que é perfeitamente adequado, já que você não é somente da realeza, mas também, por mais um dia, é tecnicamente uma convidada aqui.

Lancei-lhe um olhar agradecido, sabendo que ele devia estar quebrando o protocolo um pouquinho para dar a mamãe, papai e especialmente a Mindy tempo para se acomodarem antes de serem deixados sozinhos numa festa onde eram estranhos. Olhei de novo a sala ao redor, notando que mais alguns convidados haviam chegado e tentando me lembrar de quem era Vladescu e quem era Dragomir. Não que eu não fosse praticamente uma estranha, também.

Por enquanto.

Então vi Lucius andar com sua confiança de sempre na direção de Claudiu e do pequeno grupo ao seu redor e invejei meu noivo pela facilidade com que se movia nos círculos de poder – às vezes poder *perigoso* – nos quais eu estava entrando.

Também me peguei admirando outras coisas em Lucius. Sua altura sempre impressionante; o cabelo grosso e preto, que estava um pouco mais curto e arrumado do que normalmente, para o casamento; e o modo como ficava bem no terno escuro, feito sob medida, que tinha escolhido para a ocasião. Seus ombros eram largos sob o paletó bem cortado e as pernas pareciam mais longas e fortes na calça estreita de estilo europeu.

Eu estava tão absorta em observar Lucius que mal notei papai falando com Mindy:

– Venha, Melinda Sue! Vamos ver se achamos alguma coisa para beber.

Enquanto eles se afastavam, nem parei para pensar que provavelmente era responsabilidade minha providenciar bebidas para os convidados. Como às vezes acontecia, eu estava quase *hipnotizada* por Lucius.

Enquanto cumprimentava Cláudio e os outros, ele sorriu, de modo que seus dentes brancos – tão brancos quanto sua camisa bem passada – relampejaram à luz das velas e meu coração deixou de dar algumas batidas. Eu não via nem sentia as *presas* de Lucius desde a noite em que ele havia completado minha transformação em vampira. Estávamos esperando a noite de núpcias para nos tocarmos daquele jeito de novo, saboreando a expectativa, que era quase insuportável, já que agora ele ficava perto de mim todo dia.

Pus a mão no peito, sentindo que o coração havia começado a disparar.

– Ele é *muito* bonito.

Minha mãe sussurrou isso no meu ouvido e dei um pulo, depois me virei e a peguei sorrindo para mim, com a expressão provocadora de quem sabe das coisas.

– Mamãe! – comecei a protestar, vermelha por ter sido flagrada olhando para Lucius com o que devia ser *luxúria* óbvia. Depois me lembrei de que não era mais uma menininha e de que Lucius era quase meu marido. Eu podia olhar. Logo eu seria como mamãe, uma mulher casada. Controlei o rubor e confessei:

– Parece que ele está ficando mais bonito ainda, para mim.

Olhei de novo para Lucius e vi que ele estava dando um sorriso largo, passando a mão pelo cabelo preto enquanto conversava com o tio, agindo como se não houvesse tensão entre eles.

– Também acho que ele está ficando mais bonito – concordou mamãe.

Estremeci um pouco, surpresa com o comentário, e notei que ela não estava rindo mais. Parecia pensativa, mas de um modo satisfeito, enquanto acrescentava:

– Ele está *feliz*, Jessica. É por isso. A felicidade embeleza as pessoas.

Sorri para minha mãe.

– Espero que ele esteja feliz, mamãe.

Então papai e Mindy se juntaram a nós outra vez, papai carregando algum tipo de caneca de estanho da qual não teve chance de beber porque de repente a voz profunda de Lucius rompeu as conversas que aconteciam em voz baixa e anunciou:

– Caros convidados, por favor, queiram ocupar seus lugares. O jantar será servido!

Fui para o meu lugar numa das extremidades da mesa, Lucius ocupou o dele na outra ponta e o restante dos convidados procurou seus nomes nos cartões de pergaminho arrumados artisticamente em suportes de prata diante de cada cadeira de espaldar alto.

Enquanto nos sentávamos, percebi que havia um lugar vazio – faltava uma pessoa, à direita de Lucius – e de jeito nenhum consegui me lembrar de quem deveria se sentar ali.

Meus pensamentos mudaram de direção quando um grupo de silenciosos empregados uniformizados retirou os cartões que marcavam os lugares e os substituiu por cardápios individuais que traziam os pratos da noite em uma caligrafia cheia de arabescos.

Um a um, os pratos foram apresentados.

E, alguns segundos depois, todos os americanos caíram na gargalhada.

## CAPÍTULO 5

– Foi um belo toque de vocês dois – disse papai, rindo para mim, depois para Lucius. – Muito sagaz!

Sorri para Lucius na outra ponta da mesa, também, amando-o pela consideração demonstrada com meus pais e pela gentileza e o bom humor daquele gesto. Seu acréscimo secreto de última hora ao menu – “caçarola de lentilha à la Vladescu” – era uma ótima piada, visto que ele fizera pouco caso do gosto de meus pais por grãos e feijões, principalmente *lentilha*, mas também era uma escolha gentil para agradá-los.

– A caçarola foi ideia do Lucius – falei, ignorando a confusão no rosto dos meus parentes vampiros. Todos sabiam o que eram lentilhas, mas o significado delas no menu estava totalmente distante da cabeça dos Vladescu e dos Dragomir.

Mamãe sabia que Lucius estava brincando com ela. Ele não tinha sido exatamente tímido ao opinar sobre sua comida .

– Você deveria ter ligado e pedido a minha receita, Lucius – disse ela, dirigindo-lhe um sorriso cheio de malícia porém afetuoso. – Eu teria dado!

Mesmo estando longe de Lucius na mesa, em volta da qual dois empregados iam enchendo as taças com vinho tinto, pude ver a alegria em seus olhos.

– Ah, eu não poderia incomodá-la com isso! – brincou ele. – Vejamos como minha cozinheira cuida dessa leguminosa adaptável e persistente. Estou sempre ansioso para provar uma nova variação!

De repente, ao ver Lucius à cabeceira daquela mesa enorme, no controle do menu e da conversa, fiquei realmente pasma com a

magnitude e a velocidade das mudanças que aconteciam na minha vida. Menos de um ano antes, mamãe havia praticamente arrastado Lucius pela orelha para fora de nossa modesta sala de jantar e lhe dado uma bronca por ser grosseiro com Jake durante nosso primeiro encontro. Olhei para mamãe, depois para Lucius e de volta, pensando que agora isso *nunca* poderia acontecer. Lucius estava muito além do controle de qualquer pessoa.

Eu estava vivendo de modo independente, num novo país, mas será que também era uma *adulta* de verdade, desse mesmo jeito?

Remexi-me na cadeira e olhei para Mindy, que me pareceu pequena, jovem e ainda um pouco inquieta numa reunião tão formal. Ela parecia estar olhando – com cautela – a variedade quase estonteante, ofuscante, de talheres espalhados diante de cada um de nós.

Examinei meus próprios talheres, incerta de que saberia quando ou como usá-los, e a confiança que havia sentido quando Lucius pegou minha mão ficou abalada de novo.

Eu havia exercido o poder com Lucius na noite em que pus fim à guerra entre os vampiros e reivindiquei meu lugar como líder do clã Dragomir. Mas neste momento não podia deixar de me perguntar com quem eu me parecia mais.

Com Lucius, à vontade e no comando?

Ou com Mindy, sorridente mas nervosa?

Será que eu estava preparada para ficar na *cabeceira* da mesa, como o príncipe que eu via lá, lá longe de mim? Ou será que ainda parecia fazer parte dos bastidores, convidada humilde de minha própria festa?

Os dois empregados que serviam o vinho chegaram a Lucius e a mim simultaneamente, com o desempenho coreografado para nos servir por último, e eu quase pus a mão em cima da taça sinalizando que não queria – que não *podia* beber vinho. Então olhei rapidamente para Lucius e vi que ele parecia não perceber

que estava sendo servido. Olhei para meus pais também, como se buscasse aprovação, antes de me lembrar de que as leis europeias não me impediam de beber vinho e de que eu não precisava mais de permissão. Além disso, eles *esperavam* que eu participasse do brinde, ainda que o gosto do álcool fizesse eu me encolher.

Baixei a mão de volta para o lado do corpo, esperando que ninguém tivesse notado o quase erro e olhando o líquido escuro, praticamente preto, fazer redemoinho na taça. À luz das velas ele parecia um bocado com outra coisa que eu queria muito, muito mais. Na verdade, pela qual eu ansiava e de que *necessitava*.

Meus olhos permaneceram fixos no líquido escuro. Sangue e vinho, coisas que eu havia provado poucas vezes e que agora passariam a fazer parte da minha existência...

Então, com o canto do olho, vi Lucius se levantar, e minha atenção – e a de todos os convidados – se voltou para ele, que ergueu sua taça para brindar a todos nós.

Eu sabia, enquanto o observava, que ele estava gostando daquilo, que Lucius Vladescu estava em casa. No entanto, também tinha consciência de que parte do prazer dele resultava do simples fato de que, levando em conta quem estava presente, mesmo um ato simples como dar as boas-vindas aos convidados representava perigo. Qualquer afronta, intencional, involuntária ou meramente suspeitada poderia ter sérias repercussões.

Porém, como era esperado, a pressão não apareceu no rosto de Lucius enquanto ele começava um brinde que não somente agradeceria aos nossos hóspedes por compartilhar uma refeição especial, mas que também poderia, se não fosse feito com graça e elegância, algum dia dar início a uma *guerra*.

Olhei para meus parentes Dragomir em volta e para o tio de Lucius, Claudiu, que estava sentado rigidamente, com os dedos compridos e pálidos deslizando pela haste da taça de vinho, e

minha garganta se apertou, como se aqueles dedos estivessem torcendo meu pescoço.

Claudiu provavelmente *adoraria* uma guerra. Sendo um Ancião Vladescu, ele fizera parte da trama para Lucius se livrar de mim em alguma noite escura em nossa cama, de modo que os Vladescu pudessem exercer o poder sobre um império de vampiros sem ser desafiados.

Virei-me de volta para Lucius, de repente quase aterrorizada com meu próprio futuro e precisando me tranquilizar pensando que o poderoso príncipe guerreiro que estava à minha frente, presidindo a mesa, iria me manter longe do mal.

E olhar para Lucius me acalmou – por um instante. Claro que eu estaria segura com ele na cama enorme que ele havia me mostrado quando fizemos o passeio pelo castelo.

Mesmo assim meu olhar voltou rapidamente para Claudiu. *E nas ocasiões em que Lucius não estiver ao meu lado?*

Eu estava tão preocupada em lutar contra um pânico crescente que demorei um segundo até notar que Lucius ainda não havia começado o brinde. Não estava sequer olhando para os convidados – nem para mim.

Não, sua atenção fora atraída pelo ranger das dobradiças antigas da porta às minhas costas. Enquanto a porta se abria mais, deixando entrar uma corrente de vento frio que fez as velas tremularem nos candelabros, a expressão de Lucius mudou claramente, fazendo-me esquecer tudo sobre Claudiu e tramas secretas.

Comecei a girar na cadeira, certa de que quem estava entrando na sala não era simplesmente um empregado trazendo comida ou mais vinho. E, no momento em que me retorci para olhar para trás, Lucius confirmou minha suspeita de que alguém importante havia chegado à festa.

– Apesar do *deplorável* atraso – anunciou Lucius, enquanto eu via pela primeira vez o último convidado, que chegava tarde –, peço que todos deem as boas-vindas ao meu único *irmão*!

# CAPÍTULO 6

## Irmão?

Por uma fração de segundo a palavra me pegou totalmente desprevenida e me senti um tanto traída, certa de que Lucius havia escondido algo importante de mim, um segredo enorme.

E também fiquei pasma com o surgimento do novo convidado, que caminhava em linha reta pela sala, indo na direção de Lucius.

O restante de nós estava usando roupas formais. Até papai, que geralmente vestia camisetas decrépitas defendendo causas nas quais ninguém ao menos pensava, estava de terno. Mas o homem que cruzava toda a extensão da sala, rindo como se não percebesse que estava fazendo uma cena, usava apenas uma bermuda suja e uma camiseta amarela que anunciava uma loja de surfe em Venice Beach. Uma camiseta que parecia pior do que a maioria das do meu pai.

Enquanto ele passava pela mesa, a luz das velas se refletiu no cabelo castanho, comprido e brilhante, preso num rabo de cavalo frouxo com o que parecia um velho cadarço de sapato, de couro. Cabelo que talvez estivesse brilhando demais, como se precisasse ser lavado.

Notei um som familiar enquanto ele andava e olhei para seus pés, onde descobri um par de...

*Sandálias de borracha pretas?*

Levantei-me da cadeira, insegura, e me virei para Lucius, querendo algum tipo de explicação e talvez esperando que meu príncipe vampiro de modos impecáveis demonstrasse uma enorme insatisfação com aquela cena. Se aquele era mesmo seu irmão, a chegada tardia e a aparência desleixada eram um desrespeito.

Mas quando vi o rosto de Lucius, percebi que ele não parecia com raiva.

Pelo contrário, também estava rindo de orelha a orelha, pousando a taça e empurrando a cadeira para ir ao encontro do recém-chegado.

*O que...?*

Olhei para meus pais e para Mindy, que também pareciam confusos, e fiquei sem graça por não poder fazer nada mais do que dar de ombros, perplexa.

Ainda de pé e sem jeito, girei de volta para Lucius bem a tempo de vê-lo apertar a mão do cara que ele havia chamado de irmão, que por sua vez apertou a mão do meu futuro marido antes de puxá-lo no mesmo tipo de abraço masculino, com tapas nas costas, que Lucius trocara com meu pai.

Só quando Lucius pegou o estranho pelos ombros e o girou para nos encarar – para que eu pudesse ver seus sorrisos quase idênticos, os dentes brancos e brilhantes da nobreza Vladescu – acreditei em quem aquela pessoa era. Quando Lucius falou, ainda sorrindo, foi como se eu adivinhasse suas palavras:

– Este rato de praia que ousa se juntar a nós, atrasado e com vestimentas tão inadequadas, sinto quase vergonha de admitir, é meu padrinho de casamento.

Afundi de volta na cadeira, ainda não acreditando nos meus olhos.

Então esse era o lendário Raniero Vladescu Lovatu?

## CAPÍTULO 7

— E aí... – Mindy puxou os joelhos para o peito e abraçou as pernas, provavelmente tentando se manter aquecida no meu quarto, que era gelado até mesmo no verão. – Qual é a daquele tal de Raniero? Ele foi uma tremenda surpresa, hein?

Terminei de abotoar meu pijama e engatinhei sobre o colchão para me juntar a ela. Nossa última “festa do pijama” antes de eu começar a dormir toda noite com outra pessoa. E não só *dormir...*

– Raniero não é o que eu esperava – admiti, tentando me distrair dos pensamentos sobre minha noite de núpcias, que de repente pareciam enormes na minha cabeça, de novo.

Lucius era experiente. *Eu não era*. Será que isso importaria para ele? Será que ficaria evidente... de um modo ruim?

Uma noite, quando Lucius e eu estávamos sozinhos no escritório dele, nos beijando – Lucius obviamente lutando contra o desejo de fazer mais, apesar de nossa decisão de esperar até o casamento –, eu tinha dado a entender que estava preocupada. Não pude deixar de questionar se sabia o que estava fazendo, mesmo só beijando, e meio que pedi desculpas, sem graça, pela inexperiência. Lucius recuou, com uma expressão estranha nos olhos e um pequeno sorriso nos lábios enquanto dizia:

– Não creio que eu poderia permitir que outro homem que tivesse tocado você continuasse a andar pela Terra. O único motivo para *Zinn* haver sobrevivido é a dívida que tenho para com ele.

Lucius alargou um pouco o sorriso, brincando.

– Sua *inexperiência* salva vidas, Antanasia.

Pelo menos ele estava tentando fazer graça do assunto, porque eu sabia que Lucius não gostava mesmo da ideia de eu ter namorado outra pessoa, assim como eu não gostava de pensar nele com as “debutantes de Bucareste” que espreitavam em seu passado – ou com Faith Crosse. *Principalmente* com Faith, que era tão nojenta e que sem dúvida alardeava ter *muita* experiência.

– Você ia começar a dizer alguma coisa sobre o Raniero? – instigou Mindy, batendo no meu joelho e felizmente acabando com minha linha de pensamento. – Terra chamando Jess!

Balancei a cabeça, desfazendo imagens que não queria formar – ou cenas que não queria lembrar.

– Só sei que Raniero é primo de Lucius – afirmei, tentando afastar da mente a imagem de Lucius e Faith juntos na cama do apartamento em cima da garagem. – Mas Lucius o considera um irmão, porque eles cresceram juntos no castelo Vladescu.

– Raniero também perdeu os pais? – perguntou Mindy. – Por que morou tanto tempo com o Lukey?

Sorri quando Mindy usou o apelido que eu não escutava fazia muito tempo.

– Os pais dele moram na Itália – expliquei, tentando me lembrar de tudo o que Lucius havia contado sobre seu padrinho. – Mas os Anciões acharam que seria sensato educá-lo com Lucius.

Mindy inclinou a cabeça parecendo confusa, talvez porque tivéssemos crescido numa cultura onde herdeiros do trono não eram um assunto tão importante.

– Por quê? – perguntou.

– Como Lucius é filho único, os Anciões acharam que seria sensato preparar outro jovem vampiro Vladescu para ocupar seu lugar, caso alguma coisa...

Não consegui me obrigar a terminar a frase. *Principalmente* na véspera do meu casamento, quando eu deveria estar planejando um futuro longo e feliz com Lucius.

– De qualquer modo, os Anciões acharam que Raniero era promissor e que poderia ser criado para servir como o braço direito de Lucius, quase como um general – acrescentei. – Seria o segundo em comando, já que não existe nenhum irmão Vladescu de sangue puro.

– E o que deu errado? – perguntou Mindy, pegando um travesseiro e apertando-o contra o peito. – Porque Raniero não parece capaz de organizar um luau na praia de onde veio, quanto mais comandar um exército ou uma *nação*!

Dei de ombros.

– Lucius não revelou muita coisa sobre ele. Só que o cara se mudou abruptamente para a Califórnia há alguns anos e se afastou dos líderes do clã.

De repente imaginei se Raniero já teria passado um tempo naquela masmorra que eu tinha visto. Ou será que esse tipo de “educação” era reservado para o treinamento de príncipes *genuínos*? Porque se Raniero tinha cicatrizes iguais às do Lucius – se ele foi levado para aquelas câmaras escuras para ser “educado” até estar com a vida por um fio, até que a carne fosse arrancada e os ossos, quebrados –, eu podia entender por que teria ido morar numa praia ao sol.

– Mas ele e Lucius obviamente continuam ligados – acrescentei, descartando mais pensamentos ruins, lembranças da surra que os tios de Lucius haviam dado nele quando foram à Pensilvânia e de como isso o havia mudado, levando-o para um lado sombrio.

– Bom, sem dúvida Lucius e Raniero são diferentes – observou Mindy, revirando os olhos. – Lucius é totalmente régio, e Raniero é tipo... um *vagabundo*!

Ainda que meus pensamentos tivessem acabado de ficar presos numa masmorra sinistra, não pude deixar de rir da ideia de um vampiro vagabundo, sobretudo um *Vladescu* vagabundo.

– Nós só o vimos durante algumas horas – lembrei a ela. – Talvez ele só estivesse tendo um dia difícil.

– Ou um *ano* difícil – disse Mindy. – O cara precisa cortar aquele cabelo. Ou pelo menos tomar um banho!

– Mindy! – comecei a protestar, querendo defender o melhor amigo de Lucius, mas descobri que não podia. Raniero Vladescu Lovatu *tinha* parecido meio... desleixado. Tomara a sopa como se fosse um bárbaro faminto, o corpo frouxo na cadeira, e chegara a chamar um empregado balançando a mão e gritando, em seu sotaque italiano com levada de surfista da Califórnia:

– Ei, *brother*, mais lentilha, *per piacere*.

Eu tinha ficado olhando para Lucius, esperando que ele se encolhesse ou talvez até sugerisse que Raniero tivesse bons modos, mas não vi nada mais do que diversão nos olhos do meu noivo.

*Quem, exatamente, era esse cara que Lucius chamava de "irmão"? E será que ele tinha algum interesse no poder que também fora criado para talvez exercer um dia? Será que aquelas sandálias de borracha não seriam só um disfarce?*

– Acho que veremos se ele vai tomar um banho para o casamento, não é? – falei, rindo e descartando minhas suspeitas sobre o *amigo mais íntimo* de Lucius. – Não consigo imaginar que Lucius deixaria seu padrinho, até mesmo um cara que ele considera irmão, usar bermuda de surfista na cerimônia!

Mindy abraçou o travesseiro com mais força e franziu a testa.

– A não ser que alguém dê uma *boa* geral naquele cara de hoje para amanhã, minhas esperanças não vão aumentar.

– Esperanças? – perguntei, sem saber por que Mindy se importava com Raniero. Afinal, o casamento era meu. Se o padrinho de Lucius parecia ter acabado de ser devolvido pela maré, o problema era meu.

– Bom, sou eu que vou passar o casamento inteiro com ele, certo? – lembrou ela. – E pelo menos preciso dançar com ele, não é?

Então percebi que, sendo minha dama de honra, Mindy provavelmente considerava Raniero seu *acompanhante*. E talvez, apenas talvez, ela tivesse esperado que o sujeito com quem ficaria fosse... *melhor*. Ou, dada sua antiga paixãoite pelo “Lukey”, um pouquinho parecido com o noivo.

– Ah, Mindy...

Queria lhe dizer que lamentava o fato de o padrinho de Lucius ser uma frustração e que não seria bom que ela sequer pensasse em se envolver com um vampiro. Eu nasci para me casar com Lucius – não desejava nada além da vida que estávamos prestes a compartilhar –, no entanto, não recomendaria a nenhum dos meus amigos essa opção por sangue, eternidade e ser considerada *assustadoramente* diferente.

Ter um vampiro como namorado, ou mesmo “ficante”, nem sempre era boa ideia. Meus dedos se cravaram nos cobertores da cama quando pensei de novo, com uma mistura de ciúme e raiva, em Faith Crosse. Não, flertar com um vampiro podia ser perigoso para todos os envolvidos.

Mas antes que eu pudesse alertar Mindy de que ela provavelmente tinha *sorte* por Raniero não fazer seu tipo, fomos interrompidas por uma batida na porta e minha mãe enfiou a cabeça para perguntar:

– Mindy, será que eu poderia falar com Jessica um minuto? Tenho uma coisa para dar a ela.

Ia dizer a mamãe que Mindy provavelmente poderia ficar. Afinal de contas, éramos praticamente irmãs, tanto quanto Lucius e Raniero eram irmãos. Mas então vi sua expressão e me virei para Mindy:

– Depois a gente se fala.

Porque a expressão no rosto dela... Eu nunca tinha visto minha mãe daquele jeito.

## CAPÍTULO 8

Mindy também tinha sentido o clima da minha mãe e já estava saindo da cama.

– Claro, Dra. Packwood. Tenho que ir para o meu quarto mesmo. Amanhã vai ser um grande dia!

Quando Mindy mencionou isso, meu coração pulou de ansiedade – e medo – de novo. Eu havia conseguido evitar pensar no casamento durante alguns minutos, mas dentro de apenas algumas horas eu me vestiria e um serviçal traria as coisas de que eu precisava para o ritual privado que realizaria primeiro.

Será que teria coragem?

– Vai ser maravilhoso – garantiu Mindy, sem dúvida vendo o sangue sumir do meu rosto. – Quero dizer, você vai se casar! Com o Lucius!

*É... Eu ia... Aquilo estava mesmo acontecendo...*

Então ela se inclinou e me deu um abraço rápido, se despediu e deixou mamãe e eu sozinhas.

Desci da cama também e fui até minha mãe, curiosa com a expressão dela – e com o objeto que ela segurava.

– O que é isso? – perguntei. – O que está acontecendo?

Mamãe sorriu com os lábios – mas isso não apagou a expressão triste, quase solene, de seus olhos enquanto dizia:

– Tenho um presente antecipado para você. Uma coisa que quero que receba esta noite.

Olhei de novo o que ela segurava, pensando que o presente era tão estranho quanto o humor da minha mãe. Diferentemente da maioria dos presentes de casamento, aquele não estava embrulhado num papel bonito. Pelo contrário, o pacote que

mamãe segurava, com cuidado óbvio, estava envolto num pano branco simples, que ela começou a desenrolar, quase como uma bandagem.

– É um presente meu... e da sua mãe biológica – revelou mamãe, os dedos tremendo um pouco enquanto ela continuava desenrolando o tecido.

Eu nunca tinha visto Dara Packwood – sempre tão forte e confiante – tremer de verdade e isso *me* abalou. Cheguei mais perto dela.

– Mamãe...?

– Prometi a Mihaela que daria isso a você na véspera do seu casamento, se você se casasse com Lucius. Mantenha em segurança, como Mihaela fez e depois eu fiz, por você. Porque isso pode manter *você* em segurança.

Minha mãe levantou o olhar do pano e vi de novo aquela expressão estranha em seus olhos. Então entendi, de algum modo, que naquele momento ela estava *me entregando*. A cerimônia do dia seguinte seria uma formalidade para ela. Para mamãe, esse ato – me entregar o que quer que fosse que trazia nas mãos – simbolizava o cumprimento da sua promessa de me criar como filha para que eu retornasse a Lucius e minha família original.

– Mamãe... – Senti as lágrimas começando a se formar nos olhos. Eu não estava preparada... Não queria deixá-la...

Mas, claro, mamãe sabia que eu *estava* preparada. E que *tinha* que deixá-la, por isso me entregou o presente, apertando-o nas minhas mãos.

– Você vai ser uma governante maravilhosa. E uma esposa maravilhosa – disse. – Vocês são duas pessoas incrivelmente especiais e compartilham um amor muito poderoso. Eu sabia disso, antes mesmo que vocês soubessem.

Aparentemente, Lucius e eu fomos os últimos a saber.

Então, antes que eu ao menos pudesse ver o que tinha recebido – talvez por causa das lágrimas que estava lutando para conter –, mamãe me abraçou e sussurrou:

– Tenho orgulho de você ser minha filha. De Mihaela ter *me* escolhido para ser sua mãe.

– Você sempre vai ser minha mãe – disse eu, odiando parecer que estávamos dizendo adeus.

– Eu sei, Jessica... *Antanasia* – corrigiu ela. – E você sempre terá um lar na Pensilvânia. Mas também sei que, a partir do momento em que você fizer os votos, amanhã, sua vida estará centrada aqui. E que sempre *estará*, muito, muito depois de seu pai e eu nos formos.

Pela primeira vez em minha vida, a Dra. Dara Packwood pareceu incapaz de absorver um conceito – a eternidade relacionada a mim. Ficamos em silêncio, simplesmente nos abraçando.

– Eu te amo, *Jessica* – disse ela, decidindo usar meu nome antigo, provavelmente pela última vez.

– Também te amo, mamãe – respondi enquanto minhas lágrimas começaram a escorrer de verdade, encharcando seu ombro.

Depois de alguns instantes mamãe recuou, firmando meu ombro com uma das mãos, e usou a outra para enxugar as lágrimas do meu rosto, como costumava fazer quando eu era pequena, e nós duas tentamos sorrir de novo.

– Você vai me ajudar a me aprontar amanhã, não vai? – perguntei, porque não tinha certeza de que seria capaz de realizar aquele apavorante ato de preparação sem tê-la por perto.

– Claro – prometeu ela. – Claro!

Fiquei aliviada, porque quase tinha sentido medo de que estivéssemos mesmo nos separando. No entanto, não conseguia afastar a sensação de que algo havia mudado para sempre entre nós.

Queria que mamãe ficasse mais um pouco, mas ela saiu. E quando a porta se fechou, ousei olhar o presente em minhas mãos e pensei que era adequado que ele tivesse vindo enrolado num pano como uma bandagem, porque pareceu que meu coração se rachou e sangrou, só de segurar uma coisa tão preciosa.

Minhas mãos começaram a tremer também e eu não soube se estava falando com Dara ou Mihaela – ou talvez com as duas – quando disse baixinho:

– Ah, mamãe...

## CAPÍTULO 9

*"Confie nos seus instintos e desconfie de qualquer um que a deixe ao menos um pouco cautelosa, mesmo sendo um de seus amigos mais íntimos."*

*"Os Vladescu têm vontade forte, mas uma princesa Dragomir jamais se dobra."*

*"Sempre serei parte de você, Antanasia..."*

Fechei o caderno de capa de couro preta e afundei na cama, sem ao menos saber como tinha caminhado de volta até ela, de tão absorta que estivera lendo a letra apertada e cuidadosa da minha mãe. Parecia que ela havia tentado encher cada centímetro do caderninho minúsculo – suficientemente pequeno para ser carregado num bolso, ou talvez escondido nos cobertores de uma criança fugitiva – com toda a sua sabedoria. Tudo de que ela obviamente havia pensado que eu precisaria para ser governante não de um, e sim de dois clãs. E para ser uma *esposa*.

Acariciei a capa com as pontas dos dedos, acompanhando o couro cheio de relevos parecendo pedrinhas e dominada pela sensação de quanto ela devia me amar para ter se preocupado em me deixar aquele legado.

Lucius tinha me dado o manual para virar vampira; Mihaela Dragomir me dedicara um guia para *sobreviver* como vampira.

Fechei os olhos por um momento, baixando a cabeça com respeito num gesto de gratidão a ela.

*Obrigada, Mihaela, por me proteger, mesmo estando claro que você via sua própria destruição se aproximando.*

Apesar de ter apenas folheado o caderno, sabendo que leria tudo com mais atenção – que passaria a viver pelas palavras dela nos

meses e anos que viriam – eu percebera como as mensagens de minha mãe biológica ficavam mais curtas e objetivas e a letra, mais irregular, à medida que as páginas iam acabando, como se ela soubesse que o tempo para registrar seus pensamentos também estivesse chegando ao fim.

Tremendo e percebendo de repente que o quarto tinha ficado mais frio enquanto eu lia de pé, me enfiei embaixo dos cobertores e pus o caderninho sob o travesseiro, como se talvez pudesse absorver sua sabedoria durante o sono. Também queria mantê-lo perto. Até a mesinha de cabeceira parecia longe demais para uma coisa tão valiosa – pelo menos para mim.

Pousando a cabeça no travesseiro macio, fechei os olhos, já me sentindo mais quente, não só por causa dos cobertores, mas porque parecia ter uma nova aliada nesse mundo ainda pouco familiar no qual estava entrando, uma pessoa sábia, que já havia enfrentado as coisas que estavam por vir para mim e que podia me ajudar.

Também entendi por que minha mãe adotiva havia sentido com tanta intensidade que estava me entregando o começo de uma vida nova, com novos conselhos, porque as palavras de Mihaela sem dúvida seriam minha principal orientação dali em diante. Mas eu sabia que sempre precisaria de mamãe também e que iria procurá-la quando pudesse.

Ainda que o presente e a noite tivessem sido um tanto tristes, comecei a sorrir, lembrando-me de uma passagem específica que tinha notado enquanto folheava rapidamente.

*"Espero que você venha a amá-lo..."*

Eu sabia que Mihaela se referia, claro, a Lucius – com quem eu me casaria no dia seguinte. Eu o amava *tanto* que era quase de dar medo e ao mesmo tempo, maravilhoso.

*Lucius... Como eu poderia não querer VOCÊ?*

Comecei a tentar visualizar nosso casamento, mas talvez porque ainda não tinha certeza de onde ele aconteceria, tive dificuldade em imaginá-lo. Então, como acontecia com frequência desde a noite em que Lucius havia feito o pedido, me peguei lembrando daquilo, revivendo tudo na mente. E mesmo tendo *certeza* de que não conseguiria dormir um segundo sequer na noite antes de nos casarmos, em pouco tempo estava caindo no meu sonho predileto, que sempre começava com Lucius pegando minha mão e me levando por um caminho que só uns poucos vampiros – e dois humanos muito especiais – conheciam.

*"Venha comigo, Antanasia", convida ele, dedos fortes e frios segurando minha mão. "É hora de lhe mostrar um lugar que não é somente especial, mas também sagrado..."*

## CAPÍTULO 10

**O** caminho é íngreme, faz curvas fechadas montanha acima, levando mais alto do que eu já havia estado nos Cárpatos. Eu me agarro com força à mão de Lucius, ficando sem fôlego apesar de andarmos devagar. Aqui o terreno é mais rochoso e as árvores, mais esparsas. O ar é mais rarefeito, o que torna a subida ainda mais difícil.

Até Lucius, que está em forma e foi criado nessas montanhas, parece respirar com um pouco mais de dificuldade. Está escurecendo e não falamos, concentrados demais em ver onde pisamos, e no silêncio posso ouvi-lo inspirar e expirar num ritmo firme ao meu lado.

E então o silêncio daquele local solitário é rompido pelo som de alguém – alguma coisa – perto, porém escondido. Passos indo depressa na direção oposta, escorregando e deslizando montanha abaixo, de modo que lançam pedras no vale abaixo de nós.

Quem – ou o que – passou por nós parece grande – ou talvez seja mais de um...

Aperto com força os dedos de Lucius, fazendo-o parar, e pergunto num sussurro, com preocupação mal disfarçada:

– Lucius? Está ficando tarde... – Olho a distância, procurando formas ou sombras na direção daquele som agourento. – Você não acha que a gente deveria voltar amanhã?

Sei que não preciso lembrá-lo de que há ursos e lobos nestas montanhas – e pessoas que destroem vampiros. Tenho certeza de que ele entende por que estou ficando nervosa.

O som de passos fica mais fraco, levado para longe por um vento crescente, mas não me tranquilizo – até que Lucius, que estava

*meio passo à frente, guiando-me por um caminho no qual me sinto completamente perdida, pergunta baixinho:*

*– Eu deixaria alguma coisa ruim acontecer a você, Antanasia? Deixaria que você ao menos tropeçasse?*

*É uma pergunta que sei que provavelmente sempre vai estar entre nós, tendo em vista como nosso compromisso começou – e quase acabou. Tendo em vista quem Lucius É.*

*Mesmo sabendo que a resposta sempre será não – que ele jamais deixaria nada de ruim me acontecer – também tenho certeza de que nunca vamos esquecer o que poderia ter acontecido na noite em que Lucius fez de mim a primeira prisioneira da guerra contra minha família.*

*Aquele momento em que a estaca – a estaca desaparecida – rolou pelo tapete, perto do fogo, sempre estará conosco.*

*Às vezes acho que Lucius questiona minha confiança nele mais para se certificar de que eu realmente acredito em seu amor do que para me certificar de que não tenho nada a temer quando estou com ele.*

*Enquanto tento encarar seus olhos negros na escuridão que se aproxima, o vento sopra no vale de novo, chocando-se contra nossos corpos, e me desequilibro na encosta íngreme, mas, claro, ele está ali para me firmar, segurando meu braço com a mão livre.*

*Recupero o equilíbrio, mas ficamos imóveis por um segundo, cara a cara. Esqueço meus temores, porque quero desesperadamente que ele me beije. Sempre que estamos perto assim sozinhos e sinto o cheiro de sua pele e suas mãos em mim, também tenho vontade de sentir seus lábios nos meus.*

*Mas Lucius tem outros planos – um destino em mente.*

*– Venha – diz sorrindo como se soubesse que sua pergunta sobre confiança foi respondida; provavelmente pela expressão dos meus olhos, que são mais claros do que os dele e sem dúvida fáceis de ser interpretados à claridade da lua nascente. Tenho certeza de*

*que ele podia ver o que eu estava pensando e, apesar de dizermos um ao outro com frequência como nos sentimos, ainda fico um pouco sem graça ao ver como meu amor por ele deve ser aparente em meus olhos. Ainda me parece estranho ficar tão exposta assim, ao passo que Lucius, treinado desde o nascimento para ser fechado, invulnerável, às vezes é difícil de entender, até mesmo para mim.*

*Começamos a andar de novo. Lucius diminui o passo ainda mais, porque a caminhada está ficando mais difícil e o ar, muito rarefeito para pulmões como os meus, acostumados à vida perto do nível do mar no sul da Pensilvânia.*

*Meu olhar está fixo no chão, porque não quero ter que contar apenas com Lucius para não cair. O terreno à nossa frente sobe enquanto seguimos pelos enormes afloramentos de rocha que passei a conhecer como inerentes aos Cárpatos.*

*Estou tão concentrada no solo que perco a noção de tudo ao redor, inclusive do tempo, e fico surpresa quando Lucius se detém de repente e aperta minha mão com mais força, sinalizando que devo parar de andar e erguer o rosto para olhar em frente.*

*E quando faço isso o que se estende diante de mim é o... nada.*

# CAPÍTULO 11

**A**pesar de ele não ter revelado *nosso destino, desde o início da aventura eu sabia aonde Lucius me levaria. E a escuridão absoluta diante de mim – o buraco alto e estreito parecendo uma fenda na lateral da montanha, um ferimento talvez sem fundo – me faz recuar um pouco.*

*Mas Lucius não hesita. Sem dizer uma palavra, entra primeiro e, como nossas mãos estão ligadas e porque eu quero ir atrás dele, permito que me guie para a passagem estreita, tão pequena que Lucius precisa andar à minha frente, ligeiramente encurvado, com o braço esticado para trás para me segurar. Seguimos a passo de lesma, tateando o caminho, porque não há a menor chance de que nossos olhos se adaptem a um vazio tão enorme, subterrâneo.*

*Quero perguntar por que não trouxemos uma lanterna ou mesmo uma vela, mas algo me diz para não falar.*

*Estou com medo... Com medo de estar num espaço apertado no subsolo, numa escuridão que quase certamente abriga criaturas que fariam minha pele se arrepiar se eu as visse à luz do dia. E tenho medos irracionais, também, como de que o chão possa sumir à nossa frente e nosso próximo passo nos lance no vazio. Mas também estou empolgada e sei que Lucius conhece o caminho.*

*Como se ouvisse uma deixa, ele se abaixa mais e se vira – o que não é fácil ali –, pousando a mão livre gentilmente na minha cabeça enquanto me guia por uma curva onde a rocha se projeta de cima.*

*– Cuidado aqui – sussurra ele. – A pedra é afiada.*

*É bastante óbvio que Lucius esteve aqui muitas vezes...*

*Quando faço a curva na passagem, com as costas ainda encurvadas, vejo uma leve claridade a distância e minha expectativa cresce – com uma nova sensação de não estar entendendo o que há adiante.*

*A luz... Ela tremula como uma chama.*

*Será que há alguém ali?*

*Vamos nos encontrar com alguém?*

*Se Lucius está surpreso, não verbaliza isso. Só continua a me puxar pelo corredor ligeiramente curvo em direção àquela luz.*

*Finalmente meus olhos começam a captar detalhes ao redor. A passagem é bastante seca e lisa, não tão apavorante quanto eu havia pensado. As paredes parecem bem cuidadas. Olho para baixo e vejo que o chão de terra foi varrido, de modo que não há nada em que tropeçar. E o ar, apesar da umidade, cheira a especiaria... Talvez seja algum tipo de incenso. Respiro fundo, pensando que o cheiro lembra vagamente o perfume incomum que comecei a associar a Lucius quando estava nos Estados Unidos.*

*Ando junto aos calcanhares dele, aventurando-me a arrastar na parede ao lado as pontas dos dedos da mão livre, imaginando se Lucius escolheu aquele perfume porque o lembrava deste lugar.*

*A luz fica mais forte e meu coração começa a bater com mais intensidade. Estou prestes a ver o que provavelmente – não, certamente – é o lugar mais importante da minha vida...*

*O teto fica mais alto e as paredes se afastam à medida que nos aproximamos, de modo que até Lucius pode andar ereto. No último momento – justo quando passamos embaixo de um suporte de madeira rústico que marca a entrada da câmara, ele me puxa e depois fica de lado, permitindo que eu passe na frente.*

*– Foi aqui, Antanasia – diz ele, com a voz baixa e reverente –, que nossos pais nos prometeram um ao outro.*

*Entro na caverna escondida, iluminada por uma pequena fileira de velas simples dispostas numa mesa de madeira, quase como um altar... E é quando percebo que já estive aqui antes, que o bebê que às vezes visualizo sendo oferecido numa cerimônia de noivado subterrânea sou EU.*

*Aquela criança sempre me pareceu uma estranha.*

*Mas, claro, aquele bebê era... eu. Em carne e osso. Meus olhos testemunharam tudo isso antes. Talvez eu tenha sido posta naquela mesa.*

*E Lucius...*

*Viro-me devagar para encará-lo e vejo que ele parece ao mesmo tempo feliz e solene enquanto, claramente entendendo o que me passa na cabeça, diz:*

*– Sim, Antanasia, isto, ESTE lugar, é onde você e eu nos conhecemos.*

*Ele fica perto da entrada, dando-me tempo de captar tudo. De ver com meus olhos e sentir todas as emoções que me atravessam enquanto estou num lugar que, como prometeu Lucius, é sagrado para os clãs dos vampiros.*

*A caverna não é grande, mas, como o corredor, está limpa e bem cuidada. Além da mesa, há bancos de madeira, rústicos como o portal da entrada e arrumados em filas, quase como uma sala de aula ou uma igreja.*

*– Foi aqui que nossos ancestrais tomaram todas as decisões mais importantes – explica Lucius, obviamente vendo como meu olhar se demora nos bancos. – Os Anciões e os vampiros mais importantes se reuniam aqui para debater. Ainda se reúnem, para os encontros mais cruciais, clandestinos.*

*Viro-me para ele e o vejo observar aquele espaço como se também voltasse a vê-lo depois de muito tempo.*

*– Era aqui que eles vinham buscar refúgio, não era? – pergunto.  
– Nas épocas de expurgo?*

*Um arrepio me atravessa, não por causa do frio da caverna. Nossos pais foram destruídos no último expurgo. Será que haverá outros?*

*– Sim – confirma Lucius, andando pela câmara, as mãos cruzadas às costas e a cabeça baixa, como sempre faz quando fica pensativo. – Este sempre foi um porto seguro. Sua localização é mantida em segredo. – Ele ergue os olhos para encontrar os meus e acrescenta: – O vampiro que revelar a um humano a localização DESTA caverna será destruído. Essa é a punição, sem clemência, sem piedade.*

*Observo Lucius declarar com frieza esse fato e, mesmo sabendo que ele foi preparado para governar, fico espantada – e ligeiramente irritada – de pensar que o vampiro que me beija com tanta ternura e que acabou de proteger minha cabeça com a mão gentil não hesitaria em fazer valer esse tipo de justiça.*

*A insegurança me oprime. Será que eu, por ser uma princesa, vou ser responsável por dar uma sentença dessas? Seria responsável por fazer isso AGORA, se um Dragomir quebrasse esse segredo?*

*Encaro intensamente os olhos de Lucius. Será que ele já atuou como juiz, será que algum dia deu uma sentença dessas?*

*Penso em perguntar a ele, mas mudo de ideia. Talvez eu não queira saber, pelo menos não agora. Por isso faço outra pergunta que está me incomodando.*

*– Se este é um lugar seguro, por que nossos pais...*

*Mas Lucius já estava balançando a cabeça.*

*– Os governantes não se escondem, Antanasia. Sobretudo líderes como nossos pais eram. Como NÓS seremos. Reis e rainhas não se encolhem em cavernas, nem mesmo para salvar suas vidas.*

*Engulo em seco, com uma sensação esquisita na boca do estômago, e não somente porque duvido da minha coragem*

*diante da destruição: Lucius nos elevou a "rei e rainha", mas ele e eu somos apenas um príncipe e uma princesa. Pelo menos eu sou apenas uma princesa. E chegar a rainha... Isso só acontece se nós... se Lucius e eu... nos casarmos e tivermos um FILHO. Um herdeiro do trono, que completaria a última parte do pacto para unir nossos clãs.*

*Olho o vampiro bonito e poderoso à minha frente, sem saber se a sensação no estômago é pura empolgação, se apareceu porque desejo mesmo esse futuro com ele ou se é causada pela minha ansiedade.*

*– Não fique tão preocupada, Antanasia – diz ele, um sorriso surgindo em seus lábios enquanto chega mais perto de mim. Ele segura minhas mãos e se curva para encostar a testa na minha, com os dedos acariciando os meus. – Tudo no devido tempo, certo? – pergunta baixinho, obviamente adivinhando meu pensamento. – Não queria assustar você.*

*Enquanto ficamos juntos na caverna silenciosa, no círculo de luz de velas, minha preocupação desaparece. Eu aceitaria qualquer futuro, exerceria a justiça dura, enfrentaria a destruição, qualquer coisa, só para ficar assim com Lucius por alguns instantes.*

*– Não estou com medo – garanto.*

*– Tem certeza? – pergunta ele, juntando minhas mãos e apertando-as contra o peito, de modo que eu sinta seu coração bater.*

*Depois de alguns segundos percebo que o coração de Lucius bate um pouco mais depressa do que o normal. Só um pouquinho mais rápido e mais forte do que seu ritmo lento, quase imperceptível. Levanto o rosto para o dele, imaginando o que poderia fazer o coração de Lucius Vladescu acelerar.*

*Então vejo que também há algo diferente nos seus olhos, um clarão que me diz que algo está acontecendo. Algo mais do que somente Lucius me mostrar a caverna aonde gerações de*

*vampiros romenos vieram selar pactos e forjar tratados e às vezes se refugiar da perseguição dos humanos.*

*Com o canto do olho vejo as velas tremeluzindo também e tenho a segunda revelação da noite: além de aquela caverna ser o lugar onde nós nos conhecemos, Lucius a preparou para nós hoje.*

*Os passos descendo rápidos a montanha quase certamente eram de um dos seus guardas de confiança retornando depois de terminar a tarefa de preparar a caverna para nossa chegada.*

*E o fato de termos feito essa jornada no escuro, quando teria sido tão mais fácil à luz do dia...*

*Examino os olhos negros de Lucius desejando mais do que nunca ser capaz de ler seus pensamentos assim como ele parece capaz de ler os meus. Ainda sentindo seu coração bater no ritmo novo, pergunto:*

*– Lucius, por que estamos aqui esta noite?*

*E sua resposta não é nada do que imaginei.*

## CAPÍTULO 12

Lucius se afasta de mim, só um passo, mas continua a segurar minhas duas mãos. Seus olhos estão fixos nos meus e gradualmente vejo-os mudar de novo.

Pela primeira vez vejo em seus olhos enigmáticos, frequentemente resguardados, a mesma necessidade explícita de mim que eu sempre lhe mostro e sei que a última barreira entre nós está sendo derrubada. Lucius me disse, muitas vezes, que me ama. E eu vi esse amor em seus olhos. Mas nunca assim. Ele está se revelando de propósito, expondo a alma de um modo que sei que é difícil para ele, e não consigo deixar de encarar seus olhos, querendo me lembrar para sempre desse momento, dessa expressão.

– Eu trouxe você aqui esta noite para pedir que se case comigo, Antanasia – diz Lucius finalmente, no momento em que começo a sentir que estou despencando naqueles olhos, como tive medo de cair num abismo enquanto vínhamos para este lugar.

Mas com essas palavras – essas palavras impossíveis – tudo fica parado.

O próprio tempo parece se imobilizar bruscamente.

– Lucius... – murmuro seu nome, sem acreditar que o momento é real.

Casar com Lucius é praticamente tudo em que pensei – ao mesmo tempo evitando e desejando desesperadamente – desde que o conheci e fiquei sabendo do pacto. No entanto, ainda não consigo acreditar nos meus ouvidos e fico examinando as profundezas infinitas e negras de seus olhos, querendo a confirmação de que não estou dormindo.

– Lucius...?

*Ele segura minhas mãos com mais força, apertando-as contra o peito.*

*– Eu quero pedir, neste lugar onde fomos prometidos um ao outro, que você se case comigo, não porque isso é exigido de você, mas porque você me ama como eu a amo – diz ele. – Peço que me escolha por livre vontade, porque é assim que escolho VOCÊ, Antanasia. Não para cumprir um pacto, mas para seguir meu coração, que não aceitará nada menos do que uma vida com você ao meu lado.*

*Quero gritar "Sim!". Quero berrar e me jogar nos braços dele. Mas meus pés parecem enraizados e minha língua está presa na boca. Não consigo fazer nada além de encará-lo, certa de que ele já vê a resposta nos meus olhos.*

*E então, de pé à minha frente, o que parece adequado para nós dois, melhor do que ele se ajoelhasse, Lucius faz a pergunta que eu queria escutar... talvez desde a primeira vez que o vi.*

*– Antanasia, quer se casar comigo? – Ele solta uma das minhas mãos para acariciar meu rosto, empurra meus cachos e sua voz fica mais suave, mais terna ainda, quando pergunta de novo, quase num sussurro: – Quer, Antanasia? Ser minha mulher?*

*Aquela vulnerabilidade nua que eu tinha visto nos olhos de Lucius ecoa em sua voz e é essa doçura – esse pedido sem reservas, esperançoso, de que eu prometa ficar para sempre com ele – que finalmente me permite falar. Porque sei que isso é o mais perto que Lucius jamais chegará de suplicar em toda a sua existência e é o que ele está fazendo por mim. Para mostrar quanto me quer.*

*– Quero, Lucius! – grito. Pelo menos penso que grito. Mas na verdade minha voz sai fraca, quase embargada. – Quero! – repito, tirando minhas mãos das dele e passando os braços ao redor de seu pescoço. Fico nas pontas dos pés para alcançá-lo, para*

*sussurrar no seu ouvido, porque quero lhe dizer, de novo e de novo: – Quero, quero, quero...*

*Ele me aperta, sussurrando no meu ouvido também.*

*– Obrigado, Antanasia... Obrigado por me amar...*

*Ficamos abraçados por um longo tempo enquanto a realidade se assenta. Vamos nos casar, não para cumprir um tratado, mas porque não podemos viver um sem o outro.*

*Então Lucius enfia uma das mãos no meu cabelo e eu me ajeito em seus braços para ver seu rosto de novo, logo antes de ele se curvar e seus lábios encontrarem os meus, beijando-me com suavidade. Então nos beijamos assim várias vezes, gentilmente. É como se nós dois reconhecêssemos que esse momento merece reverência, assim como o local em que ele acontece. Quando os lábios ásperos de Lucius encontram com tanto cuidado os meus macios, é quase como se ele estivesse me prometendo: "É assim que sempre vou cuidar de você."*

*E de algum modo, enquanto ainda estamos nos beijando, Lucius pega minha mão esquerda e põe um anel no meu dedo. Nem chego a percebê-lo colocar a mão no bolso para pegá-lo.*

*Sei que a maioria das garotas provavelmente daria um gritinho e recuaria, querendo ver o diamante, mas eu nem abro os olhos. Só ponho os braços de novo em volta do pescoço dele, sem me importar com a aparência do anel. Eu ficaria feliz com nada... com nada mais do que já temos...*

*– Antanasia.*

*A voz se intrometeu no meu sonho e eu rolei de lado, afastando-a, não querendo abandonar Lucius e tudo o que eu estava revivendo. Mas a voz – a voz de mamãe – me interrompeu de novo e senti uma pressão no ombro enquanto ela me sacudia.*

*– Antanasia.*

*– Ah, mãe – reclamei, desejando mais cinco minutos na cama –, por favor.*

Mas mamãe apenas me sacudiu com um pouco mais de força e, quando abri os olhos, ela estava rindo de mim.

Pisquei umas três vezes, porque a luz do sol estava entrando no quarto e refletindo no diamante enorme que agora sempre adorna minha mão esquerda. Herança da família Vladescu, tinha sido retirado e escondido pela mãe de Lucius, Reveka, antes de sua destruição. Um tesouro antigo que ela queria que seu filho único me desse.

Então olhei para mamãe e ela parecia feliz de novo e talvez um pouco surpresa ao se ouvir dizendo palavras que me surpreendiam também, mesmo que eu estivesse planejando e antevendo nada menos do que este dia há semanas.

– Acorda, dorminhoca – instigou ela com um sorriso. – Você vai se casar hoje!

## CAPÍTULO 13

Fiquei de costas para o espelho enquanto colocava o vestido de noiva.

Não sei se o motivo disso era um desejo de me surpreender quando visse o efeito de tudo junto, vestido, maquiagem e cabelo – o coque intrincado com a tiara delicada reluzindo contra meus cachos brilhantes e escuros – ou se eu estava com medo de olhar o reflexo e não me achar tão bonita quanto esperava.

– Tem certeza de que não quer ajuda? – gritou Mindy pela porta que ligava os dois quartos da suíte que Lucius reservara na propriedade dos Vladescu para que eu me arrumasse. – Sou sua dama de honra!

– Não, tudo bem. Já vou terminar.

Queria estar sozinha quando me visse pela primeira vez como Lucius iria me ver...

Puxando a seda pesada e branca em volta do corpo – das minhas *curvas* – apertei o vestido contra a barriga com a mão esquerda, mantendo-o no lugar enquanto levava a direita às costas para puxar o zíper o máximo que pudesse.

Quando minha mão parou, incapaz de ir mais longe, comecei a sorrir, lembrando-me de como Lucius tinha me surpreendido fechando um vestido semelhante, numa loja do condado de Lancaster.

Esta noite Mindy ou mamãe iriam me ajudar. No futuro, porém, fechar aqueles últimos centímetros seria sempre trabalho de Lucius. Eu sentiria seus dedos frios roçarem minhas costas, como ele havia feito da primeira vez. Só que não tentaria lutar contra o arrepio, como tinha feito na ocasião.

– Jess, estamos morrendo de ansiedade aqui fora! – gritou Mindy. – Anda logo!

– Estou indo – prometi, rindo do entusiasmo de Mindy.

Mas ainda me demorei alisando o tecido, sentindo a maciez da seda e a aspereza da renda e das contas – um contraste que me lembrava o próprio Lucius – antes de finalmente me virar para olhar no espelho.

E a pessoa que vi refletida ali...

*Uau!*

## CAPÍTULO 14

– **Uau!** – Mindy falou em voz alta o que estava no meu pensamento, praticamente derrapando depois de passar correndo pela porta.

Ela parou e olhou para mim. Depois chegou mais perto, andando devagar, como se tomada por um espanto reverente pelo vestido. Ou talvez um espanto reverente por *mim*. Talvez, pela primeira vez, me visse realmente como uma princesa; porque era assim que eu me *sentia*, era isso o que minha postura anunciava.

– Uau! – repetiu ela, se aproximando, de modo que nós duas víssemos meu reflexo no espelho.

Mamãe também se juntou a nós, parando atrás de mim e pondo as mãos nos meus ombros nus. Vi que ela também me achou linda. Diferente.

– Você vai deixar o Lucius sem ar – garantiu ela.

Não falei nada, porque não queria parecer convencida. Como poderia explicar que eu não era uma garota “bonitinha”, que naquele momento me sentia a mulher mais *linda* da face da Terra?

O corpete do vestido caía em mim como uma luva, acentuando as curvas que Lucius tinha me ajudado a aceitar, antes de se abrir numa cauda larga, branca como neve. Mas o corpete não era apenas branco, como um vestido de noiva tradicional. Tinha sobreposta uma seda preta tão delicada, tão transparente, que criava um lindo efeito de névoa, suave e gris, em volta de mim.

Esse detalhe poderia bastar para tornar meu vestido pouco convencional. Mas eu queria mais do que um vestido *diferente*. Queria um vestido que mostrasse a pessoa que eu tinha sido no passado – aquela garota virginal – e também a mulher, a

governante, que eu sabia que estava me tornando. E assim instruí o alfaiate a acrescentar uma cascata de flores de renda preta, bordadas à mão com contas, retorcendo-se como uma trepadeira selvagem em volta do meu corpo. Um toque escuro, dramático, que, para mim, simbolizava o que Lucius chamava de “lado obscuro da natureza”, ao qual eu havia me juntado quando ele me tornou vampira e que eu estava destinada a governar com ele.

No espelho encarei meus olhos – escuros e dramáticos também, graças à maquiagem feita por Mindy – e então acreditei nas palavras de minha mãe. Eu realmente poderia tirar o fôlego do Lucius, como tinha esperado.

O espelho também refletia a janela do outro lado do quarto e notei que a luz lá fora ia se esvaindo. Os vampiros talvez já estivessem se reunindo no local secreto que Lucius havia escolhido para a cerimônia. E eu estava quase pronta, a não ser por uma coisa...

De repente o silêncio que havia caído no quarto foi interrompido por uma batida à porta que dava no corredor. Esqueci meu vestido por um momento – e que mamãe e Mindy estavam ali para fazer coisas como abrir portas para a noiva – e corri para atender.

Abrindo a porta, encontrei a pessoa que eu havia previsto, de certa forma com pavor, que estaria me esperando. Com a garganta subitamente apertada, assenti para que ele entrasse, sabendo que o serviçal não precisaria de fato de nenhuma instrução.

E, como eu esperava, ele caminhou diretamente, sem dizer nada, até uma mesinha e pousou a bandeja de prata que trazia.

Então, ainda sem dizer nenhuma palavra, ele se retirou para esperar do lado de fora enquanto eu realizava o primeiro ritual do meu casamento. O que mais me preocupava.

## CAPÍTULO 15

Parei diante da mesa examinando os objetos na bandeja, não totalmente pronta para tocá-los. Havia uma pequena taça de prata com tampa, o padrão de videiras gravado nela escurecido pelo correr de gerações e o azinhavre tão forte que nem o melhor polimento removeria. Os desenhos lembravam as rosas de renda que contornavam meu vestido, o que me deixou mais feliz ainda por ter escolhido esse detalhe. Parecia que, enquanto criava meu vestido, eu tinha de algum modo me ligado à minha mãe, à mãe *dela* e a todas as mulheres Dragomir que haviam usado aquela taça antes de mim.

Minhas ancestrais também tinham usado a faca de prata posta ao lado da taça. E a colher onde havia um punhado de ervas. E as tiras de tecido de algodão dobradas sob a faca.

Mamãe pôs as mãos nos meus ombros de novo. Eu nem havia percebido que ela e Mindy tinham se juntado a mim perto da mesa. Virei-me um pouco para ver o rosto dela.

– Mamãe...?

Mas eu não sabia direito o que queria perguntar. Sabia o que tinha de fazer.

Mamãe me deu um sorriso tranquilizador e eu ganhei um pouco de força com a calma que ela aparentava.

– Você vai ficar bem – prometeu ela. Depois me virou de frente para ela e me puxou, apertando-me com força. – Vou me juntar aos outros convidados – disse, recuando mas ainda segurando minhas mãos, mantendo-nos ligadas.

– Mamãe! – reclamei, apertando seus dedos. – Não vá ainda!

Mas ela balançou a cabeça.

– Não, Antanasia. Esta na hora de eu ir.

Eu conhecia minha mãe o bastante para entender que ela havia escolhido deliberadamente aquele momento – e que usara de propósito meu novo nome. Ela estava me lembrando de que eu era adulta agora. Meu casamento estava começando e eu não a teria por perto para me ajudar a enfrentar as dificuldades que certamente viriam no futuro. Era hora de começar a encará-las.

– Sei que é difícil, mas tente não sentir medo – acrescentou mamãe, como um último conselho. – Quero que você saboreie cada momento desta noite. Não se trata de fazer tudo certo e sim de você e Lucius se comprometerem um com o outro. Só isso importa.

Respirei fundo e concordei.

– Eu sei.

– Eu te amo – disse ela, me abraçando de novo.

– Eu também te amo – falei baixinho.

Então mamãe saiu, deixando-me com Mindy, sem dizer mais nenhuma palavra, porque tínhamos dito todas as coisas importantes.

Quando a porta se fechou, Mindy se virou para mim com os olhos arregalados, nervosos, como se desejasse que a calma e competente Dra. Packwood ainda estivesse conosco.

– Ai... O que *eu* faço, Jess? – perguntou ela, os olhos virando rapidamente para a bandeja. – Eu... ajudo você?

Balancei a cabeça.

– Não. Só fique no quarto para o caso de alguma coisa dar errado.

Minha dama de honra ficou meio pálida, mas confirmou com a cabeça.

– Tudo bem.

Então, parecendo sentir que eu precisava de um pouco de espaço, de um pouco de privacidade, Mindy recuou alguns passos.

Eu me sentei à mesa e, sem me dar mais tempo para hesitar, estiquei o braço esquerdo sobre a bandeja e usei a mão direita para erguer a faca.

## CAPÍTULO 16

**M**as no momento em que encostei a lâmina no pulso, parei.

Aquilo iria doer e, se a faca entrasse fundo demais, eu poderia sangrar além da conta. Cortar os pulsos é uma forma de se suicidar.

Eu sabia que não iria morrer de verdade naquela noite – *não podia* ser destruída desse modo. Mesmo assim, vi que minha mão tremia um pouco quando encostei a lâmina no ponto onde uma veia azul era visível logo abaixo da pele.

Uma coisa era deixar Lucius rasgar minha carne suavemente num momento de paixão. Outra, muito diferente, era estar ali sozinha, como um cirurgião sem treinamento, tirando meu próprio sangue em quantidade suficiente para encher uma taça que agora parecia muito maior.

Mindy se remexeu atrás de mim, fazendo farfalhar seu vestido preto e simples, e eu soube que precisava agir logo. Estava ficando tarde e eu não queria fazer nossos convidados esperarem – acima de tudo, não queria fazer Lucius esperar.

*Lucius...*

Em algum lugar nos recessos do castelo Vladescu, onde quer que ele estivesse se preparando, estaria realizando o mesmo ritual que eu. Mas eu sabia que sua mão não tremeria. Podia imaginá-lo erguendo calmamente a faca, encostando a lâmina na carne e riscando uma linha quase invisível pelo braço. Uma linha que em segundos ficaria vermelha, quando o sangue começasse a sair. Ele viraria o pulso para a taça e permitiria que ela recolhesse as gotas.

Com a mão já mais firme, apertei a faca contra minha carne. A lâmina afiada como um bisturi rompeu a pele, me fazendo encolher. Então apliquei só um pouco mais de pressão, focalizada naquele fino traço de veia azul.

Ouvi Mindy ofegar enquanto o sangue escuro e denso jorrava subitamente da ferida, cobrindo meu pulso.

A princípio o talho fino não havia doído, mas então começou a arder e eu preendi a respiração e me forcei a ignorar a dor aguda, latejante.

*Faça isso pelo Lucius. A pior parte já passou.*

Preparando-me para mais dor, puxei a lâmina por mais um centímetro e meio pelo braço, depois virei o pulso rápida e cuidadosamente, de modo que o sangue que agora saía mais depressa pingasse num ritmo constante na taça que o esperava.

Eu sabia que Mindy provavelmente estava horrorizada, talvez até um pouco enojada com aquilo. Se eu estivesse no lugar dela, se nunca tivesse provado ou compartilhado sangue, me sentiria do mesmo modo. Mas eu havia mudado e, enquanto o líquido quase preto se derramava da veia, não pude deixar de pensar, apesar da dor, em como ele era *lindo*. Eu queria compartilhar essa minha essência com Lucius, naquela noite e muitas, muitas vezes no futuro...

– Jess?

A voz insegura de Mindy interrompeu meus pensamentos. Ergui os olhos e vi que ela havia chegado perto e estava curvada ao meu lado, com uma expressão preocupada.

– Acho que já chega – disse, olhando meu braço. – Acho que você deveria parar.

– É – concordei, notando que a taça já tinha uma boa quantidade. – Chega.

Virei-me e girei o braço de modo a deixá-lo sobre a bandeja, depois usei a outra mão para levantar a colher cheia de ervas –

gingibre e folhas de salgueiro – que impediriam o sangue de coagular rápido demais. Joguei-as dentro da taça e levei a mão em direção às tiras de tecido.

– Pode deixar – disse Mindy. Ela me surpreendeu puxando o pano antes que eu pudesse pegá-lo e segurando meu braço que sangrava. – Deixe que eu ajude, para você não sujar o vestido.

– Tudo bem – respondi, deixando-a enfaixar o ferimento.

Depois de cerca de um minuto, quando o sangue parou de atravessar o tecido, Mindy levantou com cuidado uma ponta e espiou embaixo.

– Acho que acabou – disse. E me encarou. – Mas vou deixar o machucado coberto, para não correremos o risco de o corte abrir acidentalmente, certo?

Concordei balançando a cabeça.

– Obrigada.

Não era exatamente a resposta adequada para a pergunta de Mindy, mas eu queria que minha amiga soubesse quanto eu era grata pela calma e a habilidade com que ela estava lidando com uma situação que a maioria das damas de honra não precisava enfrentar. E também me sentia agradecida pela expressão dos olhos dela, que mostrava que não sentia repulsa por mim.

Olhei-a enrolar a bandagem em volta do meu braço com o mesmo cuidado que tinha arrumado meu cabelo e pensei que tinha escolhido a pessoa certa para ser minha dama de honra. Tinha escolhido a garota certa para ser minha *melhor amiga*.

– Obrigada – repeti, enquanto ela enfiava a ponta do pano por baixo da parte enrolada, para que o curativo ficasse o mais arrumado possível.

Quando Mindy se levantou, ergui o braço e olhei para a bandagem. Em vez de estragar meu visual, como eu temera, ela me pareceu estranhamente *adequada*. Era um lembrete de que, apesar do cuidado que Lucius e eu estávamos tendo para tornar

nosso casamento perfeito e *parecermos* perfeitos um para o outro, nós dois tínhamos defeitos. Levaríamos para o casamento não somente amor mas também velhas feridas com as quais o outro sempre precisaria ter cuidado. Eu sempre teria que levar em conta a infância horrível de Lucius e entender quando ele ficasse quieto e fechado. E Lucius sempre teria que me assegurar de que seu lado obscuro jamais se viraria contra *mim*.

Passei os dedos pelo tecido, encolhendo-me de novo quando eles roçaram acima do corte, que ainda ardia um pouco. Lucius teria uma bandagem praticamente idêntica, amarrada por Raniero, e a mesma dor.

– Devo levar isso para fora? – ofereceu Mindy, estendendo a mão para a bandeja.

– Não, espera – respondi, segurando seu braço. – Ainda não terminei.

– Não? – Mindy ergueu as sobrancelhas e o modo como sua voz saiu como um gemido me disse que, mesmo fazendo um ótimo trabalho para enfrentar um casamento vampiro, ela já havia me visto derramar sangue suficiente por uma noite.

Mas eu não tinha escolha. Peguei a faca de novo, desta vez sem medo, porque sabia que aguentaria a dor. Então, usando a mão esquerda, marquei a palma da direita com um X fundo. O sangue saiu de novo e eu peguei o último pano limpo, apertando-o com força para estancar o fluxo.

– Lucius vai marcar a mão esquerda dele – contei a Mindy, que pareceu compreensivelmente confusa. – Assim, quando nos dermos as mãos na cerimônia para dizer os votos, nossos sangues vão se misturar.

– Ah, nossa...

Dava para ver que Mindy, sempre romântica, estava dividida entre pensar que esse era o gesto mais lindo do mundo ou o mais *errado*.

– Alguns vampiros ficam com a cicatriz pelo resto da vida – acrescentei. – Como uma aliança que nunca pode ser tirada.

Por isso eu tinha tentado cortar a palma da mão tão fundo. Minha primeira cicatriz de verdade. Lucius obviamente faria seu corte fundo e grande. Eu sabia que, tendo suportado tantos ferimentos graves no passado, ele nem se encolheria ao acrescentar mais uma cicatriz à mão, para se marcar como sendo meu.

– Agora terminei, se você tem certeza de que não se importa – anunciei, orientando minha amiga, que parecia não saber o que pensar a respeito daquilo, e indicando que era hora de ela levar a bandeja (e de parar de se preocupar se eu usaria a faca de novo).

– Ah, claro – disse ela, pondo a tampa na taça e equilibrando a bandeja com uma das mãos enquanto abria a porta.

O empregado silencioso que esperava pegou a bandeja das mãos de Mindy e ela fechou a porta. Quando voltou para perto, perguntou:

– E agora?

– Agora esperamos quem vai nos levar para a cerimônia.

Apesar do conselho de mamãe, comecei a sentir um frio na barriga. Em algum lugar do castelo nossos convidados – vampiros e humanos – já estavam reunidos e Lucius estaria a caminho da cerimônia e...

Quem viria me buscar?

Outro empregado? Um dos guardas de Lucius?

Não precisei esperar muito. Antes mesmo que Mindy pudesse decidir se deveria se sentar e correr o risco de amarrotar o vestido, houve outra batida à porta do quarto. Mais uma vez corri para atender, nervosa e impaciente demais para deixar minha dama de honra fazer isso.

Dessa vez, quando abri a porta para revelar o corredor, vi que alguém estivera muito, muito ocupado enquanto eu derramava

meu sangue por Lucius. E também recebi, com enorme felicidade, meu acompanhante para a cerimônia.

## CAPÍTULO 17

— Você está linda – disse papai, os olhos ficando meio úmidos enquanto entrava sorrindo no quarto para nos cumprimentar. – Vocês duas estão!

Ele percebeu minha bandagem e o pano que eu segurava e uma sombra atravessou seu rosto, diminuindo o brilho do sorriso. Eu sabia que, por ter viajado pela Romênia com mamãe enquanto ela estudava a cultura dos vampiros, ele devia estar familiarizado com os rituais do casamento e provavelmente sabia muito bem o que eu tinha feito. Apesar disso, fiquei com a sensação de que, mesmo sendo uma pessoa de mente aberta, ele não gostava de ver a filha sangrar. Mas ele não disse nada.

Como mamãe, ele estava deixando que eu seguisse meu caminho.

– O senhor também está muito bem, Sr. Packwood – observou Mindy.

Verifiquei a aparência de papai, também, avaliando-o da cabeça aos pés. Quando cheguei às pontas dos sapatos engraxados, levantei o rosto para o dele e ouvi a surpresa na minha voz:

– *Papai...*

Eu esperava que papai se vestisse de modo especial para o casamento, mas o smoking que ele estava usando parecia algo que *Lucius* teria escolhido. Tinha um caimento perfeito nos ombros e a calça terminava no local exato sobre aqueles sapatos brilhantes. Além disso, ele usava uma gravata-borboleta com um laço não apenas muito benfeito, mas que parecia ter sido medido com régua.

Resumindo, meu pai também parecia bastante um membro da realeza.

– É o casamento da minha filha – lembrou ele, entendendo claramente meu choque. – Claro que estou usando smoking! – Depois ele riu e observou: – Se bem que vou admitir que é um smoking bem *chique*. Lucius o encomendou. Parece que ele tem algo *contra* roupas alugadas.

Comecei a rir enquanto papai acrescentava, imitando Lucius:

– Passei a entender sua paixão pela *reciclagem*, Ned, mas devo estabelecer um limite no quesito *calças*. Principalmente no meu casamento!

– Parece coisa do Lukey — concordou Mindy, rindo.

Eu sorri também. *É, parecia mesmo coisa do Lucius.*

Então papai me ofereceu o braço e disse:

– Vamos? Seus convidados e seu noivo esperam a princesa!

Apesar de o gesto também ser uma espécie de brincadeira – um floreio pomposo para combinar com a roupa dele – nós dois ficamos sérios. Num instante todo o riso terminou.

Mindy também sentiu a mudança de clima e, sem mais palavras, ficou atrás de mim enquanto eu pegava o braço de papai. Esperei enquanto ela segurava a cauda do vestido para que não arrastasse no piso quando andássemos até o lugar secreto onde a cerimônia aconteceria.

Estava na hora.

– Papai – falei baixinho, enquanto íamos para a porta, de braços dados. – Você sabe aonde nós vamos? Este castelo parece um labirinto!

Eu não queria que meu pai revelasse o local surpresa de Lucius, ainda mais depois de ter esperado tanto tempo, mas estava honestamente preocupada com a possibilidade de me perder.

– Ah, Lucius pensou nisso também – disse papai com um brilho nos olhos.

Ele estendeu a mão para abrir a porta e, enquanto me levava para fora, tive a visão completa de algo que só havia vislumbrado quando meu pai entrou no quarto, talvez propositalmente me impedindo de olhar pelo corredor.

– Ah, é lindo – ofeguei, parando na porta.

Ou talvez Mindy tenha dito isso. Talvez nós duas tenhamos dito.

Todo o corredor estava ladeado por centenas de velas tremeluzentes em pequenos suportes de vidro. Estavam a cerca de um passo umas das outras e eram a única luz no corredor. Um caminho em fogo para seguirmos. Um lindo gesto da parte de Lucius.

Como sempre acontecia quando eu estava prestes a encontrar Lucius, comecei a sentir um frio na barriga. Mas, apesar do nervosismo, apertei o braço de papai, sinalizando que deveríamos ir, e nós três começamos a seguir o caminho luminoso que serpenteava e se aprofundava no coração do castelo.

Caminhamos pelo que pareceu um longo tempo, os três em silêncio, indo para partes do castelo silencioso que eu jurava não me lembrar de ter visto antes. Ou talvez Lucius tivesse mostrado esses lugares e eu não conseguisse lembrar. Naquela noite, tudo parecia diferente, mágico, estranho e silencioso.

Meu coração, que havia ficado mais lento quando me tornei totalmente vampira, começou a bater com mais força a cada passo. No entanto, ao mesmo tempo, fui ficando estranhamente calma.

Lucius estaria no fim desse caminho.

O momento que eu estivera esperando – para o qual havia *nascido* – ia acontecer...

Chegamos a uma curva no corredor, tão fechada e estreita que, por um segundo, tive a impressão de que era um beco sem saída, uma parede vazia. Quando demos mais um passo, senti uma brisa quente no rosto e o perfume de flores no ar puro.

As velas terminavam poucos metros adiante e o que parecia um arco surgia na parede de pedras. Olhei rapidamente o rosto de papai e vi que ele estava sorrindo de novo, como se tivesse certeza de que eu ficaria feliz com o que havia ali.

Alguns instantes depois, quando eu não sabia se queria que a expectativa se satisfizesse finalmente ou que continuasse para sempre, de tão maravilhosa, chegamos ao fim do caminho e Mindy soltou a barra do meu vestido, deixando tocar o chão.

Quando passamos sob o arco, apertei o peito com as mãos, esquecendo que poderia manchar o vestido de sangue, e exclamei baixinho:

– Ah, Lucius!

## CAPÍTULO 18

Fiquei boquiaberta com a cena, porque Lucius não havia escolhido um salão grandioso para nos casarmos e sim um pátio pequeno, íntimo – como uma gruta –, delimitado por paredes de pedra cobertas por trepadeiras e ramos de boa-noite que serpenteavam em direção ao céu. As últimas flores brancas e luminosas do fim do verão estavam abertas e pareciam estrelas caindo em volta de nós.

A iluminação era feita apenas pela lua cheia e as muitas velas presas nos parapeitos das altas janelas em arco ao redor, arrumadas às dezenas na mesa de pedra onde as pequenas taças de prata esperavam e acomodadas entre as flores que cresciam em profusão por todo o jardim.

Era tudo perfeito, como Lucius havia prometido. Apesar de estarmos no centro de um castelo que ele mantinha com ordem e precisão, o pátio possuía uma beleza caótica, como o próprio amor. Pelo menos como o amor que eu sentia por Lucius, que parecia incontrolável. Era um lugar em desordem, selvagem, no fundo do meu coração, que um dia também insistira na ordem racional.

É, foi o jardim que me fez respirar fundo.

Mas foi a visão do próprio Lucius, e não o cenário incrível que ele havia criado para nós, que me compeliu a dizer seu nome.

Ele estava me esperando no fim de um corredor formado entre a folhagem, diante da mesa de pedra, e eu nunca o tinha visto tão sério, tão solene. Mas aquele não era o lado sombrio de Lucius. Não, era como se ele estivesse tão *feliz* que não conseguisse sorrir. Eu entendia isso porque estava sentindo a mesma coisa. Era

como um júbilo tão intenso que só poderia ser expresso com os olhos. Parecia profundo demais para ser demonstrado apenas com um sorriso.

Naquele momento, eu sabia que nossos convidados estavam ali, nos observando das cadeiras enfileiradas nos dois lados do caminho, mas mal os percebia. E não andei até Lucius imediatamente. Ficamos em silêncio, perdidos no tempo, no espaço – e um no outro. Mesmo a distância, na escuridão, eu podia ver que ele estava emocionado, que ele jamais se esqueceria de como eu estava ao entrar no jardim vestida de noiva, assim como eu jamais esqueceria a imagem de Lucius de pé ali, alto e confiante, os ombros largos puxados para trás e as mãos cruzadas às costas, como sempre fazia.

Mas naquela noite Lucius não baixou a cabeça nem andou de um lado para o outro. Ficou perfeitamente imóvel, costas eretas, olhos fixos em mim enquanto compartilhávamos aquela felicidade extraordinária, profunda, os dois cientes de que aquele era um momento único.

Poderíamos ter ficado assim durante horas se papai não tivesse tirado o braço do meu e beijado meu rosto. Finalmente desviei o olhar de Lucius e me virei para o meu pai, cujos olhos novamente brilhavam com lágrimas enquanto ele me dizia:

– Eu te amo, Jess.

Quis dizer ao meu pai que também o amava, mas de repente fiquei com um nó na garganta e precisei confiar que ele entendia que eu não conseguiria falar.

Então ele deu um passo para o lado, porque a tradição era que eu caminhasse sozinha os últimos metros até meu marido. Nem flores eu carregava. Deveria me aproximar de Lucius com as mãos vazias, para simbolizar que, a partir daquela noite, não haveria *nada* entre nós.

Assenti para Mindy, que ficou à minha frente e começou a ir devagar pelo caminho. Quando ela chegou a seu lugar e olhou de volta para mim, todos os convidados se levantaram e se viraram também. Mas eu ainda mal os notava, nem dava atenção a Mindy, que esperava à esquerda da mesa de pedra, nem percebia Raniero parado à direita de Lucius. De novo estava hipnotizada pela imagem de Lucius, concentrada não somente em seus olhos, mas no homem inteiro, o vampiro, com quem eu iria me casar.

Seu cabelo preto brilhava ao luar que, juntamente com as velas, também iluminava suas feições. As maçãs do rosto definidas, o nariz reto e o queixo forte que eu tinha notado pela primeira vez numa escola da Pensilvânia, num dia e num lugar que pareciam infinitamente distantes. Ele usava um smoking tão escuro quanto seus olhos e que era tão adequado quanto o jardim era perfeito para nossa cerimônia. Era discreto – sem abas exageradas ou lapelas de seda brilhante –, mas sua simplicidade só parecia enfatizar a segurança de Lucius, como se ele confiasse o suficiente em seu poder a ponto de não precisar de qualquer aparato extra. De algum modo ele conseguia mostrar que era um príncipe mesmo usando nada mais do que uma camisa branca com gravata preta e paletó escuro e calça preta reta, como a que usara no jantar que oferecemos antes do casamento.

Lucius me esperava ereto porém à vontade, como o guerreiro que fora criado para ser, e eu mal podia acreditar que ele era *meu*.

Algum dia ele já parecera tão alto? Tão dominador? Tão *capaz de comandar*?

Enquanto eu começava a andar até ele, jamais afastando os olhos, vi que Lucius usava um toque sutil de cor. Um colete cinza, quase da cor do meu corpete.

Quando cheguei mais perto, ele tirou as mãos das costas, como se não pudesse esperar nem mais um segundo para me tocar, e

também vi uma ponta branca em seu braço, um pedaço de tecido aparecendo por baixo da manga, logo acima da mão.

– Antanasia, eu, eu... – disse ele, quando eu estava suficientemente perto para ouvi-lo sussurrar. Suficientemente perto para ver a admiração, o fascínio, em seus olhos, emoções fortes o bastante para deixar até mesmo Lucius Vladescu sem fala, provavelmente pela primeira vez na vida.

Então eu sorri, porque tive a certeza de ter alcançado o que queria: Lucius, sempre tão eloquente, nem conseguia encontrar palavras para se expressar ao me ver.

Ocupei meu lugar ao seu lado e Lucius sorriu também, revelando, pela primeira vez naquela noite, os dentes de um branco puro que eu finalmente sentiria de novo em meu pescoço.

Encarei seu rosto bonito e ele estendeu a mão esquerda – a mão marcada, dominante – e segurou forte a minha direita, também marcada, unindo-nos diante de todos e reabrindo suavemente os ferimentos, de modo que nosso sangue se misturasse. Foi o momento mais feliz da minha vida.

A incisão na minha mão, tão recente, doeu ao ser perturbada. A pele se separou e Lucius observou meu rosto atentamente, com preocupação e um pedido de desculpas nos olhos, mas balancei a cabeça de leve, dizendo que estava tudo bem, que ele deveria se certificar de que o sangue saísse.

Então ele apertou os dedos com mais força em volta da minha mão, torcendo nossas palmas ligeiramente. Eu me obriguei a não demonstrar a dor do corte que se abria. Pude sentir o sangue começando a sair e, mesmo sabendo que Lucius também sangrava, era impossível dizer qual sangue era de quem – assim como deveria ser, a partir daquele momento.

Antes eu pensava que o momento em que Lucius cravou as presas no meu pescoço pela primeira vez seria sempre o melhor da minha vida, mas nada poderia se comparar a me unir a ele

para sempre na presença da nossa família e dos nossos amigos. Nada jamais se compararia àquele olhar caloroso e de adoração de Lucius por mim, que se abria tão sem reservas enquanto nosso sangue sereno se fundia no ponto em que estávamos conectados.

Demoramos mais um instante ali, apenas *sendo um*, guardando tudo na memória, e então nos viramos para encarar o mais velho dos Anciões, que havia saído das sombras e se juntado a nós do outro lado da mesa de pedra. Ele anunciou:

– Começemos.

# CAPÍTULO 19

Enquanto os convidados se sentavam de novo, Alexandru Vladescu, o vampiro que presidiria a cerimônia, estendeu os braços e pôs as mãos, que tremiam por conta da idade, na nossa testa. Então Lucius e eu a baixamos a cabeça ligeiramente enquanto ele anunciava às nossas famílias a bênção inicial da cerimônia.

– Estamos reunidos esta noite para unir, por toda a eternidade, o príncipe Lucius Vladescu e a princesa Antanasia Dragomir e lhes oferecer a bênção de nossos clãs – disse ele, os dedos surpreendentemente firmes em minha cabeça. – A partir deste dia, como foi prometido pelo pacto selado quando nasceram, eles viverão e governarão como um só.

Então ele retirou as mãos e Lucius e eu erguemos a cabeça. Tive a certeza de que aquela era a primeira das duas únicas vezes em que Lucius Vladescu se curvaria diante de outro vampiro, mesmo que se tratasse de um Ancião venerável, sábio ou poderoso. A próxima vez que Lucius baixasse a cabeça seria em nossa coroação como rei e rainha. Se esse dia chegasse...

Olhei ligeiramente para o lado para ver Lucius de perfil, o nariz reto, o queixo forte e a mecha do cabelo preto recém-cortado que caía em sua testa, como se ele não pudesse conter esse seu lado impossível de ser governado, mesmo no nosso casamento.

Lucius, que seria pai dos meus filhos, os *próximos* príncipes e princesas...

– Mas primeiro – disse Alexandru, atraindo minha atenção de novo, de modo que me peguei espiando seus olhos, que eram escuros e familiares, os olhos dos Vladescu, que tinham visto

séculos, talvez *milênios*, de casamentos, nascimentos... e destruições. – Primeiro vocês devem aceitar um ao outro como marido e mulher, diante de suas testemunhas.

Foi minha vez de apertar a mão de Lucius, os dedos automaticamente se contraindo em volta dos dele, e respirei trêmula.

Esta era a parte mais importante da cerimônia. Mesmo sabendo que Lucius queria se casar comigo, senti meu estômago revirar, apreensiva e nervosa, porque a pergunta que seria feita a seguir não era mera formalidade. No mundo em que eu estava entrando, onde as uniões eram mesmo eternas, as próximas palavras davam aos noivos uma última chance de reconsiderar, antes que o elo fosse forjado para sempre.

– Lucius Vladescu – disse Alexandru, quase como um agouro –, você aceita Antanasia como sua esposa, enquanto você existir?

Lucius e eu nos viramos um para o outro e ele segurou minhas duas mãos. No momento em que vi seu rosto, minha apreensão desapareceu. Não somente sua expressão continuava aberta, sem reservas, para mim, mas vi de novo nos seus olhos o amor profundo que agora sempre estava ali – às vezes um pouco escondido atrás do riso, da frustração ou das outras emoções mais complexas de meu príncipe, mas sempre *ali*. E naquela noite, *tudo* o que vi foi o amor enquanto Lucius, falando aos nossos convidados e ao mesmo tempo só para mim, disse sério, reverente:

– Sim, aceito Antanasia como esposa, agora e sempre, enquanto eu existir.

Mesmo sabendo de coração que Lucius me aceitaria e que meu temor momentâneo não tinha fundamento, fiquei aliviada – e emocionada a ponto de chorar – por ouvi-lo dizer essas palavras em voz alta.

Ele me queria, para sempre...

Então, enquanto Lucius e eu permanecíamos virados um para o outro, com as minhas mãos nas dele, Alexandru Vladescu falou meu nome e fez a mesma pergunta.

– Antanasia Dragomir, você aceita Lucius como seu marido, enquanto você existir?

Nem esperei que a voz do velho vampiro se esvaísse na noite silenciosa. Abri a boca para responder, certa de que não precisava pensar. Claro que eu sabia qual era a resposta...

Mas antes que as palavras saíssem da minha boca, Lucius apertou minha mão de um modo que eu entendi que se destinava a me silenciar. Então ele baixou os olhos, fechando-se para mim.

Esperei, insegura, sem entender o que ele estava fazendo.

E quando ele ergueu os olhos de novo, vi a última parte, a mais escondida, da alma de Lucius. Tive um vislumbre de um lugar dentro dele que *nunca* esperava ter permissão de ver, nem mesmo se *realmente* vivêssemos para sempre.

## CAPÍTULO 20

Nos últimos momentos antes de eu me comprometer a ser dele – a ser parte dele – para todo o sempre, Lucius me permitiu ver aquele lado sombrio, ferido, que um dia o levava a encostar uma estaca em meu peito antes de desmoronar e gritar com fúria e desespero: "*Tudo à minha volta é destruição!*"

Encarei-o abalada mas me recusando a afastar os olhos, apesar de aquele aspecto de Lucius ser aterrorizante. Eu sabia que nunca mais veria essa parte dele – pelo menos não daquele jeito – e quis tentar entendê-la antes de nos unirmos eternamente.

Enquanto examinava seus olhos, vi não somente o príncipe vampiro que quase havia me destruído, que havia destruído o tio e que poderia tirar vidas no futuro, mas também o órfão criado com surras em vez de amor. Foi como se toda a história de Lucius se desdobrasse à minha frente, revelando-se ao mesmo tempo a origem de sua força, de sua capacidade de suportar a dor, de governar uma nação de vampiros e de sacrificar até mesmo a própria existência, se necessário, e o motivo de seu poder ser sempre perigoso.

– Ah, Lucius... – murmurei seu nome, esquecendo a cerimônia, esquecendo totalmente os convidados. – Lucius...

Ele estava me dando mais uma chance de fugir, como havia oferecido na noite em que provou meu sangue. *A última* chance de fugir...

Mas ver aquele lado de sua alma só me fez desejá-lo ainda mais.

Ele confiava em mim o bastante para revelar sua natureza mais sombria. Apesar de amar ser novidade para ele, Lucius acreditava

que nosso amor era forte o suficiente para impedir que eu jamais lhe desse as costas.

Ficamos em silêncio por longo tempo, com o sangue que fluía entre nossas palmas engrossando, colando-nos mais ainda. Nossos convidados não faziam ideia do que se passava entre nós e provavelmente se perguntavam se eu iria cancelar o casamento.

E, então, sem hesitar e ainda olhando nos olhos de Lucius, confrontando a dor profunda e o poder incrível que ele lutava para controlar, eu disse a todo mundo, e no entanto somente a Lucius, como ele havia me dito:

– Sim, aceito Lucius como meu marido, agora e sempre, enquanto eu existir.

Lucius baixou os olhos de novo e eu tive a certeza de que ele jamais me revelaria aquele seu lado de novo, de modo tão aberto. Que eu não *deveria* vê-lo de novo. Que, como a estaca que ele havia apontado para mim e que desaparecera, eu deveria aceitar que essa parte de Lucius existia, fora do meu alcance e sempre capaz de vir à tona.

Quando ele me deixou ver seus olhos de novo, tudo o que havia neles era felicidade – a volta do vampiro que eu tinha passado a amar, em toda a sua glória arrogante, maravilhosa, espirituosa, terna, dominadora. Seus olhos tinham somente uma *leve* sombra daquele lugar escuro que eu sempre reconheceria, juntamente com o amor que eu via em seu olhar.

Eu jamais iria rever a escuridão que ele abrigava, mas sua fonte nunca estaria *totalmente* escondida de mim. E, como sua noiva, achei que isso era certo.

Os cantos dos lábios de Lucius se ergueram com um sorriso e eu sorri também, sabendo que sentíamos o mesmo. Ambos acreditávamos que, apesar de a cerimônia ainda não estar terminada, no momento em que eu aceitei Lucius e ele me

aceitou, tínhamos nos tornado marido e mulher. Eu mal podia esperar para beijá-lo e selar a nova aliança entre nós.

Continuamos nos encarando, compartilhando a felicidade e uma paz nova e maravilhosa.

Foi necessário esforço para parar de encarar Lucius, para pararmos de sorrir um para o outro, mas por fim soltamos as mãos que não tinham cortes e nos viramos de novo para Alexandru, que assentiu primeiro para Raniero, depois para Mindy, sinalizando que deveriam pegar as taças.

# CAPÍTULO 21

Ainda que eu tentasse me lembrar de cada detalhe do restante da cerimônia com tanta clareza quanto me lembrava do instante em que percebi que Lucius era mesmo meu marido, só conseguiria capturar algumas cenas que vieram em seguida.

O momento em que Mindy – com uma expressão estranha, quase perturbada nos olhos, em vez das lágrimas sentimentais que eu esperava – me passou a taça de prata para que eu pudesse oferecer meu próprio sangue a Lucius e o modo como ele fechou os olhos ao aceitá-la da minha mão, levá-la aos lábios e beber.

E eu me lembraria de finalmente ter notado Raniero – percebendo que de algum modo Lucius tinha conseguido fazer seu padrinho tomar banho e se enfiar num smoking, de forma que ele parecia adequadamente régio ao entregar a Lucius sua taça.

E nunca esqueceria o peso da prata enquanto eu aceitava a taça e a levava aos lábios, a mão tremendo só um pouco de nervosismo e expectativa. A sensação de ter aquele cálice antigo em meus lábios ficaria para sempre na minha memória, tão fundo quanto o V gravado nele, um precursor rústico das elegantes iniciais desenhadas no marcador de livro que Lucius havia me dado.

E não me esqueceria do gosto de seu sangue – aquela essência doce, fria, incrível, do próprio Lucius, pela qual eu havia ansiado tanto tempo. A taça não tinha o suficiente para me satisfazer e nem deveria, mas eu sabia que beberia mais.

Claro que eu também me lembraria, sempre, de Lucius dizendo, em sua voz profunda:

– Ofereço-lhe nada menos do que o meu sangue, Antanasia, nada menos do que a mim mesmo.

Também houve imagens vívidas de Alexandru buscando a árvore genealógica que Lucius havia me mostrado meses atrás e apoiando-a sobre a mesa para que eu pudesse colocar meu nome ao lado do de meu marido.

Antes de encostar a pena no papel, eu me virei para olhar os convidados. Minha mãe parecia corajosamente feliz, meu pai chorava, os olhos de Dorin brilhavam e Claudiu se recusava a olhar, seu rosto virado enquanto eu colocava minha assinatura com cuidado e Lucius escrevia a data do nosso casamento acima do espaço onde um dia os nomes dos nossos filhos seriam escritos com a mesma tinta preta.

Todas essas coisas aconteceram depressa demais, até o momento em que Lucius colocou uma aliança brilhante no meu dedo e eu fiz o mesmo com ele, consciente de um modo maravilhoso e desavergonhadamente egoísta de que isso, mais do que a marca na palma da mão dele, diria ao mundo que ele me pertencia. Só os vampiros entenderiam o simbolismo da cicatriz na mão, mas uma aliança de ouro tinha significado universal.

Ninguém mais poderia tê-lo agora.

Lucius olhou para o meu rosto e me estendeu a mão esquerda, rindo um pouco por eu estar tão ansiosa por reclamá-lo publicamente para mim, e senti a força de seus dedos enquanto empurrava a aliança até o final.

Então, quando as alianças estavam no lugar, Alexandru Vladescu disse as palavras que eu jurava que não aguentaria esperar mais um segundo para ouvir:

– Lucius, pode beijar a noiva.

# Epílogo

A clareira da montanha estava silenciosa e nossos convidados aguardavam cheios de expectativa enquanto eu ia até Lucius, que me estendeu a mão esquerda, oferecendo-a de um modo diferente do que havia feito na cerimônia. Dessa vez sua palma cortada se virou para frente, de modo que eu visse com clareza o X que ele havia posto ali.

Aceitei sua mão esquerda com a minha direita e ele pôs a outra nas minhas costas, moldando-a de encontro ao meu corpo. Depois pousei minha mão esquerda gentilmente em seu braço direito, bem onde seu bíceps se pronunciava.

Enquanto estávamos virados um para o outro, preparados para nos movermos ao som assombroso da *Sonata ao luar*, de Beethoven, não fiquei preocupada com o fato de eu ainda não saber dançar bem. Apesar de algumas lições de última hora no escritório de Lucius, eu não evoluíra muito em relação à primeira vez em que dançamos, no ginásio da Escola Woodrow Wilson, sob luzes piscantes que nunca mais me satisfariam, agora que havia me casado num mar de velas.

Não, eu não sabia dançar, mas era capaz de pôr *aquele* olhar no rosto de Lucius, aquela expressão de adoração, protetora, que vi em meu marido enquanto ele me segurava.

O pianista começou a tocar e Lucius e eu nos movemos ao som das notas delicadas e poderosas que eram uma cascata de luz e mistério, uma expressão musical de como eu me sentia todas as vezes que via Lucius depois de termos nos separado ao menos por alguns minutos, como acontecera depois da cerimônia. Era como o jorro incomparável de alegria, calma e empolgação que me

dominava sempre que ele entrava num cômodo. E por baixo disso estavam os tons sombrios também...

Nós nos movemos juntos no centro de um círculo formado por todos os convidados. Lucius apertou com mais firmeza a mão que estava nas costas do vestido preto – um negativo fotográfico do traje tradicional de casamento – que eu tinha posto depois da cerimônia, porque sua palma cortada havia sujado de sangue o vestido branco quando nos beijamos.

A música era cheia de mudanças de ritmo e complicada de acompanhar, mas ele me guiou pelas partes mais difíceis, meus olhos fixos nos dele para não tropeçar.

Que olhos incríveis tinha meu marido...

Ele sorriu e, como eu sabia que aconteceria, errei a passada e chutei o pé dele. Então desisti e soltei minha mão da dele, passando os braços em volta de seu pescoço e esquecendo a tentativa de dar alguns passos básicos, porque de súbito só queria abraçá-lo enquanto aquela canção linda e pungente tocava. A música, composta havia séculos e ainda tão sugestiva, me fez pensar ainda mais no *tempo*, um assunto que estivera em minha cabeça durante toda a noite.

Anos, décadas, séculos... *eternidade*.

Tínhamos a promessa disso, mas, dado quem éramos, governantes, ambos sabíamos que essa promessa era provavelmente falsa. Sabíamos que um dia seríamos tirados um do outro, como nossos pais haviam sido separados para sempre. Pessoas amedrontadas iriam se voltar contra nós ou alguém da nossa espécie iria nos trair.

Quando pousei o rosto no peito dele, Lucius também desistiu de tentar me guiar valsando e acariciei seu cabelo enquanto oscilávamos, dizendo a mim mesma para não me preocupar na minha noite de núpcias – porque aquele dia terrível poderia acontecer dali a uma semana ou mil anos.

– Alguma coisa errada, esposa minha? – sussurrou Lucius, usando a palavra da qual não parecia se cansar naquela noite. – Sinto que você não está feliz.

Levantei o rosto, percebendo que outros convidados tinham se juntado à nossa dança e me obrigando a sorrir, porque não queria que ele se preocupasse nem desperdiçar essa comemoração pensando em coisas terríveis que poderiam jamais acontecer. Era só a música que tinha feito com que eu me sentisse triste por um minuto.

– Eu só estava imaginando como *Lucius Vladescu* colocou um piano de meia cauda numa clareira no alto dos Cárpatos – falei, provocando-o. – Estava tentando entender a logística.

Lucius riu, surpreso, e me apertou com mais força.

– Fico feliz por você manter seu lado racional e matemático, Antanasia, porque amo isso também.

Olhei a clareira rochosa ao redor, coberta de grama. Não era exatamente adequada para uma festa, mas era especial para mim.

– Deixando as brincadeiras de lado, Lucius... – continuei, acariciando sua nuca com o polegar e encarando-o, de modo que ele pudesse ver como eu apreciava de verdade tudo o que ele havia feito. – Obrigada por tornar isso possível. A comida, a música, tudo, *aqui*.

Lucius ficou sério.

– Se é aqui que você vê sua mãe nos sonhos e se você sente que Mihaela está conosco agora, eu arrastaria *100* pianos montanha acima para torná-la parte da comemoração, para você.

– Sei que é estranho – admiti. – Mas realmente sinto a presença dela aqui.

Eu tinha visto a clareira pela primeira vez num dia em que Lucius e eu saímos para cavalgar. Reconheci imediatamente o afloramento semicircular de pedras, porque o tinha visto muitas

vezes enquanto dormia. Nos sonhos, quase sempre era inverno e a terra estava coberta de neve, mas aquelas rochas pontiagudas eram inconfundíveis. Cheguei a dar um puxão nas rédeas, erguendo-me da sela e procurando por minha mãe, certa de que ela estaria ali, me esperando, e só então lembrei que ela havia partido anos antes. Eu estava procurando um fantasma. Um *fantoma*, como diriam meus novos compatriotas.

– Sou *completamente irracional*, como você costumava me lembrar – brincou Lucius, mudando a posição das mãos para apertar minha cintura. – *Eu* acredito no poder dos sonhos. Como a maioria dos vampiros, dou grande importância a eles. O que você sente aqui não parece estranho para mim, nem um pouco.

Estremeci nos braços dele, porque meus sonhos *pareciam* estranhos para mim. Premonitórios às vezes, como a sonata.

Olhei em volta, surpresa ao ouvir nada além do farfalhar do vento nas árvores, taças tilintando e conversas baixas a distância. Então olhei de volta para Lucius e encontrei-o rindo para mim.

– Você percebeu que a música tinha terminado? – perguntei. – Que todo mundo parou de dançar?

– Percebi – admitiu Lucius, ainda me segurando. – Mas não estava pronto para soltar você.

Enquanto nos separávamos relutantes, estremeci de novo, desta vez porque estava ficando tarde e frio... e por causa da expectativa também. Logo, *logo* estaríamos longe de todos e não haveria motivo para parar de nos abraçarmos, de nos beijarmos, de nos tocarmos.

– Deveríamos nos despedir agora – sugeriu Lucius, pegando minha mão e me levando para a tenda branca e diáfana em que todos estavam reunidos e onde haviam sido postos candelabros de ferro iguais aos da sala de jantar dos Vladescu.

Essa era mais uma mágica de engenharia e logística aparentemente impossível que o mago com quem me casei

conseguiu realizar naquela noite, além de levar montanha acima todos os nossos convidados, um incrível jantar de sete pratos e aquele piano.

– Eles vão se sentir obrigados a permanecer até irmos embora – acrescentou Lucius, sorrindo. – Devemos partir logo, para eles ficarem à vontade para ir também.

Enquanto andávamos de mãos dadas sob as estrelas, tentei decifrar aquele sorriso. Ou ele percebeu meu tremor e também viu que estava ficando tarde ou estava ansioso também.

A julgar pelo brilho nos seus olhos, tive a sensação de que era principalmente a segunda hipótese.

Entramos na tenda, Lucius se curvando porque era alto demais para as partes mais baixas, e começamos a nos despedir e agradecer. Só então pude falar com meu tio Dorin, que eu praticamente não tinha visto durante a noite. Eu o havia notado apenas duas vezes: uma falando com Mindy e uma se esforçando para manter uma conversa com Claudiu, que, claro, ele conhecia de reuniões dos Anciões, mas que não era exatamente um amigo.

Na verdade, muito pelo contrário.

– Ah, Antanasia – disse Dorin, os olhos brilhando mais ainda do que o normal. – Que festa linda! Lindíssima. Estou muito feliz por vocês dois!

– Obrigada – respondi, abraçando-o. – Obrigada por vir e por tudo o que fez para que isso acontecesse.

Quase derramando o vinho tinto que estava tomando, talvez porque não tínhamos servido cappuccino, Dorin fez um gesto com as mãos para dispensar minha gratidão.

– Você fala isso com muita frequência. Não foi nada! Aquilo tinha que ser feito!

Eu *realmente* agradecia um bocado ao tio Dorin. Mas será que algum dia seria capaz de exprimir gratidão suficiente pela forma como ele havia orquestrado a sobrevivência de Lucius no celeiro

de Jake Zinn e de algum modo levado o “corpo” de volta à Romênia? Ou por violar as ordens de Lucius e voltar aos Estados Unidos para me informar que ele estava *vivo*?

Lucius estendeu a mão, acrescentando:

– Obrigado, Dorin. Antanasia está certa. Você *foi* fundamental para trazê-la de volta para mim.

Dorin apertou a mão de Lucius, como sempre parecendo meio intimidado pelo meu marido, mesmo numa festa. E meu tio ficou definitivamente branco quando Lucius acrescentou, ainda sorrindo e apertando a mão dele com força:

– No entanto, eu não sugeriria que desconsiderasse qualquer ordem direta no futuro, mesmo tendo intenções nobres.

Era uma brincadeira – mas também um alerta. Lucius estava feliz com o resultado da insubordinação de Dorin, mas, como me contava com frequência, os vampiros eram um grupo indisciplinado. Era fácil perder o controle se você permitisse que a menor desobediência passasse despercebida.

– Pode deixar! – concordou Dorin, com um riso nervoso. Os dois soltaram as mãos e ele acrescentou, parecendo aliviado por olhar para mim. – Parabéns a vocês dois!

Lucius ficou mais ereto, franzindo a testa e examinando a multidão.

– Bom, onde está Claudiu?

A cor que havia retornado às bochechas de Dorin sumiu de novo e ele não encarou Lucius enquanto nos informava:

– Claudiu? Ele... ele não estava se sentindo bem. Eu... acho que foi embora.

Lucius olhou para Dorin arqueando uma sobrancelha.

– Verdade? Saiu do *meu* casamento sem me dizer uma palavra?

O rosto de meu tio estava lívido, como se ele tivesse medo de Lucius matar o mensageiro.

– É... creio que sim.

Eu mesma me senti mal. Sabia a razão da partida de Claudiu. Ele não suportava a ideia de uma Dragomir fazer parte da família Vladescu. Mal tolerava Dorin como um dos Anciões e nem pudera olhar para mim enquanto eu escrevia meu nome na árvore genealógica. Eu tinha certeza de que Lucius não havia ficado cego diante da atitude de Claudiu e que não gostaria dessa desfeita.

– Se vir o meu tio – disse Lucius a Dorin –, por favor, diga que me informarei sobre sua saúde dentro de um ou dois dias.

– Lucius... – falei.

Pus a mão em seu braço, reconhecendo no tom seriamente mortal que aquela não seria uma visita amigável. Ele não parecia com raiva, mas estava muito claro que não aceitava o sumiço de Claudiu, que seu tio precisaria prestar contas e, se necessário, seria *forçado* a me aceitar como parte da família.

– Informarei a Claudiu que você planeja fazer uma visita – prometeu Dorin, nervoso. E tomou todo o vinho de uma vez só, engolindo com dificuldade. – Se eu o vir, certamente o avisarei.

Lucius pôs a mão nas minhas costas e nos guiou para longe do meu tio. Quando nos afastamos alguns passos, fiz com que ele parasse e sussurrei:

– Lucius, por favor...

Mas o que eu poderia pedir? Até *eu* reconhecia que o fato de Claudiu ter saído cedo sem dizer nada era um insulto a nós – a *mim*. Se íamos governar juntos, isso teria que ser resolvido. Caso contrário, Claudiu seria capaz de pensar que poderia me ofender sem consequências, o que começaria a minar minha autoridade já tênue. E isso *não* seria bom. De repente me lembrei de uma coisa que tinha lido quando folheei o presente deixado por minha mãe biológica: "*Uma vez que se perde o poder, é IMPOSSÍVEL recuperá-lo.*"

Mesmo assim eu não queria começar uma briga.

Lucius entendeu a consternação no meu rosto e pegou meu braço, sorrindo e me tranquilizando, baixinho, para que só eu ouvisse:

– Boa parte da atitude de um governante é blefe, Antanasia. Não se preocupe com algo tão pequeno como um confronto com Claudiu. Não vai dar em nada.

Mas Lucius tinha destruído o irmão de Claudiu. Episódios violentos aconteciam...

Lucius percebeu que eu não estava convencida de que não havia com o que nos preocuparmos.

– Se isso faz você se sentir melhor, vou levar meu padrinho comigo – prometeu, com riso nos olhos. Depois se empertigou e examinou os convidados de novo. – Onde está Raniero? Será que também me abandonou?

Comecei a procurar com ele, esticando o pescoço.

– Na última vez que vi, ele estava com Mindy e os dois estavam dançando não muito longe de nós.

Enquanto olhava ao redor procurando Mindy e Raniero, me lembrei de ter pensado, naquela hora, que eles pareciam estar se dando muito bem. Mindy estivera rindo, como se finalmente houvesse descoberto que Raniero era um acompanhante divertido, ainda que decepcionante em termos físicos e higiênicos.

Franzi a testa. Será que ele havia sido decepcionante, afinal de contas?

Com o cabelo castanho revoltado domado num rabo de cavalo e a bermuda de surfista substituída por um dos smokings que o pobre alfaiate de Lucius, afogado em trabalho, havia ajustado ao corpo magro de surfista, Raniero havia ficado bastante apresentável. Era alto como um Vladescu, tinha olhos verde-acinzentados incomuns – talvez herdados de seu lado italiano, dos Lovatu – e um sorriso que conquistava aos poucos. A maioria das garotas, sobretudo se não tivessem visto Raniero com as sandálias de borracha sujas,

provavelmente ficaria feliz em ter a companhia dele num casamento.

Mas Mindy é um *vampiro*?

Olhei para Lucius, que parecia pensar a mesma coisa.

– Você não acha que eles...? – perguntei.

Lucius balançou a cabeça e suspirou.

– Ah, espero que não.

Eu queria perguntar com quem ele estava preocupado. Com Raniero, à mercê de Mindy Stankowicz, que lia a *Cosmopolitan* havia pelo menos uma década, preparando-se para “pegar” um cara? Ou haveria algo que eu deveria saber sobre Raniero Lovatu e seu histórico com as garotas?

Antes que eu pudesse perguntar, senti um tapinha no ombro e me virei, vendo mamãe e papai e esquecendo Mindy totalmente.

\* \* \*

Meus pais foram conosco pelo caminho da floresta que levaria Lucius e eu de volta ao castelo, onde passaríamos a noite de núpcias.

Lucius teria me levado a qualquer lugar do mundo – Roma, Paris ou alguma ilha particular no meio de lugar nenhum, se eu quisesse –, mas eu queria ir para *casa* com ele. Na nossa primeira noite juntos, queria estar na cama enorme onde esperava que passássemos muitas noites e onde algum dia começaríamos uma família.

– Você precisam mesmo voltar logo? – perguntei a mamãe e papai. – Podem ficar mais uns dias com o tio Dorin.

Mas os dois balançaram a cabeça.

– Não – disse mamãe. – Vocês dois estão em lua de mel. E nosso avião parte amanhã cedinho.

– Tudo bem – concordei. Eu sabia que eles não iriam ficar, mas parte de mim continuava agarrada aos dois. – Eu entendo.

Mesmo assim, todos nos demoramos à margem do caminho escuro que Lucius e eu íamos pegar. A maioria dos convidados seguiria por uma trilha mais estreita até uma estrada de terra, onde o transporte esperava para levá-los pelo resto do caminho montanha abaixo. Mas Lucius e eu tínhamos decidido andar sozinhos até o castelo, pegando um atalho pela floresta. A presença de qualquer pessoa a mais, mesmo um motorista, seria dispensável. Estávamos prontos para simplesmente ficarmos juntos.

– Tem certeza de que vocês vão ficar bem? – perguntou papai, olhando para as árvores. – Isso aí parece bem desolado.

Lucius, que estava ao meu lado, passou o braço à minha volta de modo protetor.

– Eu vou mantê-la em segurança, Ned – disse, tentando tranquilizar papai.– Ando por esses caminhos desde a infância.

Tive a sensação de que Lucius não se referia apenas à trilha que iríamos pegar. Meu marido, que adorava metáforas, estava falando de tudo o que havia à nossa frente.

– Vocês sabem que eu a protegerei com minha vida – acrescentou.

Meus pais, que um dia tinham temido que Lucius fizesse o oposto, não falaram imediatamente. Então mamãe disse:

– Sabemos que sim, Lucius.

Nós os abraçamos de novo e de repente já era hora de irmos. Meus olhos estavam cheios de lágrimas, de modo que tive que me agarrar à mão de Lucius. E no instante em que nos viramos para o caminho, ele parou e se virou de novo, chamando:

– Ned... Dara?

Meus pais pararam de andar também e se viraram.

– Sim...? – respondeu mamãe, parecendo insegura na escuridão.

Lucius pareceu inseguro também – outra situação rara para ele – enquanto perguntava:

– Será que eu poderia... chamar vocês de “mãe” e “pai”?

Houve um silêncio *gigantesco* e por um segundo – enquanto eu processava minha surpresa – fiquei com medo de que os dois dissessem *não*. Talvez procurando alguma alternativa que não parecesse *tanto* uma aceitação.

*Não o desapontem*, eu quis implorar. Isso destruiria outra parte dele...

Mas quando papai finalmente falou, pude ver que ele só hesitara porque a pergunta havia levado meu pai gentil e sentimental novamente à beira das lágrimas. Sua voz estava embargada e suave quando aconselhou ao Lucius:

– Na verdade preferiríamos “mamãe” e “papai”, filho. Não precisa ser tão formal com a família!

A mão de Lucius apertou a minha e sua voz também saiu um pouco tremida quando disse simplesmente:

– Obrigado. Isso significa muito para mim.

Eu duvidava de que Lucius algum dia fosse se dirigir aos meus pais como “mamãe” ou “papai” – era difícil imaginar essas palavras saindo da sua boca –, mas sabia que ele estava feliz por ter essa opção. O importante para ele era a permissão e tudo o que ela implicava.

Então, sem outra palavra, nós nos separamos, meus pais voltando ao caminho e à vida deles e Lucius e eu seguindo pela trilha solitária. Não falamos nada. Era bom demais estarmos simplesmente juntos, ouvindo a noite, pensando no que aconteceria, o que, de algum modo, não me amedrontava mais.

Por fim o castelo de Lucius – nossa casa – surgiu. Quando chegamos à porta enorme, um dos guardas, que provavelmente nunca estivera muito longe de nós, se materializou para abri-la e Lucius me pegou no colo, aninhando-me no peito.

O gesto era um clichê que nos fez rir, mas em segredo eu esperava que Lucius, sempre cavalheiro, me carregasse ao passar

pela porta. Fiquei feliz por ele não me desapontar.

Entramos no saguão gigantesco onde um dia ele me declarara prisioneira e, sentindo a aliança e o anel de ouro pesados na mão esquerda, tive a clara impressão de que nada havia mudado realmente desde aquela noite. Mesmo *antes* daquela noite – desde a assinatura do pacto – éramos incapazes de escapar um do outro, não importando quanto tentássemos.

Lucius me carregou pelos corredores e eu me agarrei com força ao seu pescoço até chegarmos à porta do quarto que iríamos dividir – só que dessa vez não havia guarda à vista. Estávamos *realmente* sozinhos.

Ele se curvou um pouco para alcançar a maçaneta, girou-a e abriu a porta. Depois me pousou de pé com delicadeza, puxou-me e disse baixinho:

– Bem-vinda ao lar, Antanasia.

Eu não disse nada, não podia dizer nada. Ainda não queria falar. Só queria... Lucius.

Finalmente iríamos compartilhar *tudo*. Nosso sangue, de novo, e muito mais...

Então Lucius estendeu um braço, ainda me segurando com o outro, e, quando seus lábios tocaram os meus, ele fechou a porta, trancando o mundo lá fora.

# Sumário

Créditos

Dedicatória

Epigrafe

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

CAPÍTULO 40

CAPÍTULO 41

CAPÍTULO 42

CAPÍTULO 43

CAPÍTULO 44

CAPÍTULO 45

CAPÍTULO 46

CAPÍTULO 47

CAPÍTULO 48

CAPÍTULO 49

CAPÍTULO 50

CAPÍTULO 51

CAPÍTULO 52

CAPÍTULO 53

CAPÍTULO 54

CAPÍTULO 55

CAPÍTULO 56

CAPÍTULO 57

CAPÍTULO 58

CAPÍTULO 59

CAPÍTULO 60

CAPÍTULO 61

CAPÍTULO 62

CAPÍTULO 63

CAPÍTULO 64

CAPÍTULO 65

Agradecimentos

Sobre a autora

Conheça outros títulos da Editora Arqueiro

Conheça os clássicos da Editora Arqueiro

Informações sobre os próximos lançamentos

**CAPÍTULOS EXTRAS** (também disponíveis no site  
<http://www.editoraarqueiro.com.br/app/webroot/vamproapaixonado>)